

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DOUGLAS ALESSANDRO SOUZA SANTOS

**HILLSONG SÃO PAULO: EMPODERAMENTO, REGULAÇÃO E
MATERIALIDADE**

(Versão corrigida)

SÃO PAULO

2023

DOUGLAS ALESSANDRO SOUZA SANTOS

**HILLSONG SÃO PAULO: EMPODERAMENTO, REGULAÇÃO E
MATERIALIDADE**

(Versão Corrigida)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Sociologia

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mariano

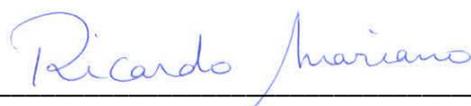
SÃO PAULO

2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Douglas Alessandro Souza Santos****Data da defesa: 29/03/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Ricardo Mariano**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/05/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237h Santos, Douglas Alessandro Souza
Hillsong São Paulo: empoderamento, regulação e materialidade / Douglas Alessandro Souza Santos; orientador Ricardo Mariano - São Paulo, 2023. 201 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

1. Evangélicos. 2. Hillsong Church. 3. Empoderamento. 4. Regulação institucional. 5. Materialidade. I. Mariano, Ricardo, orient. II. Título.

Nome: SANTOS, Douglas Alessandro Souza

Título: Hillsong São Paulo: empoderamento, regulação e materialidade.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: 29/03/2023

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a: Nina Gabriela Moreira Braga Rosas de Castro

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Rodrigo Ferreira Toniol

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. André Ricardo de Souza

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Julgamento: Aprovado

À Bárbara, que todos os dias me ensina o que é amar.

AGRADECIMENTOS

Às inúmeras pessoas que se dispuseram a tornar a pesquisa possível, com as quais tive contato ao longo de tanto tempo de trabalho. As conversas formais e informais, trocas de experiências e convívio com simpatizantes, adeptos e algumas das lideranças da Hillsong São Paulo foram, em muitos sentidos, marcantes. No único intuito de apreender suas relações sociais, muito aprendi. Contar com sua disposição provou que o ofício do sociólogo pode ser, muitas vezes, gratificante.

À Bárbara, minha esposa, e à Maitê, minha filha. Não sei se sou capaz de dimensionar quanto que o tempo empreendido para a confecção desta tese lhes foi custoso. Menos incerto, contudo, foi o apoio e a compreensão incondicionais que recebi de sua parte, em todo tempo. Por tudo e mais um pouco, meus amores, muito obrigado.

Aos meus pais, Mara e Edinho, que desde muito cedo me ensinaram o valor incomensurável do saber. Só mais tarde pude entender os significados, em sua vida, da frase que sempre me fizeram ouvir: “conhecimento ninguém pode tirar”.

Às minhas tias, que em momentos críticos intervieram com o amor e a generosidade de sempre.

A Ricardo Mariano, pela orientação e toda dedicação prestada a mim, a minha pesquisa e ao meu texto. Não seria exagero dizer que, mais do que supervisor, Ricardo foi amigo. Sempre disposto a me auxiliar em dúvidas e dilemas decorrentes do trabalho como pesquisador, seu encorajamento foi determinante em momentos nos quais a desistência do doutorado foi cogitada. Até conhecê-lo e dispor do privilégio de tê-lo como orientador, julgava-me minimamente possuidor de domínio da nossa área de estudos. Ledo engano. Como é bom, à vida intelectual, poder contar com o auxílio de quem sabe muito mais do que nós suponhamos saber.

À Nina Rosas, André Ricardo de Souza e Rodrigo Toniol. À Nina e André, inicialmente, pelos questionamentos e sugestões na banca de qualificação, que muito contribuíram para que este trabalho chegasse a sua forma atual. À Nina, de maneira especial, pela forma sempre gentil com que aceitou os convites para integrar as bancas de avaliação, embora não nos conhecêssemos até então. Sua colaboração foi fundamental, em diversos aspectos. A André, pela valorosa cooperação desde os tempos de graduação. Minha formação como sociólogo passa direta e indiretamente por sua influência e dá provas da importância que bons professores desempenham na trajetória de seus alunos. A Rodrigo Toniol, pelas ricas sugestões na banca de

defesa. Sua contribuição abriu-me os olhos para diversos aspectos ignorados na primeira versão do texto.

Ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS/USP). O tempo a ele vinculado como discente, entre idas e vindas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), foi enriquecedor. O sonho de “estudar na USP”, que por muito tempo pareceu distante, foi além do que poderia ter projetado sobretudo por sua acolhida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro concedido na forma bolsa de estudos ao longo dos quatro anos de doutoramento. Sem o suporte, muito do que é relatado neste texto sequer teria acontecido.

RESUMO

SANTOS, D. A. S. **Hillsong São Paulo: empoderamento, regulação e materialidade**. 2023. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Fundada em 1983, na Austrália, a igreja Hillsong tem chamado a atenção de vários pesquisadores ao redor do mundo. Conhecida principalmente por sua influência musical, a denominação fez da cidade de São Paulo, em 2016, a segunda a receber uma de suas filiais na América Latina. Tomando-a como unidade de análise, a pesquisa analisa o modo como a instituição tipifica e acentua notáveis transformações do pentecostalismo ao qual está filiada. Após apresentar sua história e expansão pelo mundo, aborda (1) sua ênfase teológica e prática voltada ao empoderamento pessoal, (2) as formas com que promove a regulação de crenças e comportamentos dos adeptos, (3) a materialidade pela qual sua religiosidade é tangenciada no local em que se reúne na capital paulista. Para tanto, a investigação efetua balanço bibliográfico, análise documental, observação direta e participante de cultos, cursos e pequenos grupos, entrevistas formais e informais, coleta de dados sobre a igreja e sua liderança na internet e questionário aplicado num show de uma de suas bandas no Brasil. Parte-se da hipótese de que, circunscrita às mudanças que caracterizam a modernidade religiosa, a Hillsong São Paulo representa reelaborações teológicas, institucionais e estéticas ditadas sobretudo pela tendência à individualização e à subjetividade das crenças religiosas. Observa que tais mudanças atraem e impactam especialmente indivíduos jovens, maioria daqueles que a frequentam.

Palavras-chave: Evangélicos. Pentecostalismo. Hillsong Church. Empoderamento. Regulação institucional. Materialidade.

ABSTRACT

SANTOS, D. A. S. **Hillsong São Paulo: empowerment, regulation and materiality**. 2023. Thesis (Doctorate in Sociology) – Faculty of Philosophy, Literature and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

Founded in 1983, in Australia, Hillsong Church has attracted the attention of many researchers around the world. Known mainly for its musical influence, the denomination made the city of São Paulo, in 2016, the second to receive one of its branches in Latin America. Taking it as a unit of analysis, the research analyzes how the institution typifies and accentuates notable transformations of the pentecostalism to which it is affiliated. After presenting its history and expansion around the world, it addresses (1) its theological and practical emphasis on personal empowerment, (2) the ways in which it promotes the regulation of beliefs and behaviors of its adherents, (3) the materiality through which its religiosity is tangented on in the place where it meets in the city of São Paulo. For this purpose, the investigation carries out a bibliographic balance, documental analysis, direct and participant observation of services, courses and small groups, formal and informal interviews, data collection about the church and its leadership on the internet and a questionnaire applied at a concert by one of its bands in Brazil. It starts from the hypothesis that, circumscribed to the changes that characterize religious modernity, Hillsong São Paulo represents theological, institutional and aesthetic re-elaborations dictated above all by the tendency towards individualization and subjectivity of religious beliefs. It observed that such changes attract and impact especially young individuals, the majority of those who attend.

Keywords: Evangelicals. Pentecostalism. Hillsong Church. Empowerment. Institutional regulation. Materiality.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Parte do <i>Game Center</i> do 1º Evento de Homens da Hillsong São Paulo	140
Imagem 2 – Touro mecânico do 1º Evento de Homens da Hillsong São Paulo	140
Imagem 3 – Voluntários da Hillsong na estação <i>Vila Olímpia</i> , da CPTM	143
Imagem 4 – Voluntário da Hillsong ajuda no desembarque de fiel em dia chuvoso	145
Imagem 5 – Voluntários fixam faixa “Bem-vindo a casa” na fachada do Villaggio JK	146
Imagem 6 – <i>Foyer</i> do Villaggio JK	151
Imagem 7 – <i>Ponto de conexão</i> no <i>foyer</i> da Hillsong São Paulo	153
Imagem 8 – Formulários <i>oração, gratidão, e salvação</i> disponíveis no <i>foyer</i> da Hillsong São Paulo	154
Imagem 9 – <i>Banner</i> “A igreja que agora vejo”, presente no <i>foyer</i> da Hillsong São Paulo ...	158
Imagem 10 – Fachada do Villaggio JK	159
Imagem 11 – Voluntários preparam o salão do Villaggio JK para reunião da Hillsong	161
Imagem 12 – Salão do Villaggio JK durante reunião da Hillsong	161
Imagem 13 – Voluntário fixa panos pretos no salão do Villaggio JK para reunião da Hillsong	162
Imagem 14 – Chris Mendez em pregação na Hillsong São Paulo	174
Imagem 15 – Espelhamento, em monitor, do cronômetro que dita as atividades litúrgicas da Hillsong São Paulo	177
Imagem 16 – Teto do Villaggio JK aberto em reunião da Hillsong São Paulo	178

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Calendário anual de atividades regulares da Hillsong.....	53
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Australian Christian Churches
AGA	Assemblies of God in Australia
ES-CLC	Eastern Suburbs Christian Life Centre
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
CCLI	Christian Copyright Licensing International
H-CLC	Hills Christian Life Centre
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
S-CLC	Sydney Christian Life Centre
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Notas sobre métodos e procedimentos da pesquisa	23
1. CONHECENDO A HILLSONG: JORNADA DE SYDNEY A SÃO PAULO	29
1.1. A implantação em São Paulo	44
2. “MUDANDO FORMAS DE PENSAR E EMPODERANDO PESSOAS”: HILLSONG E O EMPODERAMENTO	55
2.1. Usos, sentidos e ressignificações da noção de empoderamento entre pentecostais	57
2.2. A ênfase no empoderamento na teologia da Hillsong	70
2.3. Caminhos e práticas de empoderamento na Hillsong São Paulo	87
3. “AMOROSA POR NATUREZA E ACOLHEDORA NAS SUAS EXPRESSÕES”: HILLSONG E A REGULAÇÃO INSTITUCIONAL	103
3.1. “Venha como está”: o ideal de inclusão da Hillsong	105
3.2. “Diferente de tudo... e para o meu bem”: a regulação promovida, assimilada e comparada	121
4. “UMA MENSAGEM ETERNA ATRAVÉS DA MÍDIA, FILMES E TECNOLOGIA”: A MATERIALIDADE DA HILLSONG SÃO PAULO	137
4.1. “Bem-vindo a casa”: a chegada à igreja	142
4.2. “Ponto de conexão”: a espera pelo início das reuniões, no <i>foyer</i>	149
4.3. “3, 2, 1... vamos adorar ao Senhor!”: as reuniões na filial paulistana	159
CONCLUSÕES	180
REFERÊNCIAS	185
ANEXOS	197

INTRODUÇÃO

Terça-feira, 19 de fevereiro de 2019. A cidade de São Paulo assiste ao intenso fluxo de pessoas que voltam para casa depois de seus afazeres diários. Dentre os inúmeros rostos vistos na estação *Vila Olímpia* da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), alguns se destacam, sorridentes. Perguntam aos usuários se estariam rumando à igreja implementada no Villaggio JK, uma das casas de eventos mais frequentadas da região. Usando coletes refletivos em cor laranja, com o logotipo da denominação estampado nas costas, os voluntários seguram placas chamativas. As inscrições saúdam os que transitam com frases como “Bem-vindo a casa” [sic], “Que bom que você veio”, “Estamos felizes com sua presença”. Daquele ponto se ouve uma música eletrônica, em meio a palmas que marcam a contagem regressiva para o início do culto. Jovens que pouco tempo antes desceram as escadas da estação conversando acerca de suas expectativas sexuais para o carnaval, veem-se discutindo se interromperiam sua rota anteriormente traçada. Passariam para conhecer a igreja cujo nome, para um deles, remetia a uma sofisticada banda de *Indie rock* que amara ter ouvido, “muito parecida com *Coldplay*, misturada com *U2*”? A dezenas de metros dali, outros assistentes seguram letreiros indicando estacionamentos conveniados com a denominação. Oferecem guloseimas aos que, atrasados, chegam ao local. Naquela data, a Hillsong São Paulo estava reunida atipicamente. Cerca de mil pessoas, jovens em maioria, acompanham a apresentação da visão anual da liderança para a igreja local. O evento ocorre dois dias depois de conhecerem, por videoconferência em quatro reuniões dominicais, as diretrizes globais proferidas da Austrália por seu pastor sênior, Brian Houston.

Definida pelo sociólogo Gerardo Martí como “uma força eclesial impressionante, um fenômeno global que se constrói sobre um conjunto de desenvolvimentos históricos; uma onda de entendimentos e práticas que se ampliam para o nosso futuro religioso” (MARTÍ, 2017, p. 379, tradução nossa), a igreja, iniciada em 1983, em Sydney, encontrou em São Paulo o lugar para a segunda de suas filiais na América Latina. Inaugurou-a em 2016. No ano anterior, o casal de pastores Chris e Lucy Mendez, responsável pela região, fizera de Buenos Aires a primeira cidade latino-americana a recebê-la. Destacável, entre outras coisas, pelo perfil inusitado de muitos de seus pastores — tatuados, vestindo calças-jeans *skinny* e camisetas *longline*, com corte de cabelo *undercut*, à la David Beckham¹ —, a filial da capital paulista é uma de muitas

¹O “estilo Hillsong”, como chamado por muitos adeptos, é marcador de distinção social importante na denominação. Não são poucos os que, na igreja, procuram se vestir como seus pastores. Em 2015, ao versar sobre o assunto, a revista norte-americana *Harper’s Bazaar*, a mais antiga revista de moda em atividade no mundo, perguntava-se: “esta é a igreja mais elegante de todos os tempos?”. Disponível em:

plantadas pela denominação no mundo. Exemplo incontestado do quanto a “marca Hillsong” (WAGNER, 2013) expandiu-se em poucas décadas de existência. Somada às filiais abertas em Kiev, Londres, Edimburgo, Paris, Moscou, Estocolmo, Zurique, Bruxelas, Constança, Copenhague, Oslo, Budapeste, Amsterdam, Roma, Milão, Barcelona, Valencia, Cidade do Cabo, Nova Iorque, Boston, Dallas, São Francisco, Los Angeles, Phoenix, Toronto, Buenos Aires, Monterrey e Montevidéu, a inauguração da filial de São Paulo foi tida como a coroação de anseios. Principalmente por parte daqueles que por anos clamavam pelo seu estabelecimento no Brasil (ROCHA, 2017), desde as primeiras passagens de seus grupos musicais pelo país — em 2001, 2003, 2007, 2008, 2009 e 2013.

Fruto do evangelicalismo pentecostal que seu fundador recebera dos pais, ministros da igreja Exército de Salvação (HOUSTON, B., 2016, p. 08), a Hillsong chegou ao Brasil seguindo o padrão global de abertura de novas filiais. Ao contrário dos salões usualmente procurados por igrejas evangélicas, as dependências da casa de shows Audio, na zona oeste paulistana, foram as primeiras a abrigar oficialmente os cultos. Alugou-a aos domingos. Com capacidade para cerca de 2.500 pessoas, equipado com canhões de luz, telões de *LED* e aparelhagem sofisticada de som, o local já havia sido palco para noites de informações sobre a instituição antes mesmo de sua celebração inaugural. Ocasões em que se testemunhou verdadeiro frenesi, conforme relato de Cristina Rocha:

Em maio de 2015, quando o site oficial da Hillsong São Paulo no Facebook anunciou a primeira noite de informações sobre a igreja numa casa de shows nos Jardins, um bairro de classe média alta de São Paulo, o site foi inundado por comentários e perguntas. Muitos indagavam se o evento seria pago e se necessitavam reservar lugar, confundindo a noite de informações com um show da banda. O evento lotou rapidamente e uma segunda sessão de informações foi organizada para a mesma noite. Alguns meses mais tarde foi anunciada mais uma noite de informação e a igreja novamente teve que marcar duas sessões seguidas. Quando em maio de 2016 o pastor sênior, Brian Houston, compareceu a uma destas noites, as filas na porta da Audio Clube, onde se realizaria o evento em São Paulo, começaram a se formar três horas antes da hora marcada. Muitos haviam viajado de diversas partes do país para o evento. Naquela noite duas mil pessoas conseguiram entrar e três mil ficaram de fora (ROCHA, 2016, p. 163-164).

Formalmente aberta em 30 de outubro de 2016, a denominação não viu problemas em dividir a programação mensal da casa com atrações musicais seculares. Além dos *rappers* Emicida,

<<https://www.harpersbazaar.com/culture/features/news/a11853/hillsong-church/>>. Tradução nossa. Acesso em: 15/07/2019. Para mais sobre a “moda Hillsong”, cf. ROCHA, 2021.

Projota e Rael, repartira a grade com bandas de rock igualmente agendadas para aquele mês. E não demorou a chamar a atenção da imprensa.

Atraída sobretudo por seu caráter “contemporâneo”, a cobertura midiática da instalação da igreja no Brasil destacava suas particularidades mais chamativas. Em matéria pela BBC Brasil, por exemplo, Vinicius Tamamoto escreveu que a igreja *hipster* de Justin Bieber — como ficara conhecida desde a ligação do cantor *pop* norte-americano à filial nova-iorquina — buscava por uma sede na capital paulista². Um ano após sua abertura, escrevendo para a Folha de S. Paulo, Everton Lopes Batista destacou o fato de seu culto se confundir “com um show de indie-eletrônico”, creditando “música alta e mensagem inclusiva” como seus principais atrativos³. Apesar de várias outras matérias veiculadas na internet⁴, além de escassos comentários e um único artigo acadêmico em língua portuguesa (ROCHA, 2016), sua inserção no país me suscitou uma série de indagações, que deram origem a meu interesse em pesquisá-la. Posteriormente definido como meu problema norteador de pesquisa, perguntava-me por que a Hillsong, que se instalara no “país com o maior número de pentecostais do mundo”⁵ (MARIANO, 2008, p. 69), causara tanto interesse entre evangélicos brasileiros. Quais produtos e serviços religiosos tornavam a igreja alternativa atraente no cada vez mais concorrido mercado religioso local? E por que atraía especialmente os mais jovens? Música, marketing e a estimulação de um imaginário global, como enfatizado por meios de comunicação, encerrariam a questão?

Adotada como estratégia metodológica preliminar, a revisão da literatura acadêmica sobre a igreja, sua história, implantação e experiência em outros países foi o primeiro passo tomado rumo à obtenção de respostas. Para tanto, consultei duas bases de dados: o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google Acadêmico. Efetuei a busca a partir da palavra-chave “Hillsong”, a fim de obter artigos

²Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160223_igreja_hillsong_sp_rm>. Acesso em: 18/09/2019.

³Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2017/03/1867557-igreja-na-vila-olimpia-atraiu-publico-com-musica-alta-e-mensagem-inclusiva.shtml>>. Acesso em: 18/09/2019. Cumpre mencionar que, três anos antes, um texto similar era publicado pelo *The New York Times* em relação à inserção da denominação em Los Angeles. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2014/09/10/us/hillsong-megachurch-with-a-beat-lures-a-young-flock.html>>. Acesso em: 18/09/2019.

⁴Ver, por exemplo, a matéria de Gabriela Kimura para a revista *Claudia* (Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/igreja-das-celebridades-hillsong-chega-ao-brasil/>>. Acesso em 19/09/2019); de Gregory Prudenciano, para a revista *Trip* (Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-igreja-australiana-hillsong-fenomeno-gospel-chega-a-sao-paulo-entrevista-com-o-pastor-chris-mendez>>. Acesso em: 19/09/2019); e de Ricardo Feltrin, para o portal *Uol* (Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2017/01/02/saiba-mais-sobre-a-igreja-hillsong-que-acaba-de-chegar-ao-brasil.htm>>. Acesso em: 19/09/2019).

⁵Segundo o Censo Demográfico de 2010, 60% dos 42.275.440 de evangélicos brasileiros eram pentecostais, totalizando 25,4 milhões de fiéis. Àquela altura, o número representava 13,3% do total da população do país.

científicos, teses de doutorado, dissertações de mestrado, capítulos e eventuais livros sobre a denominação. Do total de 1.285 menções encontradas, 53 se enquadraram no recorte: 33 artigos, 6 teses de doutorado, 6 dissertações de mestrado, 6 capítulos de livros e 2 livros. De imediato se sobressaíram as principais temáticas estudadas, que ajudaram a caracterizar, descrever e compreender diversos aspectos e tendências da instituição. Em primeiro lugar, a força de sua música, destacada pelos meios de comunicação de massa, fez-se confirmar em diversos trabalhos (MCINTYRE, 2007; RICHES, 2010; RICHES; WAGNER, 2012; WAGNER 2014; THORNTON, 2016; COWAN, 2017; EVANS, 2017; JAMES, 2017; ABRAHAM, 2018). Além dela, o (2) prestígio simbólico da igreja (WAGNER, 2013; ROCHA, 2016; WIJAYA; LAPIAN; RUMOKOY, 2019); (3) sua organização e funcionamento pautados por lógica empresarial (MADDOX, 2012; 2013a; SHANAHAN, 2018; 2019); (4) uso exitoso de mídias comunicacionais (KLAVER, 2015; 2016a; 2018; 2021; SIRCAR; ROWLEY, 2019; BOCA, 2019; GOMES; TAN, 2020); (5) linguagem ambiciosa (INGOLD, 2014; GOH, 2008; 2020); (6) caráter transnacional (ROCHA, 2013; 2017; 2019; 2020; KLAVER, 2016b; KLEIVELAND, 2018); e (7) ministérios de e para mulheres (MADDOX, 2013b; MILLER, 2016; RICHES, 2017; BOSHOF, 2019) foram aspectos que chamaram a atenção e foram abordados por pesquisadores de diferentes partes do mundo.

No entanto, embora fornecesse algumas explicações ao problema posto, minhas visitas a campo na filial da igreja em São Paulo, acompanhadas de conversas informais e troca de experiências com seus adeptos e líderes, indicavam dimensões até então pouco ou nada exploradas pela literatura especializada. Não foi difícil perceber, de fato, a importância conferida pela Hillsong à música e às mídias sociais, por exemplo. Sua orientação materialista e a força de sua marca entre evangélicos no país também se fizeram sentir. Da mesma forma, era notório seu esforço por criar um imaginário de pertencimento a algo global, simbolicamente atraente, a partir do qual seu público se sente parte de um movimento transnacional amplo. Em outras palavras, muitas das características observadas em campo corresponderam a vários enquadramentos apontados pela literatura, que sumariizei acima. No esforço de descrever o “fenômeno Hillsong”, também foi possível discernir seu empenho por criar um estilo menos rígido e formal de ação e pertencimento religiosos e por se acomodar à cultura do consumo. Tais elementos reforçaram o apelo da igreja como alternativa mais jovial de religiosidade, que usa de “linguagem e tecnologia contemporâneas” e toma emprestado “modelos seculares de negócios e entretenimento” (ROCHA, 2020, p. 222). Contudo, os dados de minha sondagem exploratória revelavam mais.

A partir da consideração de motivações dos que procuram a denominação, apreendidas na investigação prévia, e do cotejamento da literatura acadêmica especializada, percebi que ao menos três estratégias da igreja careciam de análise empírica aprofundada, suscitando as dimensões para as quais minha pesquisa se direcionou. Tais dimensões consistem (1) na ênfase teológica voltada ao empoderamento; (2) na articulação de novos modos de regulação das crenças e comportamentos dos adeptos; e (3) na materialidade — para além da música — pela qual sua religiosidade é instanciada no mundo, em muitos sentidos distinta daquela observada noutras igrejas da mesma tradição. Vistos em conjunto, esses aspectos deram ensejo à hipótese de que o “fenômeno Hillsong” tipifica um modo relativamente particular de experiência pentecostal, também marcado por reelaborações teológicas, institucionais e estéticas⁶ do pentecostalismo, ao qual a igreja se filia. Tais transformações, circunscritas às mudanças que caracterizam a “modernidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015), são representadas pela tendência à individualização e à subjetividade das crenças e práticas religiosamente motivadas e mostram-se atraentes sobretudo aos jovens.

Estabelecidos, os *loci* de minha investigação levantaram problemas não imaginados à época da formulação do projeto de pesquisa. Robustecidas à medida que o trabalho se desenvolveu, tais inquietações se manifestaram em perguntas fundamentais à compreensão mais apurada do fenômeno: o que a Hillsong procura promover com a ênfase discursiva no tema do empoderamento? E o que sugere como caminhos e práticas empoderadoras? Como isso é concebido teologicamente, à luz do texto bíblico norteador da fé pentecostal? Sobre o modo peculiar com o qual opera a regulação das crenças e comportamentos dos adeptos, outras indagações se impuseram: como compreender o ideal de autonomia advogado enfaticamente por seus simpatizantes e membros? Como a igreja o explora e por que ele se mostra atraente? Qual o modelo de comportamento cristão defendido pela igreja e se e em que medida ele difere do de outras denominações pentecostais? Quanto à materialidade: de que maneira a denominação tangencia o “poder do Espírito”, caro à tradição pentecostal, e por que ele é atraente sobretudo aos mais jovens? Como esse “poder” se faz presente, mobilizando os corpos

⁶Para elucidar o modo como emprego a noção de “estética” neste trabalho, cito Birgit Meyer: “Meu entendimento de estética não está restrito ao atual sentido comum que foi atribuído no fim do século XVIII (em grande parte graças a Immanuel Kant), quando se tornou limitada à beleza na esfera das artes e a seu observador desinteressado. Alternativamente, sugiro retornarmos às suas raízes em Aristóteles e sua noção mais antiga e abrangente de *aisthesis*, que designa nossa capacidade corpórea baseada em uma força da nossa psique para perceber objetos no mundo através de nossos cinco modos sensoriais (...), e ao mesmo tempo uma constelação específica de sensações em seu conjunto. Entendida dessa forma, *aisthesis* refere-se a nossa experiência sensorial total do mundo e nosso conhecimento sensível dele” (MEYER, 2019b, p. 52). Portanto, ao falar das “reelaborações estéticas tipificadas pela Hillsong”, falo do modo peculiar com o qual a igreja tangencia o “sobrenatural” crido através de formas e atos materiais que incidem sobre os sentidos dos crentes.

e os sentidos das pessoas? E se e quais as transformações estéticas dele resultantes em comparação a outras igrejas da mesma tradição? Foram essas as questões principais às quais meus esforços de pesquisa se direcionaram.

Tendo por objetivo, portanto, tratar de tais dimensões a partir das questões e problemas por elas colocados, a pesquisa foi desenvolvida ao longo de cinco anos (de 2017 a 2021). A tese está subdividida em quatro capítulos. O primeiro apresenta o histórico da Hillsong. Começando por sua fundação na Austrália, aborda a propagação de sua “marca” (WAGNER, 2013) para diversos países do mundo, culminando com sua implantação na América Latina e na cidade de São Paulo. Apresenta os principais eventos, departamentos estruturais e atividades da denominação, a nível global e local, visando assinalar as condições históricas de surgimento da igreja, torná-la mais conhecida do público brasileiro, auxiliar na compreensão das permanências e mudanças ocorridas em sua mensagem e organização ao longo do tempo. Esse périplo é fundamental para o entendimento da feição atual de crenças e práticas e do funcionamento de suas filiais espalhadas pelo mundo, caso da igreja em São Paulo.

O segundo capítulo trata da ênfase teológica da instituição no tema do empoderamento espiritual. A fim de situá-lo na tradição pentecostal à qual a Hillsong está filiada, de modo a destacar as particularidades da denominação nessa matéria, analisa, diacronicamente, usos, sentidos e ressignificações da noção em distintos matizes do pentecostalismo. Posteriormente, discorre sobre como, nos materiais e práticas discursivas da igreja e de seus líderes, o empoderamento foi ganhando destaque à medida que sua cúpula se viu envolta em polêmicas relacionadas a dinheiro e bens materiais. Examina a articulação da noção de empoderamento na filial paulistana, entendendo-a como a forma com a qual a instituição suavizou, em termos semânticos, a teologia da prosperidade. Com dados da pesquisa de campo, apresenta caminhos e práticas de empoderamento espiritual propostas em cultos, encontros e cursos. Conclui que, na modernidade religiosa, esse tipo de mensagem teológica visando o empoderamento se ajusta a demandas dos indivíduos por ação e controle em diversas esferas da vida, direta ou indiretamente. Dito de outro modo, defendo que essa ênfase teológica municia os crentes — ao menos simbolicamente — para o enfrentamento das agruras de um mundo “cambiante, mutável, diferenciado, como a experiência de um mundo ‘por fazer’” (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 31).

No terceiro capítulo, abordo como a Hillsong promove a conformação de adeptos a crenças e comportamentos que apregoa. Inicialmente, a análise repousa sobre seu ideal de inclusão. Resumido sob o mote “venha como está”, o discurso amigável e acolhedor que lhe dá fundamento ocupa lugar de destaque em seus preceitos e práticas, sobretudo como frente evangelística. Não obstante, como procuro demonstrar, a igreja não deixa de investir em

estratégias que visem a mudança dos que a frequentam. O modo como essa regulação é promovida, assimilada e comparada pelos adeptos é objeto de descrição e análise. Vista por muitos de meus interlocutores como opção “mais liberal” de congregação frente a tradicional regulação institucional efetuada por instituições e lideranças de outras igrejas evangélicas brasileiras, a Hillsong, defendo, soube rearticular seu dispositivo de autoridade, de modo a se firmar como opção plausível aos sujeitos religiosos contemporâneos. Reelaborou, internamente, aquilo que Hervieu-Léger chamou de “os dispositivos tradicionais da validação institucional” das crenças e comportamentos dos fiéis (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 171). Num tempo em que “os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha” frente aos códigos morais defendidos pelas igrejas (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 43), guiados pela “cultura de autenticidade” (TAYLOR, 2010), sustento que esse tipo de reconfiguração institucional se mostra atraente aos mais jovens, sobretudo aos de classe média, que, pela própria posição de classe, tendem a ansiar por autonomia.

O quarto capítulo se dedica à materialidade da filial paulistana. Isto é, sob a perspectiva que enfoca a “religião material”⁷ (ENGELKE, 2012), descreve e analisa as coisas e atos materiais por meio dos quais a religiosidade da Hillsong “é instanciada — ou, como diríamos, materializada — no mundo” (MEYER; HOUTMAN, 2019, p. 87). A seção tem como fio condutor estrutural os momentos que marcam a experiência de participação nas reuniões dominicais ordinárias da igreja, da chegada à despedida. Em termos práticos, isso significa dizer que passo pela arquitetura, pela música, por insumos audiovisuais, placas, letreiros, cartões, guloseimas, práticas corporais, dentre outras formas e atos materiais⁸ observados em seus corredores. A fim de dar coesão ao trabalho, enfoco de maneira especial como os conteúdos relacionados ao “poder” e ao “acolhimento divinos”, tratados nos demais capítulos, tornam-se tangíveis em sua materialidade. Concluo que, em muitos sentidos, a Hillsong tem inovado no modo como materializa a religiosidade pentecostal, o que lhe confere prestígio e influência entre evangélicos, apesar de gerar controvérsias com o evangelismo esteticamente mais conservador. Tendo em vista a forma com que as fronteiras entre sagrado e profano se atenuam no emprego de suas mídias, enfatizo como suas “formas sensoriais” (MEYER, 2019b) integram uma estética religiosa particularmente atrativa aos estratos juvenis.

⁷Nas palavras de Engelke: “Toda religião é religião material. Toda religião deve ser entendida em relação aos meios de sua materialidade. Isso inclui necessariamente uma consideração de coisas religiosas, e também de ações e palavras, que são materiais, não importa quão rapidamente passem da vista ou do som ou se dissipem no ar” (ENGELKE, 2012, p. 209).

⁸Por “formas” e “atos materiais” faço referência às “coisas” e às “ações e performances corporais” a partir das quais “as religiões se fazem presentes, coexistem e possivelmente entram em conflito umas com as outras em contextos particulares de diversidade religiosa” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 17).

Do total de quatro capítulos, três têm seu título extraído das declarações de missão e visão da Hillsong, presentes em suas páginas oficiais na internet⁹. Tal escolha não se deu de maneira despropositada. Antes, destaca a importância que tais aspectos ocupam em sua visão e propostas religiosas.

Nesse sentido, à guisa de justificativa, cabe pontuar que a consideração das três facetas elencadas como objeto, além de ampliar o conhecimento acadêmico produzido sobre o “fenômeno Hillsong” *per se* (MARTÍ, 2017), pode ajudar a compreender as transformações pelas quais passa o próprio pentecostalismo contemporâneo, do qual a igreja é apenas uma parte. Isso porque, como escreve Miranda Klaver, de certo modo a Hillsong “apresenta uma visão panorâmica de como o cristianismo [pentecostal] está em mudança no nosso mundo contemporâneo” (KLAVER, 2021, p. 21, tradução e acréscimo nosso). O raciocínio teórico-metodológico, nesse caso, é de inspiração weberiana: da micro-perspectiva das *ações sociais* que compõem a *relação social* observada na filial paulistana, procurei entender as mudanças pelas quais passa a *ordem legítima* religiosa que as condiciona, em perspectiva macro¹⁰. Dito de outro modo, defendo que o estudo da igreja pode auxiliar no entendimento da tradição à qual está filiada. Assim, se como ressalta Donald Miller, “um dos elementos mais importantes do pentecostalismo é sua capacidade de se adaptar” (MILLER, 2013, p. 16), entender a Hillsong se revela importante para conhecer a própria fé pentecostal, numa de suas manifestações históricas.

Acrescenta-se que a escolha pela denominação como unidade de análise também tem justificada razão de ser. Já há algum tempo, tanto pesquisadores quanto o senso comum cogitam sobre um processo de hillsongização¹¹ da paisagem evangélica hodierna — e em muitos sentidos diferentes. Isso porque, como continua Klaver, “a Hillsong Church se tornou um dos principais centros inspiradores de avivamento para muitas igrejas evangélicas e pentecostais

⁹Falo dos capítulos 2, 3 e 4. Cf. declarações de missão e visão da Hillsong, em português, em: <<https://hillsong.com/brazil/pt/saopaulo/visao/>>. Acesso em: 23/01/2023.

¹⁰Ancoro-me, portanto, no “holismo metodológico moderado” (ALBERT, 2016) da teoria sociológica weberiana. Em outras palavras, na interpretação macro-micro-macro da realidade social. Aplicada a minha unidade de análise, isso significa dizer que busco compreender como a ordem legítima da religiosidade pentecostal (nível macro) incide sobre a relação e ações sociais observadas na Hillsong (nível micro) e, no inverso, como estas propiciam transformações naquela.

¹¹O neologismo deriva da expressão inglesa *Hillsongization*, presente em artigos científicos e jornalísticos. Nas palavras de Klaver, trata-se de um processo pelo qual “a maneira como as práticas da Hillsong se espalharam e foram adotadas, e a maneira como transformaram as tradições litúrgicas cristãs” (KLAVER, 2021, p. 17). Ver, por exemplo, os textos de MARTÍ (2017; 2021); POVEDÁK (2017) e KLAVER (2021); e as reportagens de Michael Raiter, para o *The Briefing* (disponível em: <<http://thebriefing.com.au/2008/04/the-slow-death-of-congregational-singing-4/>>. Acesso em: 10/06/2021), e de Clint Bryan, para a *Christianity Today* (disponível em: <<https://www.christianitytoday.com/ct/2019/january-web-only/hillsongs-global-appeal-explained-by-sociologists.html>>. Acesso em: 10/06/2021.

em todo o mundo” (KLAVER, 2021, p. 17). Em suas experiências de pesquisa, por exemplo, Martí relata “a infiltração das práticas da Hillsong em congregações *mainline*” norte-americanas, “observada de forma anedótica em conversas, postagens em blogs e eventos” (MARTÍ, 2017, p. 380, tradução nossa). Como conclui a partir de sua realidade, “a infecciosidade da Hillsong é verdadeiramente generalizada”, não sendo exagero especular sobre a “hillsongização do cristianismo” norte-americano — que afeta evangélicos e católicos, inclusive (MARTÍ, 2017, p. 383-384, tradução nossa). Pesquisadora húngara, Kinga Povedák, recorrendo ao mesmo termo na análise de sua realidade local, destaca o quanto “a difusão das canções da Hillsong entre as denominações está levando ao surgimento de uma forma especial de ecumenismo baseado na música” (POVEDÁK, 2017, p. 192, tradução nossa). Como pontua, o “fenômeno Hillsong” é também um dos principais responsáveis pela crescente “pentecostalização ou carismatização do cristianismo húngaro” (POVEDÁK, 2017, p. 195, tradução nossa). No capítulo dedicado à materialidade da igreja, destaco que o mesmo pode ser observado quanto à influência musical da Hillsong em muitas igrejas brasileiras. Por essas e outras, a igreja ocupa uma posição de vanguarda no evangelismo internacional, sustentada por reconfigurações cada vez mais abraçadas por outras igrejas evangélicas. Pesquisá-la em suas características pouco ou nada exploradas, portanto, contribui para ampliar o conhecimento sobre esse fenômeno que se revela influente na paisagem religiosa contemporânea.

Notas sobre métodos e procedimentos da pesquisa

Para chegar ao problema e à hipótese iniciais, efetuei pesquisa exploratória a partir do final de 2017 — um ano e meio antes de meu ingresso no doutorado. Essa etapa consistiu, basicamente, de três procedimentos de investigação: (1) fichamento dos trabalhos sobre a denominação a que tive acesso; (2) visitas esporádicas a cultos e programações da filial em São Paulo, nos quais realizei observação direta; (3) conversas informais com alguns adeptos e líderes. A motivação pela escolha da igreja como unidade de análise surgiu ainda no mestrado, especialmente depois da publicação de um artigo em coautoria com dois colegas, José Lucas da Silva e Pedro Moreno. À época, refletimos sobre a incipiente chegada da denominação ao Brasil, dedicando-nos especialmente aos impactos, no mercado religioso brasileiro, do que entendíamos como sua “escolha deliberada pelo entretenimento” em reuniões e cultos (SANTOS; SILVA; MORENO, 2017). Conquanto minha origem e filiação ao protestantismo histórico, na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), já houvesse me possibilitado o conhecimento da existência da igreja dos Houston antes mesmo de sua instalação no país, o trabalho fomentou o interesse de pesquisá-la. Foi assim que, concomitante ao término da pesquisa de mestrado —

em nada relacionada à Hillsong (SANTOS, D., 2018) — tal aproximação se efetivou. Fundamental para a construção do projeto, a etapa exploratória se estendeu até o primeiro ano do doutorado, em 2019.

No doutorado, a investigação abrangeu os seguintes procedimentos: (1) fichamento de boa parte dos trabalhos dedicados à denominação que foram publicados no decorrer da pesquisa; (2) visitas aos cultos e programações da igreja em São Paulo, em trabalho de observação participante; (3) coleta de material discursivo produzido pela e sobre a igreja, para análise documental; (4) aplicação de questionário em 55 frequentadores presentes num show da *Hillsong United*, na Arena Anhembi; e (5) 41 entrevistas não estruturadas realizadas com adeptos e simpatizantes nas dependências e adjacências do Villaggio JK, onde ocorrem suas reuniões. Uma vez que a revisão da literatura acadêmica sobre a igreja foi anteriormente explicitada, discorro, a seguir, sobre o modo como empreguei tais técnicas, a começar pelo trabalho de observação participante.

Até a paralisação das atividades presenciais da Hillsong por causa da pandemia de covid-19, em março de 2020, foram efetuadas 154 incursões a campo, para trabalho de observação. Elas se diversificaram entre os diferentes horários dos cultos dominicais, noites de “visão anual” para a igreja local (chamadas de Noites Coração e Alma), noites mensais de mensagens para liderança (chamadas Noites DNA), reuniões em pequenos grupos (denominados *Connect Groups* ou Grupos de Conexão), espetáculos de natal, e um primeiro e único evento de homens organizado até então. Com a mudança para cultos e atividades *on-line*, modalidade em vigor entre março de 2020 e agosto de 2021, participei virtualmente de suas reuniões, majoritariamente transmitidas pelo *YouTube*¹². Assisti também a cursos oferecidos pela Hillsong a seus membros, especialmente ligados a seu “modo de fazer igreja”. Isto é, àqueles de iniciação à fé cristã (Eu Decidi) e aos de formação de líderes (College Noturno e Casa Aberta).

Na pesquisa documental, as etapas compreenderam coleta, mapeamento, sistematização e análise de materiais discursivos disponibilizados pela e sobre a denominação, em formatos físico e virtual. O conjunto abordado incluiu folhetos, cartões de visita, informativos, materiais promocionais, relatórios oficiais, devocionais, depoimentos e páginas publicadas na internet, álbuns musicais de suas bandas, vídeos, filmes e documentários, perfis e postagens nas redes sociais, artigos de blogs, reportagens e entrevistas divulgadas na imprensa. Graças ao procedimento, pude operar “um corte longitudinal que favorece[u] a observação do processo

¹²Para o canal oficial da Hillsong São Paulo no *YouTube*, ver: <<https://www.youtube.com/channel/UCXxrdKA3RJx2sFKB-6M0wgv>>. Acesso em: 23/02/2021.

de maturação” da igreja e de alguns de seus líderes, “de sua gênese até os nossos dias” (CELLARD, 2014, p. 295, acréscimo nosso). Os resultados desse empreendimento apareceram mais no primeiro capítulo, dedicado ao histórico da Hillsong.

O questionário foi aplicado em 9 de novembro de 2019, na última das passagens da banda australiana *Hillsong United* pelo Brasil. Realizado na Arena Anhembi, na capital paulista, o evento atraiu cerca de 20 mil pessoas, de diversas regiões do país. Do total de 141 respondentes, 55 se identificaram como frequentadores da Hillsong São Paulo. Inspiradas nos *surveys* realizados pelo *Pew Research Center*¹³ e pelo *European Values Study*¹⁴, as questões que compuseram a pesquisa se dividiram em duas frentes. A primeira, destinada exclusivamente às pessoas que frequentavam a Hillsong São Paulo à época da aplicação, buscou levantar o perfil religioso e ideológico dos interlocutores, sua trajetória até a filiação à denominação. A segunda, reservada aos presentes que não tinham qualquer relação ou compromisso com a instituição, inquiriu, entre outras coisas, sobre a forma como haviam tomado conhecimento do grupo musical australiano e como o interlocutor imaginava ser a igreja da qual ele se originara. O questionário foi transcrito e incorporado à seção *Anexos* da tese.

Sobre as entrevistas, cumpre observar que foram efetuadas com adeptos de diferentes trajetórias (religiosas e arreligiosas), classes sociais, raças, gêneros e faixas etárias. Ademais, que não foram previamente estruturadas nem seguiram recorte de amostra, por razões metodológicas bem definidas. Guiadas apenas pelos temas demarcados como meu objeto, o intuito foi o de usar aquilo que aprendia num dia, com interlocutores aleatórios, “para formular e dirigir o andamento do dia seguinte” (BECKER, 2022, p. 64). É o sociólogo estadunidense Howard Becker quem ajuda a entender a escolha:

Se você trabalha assim, pode reorientar rapidamente seu trabalho, incorporando problemas interessantes, que não tinha imaginado, à sua compreensão do fenômeno em estudo. Você pega perguntas que a primeira entrevista provocou e as faz nas entrevistas que se seguem, e passa um tempo procurando outros casos de um evento ou ideia interessante que pode complicar sua compreensão sobre ele. A pesquisa soluciona alguns problemas

¹³O *Pew Research Center*, localizado nos Estados Unidos, define-se como “um banco de dados apartidário que informa o público sobre questões, atitudes e tendências que moldam o mundo”, e isso a partir de “pesquisas de opinião pública, demográfica, análise de conteúdo e outras pesquisas de ciências sociais baseadas em dados”. Ver mais em: <<https://www.pewresearch.org/about/>>. Acesso em: 23/01/2023. Tradução nossa. Por seu rigor metodológico, os dados produzidos pelo laboratório são replicados em diversos trabalhos acadêmicos dedicados à esfera religiosa, inclusive no Brasil.

¹⁴O *European Values Study*, sediado na Holanda, define-se como “um programa de pesquisa de larga escala, transnacional e longitudinal sobre valores humanos básicos”, e “fornece informações sobre as ideias, crenças, preferências, atitudes, valores e opiniões dos cidadãos de toda a Europa”. Ver mais em: <<https://europeanvaluesstudy.eu/>>. Acesso em: 23/01/2023.

e revela outros, num processo contínuo, que só chega ao fim quando tempo, dinheiro e interesse acabam (BECKER, 2022, p. 64).

As interlocuções foram transcritas na íntegra e, juntamente com os registros de campo, organizadas tematicamente a fim de facilitar o trabalho de análise. Procurou-se ocupar-se das “condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária cuja compreensão também aqui só pode ser alcançada a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos” (WEBER, 2000, p. 279). Ou seja, por meio delas, objetivei capturar o “sentido” atribuído à mundivisão e à conduta de pessoas ligadas à igreja. E prezei pelo uso de pseudônimos, a fim de garantir a privacidade dos entrevistados.

Explicitado o modo como empreendi a pesquisa empírica, passo a discorrer sobre como as técnicas aparecem em cada um dos eixos constitutivos da investigação. Adotei a realização de pesquisa documental, observação participante e entrevistas para investigar, analisar e compreender a ênfase teológica da Hillsong no tema do empoderamento. Nesse caso, além de pesquisar discursos da liderança em pregações, livros e postagens, a participação nos cursos da igreja se mostrou fundamental. O primeiro do qual participei foi o Eu Decidi, espécie de iniciação à fé. A inscrição foi gratuita, visto ser uma modalidade aberta a todos os que ingressam na denominação e querem, opcionalmente, passar pelo ritual cristão do batismo. Fundamentado em três encontros, liderados por pastores, o curso é estimulado aos visitantes que nas reuniões dominicais “se decidem por Jesus”. Já no programa College Noturno — hoje chamado *Night School* — tive acesso a três de quatro módulos inicialmente oferecidos: 1) Liderança; 2) Teologia e 3) Estilo de Vida. Em 2021, cursei a disciplina intitulada Maximizando seu Potencial Financeiro, posteriormente adicionada à grade curricular¹⁵. Desde o início da pesquisa de campo, o valor da inscrição para cada modalidade variou de R\$199,00 a R\$349,00. Nelas, observei mais particularmente as concepções teológicas da instituição que articulam as noções de poder e empoderamento, especialmente relacionadas à pregação de bem-estar e “florescimento” de vida. As entrevistas ajudaram a entender como esse tipo específico de pregação repercute e gera efeitos na vida de simpatizantes e fiéis.

Para observar, identificar, descrever e analisar os peculiares modos de regulação adotados pela Hillsong, recorri à bibliografia sobre a denominação, à análise documental, aos resultados do questionário e às entrevistas. Além disso, direcionei especial atenção à questão

¹⁵O *Night School* começou com a oferta de quatro cursos específicos: 1) Bíblia; 2) Liderança; 3) Teologia e 4) Estilo de Vida. Em 2021, acrescentou-se o módulo *Maximizando seu Potencial Financeiro*. A matrícula para ambos foi aberta a todo o público interessado. Os cursos têm, em média, 7 semanas de duração. Em 2022, outros quatro módulos foram criados, embora reservados exclusivamente a membros: 1) *Strength*, voltado para homens; 2) *Shine*, voltado para mulheres; 3) Pré-casamento; e 4) Casamento.

durante as observações de campo ao participar de cultos, reuniões, programações especiais e pequenos grupos. O cotejamento da literatura especializada confirmou o empenho da denominação em se promover como comunidade inclusiva, bem como o sentimento de autonomia difundido entre simpatizantes e adeptos. Análise documental, observação participante e entrevistas permitiram aprofundar análises encontradas na bibliografia sobre a Hillsong. Os referidos procedimentos permitiram compreender como a instituição explora o ideal de liberdade, como os fiéis o reproduzem, se e como ele apresenta distinções entre frequentadores de diferentes trajetórias, como a igreja promove a conformação a regras e comportamentos, qual o modelo de comportamento cristão por ela defendido. Permitiram também focar os efeitos e perspectivas da alegada redução de exposição à autoridade pelos mais jovens.

Quanto à seção dedicada à materialidade da Hillsong, reafirma-se a importância da observação participante, através da qual se tornou possível discernir as “micropráticas por meio das quais o ‘além’ se torna presente” na igreja (MEYER, 2019, p. 190) e como seu uso é articulado de maneira a convencer os adeptos da “presença tangível de Deus na pessoa divina do Espírito Santo”. Por meio de uma abordagem material da religião¹⁶, ou seja, de uma perspectiva que tem como ponto de partida “a compreensão de que a religião se torna concreta e palpável por meio das pessoas, de suas práticas e do uso de objetos” (MEYER, 2019, p. 163), procurei identificar e descrever detalhadamente a materialidade sensivelmente persuasiva da igreja, destrinchando sua música, focalizando seus objetos e tecnologias, dimensionando seus espaços, vislumbrando sua arquitetura, observando os corpos que nela se movimentam (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 28). De igual modo, por meio de entrevistas, procurei discorrer sobre os significados atribuídos pelos adeptos a tais formas e atos materiais. Os procedimentos ajudaram a explicar a opção de jovens adeptos pela denominação, convencidos da presença tangível do “poder de Deus” em suas fileiras mesmo que materializadas em mídias consideradas não-legítimas por outras igrejas esteticamente mais conservadoras. Para tanto, utilizei dados coletados em cultos e eventos especiais da

¹⁶Não se deve confundir “abordagem material da religião” com “abordagem materialista da religião”. A segunda, como ajudam a entender Giumbelli, Rickli e Toniol, envolve “um julgamento ontológico que pode entrar em conflito com aquilo que é afirmado nos discursos e práticas de uma religião específica” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 28). A primeira, a seu turno, “não depende de um julgamento ontológico, pelo menos não no mesmo plano em que se situam os discursos e práticas de uma religião” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 28). Em resumo, como concluem os autores, “uma abordagem material da religião não precisa entrar em conflito com concepções não materialistas da realidade e certamente não se opõe a um enfoque atento à linguagem e aos significados” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 28). O uso da qualificação “material”, portanto, faz referência àquilo que ocupa a centralidade desse tipo de abordagem metodológica: o papel efetivo desempenhado pelas coisas, pelas mídias e pelo corpo nas manifestações religiosas.

denominação — noites DNA, Coração e Alma, Bem-vindo a Casa [sic], Evento de Homens, entre outros.

A análise das informações e resultados obtidos com a pesquisa seguiu as seguintes etapas: 1) coleta e organização dos dados; 2) sua sistematização, tabulação e sumarização; 3) análise e interpretação do material; 4) avaliação conforme os objetivos propostos; 5) levantamento da literatura acadêmica especializada na denominação e diálogo com ela relativo a questões de interesse da pesquisa; e 6) redação final do texto.

Cumprir observar que parte da investigação foi realizada sob as circunstâncias da pandemia de covid-19 (2020/2021), que impactaram diretamente o desenvolvimento do trabalho. Cito alguns exemplos. Apesar da dificuldade de inserção entre os líderes desde o início de minhas incursões a campo, entrevistas com pastores seriam pleiteadas nos meses finais da pesquisa. Não puderam acontecer. À tese, o entrave resultou em menor ciência dos problemas e contratempos enfrentados pela cúpula da filial paulistana, da implantação da igreja no Brasil à dinâmica de funcionamento atual. Com efeito, restringiu o enquadramento sociológico dado à denominação a uma descrição linear que pode passar a impressão de “trajetória institucional de sucesso” — que não deixa de ter fundamento, desde que isso não seja entendido em termos valorativos. Contatos mais próximos com adeptos e simpatizantes com quem planejei estabelecer constante interlocução também foram inviabilizados. Por consequência, prejuízos foram acarretados quanto ao conhecimento mais aprofundado de entrevistados (detalhes de trajetória, peculiaridades atreladas a marcadores sociais da diferença, entre outras informações que poderiam enriquecer as análises). Essas e outras contingências foram indicadas e explicitadas, quando necessário.

Também é imperativo dizer que nos mesmos termos e rigor metodológicos busquei objetivar reflexivamente as “boas e más vontades” (CAMURÇA, 2001) para com a igreja. Se como observou Antônio Flávio Pierucci, o sociólogo da religião deve “assumir bem-analisadamente a própria pertença religiosa, caso haja” (PIERUCCI, 1999, p. 276), minha posição periférica no campo protestante, formada no presbiterianismo, certamente suscitou algum tipo de envolvimento e proximidade com a pesquisa em si, ainda que mínimo. Mesmo considerando que “a proximidade com o objeto pesquisado, que é sem dúvida um desafio, pode significar e de fato costuma se constituir como uma vantagem a ser explorada” (SOUZA, 2015, p. 314), frisa-se o exercício ininterrupto de objetivação das condições e procedimentos da pesquisa e suas eventuais implicações. Em outras palavras, como escreveu Pierucci acerca dos “sociólogos que creem” — recorrendo a Pierre Bourdieu —, lutei constantemente por “avançar na direção de maior sociologização da própria prática sociológica” (PIERUCCI, 1999, p. 277).

1. CONHECENDO A HILLSONG: JORNADA DE SYDNEY A SÃO PAULO

Embora fundada formalmente em 1983 no distrito suburbano de Baulkham Hills, Sydney, pelo casal de pastores neozelandeses Brian e Roberta “Bobbie” Lee Houston, a Hillsong tem sua história atrelada a um movimento anterior mais amplo de expansão e renovação do pentecostalismo na Austrália, do qual o pai de Brian, William Francis “Frank” Houston, foi figura de destaque. Tratar da história, organização e funcionamento da igreja, portanto, impõe fazer considerações sobre a dinâmica histórico-institucional do campo pentecostal australiano, ainda que, dado o objeto da presente pesquisa, tal desiderato requeira a análise de apenas alguns elementos-chave específicos. A tarefa é realizada, aqui, com o fim principal de dar enquadramento sociológico à igreja.

Pontua-se inicialmente que, diferentemente do caso brasileiro, os estudiosos da religiosidade australiana costumam afirmar que, mais do que uma importação norte-americana, o pentecostalismo no país se desenvolveu como um movimento nativo, “enriquecido por uma variedade de influências do exterior”, cujas origens “são divergentes das de outros países ocidentais” (CHANT, 1999, p. 103, tradução nossa). Burgess e Van der Maas, por exemplo, escrevem que “até certo ponto, o pentecostalismo na Austrália sofreu com a percepção pública de que é uma importação americana”, sendo antes o resultado de um “desenvolvimento nativo, influenciado pela literatura britânica e só depois americana, bem como pelo evangelismo itinerante” (BURGESS; VAN DER MAAS, 2010, p. 101, tradução nossa). Assim, na tentativa às vezes exagerada de singularizar a experiência do país, boa parte da literatura especializada aponta a segunda metade do século XIX como o momento histórico do aparecimento de práticas pentecostais em seu território — tempo anterior, portanto, ao surgimento do pentecostalismo nos Estados Unidos —, elencando uma série de avivamentos que àquela altura davam origem a movimentos distintos que acirravam ainda mais sua paisagem religiosa nada homogênea.

Remontando ao início de sua colonização, no século XVIII¹⁷, a presença cristã na Austrália fora mesmo quase que inteiramente sortida. A despeito do curto período de prevalência da igreja anglicana, instituição religiosa oficial da metrópole britânica, as massivas

¹⁷21 de agosto de 1770 é tida como data oficial do “descobrimento” da Austrália, pelo então capitão da Marinha Real Britânica, James Cook. Chamada inicialmente de *Nova Gales do Sul*, seu território teria sido visitado centenas de anos antes por portugueses e holandeses, como defende parte da historiografia sobre o país (Cf., p. ex., MCINTYRE, 1977 e MARSH, 2010). Brian Houston, fundador e pastor sênior global da Hillsong até 2022, usa as dificuldades enfrentadas pelo capitão Cook em sua chegada à costa australiana como ilustração de encorajamento em seu livro *Viva, ame, lidere* (2016, p. 73). Em *Let Hope Rise* (LET, 2016), filme sobre a igreja, o mesmo é feito a partir do exemplo de Abel Tasman, explorador holandês que primeiro avistou a Tasmânia e a Nova Zelândia. Tais exemplos, somados a outros similares observados em pregações e materiais discursivos, ligam-se à fixação da denominação e seus líderes por “pioneirismo”.

imigrações europeias do início do século XIX contribuíram para um processo irreversível de diversificação institucional. Detentores de privilégios junto à coroa, os anglicanos não demoraram a assistir à redução de sua incipiente influência e do número de membros à medida que católicos, presbiterianos, metodistas, batistas e outros se instalavam no país. Promulgada em 1836 pelo então governador Richard Bourke, a Lei da Igreja australiana (*Church Act*) não só abrandou as tensões entre as diferentes confissões como contribuiu diretamente para o crescimento das novas denominações, especialmente pelo fornecimento de subsídios equitativos destinados à construção de templos e à manutenção de clérigos. Desse modo, é num contexto de liberdade religiosa e de consciência que a Austrália passou a testemunhar as primeiras manifestações pentecostais.

Como no caso da tradição pentecostal norte-americana, o metodismo foi um importante afluente para a formação inicial do pentecostalismo na Austrália. O trabalho seminal de Barry Chant pontua que Victoria foi o primeiro estado australiano¹⁸ a registrar irrupções pentecostais entre metodistas, em 1870 (CHANT, 1984; 1999). Robert Evans menciona casos bem documentados de experiências pentecostais similares em outras regiões do país na mesma época, também com fiéis metodistas, alicerçados sobretudo na ênfase dada à necessidade de batismo no Espírito Santo corroborado pelo falar em línguas estranhas (EVANS, 2000). Ainda assim, notícias que vinham de outros lugares do mundo, especialmente da Inglaterra, despertavam o interesse de muitos pelas experiências estrangeiras, fomentando comparações com aquilo que já se vivenciava em movimentos internos.

Não demorou para que o país passasse a sofrer influências globais do pentecostalismo. Em 1891, cristãos *holiness* ingleses levaram a corrente Vida Superior para a Austrália. Teologicamente ligada ao wesleyanismo dos metodistas e defensora da busca pela segunda bênção do Espírito, sua presença aumentou a sensação e a “expectativa comum de que ‘algo iria acontecer’” (BURGESS; VAN DER MAAS, 2010, p. 101, tradução nossa). Pouco depois, em 1902, dois evangelistas norte-americanos de renome, Reuben Torrey e Charles Alexander, lideraram reuniões que atraíram mais de oito mil pessoas. Três anos mais tarde, é a vez da campanha avivalista de John Wilbur Chapman e Charles McCallon Alexander cruzar o território australiano arrastando consigo vários simpatizantes.

¹⁸A *Comunidade da Austrália* é formada por seis unidades federativas (Austrália Ocidental, Austrália Meridional, Nova Gales do Sul, Queensland, Victoria e Tasmânia), três territórios continentais (Território do Norte, Território da Baía de Jervis e o distrito federal, chamado de Território da Capital da Austrália) e sete territórios externos adicionais (Ilha Norfolk, Ilhas Cocos, Ilha Christmas, Ilhas Ashmore e Cartier, Ilha Heard e Ilhas McDonald, Ilhas do Mar de Coral e o Território Antártico Australiano).

Nesse ambiente marcado por fluxos cruzados, portanto, as primeiras tentativas de confluência resultam na formação do movimento de Missões de Fé, redes interdenominacionais que encontraram na visão missionária seu fio comum. Foram elas as responsáveis pelo surgimento dos primeiros agrupamentos pentecostais no país, caracterizados por certa unidade voluntarista entre fiéis de várias confissões e posições anti-institucionais¹⁹ que, em pouco tempo, dariam lugar à rotinização do carisma com a formação de igrejas específicas. Sob a égide da já consagrada metáfora tipológica das ondas (MARTIN, 1990; BURGESS; VAN DER MAAS, 2010), pode-se afirmar ser esta a *primeira onda* do pentecostalismo australiano. Localizada historicamente entre o final dos anos 1900 e 1950, destacam-se como suas principais representantes as missões pioneiras do *Good News Hall* (1909)²⁰ e *Sunshine Gospel Hall* (1926), além de protodenominações como a *Pentecostal Church of Australia* (1926) e a *Apostolic Faith Mission* (1926-1927) — esta última como conglomerado de movimentos existentes à época²¹.

A despeito de seu tímido crescimento, em muito ligado ao caráter sectário e controverso de suas principais denominações²², é o pentecostalismo desse período que resultará na formação das *Assemblies of God in Australia* (AGA), em 1937. A cooperação voluntária, formada por dezenas de igrejas, transformar-se-ia na maior representante dessa corrente religiosa no país. A ela filiada até 2018, ano em que se desvinculou para se tornar uma igreja autônoma, a Hillsong

¹⁹Sobre a aversão à institucionalização inicialmente observada entre as Missões de Fé, Clifton escreve que “os pentecostais, com sua crença no retorno iminente de Cristo, não estavam interessados na sobrevivência institucional a longo prazo [...] de modo que a unidade fosse buscada fora das restrições doutrinárias denominacionais” (CLIFTON, 2009, p. 58).

²⁰Às vésperas do ano novo de 1909, Sarah Jane Lancaster e seus seguidores transformam um antigo salão do movimento antialcoolismo *Temperance*, no norte de Melbourne, no pioneiro local fixo de reuniões estritamente voltado às crenças pentecostais. O *Good News Hall* fez de sua líder “a melhor requerente do título de ‘fundadora’ do pentecostalismo australiano” (BURGESS; VAN DER MAAS, 2010, p. 102, tradução nossa). Pontua-se, aqui, uma característica distintiva do fenômeno no país: seguindo uma tendência que se observaria entre a maioria das comunidades pentecostais até os anos 1930, mulheres ocuparam lugar de destaque na liderança pentecostal. Barry Chant escreve que, na Austrália, “mais da metade das congregações pentecostais que funcionavam em 1930 foram estabelecidas e lideradas por mulheres”, constatando o fato de que “nos primeiros vinte anos, o ministério das mulheres era altamente visível” (CHANT, 1999, p. 39, tradução nossa). Clifton acrescenta que como os movimentos iniciais não constituíam igrejas e, portanto, não ordenavam pastores ou pastoras, “a maioria simplesmente adotou o título ‘irmã’ ou ‘irmão’, e a própria pioneira do pentecostalismo no país, Sarah Jane Lancaster, era conhecida como ‘mãe’ (CLIFTON, 2009, p. 58, tradução nossa).

²¹Observa-se ainda que, ao contrário do caso brasileiro, estes primeiros movimentos pentecostais australianos foram formados por liderança nativa. Como se sabe, as duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil foram plantadas por imigrantes: a Congregação Cristã, de 1910, pelo italiano Luigi Francescon; a Assembleia de Deus, de 1911, pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Barry Chant pontua que até 1927, ano em que o sul-africano F. B. Van Eyk inaugura igrejas na Austrália, já eram vinte e cinco as congregações pentecostais no país, todas iniciadas por australianos (Cf. CHANT, 1999, p. 41).

²²Discriminadas por protestantes históricos e católicos, algumas Missões de Fé seriam rotuladas como teologicamente heterodoxas. Posições antitrinitárias, por exemplo, fizeram com que muitos se afastassem do *Good News Hall*. O caso de rompimento de Aimee Semple McPherson, fundadora da *Foursquare Church* (*Igreja do Evangelho Quadrangular*, no Brasil), com a missão de Lancaster pouco tempo depois de chegar à Austrália para uma cruzada, é um bom exemplo.

chegou a ceder Brian para a presidência da organização, em 1997. Sob sua direção, inclusive, tivera o nome mudado para *Australian Christian Churches* (ACC), em 2007.

De fato, a AGA desempenhou papel importante na fundação da igreja em 1983, mas não sem antes passar pelas transformações às quais o próprio pentecostalismo estivera sujeito. A renovação evangélica internacional dos anos 1950 e 1960 chegou rapidamente ao país, trazendo consigo novas mensagens e métodos responsáveis por um crescimento paulatino do número de pentecostais australianos, além das bases que fomentariam desenvolvimentos posteriores. Esta *segunda onda* pentecostal seria marcada por avivamentos carismáticos em igrejas históricas, além da desconfiança de boa parte dos pentecostais clássicos quanto às novas experiências e à sua incorporação nos cultos. Escrevendo sobre este segundo momento, a historiadora Elizabeth Miller acrescenta que

os anos 50 foram importantes para incorporar o protestantismo cívico na classe média “moral”. A década também foi importante porque incluiu a primeira visita do evangelista Billy Graham à Austrália. A década de 1960 viu o primeiro aumento dramático nos números pentecostais na Austrália, em contraste com um declínio mais amplo nas taxas de frequência de igrejas cristãs em todo o país (MILLER, 2015, p. 59-60, tradução nossa).

Exemplo emblemático de vertente importada bem-sucedida, o movimento *Latter Rain* causou um impacto considerável não só na Austrália, mas em toda Australásia²³, acarretando mudanças decisivas nos contornos litúrgicos e teológicos nas igrejas da região. Surgido no Canadá, em 1948, o *The New Order of the Latter Rain*, também chamado apenas de *New Order* ou *Latter Rain*, foi um movimento de renovação do pentecostalismo oriundo de uma cisão denominacional. Como escreve Holdcroft, “seu pessoal-chave surgiu como resultado de uma sucessão de disputas envolvendo professores do *Bethel Bible Institute*, da cidade canadense de Saskatoon, e a direção geral das *Pentecostal Assemblies of Canada*” (HOLDCROFT, 1980, p. 47, tradução nossa). Seu discurso de formação, semelhante ao dos primeiros pentecostais, repousou sobre a necessidade de restauração do cristianismo primitivo. Para tanto, deu ênfase aos dons espirituais — especialmente profecias e curas —, à imposição de mãos, à descentralização das igrejas e a um novo padrão de culto, com maior espaço para música e “manifestações no Espírito”. Como escrevem Burgess e Van der Maas, a corrente “espalhou-se rapidamente pela Europa, EUA e pelo mundo” (BURGESS; VAN DER MAAS, 2010, p.

²³Embora não seja preciso, *Australásia* é o termo geográfico usado comumente para se referir à região da Oceania que inclui a Austrália, Nova Zelândia, Nova Guiné e outras ilhas menores da parte oriental da Indonésia.

826, tradução nossa). Na Austrália, a chegada do movimento se deu por Ray Jackson, missionário norte-americano que ali desembarcara em 1952.

É por influência do *Latter Rain* que, nesse contexto, música e dança contemporâneas da época foram incluídas nas práticas de adoração pentecostais, descaracterizando o tradicionalismo pelo qual a AGA pautava reuniões e cultos das igrejas filiadas. Não sem razão, destarte, descortinou-se uma posição radical de oposição da organização em relação aos entusiastas do avivamento, assemelhando-se à rejeição manifesta pelas Assembleias de Deus nos Estados Unidos em razão de seus “exageros” (MORGAN, 2007, p. 176). Não obstante, um processo crescente de acomodação das novas práticas pôde ser visto, culminando com a chegada de pastores diretamente influenciados pelo *Latter Rain* à cúpula diretiva da AGA no final da década de 1970. É nessa conjuntura que, dentre algumas lideranças de destaque, sobressai a figura de Frank Houston.

William Francis “Frank” Houston nasceu em abril de 1922, na cidade neozelandesa de Whanganui, costa oeste da Ilha do Norte. Terceiro de quatro filhos, converteu-se à fé evangélica ainda jovem, tendo sido recebido ao treinamento ministerial pelo Exército de Salvação logo depois de completar dezoito anos de idade. Na faculdade bíblica conheceu Hazel Rawson, com quem se casou e teve cinco filhos — três mulheres e dois homens, dentre os quais, Brian. Inicialmente incerto quanto à vocação, transitou por algumas denominações antes de chegar à *Assembleie of God New Zealand* de Lower Hutt, em 1959. Líder da igreja local por quase duas décadas, na cidade neozelandesa teve seus primeiros contatos com a renovação carismática do movimento *Latter Rain*, que muito contribuiria para o desenvolvimento de um ministério cada vez mais voltado à cura sobrenatural e aos dons espirituais — o que pesou para o rápido crescimento de sua congregação. Eleito superintendente nacional da denominação em 1966 — posição que ocupou por onze anos —, sua influência como líder pentecostal rompeu os limites geográficos da Nova Zelândia. Convidado com frequência para conferências pentecostais independentes na Austrália, Frank foi indubitavelmente um dos pastores neozelandeses a exercer “influência significativa sobre o pentecostalismo australiano” (CLIFTON, 2009, p. 141, tradução nossa).

Apesar da forte oposição da AGA, a principal instituição pentecostal australiana àquela altura, às crenças e inovações herdadas do *Latter Rain* — e, conseqüentemente, aos seus expoentes —, Frank finalmente se mudaria com a família para a Austrália em 1977. No país, “a população de 20 milhões de pessoas poderia apoiar igrejas maiores do que a população

menor da Nova Zelândia, de 3 milhões” (HEY, 2011, p. 105, tradução nossa)²⁴. Deu-se assim o nascimento da *Eastern Suburbs Christian Life Centre* (ES-CLC), instituição que, alguns anos mais tarde, originaria a Hillsong. Nas palavras de Brian,

Em 1977, meus pais, que então estavam na casa dos 50 anos, mudaram-se de Nova Zelândia para Sydney, Austrália. Eles foram para os subúrbios orientais e encontraram um pequeno salão em Double Bay, onde abriram uma igreja chamada Centro de Vida Cristã dos Subúrbios Orientais [*Eastern Suburbs Christian Life Centre*] [...] é onde, em muitos aspectos, a Hillsong começou (HOUSTON, B., 2016, p. 59).

Com efeito, a década de 1970 marcaria mesmo uma transição no campo pentecostal australiano. A chegada de evangelistas neozelandeses, como Frank Houston, não apenas popularizou crenças e práticas carismáticas do *Latter Rain* como foi determinante para as transformações estrutural e organizacional da AGA. No mesmo ano em que Frank fundara o ES-CLC, o pastor Andrew Evans assumiu a superintendência da instituição cooperada. Evans foi responsável por mudanças que influenciaram a criação e o desenvolvimento da Hillsong e outras igrejas. Chamada de “revolução apostólica” (CARTLEDGE, 2000), a era Evans viu a religião pentecostal expandir o número de congregações filiadas à AGA de 152, em 1977, para 826 em 1997; o de membros saltar de 10.000 para 115.000 (CLIFTON, 2009, p. 150). Caracterizando assim a gênese do que seria classificado como *terceira onda* pentecostal australiana (MILLER, 2015), as modificações implementadas abrangeram da forma de governo eclesiástico à política de expansão missionária, além da abertura irrestrita a novos movimentos religiosos que, anos antes, encontravam resistência nos corredores mais tradicionais. Nas palavras de Denise Austin, foram estas as forças denominacionais que fluíram juntas para “facilitar o surgimento da Hillsong Church” (AUSTIN, 2017, p. 22, tradução nossa).

Quanto à mudança no perfil de liderança das igrejas associadas, Shane Clifton destaca a importância da atuação de Frank Houston na passagem da forma de governo congregacional, eclesiologicamente democrático, ao formato presbiteriano de conselho, mais hierárquico e concentrado na pessoa de um pastor sênior presidente. Como pontua,

Houston não acreditava no governo congregacional e, em Lower Hutt, havia estruturado sua igreja sem uma associação congregacional formal. Suas razões para isso eram amplamente práticas. À medida que a Assembleia na Nova

²⁴Vale notar que Frank Houston não foi o único líder pentecostal influente a migrar da Nova Zelândia para a Austrália no final dos anos 1970. Trevor Chandler e Bob Midgley, destacados pastores a abraçar o movimento carismático *Latter Rain*, fizeram o mesmo caminho do precursor da Hillsong. Em certo sentido, pode-se dizer que a atuação destes neozelandeses foi fundamental para a propagação dos novos ventos carismáticos na Austrália, que definiram parte considerável da segunda onda pentecostal observada no país.

Zelândia crescia, Houston se tornava cada vez mais consciente da importância de uma liderança forte [...] Quando Houston plantou a igreja em Sydney, adotou a mesma forma de governo da igreja. À medida que sua influência no movimento aumentava, com o crescimento contínuo de sua igreja e sua posição nos vários órgãos executivos, outras igrejas, particularmente as igrejas recém-plantadas, começaram a adotar esse modelo (CLIFTON, 2009, p. 156, tradução nossa).

Inaugurada pouco tempo depois da chegada de Frank a Sydney, em 1977, a Hillsong adotaria a mesma configuração gerencial conciliar, sob a qual até hoje está estruturada²⁵.

Por outro lado, por trás da considerável expansão na implantação de novas igrejas estava a política de autonomia concedida às congregações. Outrora dependentes das decisões da AGA, as igrejas filiadas angariaram liberdade crescente durante a gestão de Evans. Em certo sentido, tornaram-se de fato autônomas quanto à definição e decisão de seus próprios projetos e interesses institucionais, limitando-se a subscrever uma declaração doutrinária genérica formulada pela instituição agregadora. Como pondera Austin, “essa abordagem *laissez-faire* cimentou a posição de liderança de Evans, sendo reeleito sem oposição por inigualáveis 20 anos” (AUSTIN, 2017, p. 28, tradução nossa). Certamente, possibilitou o crescimento da igreja

²⁵Até setembro de 2021, o Conselho diretivo da igreja Hillsong era formado por Brian Houston, pastor sênior global; George Aghajanian, gerente geral e diretor; Gary Clarke, pastor líder da Hillsong Londres; Stephen Crouch, revisor oficial de contas; Russell Dacre, membro da igreja de Londres; Phillip Denton, diretor executivo de uma empresa do ramo imobiliário; Phillip Dooley, pastor líder da Hillsong Cidade do Cabo; Benjamin Houston, pastor líder da Hillsong Los Angeles e filho de Brian; Nabi Saleh, empresário do ramo cafeeiro; e Tolu Badders, pastora executiva e diretora de operações da Hillsong na costa leste dos Estados Unidos, única mulher e membro mais nova do colegiado. Disponível em: <<https://hillsong.com/leadership/board/>>. Acesso em: 25/10/2021. Em setembro de 2021, Brian se afastou dos conselhos diretivos da igreja, acusado pela polícia de Nova Gales do Sul de ocultação de abusos sexuais de menores cometidos por seu pai, Frank. Sua justificativa fora a de que precisaria dar atenção ao processo. Inicialmente, o afastamento deveria se estender até seu julgamento, à época marcado para o dia 05 de outubro daquele mesmo ano. A data foi, posteriormente, adiada. Ver mais em: <<https://amp.smh.com.au/national/nsw/brian-houston-quits-hillsong-boards-will-remain-global-pastor-ahead-of-court-hearing-20210917-p58srl.html?>>. Acesso em: 25/10/2021. Em janeiro de 2022, Houston comunicou que, sob a orientação do conselho jurídico da igreja, iria se afastar de todas suas responsabilidades ministeriais até o final do ano. Mais uma vez, a alegação fora a de que se concentraria no processo. O casal Phillip e Lucinda Dooley, responsável pela filial da Cidade do Cabo, assumiu seu lugar e de Bobbie como “pastores seniores globais interinos”. O movimento ocasionou o desligamento de algumas filiais e seus respectivos pastores, descontentes com a decisão e escândalos. Nos Estados Unidos, mais da metade das igrejas ligadas à marca Hillsong decidiu romper os vínculos. Ver mais em: <<https://www.nytimes.com/2022/03/29/us/hillsong-church-scandals.html/>>. Acesso em: 26/04/2022. Em março de 2022, após descobertas de investigações internas, Houston renunciou às posições que ocupara na igreja em razão de dois escândalos envolvendo infidelidade conjugal. Conhecidos desde o final de 2021, os casos não foram mencionados pelo pastor nos afastamentos iniciais. Ver mais em: <<https://religionnews.com/2022/03/23/senior-pastor-brian-houston-resigns-from-hillsong-after-revelations-of-indiscretions-with-women/>>. Acesso em: 30/03/2022. No início de abril, Bobbie, sua esposa, também foi afastada de suas posições na igreja. Desde então, os Houston passaram a questionar publicamente as decisões do conselho diretivo da denominação. Em sua página oficial no *Instagram*, o pastor definiu a troca de cadeiras com as seguintes palavras: “nossa linda igreja está perdendo sua alma”. Ver em: <<https://www.instagram.com/p/CcFknDalprU/>>. Acesso em: 08/04/2022. A publicação foi apagada por Houston dias depois.

liderada por Frank, que logo contou com o apoio de seu filho Brian como parte de um projeto de sua expansão em Sydney²⁶.

Vindos da Nova Zelândia, em 1978, Brian e Bobbie Houston se estabeleceram inicialmente como ajudantes ministeriais de Frank na ES-CLC, àquela altura já renomeada como *Sydney Christian Life Centre* (S-CLC). Ali encontraram uma igreja inovadora para os padrões da época, que, em alguns aspectos, replicar-se-ia na Hillsong anos mais tarde. Entre as práticas idiossincráticas, “danças no Espírito”, mensagens de fé voltadas à prosperidade e música popular, além das já estabelecidas ênfases do *Latter Rain* em curas sobrenaturais e no exercício dos demais dons espirituais — admitidas na AGA desde a eleição de Evans²⁷ —, pareciam ser a chave do sucesso que faria de Sydney importante polo do pentecostalismo australiano.

Nascido em fevereiro de 1954, Brian Houston envolveu-se com a vida eclesiástica desde muito cedo. Frank e Hazel, seus pais, já eram oficiais do Exército de Salvação na ocasião de seu nascimento, e três anos mais tarde assumiriam o exitoso trabalho da *Assembleie of God* de Lower Hutt. Socializado no pentecostalismo, conta ter encontrado a fé precocemente, ainda na infância, época à qual se refere como início das aspirações ministeriais que, na juventude, levaram-no a uma faculdade bíblica da Nova Zelândia:

Eu tinha cinco anos quando tomei a decisão de aceitar Jesus como meu Senhor e Salvador. Como já contei anteriormente, desde que me lembro, tudo o que eu queria fazer era pastorear uma igreja e fazer parte da edificação do Reino de Deus. Depois que terminei a escola, fui à faculdade bíblica e, em seguida, comecei a servir na igreja local onde quer que eu pudesse (HOUSTON, B., 2016, p. 35).

Roberta “Bobbie” Lee Houston, por sua vez, conheceu a fé pentecostal aos quinze anos (HOUSTON, R., 2008, p. 34). Nascida em janeiro de 1957, trabalhava como secretária em uma empresa farmacêutica de Auckland, Nova Zelândia, antes de conhecer Brian em 1974, com quem se casou em 1977. Seus relatos sobre a mudança para a Austrália no ano seguinte, a fim

²⁶Sydney, capital do estado de Nova Gales do Sul, fora marcada por uma presença muito tímida do pentecostalismo antes da chegada dos Houston. Como escreve Clifton, suas igrejas “estavam entre as mais opostas à renovação carismática” (CLIFTON, 2009, p. 155, tradução nossa). Na realidade, toda a unidade federativa se destacava por tal característica, ao contrário, por exemplo, dos estados de Queensland e Victoria. Conhecido como “Estado da Cinderela” — em razão da “dormência” da AGA no território —, Nova Gales do Sul só se abriria à fé pentecostal pós-1970, especialmente depois da chegada de Frank, em 1977. Nas palavras de Austin, “Frank Houston foi fundamental na transformação do estado em um novo núcleo do pentecostalismo australiano” (AUSTIN, 2017, p. 26, tradução nossa).

²⁷Apesar de ter sido superintendente nacional da *Assembleie of God New Zealand*, Frank Houston não foi recebido como membro da AGA quando migrou para o país vizinho, especialmente por seu envolvimento com a renovação do *Latter Rain*. A situação só mudou na gestão de Evans, responsável por convencê-lo a se filiar à instituição. Posteriormente, Frank foi eleito para a mesa executiva do órgão, tornando-se superintendente do estado de Nova Gales do Sul.

de se empenhar nos trabalhos ministeriais da igreja liderada pelo sogro, mencionam a juventude do casal na ocasião, a inexperiência e a dificuldade de abandonar a família e sua terra natal:

Nós éramos muito jovens. Nós estávamos casados apenas por um ano — eu tinha vinte anos de idade quando me casei, e o Brian tinha vinte e três. Nós ainda éramos muito novos, e não tínhamos sequer viajado. Os pais de Brian eram pioneiros na Austrália, e depois de um ano de casamento Brian me disse: “vamos para Sydney, vamos ver o que meu pai está fazendo” [...] Teve um momento em que ele me disse assim: “eu acho que nós jamais vamos voltar para a Nova Zelândia, porque acho que este é o nosso chamado”. Eu chorei por metade de um dia, porque senti a responsabilidade com minha família, pois era um momento de pesar, de se desconectar²⁸.

Depois de algumas tentativas frustradas de implantação de uma filial na costa central e no sudoeste da cidade, respectivamente, foi em Baulkham Hills, subúrbio do noroeste de Sydney, que o casal inaugurou o *Hills Christian Life Centre* (H-CLC), em agosto de 1983.

A escolha pelo distrito de Hills não foi aleatória. Como escreve Mark Hutchinson, baseou-se na capacidade de Brian de reconhecer “mudanças nas ordens geográficas e demográficas” da cidade (HUTCHINSON, 2017, p. 42, tradução nossa). Semirrural e pouco servido de equipamentos urbanos, o local tinha fluxo intenso e àquela altura recebia muitas pessoas que deixavam outros subúrbios da cidade para se reassentar em seu espaço. Midiaticamente conhecido como a região de Tony Packard, famoso vendedor de carros *Holden*, o lugar fizera com que Brian se perguntasse: “se as pessoas vêm aqui em grande número para comprar um carro, por que não viriam até aqui para frequentar uma igreja?” (HOUSTON, B., 2016, p. 54). Com efeito, o arrojo representaria uma convicção muito cara à instituição ainda hoje, já que norteadora de suas estratégias de expansão mundial, a saber, a de que se quer angariar adeptos, “o contexto da igreja local importa” (HUTCHINSON, 2017, p. 43, tradução nossa).

Acolhendo cerca de 45 pessoas na reunião inaugural, o salão da escola pública de Baulkham Hills logo ficou pequeno. No final da década de sua abertura, a igreja liderada por Brian e Bobbie já contava com 7.000 pessoas (HEY, 2011, p. 110). Muitas delas eram oriundas de outras igrejas, arrebatadas principalmente pelas inovações estéticas e litúrgicas da nova comunidade. A pecha de “roubadora de ovelhas”, distintamente empregada até o presente, logo veio à tona, fazendo com que a denominação se dedicasse cada vez mais a construir uma política de boa vizinhança com as congregações evangélicas do entorno. Não obstante, sua inserção na

²⁸Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qe4jc0qj4FU&feature=youtu.be>>. Acesso em: 17/07/2020.

TV nos anos 1980, ainda que fora do horário nobre, ajudou-a a crescer e a se consolidar como opção atraente num concorrido mercado religioso. Com isso, a jovem filial do H-CLC superou o número de participantes de sua igreja mãe, o S-CLC, embora a comunidade liderada por Houston pai também gozasse de crescimento considerável quando comparada a outras igrejas do país²⁹.

Aos poucos, constituíram-se os principais eventos e departamentos estruturais da denominação. Em 1986 foi organizada a primeira *H-CLC Conference*, com a presença de 150 participantes. Hoje chamada *Hillsong Conference*, seus objetivos são apresentados como a “defesa da igreja local”, espécie de treinamento ministerial para inspirar “líderes e crentes a fazerem a diferença em sua esfera de influência para a causa do reino”³⁰. Inicialmente voltado às comunidades e lideranças do entorno, o evento adquiriu dimensões internacionais à medida que a marca Hillsong se tornou conhecida em outros países, principalmente por causa do alcance de sua música. No início da década de 1990, a solenidade contou com mais de 750 participantes, dentre os quais muitos oriundos dos Estados Unidos e da Nova Zelândia. Já em 2016, em sua trigésima edição³¹, 31 mil pessoas compareceram, dezenas das quais brasileiras.

Estratégia de sucesso em termos financeiros³² e de influência entre a comunidade evangélica mais ampla, as conferências rapidamente foram replicadas noutros nichos de público. Paralelas ao grande evento, organizaram-se a *Kidsong* e a *Hillsong Young & Free Conference*, destinadas respectivamente a crianças e jovens. Em março de 1997, Bobbie Houston comandou a primeira *Colour Conference*, maior evento feminino da denominação, com 602 participantes. Inicialmente voltado à H-CLC, a conferência nasceu como expansão do *Sisterhood*, atividade local que reúne mulheres da igreja para receber mensagens, entre outras coisas, sobre feminilidade e papéis de gênero. A atividade ganhou dimensão nacional quando sua idealizadora foi promovida à direção nacional dos ministérios de mulheres da AGA (AUSTIN, 2017, p. 32). Em 2017, teve início a *Hillsong Worship & Creative Conference*,

²⁹Como escreve Denise Austin, o *Sydney Christian Life Centre*, liderado por Frank Houston, também cresceu rapidamente: “bem mais de 1000 pessoas a cada domingo; cerca de 50 grupos domésticos; um coral forte de 40 pessoas; um ativo ministério para surdos; um departamento de impressão de tempo integral; programas de evangelismo de rua; reuniões no domingo à noite na *Sydney Town Hall*; nove igrejas filiais, incluindo uma congregação chinesa liderada por Gordon e Susannah Lee; e cultos dominicais transmitidos em rede nacional” (AUSTIN, 2017, p. 26-27).

³⁰Disponível em: <<https://hillsong.com/conference/>>. Tradução nossa. Acesso em: 20/08/2020.

³¹Anual, a *Hillsong Conference* teve de ser adiada em 2020 por causa da pandemia de covid-19. Foi o primeiro adiamento do evento desde sua instituição, em 1986.

³²Em 2018, por exemplo, da receita total de \$103.429.295,00, em dólares americanos, \$8.839.565,00 provieram de suas conferências (cerca de 8,5%). No ano anterior, o percentual atingido foi de 8,3%. Além dos ingressos, soma-se à arrecadação a venda de CDs, DVDs, livros e outros materiais carimbados com o logo da denominação vendidos durante os eventos. Para consultar os relatórios anuais da Hillsong, ver: <<https://hillsong.com/pt/policies/annual-report-australia/>>. Acesso em: 21/08/2020.

reservada “aos líderes de louvor, compositores, artistas e designers, equipes de produção, editores, cineastas, dançarinos, vocalistas, músicos, pastores, escritores e criativos em todas as disciplinas”³³. Esses encontros passaram a ser reproduzidos em filiais mundiais estratégicas, caso da *Hillsong Conference London*, a partir de 2006, e da *Hillsong Conference New York*, a partir de 2013.

Em 1987, a igreja iniciou outro importante braço organizacional, o programa *CityCare*. Nomeado de “a expressão do coração da igreja na comunidade local”³⁴, a organização sem fins lucrativos foi o primeiro passo da denominação rumo ao engajamento social voluntário de sua liderança e de seus fiéis. Agregando uma série de iniciativas beneficentes, incluindo serviços gratuitos de advocacia, centros de saúde comunitários e equipes responsáveis pela doação de roupas e alimentos à população de rua, o projeto se consolidou como a organização assistencial “mais sofisticada e desenvolvida da Hillsong” (DAVIES, 2017, p. 203). Deu ensejo, com efeito, a uma área que se expandiria ao longo da história da instituição — principalmente após as polêmicas envolvendo suas finanças e a visão dos Houston sobre a prosperidade financeira³⁵. Além dele, a *Hillsong Foundation*, criada no final da década de 1980, notabilizou-se por firmar parceria com instituições de caridade mundiais — como *A21*, *Vision Rescue* e *Compassion*³⁶. Por ela, a igreja também criou campanhas de arrecadação de fundos destinados a trabalhos sociais, embora nem sempre os utilizasse, na íntegra, para tal finalidade³⁷. A fundação rapidamente se consolidou como ação estratégica para se evidenciar e se legitimar publicamente junto à mídia de massa e no próprio meio evangélico.

Em 1988, teve início o *Hills Leadership College*, reduto educacional inicialmente voltado à formação de lideranças atuantes em música, dança, teatro e artes visuais. Inspirada

³³Disponível em: <<https://hillsong.com/pt/contributor/worship-creative-conference/>>. Tradução nossa. Acesso em: 20/08/2020.

³⁴Disponível em: <<https://hillsong.com/pb/hillsong-foundation/blog/2018/05/hillsong-citycare/>>. Tradução nossa. Acesso em: 10/03/2019.

³⁵Embora tais questões recebam maior atenção em outros momentos deste trabalho, cumpre dizer, por ora, que o trabalho assistencial da Hillsong ganha corpo à medida que a igreja se vê no centro de polêmicas financeiras. Entre elas, incluem-se a isenção de impostos de sua arrecadação milionária e a crítica pública à teologia da prosperidade adotada por sua liderança.

³⁶A relação da igreja com tais instituições se dá, principalmente, por meio de campanhas de contribuição financeira entre os membros. A Hillsong São Paulo, por exemplo, dedica um de seus domingos à captação de voluntários dispostos a contribuir com a *Compassion*, organização internacional voltada a crianças em situação de vulnerabilidade social. Reservada para o mês de março, a data é chamada de *Domingo da Compaixão*.

³⁷Além dos trabalhos de cunho assistencial, a *Hillsong Foundation* é definida como uma “fundação de caridade que existe para financiar a concretização da visão da Igreja Hillsong” (disponível em: <<https://hillsong.com/australia/foundation/>>. Tradução nossa. Acesso em: 21/08/2020). Na prática, isso inclui outros projetos particulares da instituição, tais como os de sua expansão pelo mundo. A título de exemplo, nota-se no relatório anual de 2018 a discrepância entre a arrecadação da *Hillsong Foundation* — cerca de \$17.520.922,57 — e o valor destinado pela igreja aos serviços locais e globais de benevolência — cerca de \$11.377.222,45. Ver mais em: <<https://hillsong.com/pt/policies/annual-report-australia/>>. Acesso em: 21/08/2020.

no *International Institute for Creative Ministries*, do S-CLC de Houston pai, a organização foi o germen do atual *Hillsong College*, resultante da fusão de dois centros de ensino em 1999. Ampliando seus horizontes educacionais para a formação pastoral e teológica e o treinamento profissional em produção de mídias, como cinema e TV, a instituição seguiu a tendência de internacionalização da igreja. De opção formativa aos pentecostais australianos ligados à AGA, passou a receber alunos de várias partes do mundo — especialmente do sul global³⁸. Em 2018, uma sucursal também foi aberta na cidade norte-americana de Phoenix, Arizona. Em parte por causa do “imenso apelo e celebridade da ‘marca’ Hillsong” no “imaginário da juventude cristã brasileira” (ROCHA, 2016, p. 164), não foram poucos os brasileiros que rumaram à Austrália para estudar em suas fileiras. Parte deles ocupa, hoje, posições de liderança na filial paulistana.

A despeito dessas e de outras iniciativas pontuais, não obstante, nenhum empreendimento foi tão exitoso em propagar a marca da igreja do que sua música, cantada atualmente por “mais de 50 milhões de cristãos espalhados em todo o mundo, em todos os finais de semana” (EVANS, 2017, p. 63)³⁹.

Aspecto importante da estética persuasiva da Hillsong, a música já era consideravelmente valorizada no S-CLC, de Frank Houston. Como observa Denise Austin, um dos principais objetivos do progenitor de Brian era atrair para os corredores de sua denominação “os melhores músicos da Austrália” (AUSTIN, 2017, p. 26, tradução nossa). Se não os melhores, o fato é que desde o início os Houston contaram com nomes de peso do ramo musical secular australiano, fomentando suas já mencionadas relação e exploração simbólicas de celebridades. Trevor King, músico de Andy Gibb — dos irmãos Gibb, que formaram o multipremiado grupo *Bee Gees* —, David Moyes, guitarrista da *Air Supply*, e George McArdle, da *Little River Band*, constam entre os que se declararam convertidos na instituição (AUSTIN, 2017).

O primeiro álbum musical da igreja liderada por Brian e Bobbie foi gravado em 1988, *Spirit and Truth*. Produzido na “era Geoff Bullock”⁴⁰, primeiro e importante líder de louvor contratado pela denominação, em 1985, seu lançamento serviu de base para grande número de produções que se seguiram anualmente, reproduzidas aos poucos em diversas outras igrejas

³⁸Isaac Soon (2017) faz a interessante ponderação de que, em 2017, 65% dos mais de 100 países originários dos alunos do *Hillsong College*, em Sydney, eram do sul global.

³⁹Os dados citados pelo musicólogo Mark Evans foram obtidos da companhia especializada em direitos autorais *Christian Copyright Licensing International*, em 2016.

⁴⁰Riches e Wagner (2012) dividem a evolução da marca musical de Hillsong em cinco fases específicas: 1) a era Geoff Bullock (1985-1995); 2) a era Darlene Zschech (1995-1997); 3) a emergência da *Hillsong United* (1998-2002); 4) a formação da *Hillsong London* e de outras de suas bandas internacionais (2003-2007); e 5) a consolidação da marca Hillsong (2008-2012).

australianas. As músicas do H-CLC rapidamente se tornaram, nas palavras de Riches e Wagner (2012, p. 22, tradução nossa), “hinos para os cristãos australianos”, fazendo com que o nome e a reputação da instituição crescessem pelo país. Contudo, foi em 1994, ano de lançamento de *Shout to the Lord*, que o selo Hillsong se tornou mundialmente famoso. Da fase “Darlene Zschech”, sucessora de Bullock nos ministérios musicais, a faixa do álbum *People Just Like Us* emplacou sucesso internacional de vendas, alcançando a primeira posição da *Christian Copyright Licensing International* (CCLI) e sendo traduzida para diversos idiomas, inclusive o português⁴¹.

Sendo “Hillsong” a alcunha estampada nos álbuns comercializados pela instituição, sugestivamente escolhida para fazer referência às canções oriundas da igreja do distrito suburbano de Hills, em Sydney, não demorou para que o selo se tornasse mais conhecido internacionalmente do que a própria denominação que lhe dera origem. “Logo as pessoas se acostumaram a falar sobre ‘aquela igreja Hillsong’, e o nome Hillsong realmente se tornou famoso em todo o mundo”, diria Brian em entrevista à série documental *Australian Story*⁴². Segundo Hutchinson, “os líderes da equipe de louvor da igreja, Geoff Bullock e Darlene Zschech, tornaram-se mais conhecidos no exterior do que seu próprio pastor sênior” (HUTCHINSON, 2017, p. 46, tradução nossa). Isso bastou para que Brian, numa eficiente estratégia de marketing, resolvesse alterar oficialmente o nome da igreja de *Hills Christian Life Centre* para *Hillsong Church*, em 1999. Essa mudança ocorreu num momento turbulento da história da instituição, que à época estava se fundindo à igreja liderada por Houston pai. Isso porque, naquele ano, Frank Houston confessou ter abusado sexualmente de um menor de idade em sua antiga congregação na Nova Zelândia, 30 anos antes. Brian, seu filho, à época presidente da AGA, demitiu-o como pastor associado, assumindo o controle de todo *Christian Life Centre* num processo de fusão das igrejas⁴³. A renomeação ajudou a difundir o nome da igreja aos

⁴¹No Brasil, a canção foi traduzida e gravada pelo Diante do Trono, no ano 2000. Incluem-se ainda entre os feitos de *Shout to the Lord* uma indicação ao prêmio de Canção do Ano no *Dove Awards* de 1998 — o mais importante prêmio norte-americano da música gospel — e sua execução ao vivo para personalidades político-religiosas de destaque, como o Papa João Paulo II e presidentes dos Estados Unidos (EVANS, 2017). Ari Kelman, professor de *Religious Studies* na Universidade de Stanford, define *Shout to the Lord* como um dos três grandes hits responsáveis por mudanças significativas na paisagem gospel norte-americana (KELMAN, 2018).

⁴²Disponível em: <<https://www.abc.net.au/austory/the-life-of-brian/9169458>>. Acesso em: 21/08/2020. Tradução nossa.

⁴³Mais tarde, por meio de investigação, chegou-se ao número de oito menores de idade abusados por Houston pai, falecido em 2004. Acusado de encobrir o progenitor, em 2014 Brian foi encaminhado pela comissão real contra abusos sexuais infantis à polícia do estado de Nova Gales do Sul, para prestar depoimentos sobre o caso. Em agosto de 2021, foi formalmente acusado pela polícia do estado pela ocultação de um dos episódios, em 1970. Como pontuado anteriormente, o escândalo fez com que o pastor sênior se afastasse dos conselhos gestores da Hillsong, em setembro do mesmo ano. Até a escrita deste texto, o processo aguardava pelo julgamento de Houston.

lugares alcançados por sua música e a dissociá-la dos escândalos envolvendo Frank, que conspiraram a reputação e o antigo nome⁴⁴.

Dando origem a diversos grupos e bandas, como a *Hillsong Worship*, *Hillsong United*, *Young & Free* e *Hillsong Kids*, em pouco tempo a igreja tornou-se protagonista do *Contemporary Christian Music* internacional, acumulando números e recordes expressivos, para além do campo evangélico.

Em 10 de junho de 2015, a jornalista Kate Shellnut relatou através do popular site *Christianity Today* que o hit da Hillsong United, *Oceans (Where Feet May Fail)*, permaneceu na lista de Hot Christian Songs da Billboard por um recorde de 50 semanas consecutivas — mais do que qualquer outro single cristão. Em seu artigo, o vídeo-letra da United tinha acabado de atingir 35 milhões de visualizações no YouTube. Em 2016, a United recebeu o prêmio Top Christian Artist Billboard. No momento da escrita, um ano depois, o mesmo vídeo teve 73,5 milhões de reproduções. Uma versão acústica, gravada nos estúdios da Relevant Magazine, tem agora 38 milhões de visualizações. Neste período, a Hillsong United também cantou “Oceans” ao vivo no [programa secular norte-americano] *The Today Show* (RICHES; WAGNER, 2017, p. 02, acréscimo nosso).

Hoje distribuída por um dos principais grupos fonográficos do mundo, o *Universal Music Publishing*, a música da Hillsong alavancou o crescimento da instituição por toda a Austrália, que passou de uma única congregação, até 1997, para 28 em 2017. Muito contribuiu, por certo, para que se tornasse a maior igreja pentecostal australiana, duas vezes maior do que a segunda colocada, com 43 mil membros à época — 43% dos quais no intervalo etário de 20 a 34 anos⁴⁵.

Reforçada por seus recursos midiáticos, sucessos musical e fonográfico e poderes econômicos, a igreja também passou a gozar de influência política. Em 2002, seu novo centro de convenções, com capacidade para 3.500 pessoas, 1.300 vagas de estacionamento e equipamentos tecnológicos de ponta, foi inaugurado em Sydney pelo então primeiro-ministro australiano, John Howard⁴⁶. Parte do fenômeno que Marion Maddox nomeou de “a ascensão

⁴⁴Escândalos envolvendo a Hillsong, sobretudo ligados a questões financeiras e sexuais, foram alvo de série documental recente. Produzida por Dan Johnstone, *Hillsong: a Megachurch Exposed* estreou em 18 de abril de 2022, pelo serviço de *streaming Discovery+*. Nele, ex-pastores e ex-membros acusam a igreja de corrupção e abusos diversos. Ver mais em: <<https://www.discoveryplus.com/br/show/hillsong-o-escandalo-por-tras-da-megaigreja-d-originais-br>>. Acesso em: 26/04/2022.

⁴⁵Dados do relatório anual da igreja referente a 2018. Quanto aos demais recortes etários, tinha-se o seguinte: 7% de membros na faixa 0 a 9 anos; 11,5% de 10 a 19 anos; 26,6% de 35 a 49 anos e 11,9% com 50 anos ou mais. Ver mais em: <<https://hillsong.com/pt/policies/annual-report-australia/>>. Acesso em: 15/01/2021.

⁴⁶Primeiro-ministro da Austrália de 1996 a 2007, John Howard, do *Liberal Party of Australia*, é tido como um dos principais responsáveis pela crescente influência da religião cristã na esfera política australiana. Para trabalhos detalhados sobre a relação política/religião no período Howard, ver Maddox (2005) e Warhurst (2007).

da direita religiosa na política australiana” (MADDOX, 2005, tradução nossa), a Hillsong também emplacaria filiados em cargos políticos no Parlamento — como Alan Cadman e Louise Markus, ambos na Câmara dos Representantes⁴⁷ — e, em 2018, comemoraria a escolha de um importante aliado para a chefia de governo do país, o atual primeiro-ministro Scott Morrison⁴⁸. Causou controvérsia quando seu então pastor sênior, Brian, fora indicado por Morrison como convidado de honra para um jantar diplomático na Casa Branca, em setembro de 2019, com o então presidente norte-americano, Donald Trump⁴⁹.

Cabe observar que foi ainda como *Hills Christian Life Centre*, antes da irrupção de polêmicas envolvendo finanças e política, que a igreja deu início a expansão de filiais no exterior. Fundada formalmente em 4 de outubro de 1992, a H-CLC de Kiev foi a primeira a se instalar fora dos limites do país da Oceania, a partir do trabalho missionário de um órgão especialmente criado para a ampliação da instituição: o *Nation Builders*, posteriormente desativado. Darko Culjak, que fora líder do grupo de jovens na congregação de Brian e Bobbie, foi escolhido como pastor responsável pela região e transformou um cinema no centro da capital ucraniana — com capacidade para cerca de 700 pessoas — no primeiro lugar de reuniões fora da Austrália. No mesmo ano, seguindo o padrão de sua fundação, em 1983, um salão de escola abrigou os primeiros cultos da igreja em Londres, no Reino Unido.

Até a fundação da filial brasileira na capital paulista, em 2016, a Hillsong já contava com igrejas instaladas em 13 países, dentre os quais aquele escolhido como primeira nação latino-americana a receber a igreja, em 2015: a Argentina, na capital Buenos Aires. Até esse momento, em ordem cronológica, filiais já haviam sido implantadas em Kiev (1992), Londres (1992), Paris (2005), Moscou (2008), Cidade do Cabo (2008), Estocolmo (2009), Nova Iorque (2010), Constança (2011), Copenhague (2012), Amsterdã (2012), Barcelona (2013), Los Angeles (2014) e Zurique (2015).

⁴⁷A *Comunidade da Austrália* é regida como uma monarquia constitucional, cujo governo emana de um Parlamento — composto por Senado e Câmara dos Representantes — eleito por sufrágio universal.

⁴⁸Em seu discurso inaugural no Parlamento, 10 anos antes de ser escolhido primeiro-ministro, Scott Morrison agradeceu a Brian Houston por “sua grande ajuda”, descrevendo-o como um de seus mentores. Ver mais em: <<https://thenewdaily.com.au/news/national/2019/09/23/hillsong-brian-houston-scott-morrison/>>. Acesso em: 16/01/2021.

⁴⁹O fato do nome de Houston figurar entre os convidados de Morrison para o encontro com Trump ocasionou uma enxurrada de críticas da imprensa australiana. Em princípio negado pelo primeiro-ministro, o convite realizado em setembro de 2019 foi confirmado por Morrison, em março de 2020. Ver: <<https://www.theguardian.com/australia-news/2020/mar/03/scott-morrison-confirms-he-sought-white-house-invite-for-hillsong-pastor-brian-houston>>. Acesso em: 16/01/2021. Embora não tenha acontecido na ocasião, uma reunião de Houston com Trump foi realizada meses depois, em dezembro de 2019, quando do encontro do presidente estadunidense com lideranças religiosas.

1.1. A implantação em São Paulo

A abertura na capital argêntea constituía parte de um plano mais amplo de inserção na região, que tinha a cidade de São Paulo como um de seus alvos. Anunciada no *Vision Sunday* daquele ano, evento reservado para o pronunciamento de diretrizes globais diretamente de Sydney, a estratégia foi definida por Brian Houston com as seguintes palavras: “[...] há mais um lugar para falar da bênção dele [de Deus]. Não é na América, não é na Austrália, não é na África... não é na Europa, não é na Ásia. Não é na América do Norte. É na América do Sul”. Chamando ao palco aqueles que seriam os pastores responsáveis pelo projeto, Chris e Lucy Mendez, continuou: “tenho que dizer que só enviamos o nosso melhor, mesmo que sintamos a falta de vocês aqui [...] queremos que vocês continuem a ser bênção. Eu estou animado com a América do Sul”⁵⁰. Até o início de 2023, pelo trabalho dos Mendez, a presença da Hillsong no continente passaria, em ordem cronológica de inauguração, pelas filiais de Buenos Aires (2015), São Paulo (2016), Monterrey (2019) e Montevidéu (2022).

Nascido em 11 de novembro de 1977, em Sydney, Christian “Chris” Mendez descende de família argentina, que se estabeleceu na Austrália três anos antes de seu nascimento. Converteu-se à fé cristã aos 20 anos, afirma, após ter ouvido a voz de Deus em meio ao vômito ocasionado por uma overdose no banheiro de uma boate. Após sua conversão, frequentou com a mãe, também recém-convertida, uma denominação hispânica da cidade, procurada em razão da familiaridade com a língua. Seus primeiros contatos com a igreja dos Houston ocorreram por meio do *Hillsong College*, no qual se matricularia para “descobrir o que Deus tinha para ele”:

[...] a mudança na minha vida foi drástica e sobrenatural, então fui para a escola bíblica para descobrir o que Deus tinha para mim. Não sabia se iria me dedicar totalmente para o ministério, ser pastor... eu sabia que, se Deus me salvou do meu vício, não era para viver uma vida pequena. Eu queria descobrir o que ele tinha para mim⁵¹.

Em 2001, ingressou no curso *Pastoral Leadership*, com duração de três anos. Já no primeiro ano, mudou-se com a esposa para a igreja liderada por Brian e Bobbie. Depois de formado, Mendez tornou-se pastor temporário, inicialmente contratado para um ano de trabalho. Após o período de testes, assumiu papel de liderança e atuou em diferentes *campi* da igreja na Austrália, além de pregar em outros países em razão de seu domínio das línguas inglesa

⁵⁰Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=22wRTk4g18I&t=2s&ab_channel=HillsongChurch>. Acesso em: 18/01/2021. Tradução e acréscimo nossos.

⁵¹Entrevista de Mendez a Mauricio Fragale. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gG3kvt5r6d8&ab_channel=MauricioFragale>. Acesso em: 20/01/2021.

e espanhola. Em seguida, mudou-se para a América do Sul para liderar a evangelização da região.

Lucy Streuli Mendez nasceu na Argentina, na cidade de Rosário, em 2 de novembro de 1980. Com a família, mudou-se para o país oceânico por volta dos 10 anos de idade. Na infância, frequentava com a avó a Igreja Católica. Converteu-se ao pentecostalismo na Austrália, aos 18 anos, por influência da mãe:

[...] eu sabia que existia um Deus, mas nunca o conheci intimamente. Na Austrália, meus pais começaram a ir numa igreja hispânica, evangélica, e me convidavam sempre [...] eu não queria saber nada da igreja, estava em minhas coisas, de sair com meus amigos, de estar me divertindo. E minha mãe sempre me convidava, convidava... eu dizia não, não é para mim [...] Então fui num domingo, tinha 18 anos [...] e foi nesse domingo que realmente senti a presença de Deus; senti algo que jamais havia sentido [...] fui à frente, aceitei ao Senhor, levantei minhas mãos⁵².

Nessa igreja, conheceu Chris, com quem se casou em agosto de 2001 e foi para a Hillsong. Sua formação pastoral só se deu depois da do companheiro, em razão dos cuidados demandados pelos filhos. cursando o *Night College* ao longo de quatro anos — modalidade diferente da faculdade cursada por Chris⁵³ —, seu primeiro local de trabalho como pastora ocorreu em *Merrylands*, subúrbio de Sydney habitado por grande contingente de latino-americanos.

O site oficial da igreja os identifica como um casal “com o coração voltado para a América Latina”, “apaixonado por amar a Deus e as pessoas”, presente “em solo latino para construir uma igreja, comer carne e desfrutar de seu amor pelo futebol”⁵⁴. Chris e Lucy afirmam que nutriam planos de mudança para Buenos Aires pelo menos nove anos antes da instalação da igreja na Argentina, por ocasião de uma das muitas passagens da *Hillsong United* e Brian Houston pelo país. Em entrevista de 2017, Chris revelou:

[...] há uns dez anos eu vim para a América do Sul numa turnê com a *Hillsong United*, uma das nossas bandas, e fizemos uma turnê por diferentes países. Algo brotou em mim durante aquela turnê. Dezoito meses depois nós fizemos outra turnê, mas naquela viagem o pastor Brian foi com a gente [...] nós estávamos pousando em Buenos Aires, e enquanto pousávamos — eu estava

⁵²Entrevista de Lucy Mendez a Tania Rendon. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3znHFYLVqLs&ab_channel=TaniaRendon>. Acesso em: 20/01/2021. Tradução nossa.

⁵³Ao contrário do *Hillsong College*, instituição própria, que oferece cursos superiores de tempo integral, o *Night College* é ofertado pela própria igreja Hillsong, em cursos de curta duração. Como já explicitado anteriormente, participei das aulas do *Night College* na filial de São Paulo (*College Noturno*). A fim de evitar confusões com os termos e modalidades, em 2020 a Hillsong decidiu alterar o nome do *Night College* para *Night School*.

⁵⁴Disponível em: <<https://hillsong.com/pt/contributor/chris-lucy-mendez/>>. Acesso em: 20/01/2021.

sentado atrás dele no avião — ele virou para mim e disse: “Chris, como você se sente em pousar no lugar do seu destino?”⁵⁵

Até a inserção definitiva da igreja em Buenos Aires, em 2015, o pastor esteve no continente sul-americano diversas vezes. Em razão de sua nacionalidade e de seu idioma, antes mesmo que se aventasse a possibilidade de inauguração de alguma filial na região, Brian Houston já o havia escolhido como responsável pela rede latino-americana da *Hillsong Leadership Network*. A rede constitui uma espécie de programa de consultoria individual para igrejas e líderes evangélicos, cujos objetivos são apresentados como “defender o pastor e sua igreja local”. Compartilhando “a experiência combinada de mais de 35 anos de Hillsong Church”⁵⁶, a iniciativa angariou igrejas e personalidades parceiras na América do Sul, nas modalidades gratuita e paga⁵⁷. Além disso, outras denominações latino-americanas já integravam a malha que os Houston chamaram de *Hillsong Family*, grupo de igrejas e ministérios alinhados à visão da Hillsong por causas comuns, inclusive no Brasil⁵⁸. Funcionando como prospecção de mercado, as redes sob a coordenação de Mendez permitiram à instituição conhecer previamente o terreno, visando implantar igrejas na região — das localidades-chave aos entraves jurídicos. Assim, a viagem conjunta de Chris e Brian à África do Sul, em 2014, tida pelo primeiro como marco concreto em que se definiu a abertura da igreja na Argentina⁵⁹, foi apenas a consumação do que se desenhava há tempos.

Instalado na Argentina, o casal de pastores principiou o que seria a primeira Hillsong da América do Sul num apartamento em Buenos Aires, onde se formou e congregou, inicialmente, uma equipe restrita de cerca de 30 pessoas. Simultaneamente, seguiram-se reuniões com pastores de outras denominações da cidade, com vistas ao estabelecimento de boas relações — que incluíram o compromisso de que a Hillsong não roubaria seus fiéis, o que inevitavelmente

⁵⁵Entrevista de Chris Mendez a Mauricio Fragale. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gG3kvt5r6d8&ab_channel=MauricioFragale>. Acesso em: 20/01/2021. As turnês da *Hillsong United* pela América do Sul, mencionadas por Mendez, aconteceram em 2007 e 2009. Na Argentina, ambos os shows se deram no estádio do clube de futebol *Vélez Sarsfield*.

⁵⁶Ver mais em: <<https://network.hillsong.com/overview/>>. Acesso em 21/01/2021. Tradução nossa.

⁵⁷Dirigida a voluntários, líderes e equipes, a modalidade gratuita da *Hillsong Leadership Network* oferece manuais práticos, textos relacionados à liderança e outras ferramentas simples. Já a modalidade paga (cerca de 150 dólares anuais), dirige-se a igrejas, oferecendo reuniões mensais com equipes da Hillsong, descontos em eventos, vídeos diversos, fóruns interativos, acesso a materiais recém lançados, entre outros serviços. Para mais detalhes, ver: <<https://network.hillsong.com/overview/>>. Acesso em 21/01/2021.

⁵⁸Fundada em 2001, em Fortaleza, a Comunidade Cristã Videira é a única igreja brasileira filiada à *Hillsong Family*. Sua ligação com a igreja australiana não é apenas formal, mas pode ser percebida em seus cultos e lógica institucional, muito semelhantes à marca dos Houston. Alguns de seus pastores, aliás, formaram-se no *Hillsong College*, em Sydney. Em 2016, por ocasião de seu aniversário de 15 anos, a Comunidade Videira convidou Chris Mendez como um dos pregadores comemorativos.

⁵⁹Cf. a já citada entrevista de Mendez a Mauricio Fragale. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gG3kvt5r6d8&ab_channel=MauricioFragale>. Acesso em: 21/01/2021

ocorreu. O casal, em seguida, passou a promover noites de informações ao público mais amplo numa famosa casa de espetáculos portenha, que, posteriormente, abrigaria seus cultos ao longo de três anos e meio: o *Teatro Vorterix*⁶⁰. Para a primeira reunião, realizada às 20h de 9 de abril de 2015, viu-se na contingência de reservar mais um horário, depois do número de inscritos no site exceder a lotação do espaço num único encontro. Após outras tantas reuniões de planejamento, a igreja foi inaugurada em 15 de novembro de 2015, momento em que já se planejava a abertura de uma filial em São Paulo.

Embora sua instalação no Brasil tenha se dado em 2016, as músicas da Hillsong há muito eram conhecidas e apreciadas por evangélicos brasileiros, inclusive por meio de versões traduzidas por expoentes da música *gospel* verde-amarela, como Aline Barros e o grupo Diante do Trono⁶¹. Além disso, turnês de suas bandas pelo país só fizeram aumentar sua influência, com o tempo notada entre personalidades dos mundos musical, esportivo e político⁶². Até a abertura da Hillsong São Paulo, em 2016, bandas e ministérios musicais da igreja australiana estiveram no Brasil em seis diferentes ocasiões: 2001, 2003, 2007, 2008, 2009 e 2013. Muito por conta de seu prestígio e da sua “cultura de celebridade”, como defende Rocha (2016; 2017; 2020), não foram poucos os jovens brasileiros que rumaram à Austrália para “viver o sonho” de estudar no *College* da igreja — alguns dos quais escolhidos mais tarde para integrar a equipe da filial paulistana. A popularidade vista por aqui, em certo sentido, pôde ser explicada por um grupo de trabalhos acadêmicos que destacam sobretudo o poder simbólico e mercadológico da instituição. A literatura destaca que a “Hillsong é, ao mesmo tempo, uma marca” e “uma organização de *marketing* experiente” (WAGNER, 2013, p. 61 e 74, tradução nossa). Com logotipo distinto, até copiado por igrejas brasileiras⁶³, de fato a “marca Hillsong” goza de muito prestígio entre os evangélicos, em todo o mundo. Sobre a denominação na ilha indonésia de Bali, por exemplo, Wijaya, Lapian e Rumokoy (2019) revelam a parcela expressiva de pessoas

⁶⁰Em abril de 2019, a igreja mudou do *Vorterix* para o *Auditorio de Belgrano*, outra casa de eventos equipada com tecnologia entretenedora de ponta.

⁶¹Em 2012, o Diante do Trono, grupo musical da Igreja Batista da Lagoinha, chegou a integrar o *Hillsong Global Project*, projeto estratégico de popularização das músicas da igreja australiana para falantes de nove idiomas: português, coreano, mandarim, espanhol, indonésio, alemão, francês, sueco e russo.

⁶²Personalidades artísticas, como Claudia Leite, Jonatas Faro e Bruna Marquezine, já estiveram em shows de bandas da Hillsong. O mesmo pode ser dito sobre ex-jogadores de futebol, como Kaká, David Luiz e Alexandre Pato — até 2020, frequentador rotineiro da filial de São Paulo junto de sua esposa, Rebeca Abravanel, filha do apresentador de TV Silvio Santos. Em 2019, a então primeira-dama, Michele Bolsonaro, esteve junto da então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, no show da *Hillsong United* em Brasília, ocorrido no estádio Mané Garrincha.

⁶³A filial da Igreja Batista da Lagoinha em Niterói, cidade fluminense, chamou a atenção por adotar como logotipo arte visual bastante similar à da igreja australiana: letras garrafais brancas, de uma mesma fonte textual, sobre círculo preenchido pela cor preta. O mesmo pode ser dito quanto à filial da igreja mineira em Orlando, Estados Unidos.

que visita e volta a frequentar os cultos da igreja influenciada por sua marca, fama e popularidade. Isso porque, como escrevem, “visitantes de várias partes de Bali” vão às reuniões “porque o próprio nome da Hillsong já é conhecido e se tornou motivo de orgulho para quem a visita, pois é popular” (WIJAYA; LAPIAN; RUMOKOY, 2019, p. 138, tradução nossa).

A despeito de estar ligada à sua produção musical, tal popularidade também se faz explicar, em parte, pelo valor genérico da “excelência” que a igreja estrategicamente incorporou em seu *branding*⁶⁴. É o que revela a pesquisa de Cristina Rocha entre jovens brasileiros ligados à denominação, radicados na Austrália. Seus entrevistados “ficaram impressionados com a ‘excelência’” da instituição, confirmando “que uma característica-chave da marca Hillsong é sua associação com a ideia de excelência” (ROCHA, 2016, p. 174). É como se a música, produção e gerenciamento midiático, organização, funcionamento e pregação “excelentes” impulsionassem o imaginário e o marketing de uma igreja diferenciada, vista como inspiração organizacional para muitas outras que nela se espelham. Sendo assim, embora fosse novidade para a imprensa nacional, o nome da denominação não o era para um público evangélico deste país, apelidado pelas lideranças australianas como propulsor do fenômeno “*Come to Brazil*”⁶⁵. E como no caso de Buenos Aires, esse fato se faria sentir desde o anúncio das primeiras reuniões de informações em São Paulo.

Seguindo as mesmas etapas observadas na implantação da igreja na Argentina, Mendez iniciou conversas e tratativas sobre a inauguração na capital paulista com uma equipe pequena, composta sobretudo por brasileiros que em algum momento estiveram no *College* ou que já tinham alguma experiência com a Hillsong em outros países. Mais tarde, eles integraram a linha de frente da filial. Entre eles, constavam os casais de pastores Rafael e Marina Bitencourt, Pedro e Ticiane Albuquerque, além de responsáveis administrativos, como Sarah Carvalho e Newton Tanaka — em nome de quem o CNPJ da instituição foi cadastrado⁶⁶. De igual maneira, agendaram-se reuniões com pastores de igrejas paulistanas, entre os quais líderes de outras comunidades pentecostais. Isso porque, no Brasil, a instituição se depararia com panorama religioso em muitos sentidos distinto do observado no país vizinho⁶⁷. Conhecida por

⁶⁴Advinda do marketing, a noção de *brand* pode ser entendida, nas palavras de Philip H. Kotler, como “nome, termo, símbolo ou design, ou uma combinação deles, que tende a significar os produtos ou serviços de um vendedor ou grupo de vendedores e diferenciá-los daqueles concorrentes” (KOTLER, 1991, p. 442, tradução nossa).

⁶⁵Segundo Cristina Rocha, “o fascínio dos brasileiros pela Hillsong levou alguns *Hillsong insiders* a falarem informalmente sobre o ‘The Come to Brazil effect’ — um fenômeno no qual os brasileiros imploram à igreja nas redes sociais para estabelecer uma filial no Brasil” (ROCHA, 2017, p. 126, tradução nossa).

⁶⁶Até 2021, seriam integrados ao staff pastoral da *Hillsong São Paulo* Raphael e Claudia Galante, Liane Carrara e Tiago Gomes.

⁶⁷Ao passo que, segundo levantamentos recentes, os evangélicos chegam a atingir cerca de 30% da população brasileira, na Argentina, chegam aos 15%. Ver mais em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/594681-cai-o-numero-de-catolicos-na-argentina>>. Acesso em: 02/02/2021.

compreender o maior número de pentecostais em todo o mundo (MARIANO, 2008, p. 69), a realidade brasileira impunha desafios e oportunidades, decorrentes da concorrência religiosa acirrada. Não fosse capaz de corresponder à demanda local, a primeira filial da denominação no país poderia trazer problemas junto à cúpula diretiva, não interessada em despender mais esforços e recursos do que o necessário. No caso oposto, a igreja poderia arrebatar fiéis ligados a outras congregações, sobretudo àquelas mais afeitas à igreja australiana e à sua ênfase em música e orientação aos jovens. Assim, classificados pela Hillsong como oportunidades de “compartilhar aquilo que está no nosso coração com pastores de São Paulo”⁶⁸, os encontros com personalidades concorrentes locais, como Teófilo Hayashi (Igreja Monte Sião/Movimento Dunamis), Rinaldi Digilio (vereador pela cidade, da Igreja Quadrangular), bispo Gê (Renascer em Cristo), entre outros, não demoraram a acontecer. Em certo sentido, também visavam validar o discurso pacifista de Mendez, sempre presente nas noites de informações: “não viemos aqui para competir com qualquer outra igreja. Viemos aqui para competir com o inimigo que está levando pessoas para o inferno”⁶⁹. E montar uma rede de relações pastorais e institucionais que, de início, encontrou determinada resistência: “no início, quando chegamos, eu ouvi de um pastor, um advogado e um contador: ‘os brasileiros não vão te aceitar. Você é um australiano com sangue argentino’”⁷⁰.

Ocorrida em maio de 2015, a primeira “Noites de Interesse” formou filas nos arredores do *Ballroom*, casa de shows da zona oeste paulistana. Falando em inglês, com tradução simultânea para o português, Mendez apresentou a um público majoritariamente jovem a razão da escolha de abrir a igreja na cidade: “estamos vindo para São Paulo para alcançar aqueles que ainda não conhecem a Jesus. [...] Por que São Paulo e não Rio? Porque nós amamos cidades grandes, e a colheita nessa cidade pode ser gigantesca”⁷¹. Discorrendo sobre as estratégias e a visão inclusiva da denominação, acrescentou:

[...] o que a gente vai fazer aqui em São Paulo, por enquanto, é construir times... fazer reuniões para que este pessoal se encontre e aprenda a cultura e DNA da nossa igreja [...] cultos de domingo só no ano que vem. [...] a igreja que queremos construir aqui em São Paulo é uma igreja com portas abertas

⁶⁸Texto de postagem de Chris Mendez, via perfil oficial da Hillsong São Paulo no Facebook, com foto do encontro com pastores de São Paulo. Ver em: <<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/1424588677833742>>. Acesso em: 17/02/2021.

⁶⁹Trecho da fala de Mendez na primeira noite de informações em São Paulo. Coletado em 12/05/2015.

⁷⁰Trecho de fala de Mendez na *Noite Coração e Alma* 2019. Coletado em 19/02/2019.

⁷¹Primeira “Noite de Interesse” em São Paulo. Coletado em 12/05/2015. Sobre as estratégias de expansão da Hillsong, uma observação se faz necessária: interessa-lhe mais a presença em diferentes países do que em diferentes cidades de um mesmo país. A escolha encontra explicação, sobretudo, na fixação da denominação em se vender como “igreja global”, que “alcança e influencia o mundo”.

para todo mundo, porque Jesus não botou regulamentos e regras para que as pessoas venham para ele⁷².

Terminada a reunião, como recurso de recrutamento, orientou os presentes a preencher e depositar cadastros em urnas posicionadas na saída do salão. Preenchidos pelos interessados em fazer parte da igreja, os cadastros foram apresentados como a maneira de se “conectar à Hillsong” e receber informações futuras.

Em novembro de 2015, ocorreu a segunda noite de informações. O ano de 2015 foi marcado na história da Hillsong São Paulo como tempo de preparação. Concomitante às reuniões com futuros voluntários, a igreja procurou um local para abrigar os cultos de maneira definitiva, dentre as inúmeras casas de espetáculo da capital paulista. O *Dominion Theatre*, em Londres, o *United Palace*, na *Broadway* de Nova Iorque, o *Vorterix*, em Buenos Aires, entre tantos outros espaços alugados pela denominação ao redor do mundo, habituados a receber produções de ponta do mundo do entretenimento secular, indicavam um padrão alto em estrutura e custos. Migrando por alguns teatros da cidade nas *Noites DNA* que antecederam sua inauguração⁷³, escolheu finalmente, em 2016, a Audio, espaço conhecido por receber diversas atrações musicais e eventos corporativos na região da Barra Funda, zona oeste.

Marcada para 30 de outubro de 2016, às 18 horas, a inauguração da igreja seguiu o exemplo dos encontros públicos realizados até ali: longas filas obrigaram a realocação do pessoal presente num culto adicional, duas horas depois. Dezenas de voluntários, identificados com camisetas da denominação, orientavam os visitantes, conduzindo-os da estação de trem e estacionamentos ao local da reunião — como pude testemunhar dezenas de vezes depois. Dentro da casa, música eletrônica distraía os presentes, antes que o vídeo institucional da igreja desse início ao culto — como ocorre em toda reunião da Hillsong. À receita litúrgica “música, mensagem emocional e apelo”, acompanhada por jogos de luz e papeis picados ao final de refrãos marcantes, acrescentou-se um recado de Brian e Bobbie Houston, direto da Austrália, desejando bênçãos divinas à nova filial. Expressões de maravilhamento, como os “uau” que dali em diante seriam ouvidos em todo e qualquer encontro assistido por mim, repetiam-se a cada frase de efeito vinda do palco. Lotados, salão e galeria da Audio estavam em êxtase, de dar inveja ao mais empenhado profissional *coaching*. No *Instagram*, ao filmar a multidão em

⁷²Primeira “Noite de Interesse” em São Paulo. Coletado em 12/05/2015.

⁷³Até a inauguração da igreja, em outubro de 2016, noites de informações aconteceram em São Paulo em maio e novembro de 2015, e abril, maio, agosto e setembro de 2016. Em maio de 2016, a noite DNA contou com a presença de Brian Houston.

festa, Mendez encerrou o último serviço afirmando: “Hillsong Church tem um novo quarto. Nós temos uma família brasileira”⁷⁴.

Ao todo, a contar da inauguração, o tempo de permanência da Hillsong na Barra Funda foi de três meses. Em janeiro de 2017, a igreja mudou o local dos cultos para o Villaggio JK, na zona sul paulistana. Localizada na Vila Olímpia, bairro de classe alta e um dos centros financeiros de São Paulo, a casa é um dos diversos espaços da região reservados a shows e eventos — como a vizinha mais conhecida Villa Mix, onde, eventualmente, Hillsong também aloca reuniões especiais por ocasiões de indisponibilidade do primeiro espaço. Relativamente bem assistida por equipamentos públicos, como estações de trem e fácil acesso viário pela marginal Pinheiros, a área também chamou a atenção da liderança por ser, em comparação com outros bairros da cidade, desprovida de igrejas evangélicas. Como justificaria Mendez em entrevista à imprensa, “é um bairro com poucas igrejas, então é um excelente lugar para estarmos”⁷⁵. Somada à mudança de local, a denominação instituiu o segundo culto religioso dominical: de uma única reunião, às 18, para duas, às 17 e às 19 horas. Até a paralisação das atividades presenciais por causa da pandemia, em março de 2020, esse número chegaria a cinco (11h, 13h, 16h30, 18h30 e 20h30).

Em 2019, quando a igreja abriu sua terceira filial na América Latina — na cidade mexicana de Monterrey —, o casal Rafael e Marina Bitencourt foi nomeado como “pastores de campos” da sucursal paulistana. A estratégia, além de liberar os Mendez dos compromissos locais de menor importância, foi definida como “reestruturação interna”:

Como estamos avançando continentalmente [sic], vamos reestruturar as coisas internamente. Haverá uma mudança. Vamos estabelecer pastores de campos locais. A partir de hoje, haverá autoridade sobre eles [...] Somos uma igreja transparente, por isso falamos isso. Procuramos os detalhes porque excelência é vista nos detalhes. Acreditem, minha cabeça já está na sexta igreja [no continente] [...] Rafael e Marina serão os pastores de campo da Hillsong São Paulo. É mais uma camada de liderança. Vão tomar decisões locais, nos liberarão de detalhes e nos ajudarão em termos de estrutura [...] a liderança deles e a igreja de São Paulo estão indo para um novo nível [...] Rafa será o “chefinho”, mas eu sempre serei o “chefão”, ok?⁷⁶.

⁷⁴Ver em: <<https://www.instagram.com/p/BMNQsx-AYqD/>>. Acesso em: 20/02/2021. Tradução nossa. A referência à filial paulistana como “novo quarto” está ligada à autodefinição da igreja como “uma casa com muitos quartos”.

⁷⁵Entrevista de Chris Mendez a Everton Batista, em reportagem publicada pela Folha de S. Paulo em 19/03/2017. Ver em: <<https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2017/03/1867557-igreja-na-vila-olimpia-atrai-publico-com-musica-alta-e-mensagem-inclusiva.shtml>>. Acesso em: 04/03/2021.

⁷⁶Trecho de fala de Mendez na *Noite Coração e Alma* 2019. Coletado em 19/02/2019. Acréscimo nosso.

Sob a discreta liderança local dos Bitencourt, numa estratégia de ampliação pela cidade, em fevereiro de 2022 a denominação anunciou a abertura de uma segunda filial. Chamado de “campus zona leste”, o empreendimento angariou voluntários que se cadastraram num formulário pela internet⁷⁷. A inauguração, aguardada ansiosamente pelos adeptos dessa região da capital paulista, foi inicialmente anunciada para o dia 29 de maio. O local escolhido foi o teatro Eva Wilma, na Vila Carrão. Não obstante, por motivos internos, os planos mudaram. Iniciada em 23 de outubro, sob a liderança do casal Pedro e Ticiane Albuquerque, a igreja se instalou na Arena Tatuapé Shows, casa de espetáculos estruturalmente arquitetada em estética circense.

Com o tempo, a dinâmica de funcionamento da denominação foi se implementando rigorosamente a par da lógica institucional observada em outras filiais. Orientadas pelo calendário litúrgico e de eventos definido pelos Houston, na Austrália, suas atividades assumiram regularidade à medida que o número de frequentadores e adeptos aumentou. Da mesma forma, passou a incluir programações especiais para homens e mulheres, dias comemorativos — como domingos das mães e dos pais —, campanhas de arrecadação de fundos e celebrações ligadas a feriados religiosos, como Páscoa e Natal. Igualmente importante para seu funcionamento, logo consolidou o *MyHillsong.com*, portal da rede destinado ao cadastro de voluntários dispostos a atuar em alguma das várias equipes da igreja e à inscrição de membros em algum dos grupos de conexão espalhados pela região metropolitana⁷⁸. Até março de 2021, eram onze as opções de equipes às quais se voluntariar: 1) administração; 2) cuidando e conectando pessoas; 3) comunicação e design; 4) ajuda à comunidade; 5) artes criativas; 6) eventos; 7) kids; 8) Sisterhood; 9) tecnologia e sistemas de informação; 10) local e instalações; 11) jovens e adolescentes. Os Grupos de Conexão, pequenos círculos reservados a reuniões mais intimistas entre adeptos da Hillsong, reunidos regularmente em torno de orações, conversas sobre as mensagens pregadas nos últimos domingos, sua aplicação à vida diária etc., somavam 72.

Sustentadas por dezenas de voluntários, responsáveis por toda a organização e a infraestrutura dos cultos e programações⁷⁹, as principais datas da Hillsong São Paulo, à parte

⁷⁷Atualização em 11/03/2022. Ver em: <<https://hillsong.com/brazil/saopaulo/leste/>>. Acesso em: 11/03/2022.

⁷⁸Hoje, a inscrição nessas atividades pode ser realizada diretamente no portal oficial da Hillsong São Paulo: <https://hillsong.com/brazil/pt/saopaulo/>. Acesso em: 04/05/2022.

⁷⁹Os voluntários são parte importante da lógica institucional da Hillsong. E isso a ponto de a igreja eleger “voluntário do mês”, ao longo de todo ano. Nas ocasiões em que recebem a honraria, os assistentes são chamados ao palco para ganhar troféus e aplausos. Nesse caso, como noutros, também se nota a lógica empresarial da igreja.

das ininterruptas reuniões dominicais — muitos das quais com convidados internacionais, oriundos de outras filiais espalhadas pelo mundo —, firmaram-se como segue:

Tabela 1 - Calendário anual de atividades regulares da Hillsong

Mês	Atividades internacionais Hillsong Global	Atividades locais Hillsong São Paulo
Janeiro	Devocional de Brian Houston para início de ano	Divulgação de devocional de Brian Houston Domingo de Bênção (Equipe pastoral ora e unge com óleo todos os presentes)
Fevereiro	Domingo de Visão (Apresentação da visão anual dos Houston para a igreja global)	Transmissão do Domingo de Visão Noite Coração e Alma (Apresentação da visão dos Mendez para igreja local) Casa Aberta (Evento pago de cursos e workshops destinados a líderes e igrejas interessadas na “experiência Hillsong”)
Março	Conferência <i>Colour</i> (Evento global para mulheres)	Noite DNA (Reunião em que são apresentados relatórios da igreja, novidades e mensagens sobre liderança) Domingo da Compaixão (Reservado para arrecadação de fundos destinados à ONG internacional <i>Compassion</i>) Abertura do período letivo do <i>Night School</i>
Abril	Mensagem especial de Páscoa, de Brian Houston	Noite DNA Campanha “Quilo de Amor” (Arrecadação de alimentos para trabalho de Páscoa do <i>CityCare</i>) Sexta-feira da Paixão (Transmissão da mensagem de Páscoa de Brian Houston) Domingo da Ressurreição Batismos
Maio	-	Noite DNA Domingo de Dia das Mães (Com serviços prestados por maquiadoras, cabelereiras e manicures antes dos cultos)
Junho	-	Noite DNA
Julho	<i>Hillsong Conference</i> (Evento global mais importante)	Noite DNA
Agosto	-	Noite DNA Domingo de Dia dos Pais (Com atividades lúdicas e serviços prestados por engraxates e cabelereiros antes dos cultos) Evento de Homens
Setembro	-	Noite DNA
Outubro	Conferência <i>Worship and Creative</i>	Noite DNA Domingo de aniversário

	(Para músicos, artistas e criadores de conteúdo)	Batismos
Novembro	-	Noite DNA Encerramento do ano letivo do <i>Night School</i> Domingo Coração Pela Casa (Arrecadação de ofertas para “o avanço do Reino de Deus na América Latina”)
Dezembro	Celebrações de Natal	Campanha “Quilo de Natal” (Arrecadação de alimentos para trabalho do <i>CityCare</i>) Espetáculo de Natal

Aliadas às noites *Sisterhood*, reservadas às mulheres, e a diversas outras ações assistenciais do *CityCare*⁸⁰ — ambas realizadas sem um padrão regular no calendário da igreja —, as programações sempre regradas por música e decoração temática se estenderam de 2017 a 2020, ano em que houve a paralisação das atividades presenciais em razão da pandemia de covid-19. De lá até agosto de 2021, os cultos passaram a ser transmitidos somente pelos canais da Hillsong São Paulo na internet, assim como algumas atividades especiais adaptadas, como noites *DNA*.

A despeito do relativo exagero dos números oficiais anunciados pela igreja, em quatro anos a Hillsong São Paulo contava com mais de 30.000 “decisões por Jesus” nas suas fileiras, cerca de 2.000 pessoas envolvidas em grupos de conexão e frequência semanal pré-pandemia de cerca de 2.500 congregantes⁸¹. Atribuído a uma série de reelaborações contínuas do pentecostalismo, o interesse pela “experiência religiosa” por ela oferecida, como vimos, passa por vários fatores. É com aqueles ainda pouco estudados que me ocupo a seguir.

⁸⁰Em São Paulo, as ações do *CityCare* acontecem geralmente aos sábados. Vão de doações de alimentos e roupas a trabalhos comunitários, como visitas a centros de idosos, aulas de informática e língua portuguesa a refugiados e imigrantes, tutoria a mulheres vítimas de violência e com baixa autoestima (programa *Shine*), entre outros. Em julho de 2020, uma dessas ações chegou a ser televisionada pela Rede Globo. Numa chamada ao vivo, o programa matinal *É de Casa* fez breve cobertura do trabalho da igreja num centro de acolhimento para idosos da zona norte paulistana. Entre outras coisas, a matéria destacava o fato de a igreja cantar músicas seculares aos internos, ao contrário dos esperados “louvores”. O que de fato se confirmou ao final da filmagem, quando voluntários da Hillsong conduziram, em coro, um trecho de *Trem das Onze*, popularizada pelo grupo *Demônios da Garoa*. Ver em: <<https://globoplay.globo.com/v/8726367/programa/>>. Acesso em: 01/03/2021. Com o início da pandemia de covid-19, as ações do *CityCare* se intensificaram. Além da arrecadação de produtos de higiene, voluntários se engajaram em trabalhos em hospitais, com profissionais de saúde, e assistência à população em situação de rua.

⁸¹Dados cruzados de relatórios apresentados em noites *DNA*.

2. “MUDANDO FORMAS DE PENSAR E EMPODERANDO PESSOAS”: HILLSONG E O EMPODERAMENTO

Lembre-se, você tem o poder fortalecedor do Espírito Santo residindo dentro de você. A Palavra de Deus, mais afiada do que uma espada de dois gumes, está disponível para você. Você vai pelo nome Dele, e a autoridade de que você precisa está no nome de Jesus — um nome que é maior do que todo poder concebível trabalhando contra você. Isso significa que você está perfeitamente preparado para se levantar, permanecer forte e viver como mais do que um conquistador e vencedor neste mundo decaído. O mesmo poder que ressuscitou Cristo dos mortos agora habita em você, e é o Seu poder que o liberta e o equipa para ser um vencedor (HOUSTON, 2018, n. p., tradução nossa).

É hora de irmos à Palavra de Deus, porque ela continua verdadeira e poderosa e tem toda a autoridade para nos empoderar diante de qualquer dificuldade e qualquer situação. Isso nos aproxima do Deus Todo-Poderoso, que nos cobre com Sua sombra⁸².

Poderoso esse nome é
 Poderoso esse nome é
 O nome de Jesus, meu Rei
 Poderoso esse nome é
 Mais forte que tudo é
 Poderoso esse nome é
 O nome de Jesus⁸³

Assim como o mago tem de provar seu carisma, o deus tem de provar seu poder (WEBER, 2000, p. 296).

Poder é uma das noções mais caras à fé pentecostal. Como escreveu Hollenweger, se há algo de fato comum “em todo movimento” dessa tradição religiosa específica, é a ênfase no batismo do Espírito Santo “como um ‘revestimento de poder’” (HOLLENWEGER, 1972, p. 114, tradução nossa). Historicamente, essa crença teológica se constrói na interpretação particular de textos bíblicos como o de *Atos dos Apóstolos* 1.8: “mas *recebereis poder*, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (BÍBLIA, 2008, p. 1426, grifo nosso). Como se crê, a promessa dada pelo próprio Cristo às vésperas de sua ascensão e cumprida numa festividade particular da cultura judaica — o Dia de Pentecostes —, “não apenas sinalizou o nascimento da igreja, mas descreveu uma experiência disponível aos crentes de todas as épocas” (MENZIES,

⁸²Trecho do terceiro dia do devocional *Sob a Sombra*, do pastor Chris Mendez. Disponível em: <<https://chop.bible.com/pt/reading-plans/20397-sob-a-sombra/day/3>>. Acesso em: 19/06/2021.

⁸³Trecho da música *Quão Lindo Esse Nome É*, versão em língua portuguesa da multipremiada *What A Beautiful Name*, da *Hillsong Worship*.

1971, p. 09, tradução nossa). Nesse caso, uma experiência fundamentada sobretudo no empoderamento dos fiéis: “todos ficaram *cheios do Espírito Santo* e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (BÍBLIA, 2008, p. 1427, grifo nosso).

De fato, a narrativa da “descida empoderadora do Espírito” é uma das mais definidoras da visão de mundo pentecostal. Somadas a outras referências bíblicas, os relatos relacionados ao evento dão corpo a um conjunto de proposições teológicas quase sempre evocadas a fim de corroborar as práticas carismáticas, em todos os lugares⁸⁴. Supostamente solapadas na história da igreja até o grande reavivamento no início do século XX, nos Estados Unidos⁸⁵, as experiências pentecostais encontram no *poder vindo do alto* sua origem e justificativa comum. “Se, então, o ‘revestimento de poder’ pentecostal está disponível para todas as gerações, então o poder do Espírito se manifestará em nossos próprios dias”, argumentavam seus representantes primevos (DAYTON, 1987, p. 25, tradução nossa). Sinais distintivos como a glossolalia⁸⁶, defende-se, nada mais são do que evidência da “experiência de uma *dotação de poder*, chamada de ‘batismo no Espírito Santo’” (MENZIES, 1971, p. 09, tradução e grifo nossos).

Não seria exagero dizer que a noção de *poder* é o mote que explica historicamente as próprias motivações fundantes do pentecostalismo. Como afirma Donald Dayton, a fé pentecostal, ancorada na tradição *holiness* do wesleyanismo, distinguiu-se de suas matrizes especialmente à medida que “os temas de ‘poder’ meramente sobrepujaram os temas de ‘santidade’” (DAYTON, 1987, p. 93-94, tradução nossa). Aos poucos, os herdeiros do metodismo assistiram à passagem “dos motivos de ‘perfeição’ e ‘limpeza’ trazidos da tradição Wesleyana” para “o tema do ‘poder’, dominante nos textos pentecostais que estavam recebendo mais atenção” na época de sua formação (DAYTON, 1987, p. 93, tradução nossa). Na análise de Michael Harper, com “a crescente volta à teologia do Espírito Santo” nas décadas finais do século XIX, “a palavra ‘poder’ tornou-se muito mais comumente usada” entre cristãos protestantes, pavimentando “a compreensão pentecostal do Espírito Santo” no século XX (HARPER, 2008, p. 106, tradução nossa). Nesse sentido, é como se o próprio pentecostalismo se fundasse na ressignificação da noção bíblica de *poder*. Assim, no plano fenomênico de suas

⁸⁴Falo de *carismas*, aqui, em seu sentido etimológico. Ou seja, faço referência aos *dons do Espírito*, buscados e exercitados entre os cristãos pentecostais. Não confundir com o movimento carismático católico-romano.

⁸⁵A despeito da alegação pentecostal de que práticas carismáticas sempre estiveram tacitamente presentes na história da fé cristã, a literatura acadêmica toma o início do século XX como marco de surgimento do pentecostalismo moderno. Como outros movimentos religiosos de origem protestante, isso se dá pelo caráter assumidamente *restauracionista* da fé pentecostal. Figuras de destaque, nesse sentido, foram os norte-americanos Charles Fox Parham (1873-1929) e William Joseph Seymour (1870-1922) — do Avivamento da Rua Azusa, de 1906. Para história do pentecostalismo, cf. HOLLENWEGER, 1997.

⁸⁶Chama-se *glossolalia*, do grego *glossa* (língua) + *lalo* (falar), a experiência pentecostal de falar em línguas estranhas.

representações, as palavras *pentecostalismo* e *poder* foram se estabelecendo como sinônimas no léxico religioso.

Não obstante, como no caso de outras caras noções de inspiração teológica, a concepção de *poder* foi e tem sido instrumentalizada pelos pentecostais de distintas maneiras. A fim de singularizar o que se tem entendido como uma nuance de ênfase importante efetuada pela Hillsong nessa matéria — como indicado pela literatura acadêmica que direcionou meu trabalho à análise mais aprofundada da questão (cf. MARTÍ, 2017; YIP; AINSWORTH, 2019) —, inicio este capítulo analisando diacronicamente os usos, sentidos e ressignificações da noção entre distintos matizes dessa tradição religiosa específica.

2.1. Usos, sentidos e ressignificações da noção de empoderamento entre pentecostais

O trabalho seminal de Dayton (1987) demonstra que, em seu nascedouro, nos Estados Unidos, o pentecostalismo denotou à noção de *poder* uma espécie de meio por excelência para a santificação pessoal e o serviço cristão. Como sintetizado nas palavras do patriarca pentecostal Charles Fox Parham:

Cristo não deixou seus filhos crentes sem sinais de distinção para segui-lo, para que o mundo pudesse saber quem eram cristãos e quem não eram. Nem ele enviou seus servos para pregar vagas teorias especulativas de um mundo por vir, mas com grande poder para o alívio da humanidade sofredora; alimentar os famintos, vestir os nus; curando os enfermos; expulsando demônios; falar em novas línguas; confirmando a palavra de benefício interno — operada em Jesus Cristo — por esses sinais visíveis externos (PARHAM, 1944, p. 44-45).

A busca obstinada pela santidade, por razões históricas, estava ligada às heranças do movimento *Holiness*. Propulsor da ênfase teológica na necessidade de uma vida pura e ascética — daí a principal razão de ser de seu nome —, esse movimento foi um dos principais responsáveis por dar ao incipiente movimento pentecostal sua feição contracultural. A “distinção entre cristãos e não cristãos”, mencionada por Parham, só poderia ser observada num rígido esforço de distinção dos crentes em relação aos valores do mundo. No entanto, em razão da alegada natureza humana pecaminosa, todo o esforço despendido para o alcance de tal finalidade seria vão não fosse a capacitação divina. Assim, a inteira santificação, exigida pelos padrões bíblicos, foi entendida como objetivo com o qual o próprio Deus contribui na jornada de fé. Na visão pentecostal clássica, todo o aporte de que necessita o crente para tal finalidade é concedido pelo *poder divino*, derramado sobre os cristãos na ocasião da “segunda bênção” — ou, batismo com o Espírito Santo. Nesse sentido, *poder* foi compreendido sobretudo como meio

pelo qual o crente é habilitado a ter uma vida santificada, separada do mundo. Isso se deu à medida que o enfoque deixou de repousar unicamente no tema da “santificação”, dos *holiness*, e passou para o tema do “poder”, predominante entre os protopentecostais. Aos poucos, as duas temáticas se imiscuíram. “Santidade é poder”, dizia a evangelista Phoebe Palmer, citada por Dayton (DAYTON, 1987, p. 94, tradução nossa). “O batismo com o Espírito Santo purifica os corações”, alegara o pregador Henry Clay Morrison (DAYTON, 1987, p. 94, tradução nossa).

Por outro lado, se o entendimento era o de que o crente é empoderado por Deus no plano individual para levar uma vida santificada, as boas obras eram o alvo final no plano coletivo. É nesse sentido que, nesse primeiro momento, o empoderamento divino também foi compreendido como uma capacitação especial para o serviço cristão. Nas palavras de Parham, citadas anteriormente, “o grande poder” conferido por Cristo também visava “o alívio da humanidade sofredora”. Dessa maneira, no entendimento do pentecostalismo primevo, o cristão batizado com o Espírito Santo é igualmente municiado com uma série de dons espirituais que o habilitam a servir os irmãos de fé e os carentes de fora. Nessa dimensão coletivista, a ênfase teológica recai na ideia de igreja como um corpo que faz a diferença numa sociedade corrompida, o “verdadeiro corpo de Cristo”. A fim de mantê-lo funcionando organicamente, Deus dá capacidades diferentes aos fiéis, empoderando-os⁸⁷. Tudo começa com o dom de línguas, sinal maior do recebimento do Espírito⁸⁸. A partir dele, outras qualificações espirituais são dadas de maneira desigual e diversificada aos crentes. Assim, aos irmãos de dentro importa servir. Aos perdidos de fora, testemunhar. Como defendera o pastor Reuben Torrey, “o Batismo com o Espírito Santo está sempre conectado com testemunho e serviço” (DAYTON, 1987, p. 103, tradução nossa). Isso porque, nas palavras de A. J. Gordon, “o dom do Espírito [...] visa nossa qualificação para o serviço mais elevado e eficaz na igreja de Cristo” (DAYTON, 1987, p. 107, tradução nossa).

O fato é que esse entendimento inicial do poder divino como qualificação à santidade e serviço cristão também se fez sentir nos primeiros passos do pentecostalismo no Brasil. Os casos das primeiras igrejas pentecostais no país ajudam a exemplificar a instrumentalização restrita que a fé pentecostal fazia da noção de *poder do Espírito* no seu nascedouro. Como

⁸⁷Não à toa Burgess e Van der Maas imputam a essa configuração inicial do pentecostalismo “uma redescoberta dos dons espirituais dos tempos do Novo Testamento e sua restauração à vida e ministério cristão ordinários” (BURGESS; VAN DER MAAS, 2010, p. 819, tradução nossa).

⁸⁸Não se pode perder de vista a importância capital conferida pelo pentecostalismo clássico à glossolalia. Como creem, “falar em línguas” é a grande evidência do batismo no Espírito Santo. Não obstante, cumpre frisar que, na incipiente teologia pentecostal, ela é apenas um dos dons sobrenaturais conferidos pelo empoderamento divino. A glossolalia é inicialmente entendida como exercício para a santificação pessoal. Torna-se dom de serviço comunitário se acompanhada de outra manifestação sobrenatural: o dom de interpretação de línguas.

observa Freston, isso é especialmente possível pelo fato do pentecostalismo estar “na sua infância quando chegou ao Brasil” (FRESTON, 1993, p. 68). Inicialmente, cumpre dizer que foi esse tipo específico de compreensão da ação poderosa do Espírito Santo, quanto à santificação e serviço, que motivou a vinda de missionários pentecostais para terras brasileiras. Como conta Gunnar Vingren, missionário sueco que junto de Daniel Berg foi o responsável pela abertura do que seria a primeira Assembleia de Deus no país,

O Espírito do Senhor operou profundamente nos nossos corações. Fala-se especialmente sobre não se viver uma vida egoísta, deixando que Cristo tome forma em nós [santidade]. O amor fraternal estava derramado no nosso meio, e o Espírito do Senhor caiu maravilhosamente sobre nós, especialmente quando falávamos do trabalho missionário [serviço]. Quando eu falei do Brasil, a irmã Maria Lindgren profetizou para mim, dizendo: “Eu estou contigo, meu servo. Não deves temer nada. Muitos perigos te esperam, mas Eu te guardarei sempre” (VINGREN, 2000, p. 125, acréscimos nossos).

Impulsionados pelo que acreditavam ser o revestimento do poder de Deus, os recém-chegados viram na disposição à santidade e assistência aos brasileiros uma evidência incontestada da segunda bênção divina. “O Espírito Santo fez, Ele mesmo, através de uma irmã, o convite para os pecadores se converterem. Uma grande multidão se reuniu para ver essa manifestação maravilhosa do *poder de Deus*”, escreve Vingren num outro momento (VINGREN, 2000, p. 63, grifo nosso). Da mesma sorte, a título de exemplo, a ênfase nos resultados contraculturais do empoderamento divino também pôde ser vista no sectarismo da Congregação Cristã no Brasil. Nada, a não ser a “poderosa iluminação do Espírito”, era dado como fundamento de “uma moral comumente elevada e um rigorismo de fato” (LÉONARD, 1963, p. 350). Em suma, isso tudo era explicado pelo fato de a noção de *poder espiritual* estar atrelada de maneira bem restrita aos significados específicos da pureza e boas obras.

Cabe frisar que foram sobretudo essas significações específicas atribuídas à noção de *poder divino* que marcaram igualmente as primeiras igrejas pentecostais australianas. Escrevendo sobre o periódico carismático *Good News*, ligado ao pioneiro movimento pentecostal do país oceânico — o *Good News Hall* —, Clifton pontua que “o foco [dos artigos] estava na vida cristã santa (oração, discipulado e santidade)” (CLIFTON, 2009, p. 55, tradução nossa). Mais do que isso até: o próprio batismo no Espírito Santo “era entendido como o *poder* para a vida cristã, evangelismo, oração, santidade transformadora e milagrosa, incluindo cura, profecia e outros dons do Espírito” (CLIFTON, 2009, p. 55, tradução e grifo nossos). Tal como nos casos norte-americano e brasileiro, o pentecostalismo clássico australiano entendera a

santificação e o serviço cristão como os principais alvos de sua religiosidade, levados a cabo mediante o empoderamento divino.

Com efeito, não demorou para que as transformações do pentecostalismo ensejassem ressignificações no entendimento e instrumentalização da noção de *poder divino*, ampliando seu escopo semântico na dinâmica das experiências religiosas vividas. Embora já estivesse presente no alvorecer do movimento, as práticas de cura divina foram ganhando terreno cada vez mais amplo entre as igrejas. Com o tempo, a ênfase do pentecostalismo clássico no dom de línguas foi dando lugar à predominância dos dons de cura, especialmente entre as denominações que iam nascendo. De certo modo, esse movimento foi captado nas análises acadêmicas mais amplas com a identificação do que seria o surgimento de uma nova configuração da fé pentecostal, classificada em tipologia distinta da do pentecostalismo clássico. Ao discorrerem sobre o que reputaram ser uma terceira onda pentecostal mundial⁸⁹, por exemplo, Burgess e Van der Maas escrevem: “eles [pentecostais da nova vertente] exercitam os dons do Espírito (com muito menos ênfase nas línguas, que são consideradas opcionais ou mesmo desnecessárias) e enfatizam sinais e maravilhas, milagres sobrenaturais e encontros de poder” (BURGESS; VAN DER MAAS, 2010, p. 821, tradução e acréscimo nossos). Chamando o movimento de “reavivamento de cura”, Robert M. Anderson pontua: um grupo de evangelistas “que curam pela fé surgiu para libertar os fiéis do formalismo, da doença e da possessão demoníaca. Os curadores reintroduziram reavivamentos em tendas e atraíram multidões de não pentecostais” (ANDERSON, 2005, p. 7030, tradução nossa).

Localizada historicamente, de modo geral, no início da segunda metade do século XX, essa mudança de ênfase percebida nas crenças e práticas em muitos sentidos contribuiu e ecoou uma reapropriação da ideia de *poder de Deus*. Antes majoritariamente relacionada à santificação e ao serviço cristão, a noção passou a ser instrumentalizada sobretudo como meio para o bem-estar físico dos fiéis, para a cura de doenças. Isso gerou críticas por parte de pentecostais apegados à compreensão inicial de empoderamento divino. “Nenhuma chamada real ao arrependimento poderia ser distinguida... os milagres convincentes de Deus, a verdadeira evidência de seu Espírito e *de poder*, estavam ausentes”, foi como classificou uma cruzada de

⁸⁹Como pontua Mariano, “o uso desta metáfora marinha para classificar distintos movimentos de renovação de linha pentecostal é comum nos EUA” (MARIANO, 1999, p. 28), tendo sido inspirado no trabalho do sociólogo britânico David Martin sobre a história mundial do protestantismo (MARTIN, 1990). Vale pontuar que, embora muito utilizada, a metáfora é aplicada de distintas maneiras pela literatura, por vezes gerando confusão.

cura o pastor pentecostal Leonhard Steiner, ligado à teologia da primeira geração (HOLLENWEGER, 1972, p. 355, tradução e grifo nossos)⁹⁰.

À guisa de ilustração, essa mudança de estatuto também pôde ser vista no Brasil. Especialmente ancorados no trabalho de Freston (1993), pesquisadores da religiosidade brasileira convencionaram chamar de segunda onda pentecostal o amplo movimento que, no início dos anos 1950, trouxe para o país “o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina” (MARIANO, 1999, p. 30). Tanto nas programações itinerantes em tendas e espaços públicos, quanto nas igrejas que vieram a se formar em seu rastro — Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, entre outras —, o que se viu foi a instrumentalização da noção de poder de Deus para fins distintos daqueles especialmente almejados pelos pentecostais clássicos. Para ser mais exato, uma mudança de ênfase nos efeitos do acreditado *poder divino*, visando sobretudo um alcance mais amplo da mensagem religiosa. Segundo Freston, discorrendo sobre o movimento no Brasil, “a cura divina em si não era novidade, mas a sua massificação e prática em locais públicos, sim” (FRESTON, 1993, p. 84). Dissertando sobre a chamada miraculosa do seu líder-fundador, David Miranda, um periódico da igreja Deus é Amor exemplifica bem: “pedi a Deus que, sobre o jovem consagrado, irmão David Martins Miranda, fosse derramado a mesma unção do Espírito Santo que foi derramada sobre os apóstolos [...] *poder* para operar curas, sinais e prodígios”⁹¹. A mudança de foco do poder que *santifica* e habilita para o *serviço* para o poder que *cura* foi tão marcante no Brasil que, a despeito da precisão conceitual, acadêmicos passaram a classificar as novas igrejas como verdadeiras “agências de cura divina” — caso dos trabalhos de Monteiro (1979) e Mendonça e Velasques Filho (1990), por exemplo⁹².

⁹⁰Cumprir dizer que críticas também foram observadas no sentido oposto. Muitos pentecostais clássicos foram criticados por crentes das novas vertentes por sua ênfase no dom de línguas como a mais importante evidência do batismo no Espírito Santo. De certo modo, à revelia da alegada indiferença entre os movimentos, a querela demonstra as distinções entre os grupos em termos teológicos, axiológicos e comportamentais.

⁹¹Artigo *Assim nasceu a Igreja Pentecostal Deus é Amor*, do pastor Roberto Anézio para o jornal *O Testemunho*, informativo oficial da Deus é Amor. Disponível em: <<https://livrozilla.com/doc/356657/jornal-o-testemunho---igreja-pentecostal-deus-%C3%A9-amor>>. Acesso em: 20/07/2021. Acréscimo e grifo nossos.

⁹²A categorização “agência de cura divina” foi tida como problemática pela literatura sociológica posterior (FRESTON, 1993; MARIANO, 1999) por defender que igrejas como a Deus é Amor, por exemplo, oferecem bens de religião “a uma clientela flutuante e descompromissada” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 54). Como escreveu Mariano, “a razão deste equívoco, em parte, reside em falho conhecimento empírico” das igrejas da segunda onda pentecostal no Brasil (MARIANO, 1999, p. 27). Não obstante, a classificação é útil ao captar a mudança no modo como o *poder de Deus* foi entendido e instrumentalizado por esses religiosos. Mendonça, nesse sentido, ajuda-nos a entender a diferença entre pentecostais clássicos e deuteropentecostais ao escrever que, para estes, “o milagre é o fim, e não o percurso”, como o é para aqueles (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 54). As diferenças entre pentecostalismo clássico e deuteropentecostalismo vão além do principal distintivo “corte histórico-institucional, os quarenta anos que os separam”, como defende Mariano (1999, p. 37). A ampliação semântica e instrumentalização massiva da noção de *poder divino* como meio de cura são idiosincrasias que não podem ser ignoradas.

“A ênfase dada à cura divina não ocorreu apenas no Brasil” (MARIANO, 1999, p. 31). O pentecostalismo australiano também foi palco de mudanças semelhantes. Entre os movimentos avivalistas responsáveis pela reapropriação da noção de poder de Deus estava o *Latter Rain* — influência direta naquilo que viria a se tornar a Hillsong, como vimos. Como afirma Anderson, o movimento também “colocou uma nova ênfase na ‘imposição de mãos’ para a recepção do batismo do Espírito Santo, cura e outros *charismata*” (ANDERSON, 2005, p. 7030). Na Austrália pelo menos desde 1952, o *Latter Rain* e seu foco nas curas divinas tiveram grande influência sobre os pentecostais. A predileção pelo dom de cura em detrimento dos demais, inclusive, foi parte importante do que conferiu ao pai de Brian, Frank Houston, popularidade e prestígio como presidente das Assembleias de Deus australianas. Como ressaltam Burgess e Van der Maas: “outras igrejas pentecostais também começaram a se expandir na década de 1960, em particular a AG [*Assemblies of God*] sob a superintendência de Frank Houston”. E isso especialmente em razão da “ênfase na cura, que se aproveitou do interesse generalizado por formas não tradicionais de cura no país” (BURGESS; VAN DER MAAS, 2010, p. 549, tradução e acréscimo nossos). De certo modo, pode-se dizer que já aqui se encontrava o germe do enfoque teológico que seria dado no futuro pela Hillsong: o bem-estar individual como resultado da instrumentalização do *poder de Deus*. Mas, não sem ter sido influenciada, antes, pelos ditames da teologia da prosperidade.

Das reconfigurações pentecostais e consequentes reapropriações da noção de empoderamento divino, aquela relacionada à busca por prosperidade material também teve o seu lugar. Isso porque, como escreve Anderson, “à medida que o reavivamento de cura começou a diminuir [...], um novo movimento começou na década de 1970⁹³ sob a liderança de Kenneth Hagin e Kenneth Copeland”; um movimento cujo cerne da mensagem poderia ser resumido na afirmação de “que todo verdadeiro crente poderia ter saúde, felicidade e prosperidade simplesmente reivindicando isso” (ANDERSON, 2005, p. 7031, tradução nossa). Não cabe discorrer pormenorizadamente sobre as origens e axiomas do que se convencionou chamar de “teologia da prosperidade”. Desde sua irrupção histórica, muitos trabalhos já o fizeram com competência (BARRON, 1987; HOLLINGER, 1988; MCCONNELL, 1988), inclusive no Brasil (ROMEIRO, 1993; CAMPOS, 1997; MARIANO, 1999; entre outros). Não obstante, cumpre frisar que a virada teológica por ela representada também expressou uma

⁹³Na verdade, como observa Mariano, “reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina [a da prosperidade] surgiu na década de [19]40”. Mas a asseveração de Anderson não é sem fundamento, uma vez que “só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos [19]70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs” (MARIANO, 1999, p. 151).

ressignificação da noção de *poder divino*, que ganhou novos contornos na gama de conceitos mobilizados pelos crentes pentecostais a fim de orientar sua conduta no mundo. É o que citações de seus principais representantes deixam claro:

Existem outras indicações bíblicas de que Jesus não viveu uma vida pobre. Por exemplo, quando necessário, o *poder milagroso de Deus* operou por meio de Jesus para atender às suas necessidades e às necessidades materiais de outros. [...] Duas outras passagens em Mateus também ilustram o *poder milagroso de Deus para prover as necessidades materiais das pessoas* (HAGIN, 1999, p. 51, tradução e grifos nossos).

O plano de Deus para Seu povo inclui maneiras de *empoderá-los* e equipá-los para fazer Sua obra e viver em vitória. Vimos a lei da sementeira e da colheita, as verdades eternas sobre o dízimo e várias razões boas e válidas para dar. Estes são princípios que mudam, transformadores para o sucesso e a vitória na vida (HAGIN, 1999, p. 194, tradução e grifo nossos).

[...] mas há outro significado para a palavra bênção que é ainda mais empolgante. É uma definição que entra em jogo quando Deus se envolve. Quando é Ele quem fala, uma BÊNÇÃO [sic] é definida não apenas como dizer algo bom sobre alguém, mas como uma *declaração que o empodera a prosperar*. Porque as palavras de Deus carregam poder criativo (como visto em Gênesis 1), sua BÊNÇÃO faz mais do que expressar um sentimento positivo. Ele libera o *poder* de realizar essa BÊNÇÃO. Essa é a razão pela qual A BÊNÇÃO que Deus falou sobre a humanidade em Gênesis 1:28 é tão significativa. A declaração de Deus realmente *empoderou* o homem a *prosperar* (COPELAND, 2011, p. 51, tradução, grifo e acréscimo nossos).

Eu não vou precisar de dinheiro quando chegar ao céu. Paulo disse: não trouxemos nada a este mundo, e é certo que nada podemos levar dele (1Tm 6.7). É na terra, hoje, que precisamos do *poder de Deus* e de sua unção *para ganhar riquezas*. Precisamos deles agora para pregar o evangelho — não quando chegarmos ao céu! Se você busca a Fonte, todas essas coisas serão acrescentadas a você (CAPPS, 1982, p. 66, tradução e grifo nossos).

Os trechos de Hagin, Copeland e Capps são apenas um pequeno exemplo de centenas de outros excertos que poderiam ser evocados como demonstração da distinta instrumentalização que o evangelho da prosperidade fez da noção de *poder de Deus*. Mobilizada por outras correntes sobretudo como meio para a *santificação* e *serviço cristão* (pentecostalismo clássico), ou para a *cura* de toda sorte de enfermidades (deuteropentecostalismo), essa feição específica da fé pentecostal entendeu e operacionalizou o *poder divino* como via para a felicidade, riqueza e abundância de vida dos crentes. Não apenas ampliou a gama de significados práticos atribuídos à ideia como inovou em relação a suas finalidades últimas. Enquanto o dom de curas evidenciado pelo deuteropentecostalismo até já estava presente no

pentecostalismo de primeira geração, até o advento da teologia da prosperidade, nenhuma configuração pentecostal fizera do *poder vindo do alto* um dispositivo para o enriquecimento material dos fiéis, acomodando-os ao mundo e à cultura de consumo. Dito de outro modo, nas palavras do pregador da prosperidade Jerry Savelle, “o grande poder de Deus” foi enfim relacionado à passagem de “situações de crise para triunfo terreno glorioso” (SAVELLE, 1994, n. p., tradução nossa). Como resumiu o sociólogo britânico David Martin, pentecostais de “todo o mundo” passaram a acreditar que “são *empoderados* pelo Espírito Santo para superar o espírito da pobreza” (MARTIN, 2008, p. 12, tradução e grifo nossos).

No Brasil, todo esse rearranjo das concepções bíblicas deu fundamentação teológica ao que os pesquisadores convencionaram chamar de neopentecostalismo, a terceira onda histórico-institucional da fé pentecostal no país (ORO, 1992; FRESTON, 1993; CAMPOS, 1997; MARIANO, 1999; entre outros). Importada nos anos 1970, a teologia da prosperidade “penetrou em muitas igrejas e ministérios paraeclesiásticos” brasileiros, entre os quais se destacaram “Internacional da Graça, Universal, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Verbo da Vida, Nacional do Senhor Jesus Cristo, Adhonet, CCNH, Missão Shekinah” (MARIANO, 1999, p. 156-157)⁹⁴. Mais recentemente, infiltrou-se por igrejas descendentes de outras ondas pentecostais verde-amarelas, impossibilitando qualquer tentativa de diferenciação rígida das tipologias antes adotadas⁹⁵. Em comum, a mesma instrumentalização da noção de *poder divino* como meio pelo qual o crente pode desfrutar de uma boa e confortável vida material, além de se ver livre das ciladas espirituais malignas⁹⁶. “Se você tem a palavra de Deus, você é poderoso”, diz um trecho de sermão de R. R. Soares relatado por Mariano (1999, p. 155). E poderoso sobretudo para tomar posse das bênçãos que Deus tem reservadas para cada um de seus fiéis. Como sintetizam as palavras de Edir Macedo: “quando uma pessoa vai à igreja, vai em busca de solução [...] e a solução definitiva vem somente pela ministração do *poder de Deus*” (MACEDO, 2004, n. p.).

Na Austrália, esse tipo de aparelhamento da concepção de *poder divino* também se fez presente. Isso porque, como observa o antropólogo Simon Coleman, a teologia da prosperidade

⁹⁴Acrescente-se, ainda, outras igrejas conhecidas e de mesma confissão, surgidas depois da publicação de Mariano (1999), como Mundial do Poder de Deus, Bola de Neve e Apostólica Plenitude do Trono de Deus.

⁹⁵É o caso do discurso de prosperidade observado em Assembleias de Deus, Igreja Quadrangular, Deus é Amor, entre outras dantes categorizadas à parte do neopentecostalismo. Para trabalho sobre o discurso da teologia da prosperidade em igrejas outras que as do neopentecostalismo, cf. SILVEIRA, 2007.

⁹⁶Cumprir pontuar o destaque ocupado pela batalha espiritual nas crenças neopentecostais. Sua ênfase na guerra contra o diabo também é pauta que se serve demasiadamente da noção de *poder divino*. A frase de Edir Macedo resume bem a ideia: “acreditamos de todo o coração que as doenças e os demônios não podem resistir ao *poder* do nome do Senhor” (MACEDO, 2003, n. p.).

é um dos muitos exemplos de doutrinas religiosas que experimentaram um amplo e bem-sucedido processo de globalização e glocalização⁹⁷ (COLEMAN, 2004). É bom frisar, inclusive, que a Hillsong estivera entre as igrejas que por lá propagaram o discurso do “novo evangelho” — presente no país pelo menos desde 1977 (CLIFTON, 2009, p. 201). Em outras palavras, foi uma das muitas congregações pentecostais australianas que instrumentalizaram a ideia de *poder de Deus* sobretudo como ferramenta de enriquecimento e bem-estar neste mundo. O livro *You Need More Money* (1999), de Brian Houston, é emblemático nesse sentido. A teologia da prosperidade está presente nele de capa a capa. É o que constatam excertos como “temos que ficar confortáveis com a riqueza e romper a servidão, a culpa e a condenação do pensamento empobrecido” (HOUSTON, 1999, p. 08, tradução nossa). Ou ainda, “pobreza definitivamente não é a vontade de Deus para Seu povo. Na verdade, todas as Suas promessas falam de bênção e prosperidade” (HOUSTON, 1999, p. 08, tradução nossa). Como sintetiza o autor, comentando uma das canções de seu *staff* musical, o crente deve se apegar às bênçãos divinas por meio de uma “confissão *poderosa* da promessa de Deus” (HOUSTON, 1999, p. 133, tradução e grifo nossos). Em suma, deve fazer do *poder* divino um meio para prosperar. Com o enfraquecimento da ênfase na cura divina, o panorama pentecostal australiano assistiu ao *boom* de igrejas ditadas pela busca da prosperidade material dos crentes, das quais a Hillsong foi uma das principais.

Com efeito, esse breve exercício de análise diacrônica dos usos e sentidos da noção de *poder de Deus* entre pentecostais de distintos matizes e localidades geográficas evidencia um percurso que não pode ser ignorado. Mais adiante, veremos que esse tipo de ordenamento ajuda a situar as ênfases de ordem teológica adotadas pela Hillsong. Como se pretendeu demonstrar, a forma como o conceito foi instrumentalizado pelos fiéis dessa tradição religiosa revela um processo paulatino de maximização dos benefícios individuais almejados. Nas configurações pentecostais primevas, em que o *poder divino* fora entendido e operacionalizado sobretudo como meio para a *santificação* e *serviço cristão*, o alvo final é, acima de tudo, além-mundo.

⁹⁷Formulado a partir do termo japonês *dochakuka* (originalmente entendido como adaptação de novas técnicas agrícolas globais às condições locais de produção), o conceito de *glocalização* foi inicialmente trabalhado nas ciências sociais pelo sociólogo britânico Roland Robertson (1992). E isso depois de ser amplamente utilizado e vulgarizado por profissionais ligados ao marketing e às estratégias de mercado. Tomando-o como uma ideia, Robertson se propõe a utilizá-lo “para formular uma série de pontos sobre a problemática global-local” (ROBERTSON, 1995, p. 29, tradução nossa). Contrariando a tendência generalizada em considerar tal relação em uma chave polarizada, em que o local busca se afirmar contra as tendências globais, o autor defende que a globalização envolveu a reconstrução e a própria produção da noção de localidade. Ou, em suas palavras, “envolveu a simultaneidade e a interpenetração do que é convencionalmente chamado de global e local, ou — em um sentido mais abstrato — o universal e o particular” (ROBERTSON, 1995, p. 31). Nesse sentido, o conceito de glocalização faz referência “aos processos empíricos de ajuste e adaptação do global ao local e de amplificação do local na direção do global” (BURITY, 2015, p. 25).

Em outras palavras, as ações decorrentes do empoderamento espiritual — santidade pessoal e serviço cristão — preparam o crente para um benefício que não se realiza primária e completamente nesta existência terrena. Quer-se, em última análise, cumprir as exigências divinas quanto ao padrão de vida revelado numa lei exterior, registrada na Bíblia e crida como manifestação perfeita do caráter da divindade, para um ganho futuro. Nessa perspectiva, tanto o agrado do *outro* transcendental (santidade) como o do *outro* imanente (serviço), possibilitados pelo empoderamento do alto, objetivam um resultado que, embora excelente do ponto de vista da fé, ainda está distante da atual existência. E é claro que a referência é à salvação de cada crente, na eternidade aguardada e preparada pela santificação.

A mudança de ênfase para os dons de cura simboliza uma passagem importante dessa busca pela maximização dos benefícios individuais. O destaque conferido a esse *charisma* específico, em determinado momento histórico, revela como a noção de poder passou a ser mobilizada com mais empenho visando resultados mais imediatos do que aquele reservado para o além. O alvo de seu exercício passa a ser, sobretudo, o bem-estar individual dos crentes neste mundo — neste caso, diretamente relacionado a sua boa condição física e mental. Como escreve Mendonça, o milagre passa a ser “o fim, e não o percurso” para uma vida inteiramente dedicada à santificação e serviço aos irmãos — como entendiam os pentecostais chamados clássicos, com vistas à salvação (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 54). Isso não quer dizer, evidentemente, que pentecostais clássicos não estivessem interessados nas promessas de bênçãos terrenas. Cumpre pontuar que o pentecostalismo sempre atraiu os estratos mais pobres com promessas dessa ordem. Pastores e fiéis, desde sempre, contaram com o poder divino para resolver ou ajudá-los a sanar problemas de todos os tipos. Em termos weberianos, o pentecostalismo sempre foi uma religião “mágica e taumatúrgica”. Não obstante, a novidade reside na ênfase conferida a tais benefícios pessoais mais imediatos, bem como na ressignificação da noção de *poder* como meio de alcançá-los. Menos relacionado ao tema da salvação, no *deuteropentecostalismo* o conceito passou a estar mais intimamente associado à realização de milagres.

É com a teologia da prosperidade que essa busca pela maximização dos benefícios individuais — e sua conseqüente ressignificação dos usos e sentidos atribuídos à noção de *poder divino* — alcança níveis até então desconhecidos. A adoção de concepções teológicas explicitamente acomodadas à cultura do consumo visa a satisfação das demandas mais “mundanas” dos indivíduos. Pelo empoderamento do alto, os crentes são conclamados a crer e decretar sua vitória terrena abrangente — equivalente não só à boa saúde, mas à abundância financeira, felicidade e sucesso materiais. Os temas salvíficos da *santificação* e *serviço cristão*

abnegado dão lugar a interesses eminentemente terrenos, no aqui e agora. *O bem-estar físico*, propalado pelas igrejas de ênfase no dom de curas, é definido apenas como uma de muitas outras necessidades latentes da existência humana. Nessa leitura de mundo, o crente não “procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incrédulos, ele quer enriquecer para consumir e usufruir de suas posses nesse mundo” (MARIANO, 1999, p. 185). O *poder*, nesse sentido, é a capacitação divina conferida sobretudo para a satisfação dos desejos e sonhos privados, temporais e terrenos. O processo é bem descrito na análise de Mariano:

Diferente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reuniam condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer. Para isso, entretanto, primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, senão materialmente pobres, ao menos desinteressados de coisas e valores terrenos. Com sua diversidade interna, o pentecostalismo poderia dar conta dessa nova demanda e de outras. E deu, entre outras formas, com o surgimento da Teologia da Prosperidade (MARIANO, 1999, p. 149).

Como conclui Martí, “em termos religiosos, os indivíduos buscam empoderamento para seus egos idealizados numa comunidade moral que alimenta sua ambição de forma cooperativa e construtiva” (MARTÍ, 2012, p. 138, tradução nossa). Se como escreve o sociólogo Ulrich Beck, parte da adesão à fé religiosa “é proporcional à insegurança que os processos radicalizados de modernização deflagram em todos os setores sociais” (BECK, 2016, p. 91), a teologia da prosperidade foi a forma como muitos pentecostais responderam às transformações do mundo e suas consequências mais imediatas à dimensão existencial⁹⁸. Neste caso, a doutrina não só acomodou os crentes a tais processos como lhes garantiu a possibilidade de ser um ator vitorioso dentro das próprias regras vigentes. Num referencial êmico, apregoou a esperança do fiel ser “cabeça, não cauda”⁹⁹.

É necessário frisar, não obstante, que essa busca paulatina pela maximização de benefícios pessoais encontra estreita identificação com processos sociais mais amplos, que incidem sobre a esfera religiosa. Dito de outro modo, a religiosidade pentecostal é apenas um

⁹⁸Hervieu-Léger, em concordância com Ulrich Beck sobre a relação religião/segurança ontológica, escreve: “O ‘desencantamento racional’ característico das sociedades modernas não marca o fim da religião [...] Abriu caminho para uma grande reavaliação do processo de secularização, tarefa ainda longe de ser concluída. No entanto, um ponto agora está estabelecido: tornou-se claro que a crença prolifera em proporção à incerteza causada pelo ritmo de mudança em todas as áreas da vida social” (HERVIEU-LÉGER, 2006, p. 59, tradução nossa).

⁹⁹Por isso, escreve o antropólogo Ronaldo Almeida, “teologia da libertação e teologia da prosperidade [...] são duas orientações religiosas intramundanas: uma rejeitando as regras deste mundo, a outra provocando aderência a ele” (ALMEIDA, 2019, p. 40). No fundo, argumento que são duas formas distintas de responder aos problemas colocados pela forma de vida na contemporaneidade.

único exemplo do quanto “correntes particulares de ideias, sentimentos e práticas [...] atravessam as confissões” religiosas (BECKFORD, 2019, p. 326-327). Como escreve Beckford, “as religiões estão sempre em movimento”. Ou seja, a importância que grande número delas atribui “à tradição e à continuidade de seus valores, crenças e mitos fundamentais não exclui reinterpretações e elaborações internas ou adaptações às condições externas em mudança” (BECKFORD, 2019, p. 326). Nesse caso, importa considerar todas essas diferentes instrumentalizações da noção de *poder divino* também como mutações da fé pentecostal sob o processo externo de individualização radicalizada que, na modernidade tardia, afetou todas as esferas de valor (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002; BECK, 2016)¹⁰⁰. Da mobilização da noção no pentecostalismo clássico à articulação na teologia da prosperidade, o que se vê são efeitos da passagem histórica ao *hiperindividualismo* de nosso tempo: “a maximização dos interesses próprios na maioria das esferas da vida (escola, sexualidade, procriação, religião, política, sindicalismo)” (LIPOVETSKY, 2014, p. 58). Esse tipo de leitura vai ao encontro da recente produção teórica de sociólogos da religião. Como pontua Hervieu-Léger, em sociedades “que adotaram a autonomia dos indivíduos como princípio, os indivíduos criam, de maneira cada vez mais independente, os pequenos sistemas de crença que se ajustam às suas próprias aspirações e experiências” (HERVIEU-LÉGER, 2006, p. 59). A fé pentecostal, ajustando-se às aspirações individualistas da sociedade de consumo, individualizou paulatinamente os usos e sentidos conferidos à noção de *poder de Deus*, tendo a procura ampliada por benefícios individuais como corolário.

Não se trata de dicotomizar, frise-se, *comunidade* e *indivíduo*. Os interesses individuais (por salvação, cura etc.) sempre tiveram destaque no pentecostalismo, de ontem e hoje. E o caráter comunitário — e sectário — dessa religião não deixou de existir. Trata-se, contudo, de considerar as mutações hodiernas do individualismo moderno e suas reverberações na esfera religiosa. Nos termos de Hervieu-Léger, considerar a “absorção” do individualismo religioso “no individualismo moderno” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 143). A individualização radicalizada da segunda modernidade¹⁰¹ (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002; BECK, 2016)

¹⁰⁰Como escreve o sociólogo alemão Ulrich Beck, “uma história da sociologia poderia ser escrita em termos de como seus principais teóricos — de Marx, Weber, Durkheim e Simmel a Parsons, Foucault, Elias, Luhmann, Habermas e Giddens — variaram a ideia básica de que a individualização é um produto da complexa, contingente e, portanto de alto nível, socialização” moderna (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. xxi, tradução nossa).

¹⁰¹Tenho ciência da crítica recorrente a esse tipo de macroanálise da realidade social a partir das noções de *modernidade* e *modernidade tardia* — ou *primeira* e *segunda* modernidades. “O principal problema com o conceito de modernidade é a supergeneralização”, diz um de seus principais articuladores teóricos, Anthony Giddens (GIDDENS; SUTTON, 2016, p. 24). Ancoro-me, contudo, em trabalhos mais recentes que mobilizam o conceito de modo analítico, como os de Shmuel Eisenstadt (2001) e Peter Wagner (2012). Ou seja, grosso modo, entendo a modernidade “como uma história contínua de constituição e reconstituição de uma multiplicidade de programas culturais” (EISENSTADT, 2001, p. 139), descontínuos e desiguais em relação a sua observância no

acarretou transformações às variadas esferas de valor, incluindo a religiosa. A transformação mais ampla do indivíduo-cidadão em “empreendedor de si” (EHRENBERG, 2010) gerou o esvaziamento do senso da vida em comum, dos valores universais e dos padrões de normatização da vida social — da família ao Estado-nação. “Uma consequência importante para todos esses espaços sociais (classe, família, religião) está na desagregação dos modelos institucionalizados e na desintegração das realidades sociais” (BECK, 2016, p. 93). Ganha espaço certa “compulsão para a autorrealização” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 26). Nesse processo contínuo de “mutação moderna do individualismo”, o que se vê é a constituição de “uma religiosidade inteiramente centrada no indivíduo e sua realização pessoal” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 143). Em suas últimas consequências, como defende a socióloga francesa, essa tendência é facilmente percebida num “conjunto de grupos e redes espirituais constituídos em torno das editoras, livrarias ou centros de estágio de formam aquilo que F. Champion chama de ‘nebulosa místico-esotérica’” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 143), nos quais a ênfase repousa sobre um “trabalho de autoaperfeiçoamento [que] diz respeito exclusivamente à vida aqui de baixo” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 144). Não obstante, também se acha presente “igualmente nos movimentos de renovação postos em marcha pelas religiões históricas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 145). Ao evidenciar a ampliação do escopo de usos e significados da noção de *poder e empoderamento* espirituais, atrelados cada vez mais à realização pessoal do indivíduo no presente, o percurso histórico do pentecostalismo corrobora a análise. “Na melhor das hipóteses”, resume Mariano, a teologia da prosperidade proporciona respostas “ao indivíduo, não ao coletivo” (MARIANO, 1999, p. 185)¹⁰².

Cumprir dizer que essas considerações diacrônicas acerca dos usos e sentidos atribuídos à noção de poder divino entre pentecostais, relacionadas à maximização dos benefícios individuais almejados, são fundamentais se quisermos entender a ênfase teológica no tema do empoderamento que é empreendida pela Hillsong. Nas palavras das pesquisadoras Jeaney Yip e Susan Ainsworth, que num pequeno parágrafo direcionaram meu trabalho para a importância que a noção tem no discurso da igreja:

O empoderamento individual, não sobrenatural, está no centro da mensagem da Hillsong: os indivíduos têm o poder de mudar sua própria vida e, portanto,

— mundo. O processo de *individualização*, sobre o qual trato aqui, é apenas uma das características dos programas culturais ensejados nesse tempo histórico específico. De todo modo, meu esforço teórico-metodológico busca a integração dos níveis micro e macro de análise do mundo social.

¹⁰²Esse tipo específico de privatização dos interesses religiosos foi muito bem captado nas análises da *teoria da escolha racional da religião* (FINKE; 1997; IANNACCONE, 1997; FINKE; STARK, 2000). Em sua leitura, como resume Frigerio, a configuração religiosa contemporânea em muitos sentidos se caracteriza pelo “indivíduo que escolhe seu grupo visando, de acordo com suas ‘boas razões’, maximizar seus benefícios” (FRIGERIO, 2008, p. 21).

mudar o mundo, e eles são “ungidos” para isso [...] esta promessa de empoderamento não requer sacrifício ou sofrimento por parte do indivíduo: a “boa vida” já foi paga pelo sacrifício original de Jesus e está disponível para todos os que creem (YIP; AINSWORTH, 2019, p. 112).

Como pretendo demonstrar daqui em diante, a partir dos dados de minha pesquisa, a igreja captou bem as necessidades dos sujeitos na condição de vida hodierna, ditada sob “o regime do individualismo religioso” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 139). Compreendeu de maneira ímpar, como afirma Hervieu-Léger, que “segregando sua própria utopia motriz, a modernidade produziu também um universo de incertezas”, um “efeito de vazio social e cultural produzido pela mudança”, “sentido como uma ameaça pelos indivíduos e pelos grupos” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 40). Efeito que, como processo, incidiu sobre a mensagem teológica empoderadora do pentecostalismo, ajustando-a às demandas dos indivíduos por ação e controle sobre o que lhes afeta em diversas esferas da vida, direta ou indiretamente, no presente. Assim, no que segue procuro responder: o que a Hillsong sugere como caminhos e práticas de *empoderamento*, notadamente presente em seu discurso? O que está promovendo com isso? Quais projetos de vida e autorrealização são apresentados e estimulados em suas fileiras? Quais os esquemas de ação propostos? E como são concebidos teologicamente, à luz do texto bíblico norteador da fé cristã? Começando pela última questão, defendo que a igreja está ancorada no discurso teológico da prosperidade, embora a ênfase no empoderamento a diferencie sobretudo semanticamente de outras igrejas integrantes da mesma tradição. Além disso, destaco o quanto a articulação dessa noção encontra identificação com demandas de grupos socioeconomicamente classificados como de classe média.

2.2. A ênfase no empoderamento na teologia da Hillsong

Presente nas Assembleias de Deus australianas pelo menos desde 1977, como escreve Clifton (CLIFTON, 2009, p. 201), a teologia da prosperidade em muitos sentidos ditou o ritmo organizacional da Hillsong. Até o início do século XX, discursos e práticas da igreja exemplificaram aquilo que o autor chamou de “uma das transições culturais mais óbvias dentro da AGA [*Assemblies of God in Australia*]”, a saber, “a apropriação generalizada da mensagem de prosperidade” (CLIFTON, 2009, p. 197, tradução e acréscimo nossos). Como escrito anteriormente, *You Need More Money* (1999), do pastor Brian Houston, foi o símbolo maior da aderência da instituição ao “novo evangelho”. Somado a uma série de artigos, devocionais, pregações e outros materiais discursivos¹⁰³, o livro coroou um período marcado pela ênfase na

¹⁰³Um exemplo de peça publicitária nitidamente propagadora da teologia da prosperidade da Hillsong pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=KM8MgyYOAZy&ab_channel=DoctrinalWatchdog>. Acesso em

possibilidade de abundância material dos fiéis — desde que crédulos e comprometidos financeiramente com sua igreja local. Não obstante, não demorou para que o ensino começasse a encontrar resistência dentro e fora dos ambientes pentecostais.

Entre veteranos da AGA, escreve Clifton, a doutrina “foi rotulada [...] como a religião do consumo desta era materialista e criticada por perder de vista a cruz e a prioridade de Jesus para os pobres” (CLIFTON, 2009, p. 198, tradução nossa). Suas igrejas representantes, por consequência, passaram a ser criticadas “por manipular doadores e utilizar as finanças não para o bem dos pobres ou oprimidos, mas por causa da imagem próspera das próprias igrejas” (CLIFTON, 2009, p. 198, tradução nossa). Esse movimento de resistência interna, no entanto, não surtiu muitos efeitos. Segundo o autor, logo os dissidentes “foram totalmente ignorados pela executiva e amplamente expulsos do movimento” (CLIFTON, 2009, p. 198, tradução nossa). Isso não impediu, contudo, que a imagem das igrejas confessantes da prosperidade material se fragilizasse frente à sociedade mais ampla. Exemplo maior da difusão de tais crenças, a denominação liderada pelos Houston sentiu fortemente o peso das críticas, especialmente após entrar no radar da imprensa australiana. Alvo de censuras constantes, a Hillsong foi tema de uma série de reportagens depreciativas. “Louve ao Senhor e passe o talão de cheques”, intitulara Greg Bearup uma matéria para o *The Sydney Morning Herald*, em 2003¹⁰⁴. No ano seguinte, num artigo sobre o que chamou de “união entre Deus e mamom”, Julia Baird incluíra a igreja entre aquelas que “há muito promovem a teologia da prosperidade e a ideia de que Deus deseja que sejamos ricos”¹⁰⁵. Enfim, somados a tantos outros exemplos, esse tipo específico de pressão externa fez com que os Houston repensassem as estratégias da denominação. E isso a ponto de Brian declarar publicamente estar arrependido pela publicação de *You Need More Money* (HUTCHINSON, 2017, p. 49)¹⁰⁶. Foi assim que, na igreja, a teologia da prosperidade começou a mudar a roupagem com que era propalada, cedendo lugar cada vez mais amplo à noção de empoderamento divino¹⁰⁷.

06/09/2021. No vídeo promocional, o DVD de um sermão de Houston, intitulado *Money*, é anunciado. “Não há uma pessoa neste prédio que não precisa de mais dinheiro. E se alguém dissesse ‘bem, eu não preciso de mais dinheiro’, então eu diria ‘você tem uma visão muito pobre de vida’”, diz o pastor-líder em trecho destacado.

¹⁰⁴Ver em: <<https://www.smh.com.au/national/praise-the-lord-and-pass-the-chequebook-20050218-gdkrdq.html>>. Acesso em: 06/09/2021.

¹⁰⁵Ver em: <<https://www.smh.com.au/opinion/right-trumpets-god-and-mammon-20041016-gdjaxi4.html>>. Acesso em: 06/09/2021.

¹⁰⁶Houston diria, em 2009, que “das três coisas mais idiotas que já fez”, a publicação de *You Need More Money* “provavelmente seria a número 1”. Disponível em: <<https://www.smh.com.au/national/next-stop-secular-europe-says-hillsong-founder-20090524-bjj1.html>>. Tradução nossa. Acesso em: 19/04/2020.

¹⁰⁷A igreja, no entanto, jamais deixaria de ter o nome envolto em escândalos de ordem financeira. Um dos mais recentes, envolvendo a vida luxuosa de ex-pastores da filial nova-iorquina, recebeu cobertura ampla dos meios de comunicação norte-americanos. Ver, por exemplo: <<https://nypost.com/2021/01/26/former-hillsong-members-detail-pastors-lavish-lifestyles/>>; <<https://nypost.com/2020/11/12/cheating-pastor-carl-lentz-sold-his-1-5m->

O primeiro passo em direção à mudança de ênfase no discurso teológico veio com a adoção de um conceito mais amplo de propósito da vida cristã: o de *florescimento humano*. Da ênfase quase que exclusiva na riqueza material de seus membros, os líderes da Hillsong passaram a realçar a ideia de que a prosperidade financeira é apenas uma pequena parte da vontade de Deus para seu povo. Foi assim que, a partir de 2002, Brian Houston começou a publicar uma série de livros posteriormente nomeada *The Maximised Life Series*. Contendo uma série de excertos de seus sermões, a produção do material se estendeu ao longo de quatro anos. Ao todo, cinco títulos vieram a lume: *How to Live a Blessed Life* (2002), *How to Build Great Relationships* (2002), *How to Flourish in Life* (2003), *How to Make Wise Choices* (2004) e *How to Live in Health & Wholeness* (2005). O projeto, mais tarde compilado num único volume intitulado *How to Maximise Your Life* (2013), pretendia fornecer respostas bíblico-teológicas às várias dimensões e demandas da vida humana. Como sintetiza o pastor num trecho introdutório do primeiro livro:

Como viver uma vida abençoada — acredito que é o que todo ser humano precisa saber. No entanto, a realidade é que já existe um livro que fornece todas as instruções de que você precisa. É o livro mais lido, traduzido e mais vendido de todos os tempos. Se você ainda não adivinhou, esse livro é a Bíblia. [...] Como a Palavra de Deus para nós, contém toda a sabedoria de que precisamos para viver a vida com sucesso. Ela cobre *tudo* — desde saúde, finanças, negócios e trabalho, até relacionamentos, casamento e paternidade — *tudo e qualquer coisa que você possa querer saber* (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifos nossos).

Assim, as publicações se dedicaram a apresentar a sistematização de princípios bíblicos com vistas (1) ao alcance de uma vida integralmente abençoada; (2) à construção de relacionamentos saudáveis, em diversas esferas sociais; (3) ao florescimento de uma vida próspera e produtiva, em diversos âmbitos; (4) à tomada de decisões sábias; e (5) à criação e manutenção de hábitos cultivadores de boa saúde física e bem-estar emocional.

Como um todo, o empreendimento logrou êxito à igreja. Além de mitigar as suspeitas com a teologia da prosperidade, suavizando-a, deu à Hillsong ares de comunidade cristã preocupada com o “todo” da vida de seus fiéis. Símbolo maior da série, o título *How to Flourish in Life* (2003) ultrapassou as barreiras da denominação, alcançando bons índices de vendas entre evangélicos australianos. Mais do que poupar a Hillsong dos “pontapés” de seus

home-before-scandal/>; <<https://www.latintimes.com/hillsong-church-pastors-using-tithe-money-fund-their-lavish-lifestyles-former-members-465331>>. Acesso em: 06/09/2021.

adversários¹⁰⁸, o material de fato marcou uma nova fase na leitura de mundo da denominação. Em vez de especificamente enfocada na abundância financeira de seus adeptos, a instituição passou a enfatizar cada vez mais a ideia “de que a vida em Cristo é uma vida florescente em todas as suas dimensões, particularmente na capacidade para influenciar outros pelo bem do reino de Deus” (CLIFTON, 2009, p. 165, tradução nossa). Como escreve Clifton, “conseqüentemente, o dinheiro se tornou apenas um elemento do florescimento humano, que ainda incorpora bênçãos na espiritualidade, saúde, família, igreja e comunidade” (CLIFTON, 2009, p. 165, tradução nossa). Para citar apenas um excerto do livro, em que Houston resume bem o novo enfoque:

Todos nós enfrentamos desafios e obstáculos em vários momentos, mas a vontade de Deus é que você floresça e tenha sucesso *em todas as áreas de sua vida* — de seus relacionamentos a sua carreira, em sua saúde e finanças, em sua vida espiritual e em sua igreja. A Bíblia está cheia de promessas e encorajamento para esse fim e não há razão para que você deva se contentar com nada menos do que o melhor de Deus. A coisa maravilhosa é que Ele o preparou para *florescer* na vida porque Ele depositou sementes do mais alto potencial dentro de você. Não importa o que você esteja enfrentando agora ou onde esteja posicionado, Deus tem muito mais reservado para você (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifos nossos).

Não obstante, o que Shane Clifton e outros pesquisadores nele baseados (HUTCHINSON, 2017) não consideraram é que a mudança de ênfase da *prosperidade financeira* para o *florescimento humano*¹⁰⁹ esteve acompanhada de novas ressignificações nos usos e sentidos atribuídos à noção de poder de Deus. Para ser ainda mais exato, a fase representou o início da articulação teológica de uma concepção que mais tarde ocuparia lugar de destaque nos discursos e práticas da igreja, a saber, a de *empoderamento*. O final do trecho supracitado ajuda a esclarecer o fato. Nas palavras de seu pastor-líder, os membros da Hillsong começaram a ser convencidos de que Deus “depositou sementes do mais alto potencial” dentro deles. Dos sermões às músicas, reuniões em pequenos grupos a livros e outros materiais discursivos, foram sendo ensinados que o melhor de Deus sempre está por vir, como “uma

¹⁰⁸É bom lembrar que essa foi uma das razões pelas quais Houston se declarou arrependido por *You Need More Money* (1999). Nas palavras de Hutchinson, “ele sentiu que sua intenção (evangelismo) era ‘pura’, mas que o livro havia fornecido aos oponentes da igreja ‘muitos pontapés’” (HUTCHINSON, 2017, p. 49). Nota-se, assim, que muito da preocupação do pastor se dava com a imagem de sua denominação.

¹⁰⁹Em várias passagens de seus livros é clara a mudança de discurso de Houston quanto à importância e significado do dinheiro. Para citar apenas uma, extraída de *How to Live a Blessed Life*: “Não acredito que o dinheiro seja um problema para Deus porque é um recurso tremendo para o bem — mas a Bíblia constantemente confronta a atitude de uma pessoa em relação ao dinheiro. Diz que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1 Timóteo 6:10)” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução nossa).

promessa sem fim, orientada para o futuro, que não pode ser esgotada ou limitada” (YIP; AINSWORTH, 2019, p. 113, tradução nossa). E isso a depender de como canalizam todo o poder do qual já dispõem para sua jornada de fé:

Muitas pessoas com grande potencial sabotaram sua oportunidade porque não tiveram paciência para suportar os tempos difíceis. Você precisará de persistência se quiser viver uma vida abençoada. Se você não tiver sucesso imediatamente, não desista. Continue fazendo a vontade de Deus com um espírito de paciência e perseverança. *Ele lhe deu tudo de que você precisa para cumprir Seu plano e propósito para sua vida*, e se você colocar Deus constantemente em primeiro lugar, pode confiar que Ele cumprirá Sua promessa de abençoá-lo (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos).

Mais do que um meio para as riquezas materiais, *poder* foi sendo entendido sobretudo como instrumento para uma *vida de florescimento pleno* — isto é, nas diversas áreas que compõem a existência humana. Como Houston deixa claro no início de *How to Flourish in Life* (2003):

Não há nada que eu goste mais do que ver o povo de Deus se expandindo e crescendo *em todas as áreas de suas vidas*. Eu acredito que você está vivo para fazer a diferença, e uma vida melhor *empodera* a impactar e influenciar os outros de maneira positiva [...] O propósito e a intenção de Deus é claramente que devemos ter uma vida abundante — que significa generosa, produtiva, bem-sucedida, próspera... e florescente! Este tipo de vida abundante revela e demonstra o *poder de Deus* para os outros (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos).

Mesmo que ainda não tivesse os contornos que tem hoje — já que de uso incipiente à época —, o fato é que a noção de *poder* ganhou outro status na Hillsong depois da mudança de perspectiva dos Houston no início dos anos 2000. Não seria exagero dizer que, aos poucos e em muitos sentidos, passou a dominar o discurso da igreja. Na articulação teológica da denominação, variadas passagens bíblicas ligadas à concepção passaram a ser mobilizadas a fim de corroborar as frequentes afirmações relacionadas ao mote. Baseado no salmo 112, por exemplo, que versa sobre “a descendência *poderosa*” do homem que “teme ao Senhor”, o livro inaugural da série *The Maximised Life* é um bom exemplo. Sem demasia, já nas primeiras páginas *How to Live a Blessed Life* (2002) exemplifica bem a leitura particular que Houston passou a fazer do texto norteador da fé cristã. Basta dizer que quase todos os princípios nele articulados são adjetivados por *poder*. “Aleluia!”, começa o texto bíblico (Salmo 112.1). “Louve o Senhor!”¹¹⁰ Nessas três palavras está o começo *poderoso* e o alicerce de uma vida

¹¹⁰A palavra *aleluia* deriva de uma expressão hebraica que pode ser traduzida por *louvai Yahweh*. Daí o comentário de Houston começar pela expressão “louve o Senhor!”.

abençoada”, comenta o pastor (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos). “Será abençoada a geração dos justos”, continua a poesia bíblica. “O homem justo no Salmo 112 transmitiu algo *poderoso* a seus filhos — a sabedoria e os princípios de Deus que os capacitaram a viver uma vida abençoada”, conclui Brian (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos). Dentre inúmeros outros exemplos, as alusões realçam o quanto a ênfase começou a migrar do ideal de uma vida financeiramente próspera para uma vida integralmente *poderosa*, por sua vez possibilitada pelo *poder* que vem de Deus:

Um grande legado para deixar aos seus filhos ou netos vai muito além de uma casa ou de uma quantia em dinheiro. Um grande legado é o exemplo de sucesso de sua vida, que permite que eles construam sobre a base que você lançou. Nossa capacidade de viver uma vida *poderosa* e eficaz pode transcender a nossa e impactar as gerações futuras (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos).

O homem justo do salmo bíblico é descrito como “alguém que é gracioso e cheio de compaixão”. Na leitura de Houston, isso quer dizer que é alguém que possui “duas qualidades *poderosas* [que] também são atributos de Jesus Cristo” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução, acréscimo e grifo nossos). Tudo porque, continua o pastor, compaixão é de fato uma “característica *poderosa*” do ser humano. “Cada vez que Jesus sentia compaixão, algo *poderoso* acontecia”. Daí o fato de a compaixão ser “força *poderosa* que ativa as respostas de Deus para a sua vida” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução, acréscimo e grifo nossos). O crente, em semelhança ao homem descrito pelo texto religioso, não deve se imbuir de atributos distintos dessas nobres características empoderadoras, todas ao seu dispor. Do contrário, se seu coração não estiver fixo no exemplo e promessas de Deus, sentir-se-á “desamparado e *impotente* em tempos de dificuldade”. Limitará “seu próprio potencial” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos). Em suma, a compreensão é a de que todo salmo trata do “grande *poder* para impactar as gerações futuras” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos) — e isso por meio de características divinas que de fato *empoderam* o indivíduo piedoso.

Esse mesmo tipo de ênfase e articulação teológica puderam ser vistos nos demais livros da série. Em *How to Build Great Relationships* (2002), segundo título da coletânea, quatro dos cinco capítulos foram intitulados a partir do substantivo *poder*: (1) o poder da amizade; (2) o poder da parceria; (3) o poder do casamento; (4) o poder da família. A versar sobre as relações sociais, seu conteúdo é permeado por concepções em muitos sentidos relacionadas à noção. “Quando você fica sozinho, é mais provável que seja dominado, mas quando as pessoas ficam juntas, é uma força muito mais *poderosa*”, diz Houston (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e

grifo nossos). Especificamente quanto ao casamento, escreve: “até que a morte nos separe é um compromisso *poderoso*” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos). A união conjugal “é ideia de Deus e Ele [sic] a propôs para o bem. É o relacionamento mais íntimo que você terá com outra pessoa, porque é uma união espiritual e física *poderosa*, onde dois se tornam um” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução, acréscimo e grifo nossos). Sobre os perigos do adultério e a importância da relação monogâmica, continua: “muitos casos extraconjugais não têm tanto a ver com luxúria quanto com o desejo de preencher aquele frio, o vazio que vem da falta de intimidade. O *poder* de dois também fornece força e proteção” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos). Como pontua, todas as relações entre pessoas serão um tanto mais bem-sucedidas se perpassadas pelo *poder* que vem do alto. O problema, em sua visão, é que existem relacionamentos “que nunca experimentaram o *poder*” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos). A união ideal é aquela que não apenas o experimenta como também “traz o desejo de *empoderar* o parceiro”, já que “*empoderá-lo* para que se torne uma pessoa maior levará a horizontes maiores para ambos” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos). Mesmo o amor, valor historicamente caro à fé cristã, é adjetivado nesses termos. Comentando o texto bíblico de Eclesiastes 4.12, que discorre sobre a força de um “cordão de três dobras”, o pastor comenta: “o cordão mais *poderoso* é o amor” (HOUSTON, 2013, n. p., tradução e grifo nossos).

Cumpra pontuar que a ênfase nas noções de *poder* e *empoderamento* também começou a ser notada naquilo pelo que a Hillsong se tornou primordialmente conhecida, isto é, sua música. É o que o trabalho seminal de Tanya Riches (RICHEs, 2010), especialmente dedicado à produção musical da igreja, permite concluir. Nele, Riches diferencia três fases fonográficas específicas da denominação, particularmente importantes para o recorte que temos trabalhado até aqui. A primeira, de 1996 a 1998, é marcada pela nomeação de Darlene Zschech como líder de louvor e a existência de um único produto musical da igreja, a *Hillsong Live*. A segunda, de 1999 a 2003, caracteriza-se sobretudo pelo estabelecimento da multipremiada *Hillsong United*, banda voltada a um público mais jovem. A terceira, de 2004 a 2007, é distinguida pela renúncia de importantes pastores do staff — como a própria Zschech —, além do estabelecimento de outros nomes que contribuíram para a renovação do departamento *Worship and Creative* — como Phil Dooley e Joel Houston, filho de Brian. Compreendendo, portanto, doze anos do trabalho de louvor da instituição (1996-2007)¹¹¹, os dados da tese da pesquisadora australiana

¹¹¹ Isso significou, nas palavras de Riches, a análise de “duzentos e oitenta e uma canções da Hillsong Church (HB) e United Youth (UB), de vinte e um álbuns escritos e/ou gravados durante o período de estudo” (RICHEs, 2010, p. 35). Sobre este recorte temporal específico, complementa: “[...] os anos entre 1996 e 2007 foram marcados por

mostram — ainda que ela própria não tenha se atentado para isso em suas análises — como as temáticas relacionadas a *poder* e ao entendimento de suas implicações à vida cotidiana foram ganhando espaço nas letras das canções. Como evidenciam, da segunda à terceira fase, o número total de músicas a abordar o tema do “empoderamento sobrenatural” mais que dobrou¹¹². Em muito ligado à compreensão do *poder divino* como meio para melhores condições de existência individual, o tema da “presença de Deus no sofrimento e/ou provação” também cresceu: de seis para vinte e quatro canções — ou de 6% para 17,4% do total de canções produzidas nos períodos recortados. Acompanhando a tendência apontada, essa mudança de discurso também se fez sentir na queda do número de músicas ligadas ao tema “prosperidade”. Presente em seis canções da primeira fase (13,6% do total da produção musical no período), as faixas a discorrer sobre a temática eram, na terceira, apenas duas (1,4% do total de músicas do recorte temporal). Como a própria Riches conclui, de fato as músicas revelaram uma significativa “mudança na ênfase teológica” da igreja¹¹³ (RICHERS, 2010, p. 87, tradução nossa). E mudança, como descrevo neste trabalho, guiada pelo mote do empoderamento.

Se a série *The Maximised Life* foi o símbolo maior do início dessa reconfiguração discursiva, o material publicado posteriormente a confirmou. Lançado em 2008, o livro de

um enorme crescimento e desenvolvimento no tamanho numérico da Hillsong e em sua gama de serviços e atividades. Ao longo desse período de crescimento imprevisto, o lugar da música (que tem sua própria narrativa de expansão, desenvolvimento e mudança) é de importância fundamental” (RICHERS, 2010, p. 22).

¹¹²Proporcionalmente, a porcentagem de letras musicais explicitamente ligadas à noção de empoderamento passou de 5% para quase 10% do total de canções produzidas em ambos os períodos (RICHERS, 2010, p. 81). Cumpre dizer que, na primeira fase (1996-1998), o número total de músicas a versar sobre a temática era ainda maior: cerca de 18% do total de canções produzidas. No entanto, a análise das letras mostra que *poder* ainda estava relacionado às ênfases pentecostais nos dons espirituais. “Deixa fluir seu *poder de cura*. Sobre vida e faça-me completo”, diz um dos trechos exemplificadores (RICHERS, 2010, p. 84, tradução nossa). Na fase três (2004-2007), *poder* está relacionado sobretudo à ênfase que tenho destacado aqui, como meio para o florescimento individual, ligado à conversão pessoal. Como deixa claro um trecho de *You Are My Strength*, música de 2007: “Na plenitude da Sua graça, no *poder* do seu nome, você me levanta, você me levanta” (tradução e grifo nossos). Isso explica a conclusão de Riches e Wagner segundo a qual, ao longo do tempo, “a ênfase pentecostal distinta no batismo do Espírito Santo diminuiu” (RICHERS; WAGNER, 2012, p. 25, tradução nossa). Como defendo, na verdade, a compreensão e instrumentalização do que seja “poder” e suas consequências à vida cotidiana é que se alteraram.

¹¹³Cumpre frisar que, ao captar uma mudança de ênfase teológica, em nenhum momento Riches a atrela ao tema do empoderamento. Na realidade, sua tese é a de que a ênfase na prosperidade financeira dá lugar ao tema da “presença de Deus no sofrimento” (cf. RICHERS, 2010, p. 87). Como tenho argumentado, o tema do empoderamento espiritual, tal como descrito aqui, é que vai tomando lugar importante no discurso teológico da igreja — e, em certo sentido, abarca o mote da “presença de Deus no sofrimento”. É o que os dados da pesquisa de Riches demonstram, embora a pesquisadora, em razão de seus objetivos, não se atenha a isso nas análises. É num texto de 2017, *The Sisterhood: Hillsong in a Feminine Key* (RICHERS, 2017), que Riches trará a noção de “empoderamento” à baila. No entanto, num sentido distinto daquele que investigo neste trabalho. Olhando para os ministérios de mulheres da Hillsong, seus objetivos consistem em mostrar como a igreja promove o “empoderamento feminino”. Isto é, “a escolha das mulheres em relação ao trabalho ou carreira, integridade corporal, sucesso educacional, além de facilitar sua participação econômica, política e cultural” (RICHERS, 2017, p. 87). Ou seja, a noção é tomada em seu sentido secular, sociopolítico. Nos termos das referências citadas pela pesquisadora, como “um processo multidimensional de participação e direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais” (MOGHADAM; SENFTOVA, 2005, p. 398-399 apud RICHERS, 2017, p. 85). Como tenho demonstrado, não é esse tipo específico de empoderamento que descrevo e analiso neste trabalho.

Houston *For This I Was Born* (HOUSTON, B., 2008) corroborou o destaque dado à noção. Nele, o uso da palavra *poder* aparecera com muito mais frequência, substantiva e adjetivamente. O mesmo quanto ao uso de *empoderamento*. Do prólogo à conclusão, variadas passagens confirmaram o quanto o conceito foi dominando a articulação teológica dos líderes da Hillsong. Dedicado a estimular os leitores a entender “o *poder* da causa do Reino de Deus”, o pastor escreve:

A causa de Cristo *empoderará* sua visão e lhe dará pernas para correr. Quando você direciona sua motivação, pensamento, talento, tempo e relacionamentos para a causa do Rei, o princípio de causa e efeito é ativado. Tudo o que você faz tem maior efeito e, por sua vez, é um catalisador para outras coisas. A visão da minha vida foi alimentada e *empoderada* pelo meu compromisso com a causa de Cristo. Minha própria determinação e habilidade só poderiam ter me levado até certo ponto, e claramente a graça de Deus resultou em meu pastoreio de uma igreja que tem influência e oportunidade que apenas a visão não poderia produzir (HOUSTON, B., 2008, n. p., tradução e grifos nossos).

Em sua leitura de mundo, uma vida plenamente realizada nunca poderia resultar apenas de planejamento e visão. A chave para tanto é uma vida de *poder* sobrenatural. A fim de confirmar a veracidade disso, Houston recorre várias vezes a exemplos de sua própria trajetória, em diferentes livros:

Estávamos morando em um pequeno apartamento, e Bobbie e eu tínhamos que trabalhar duro para sobreviver. Ela trabalhava como secretária. Além de servir na igreja, tive vários empregos diferentes, incluindo um como limpador de janelas. Olhando para isso naturalmente, a visão que tivemos antes de ir para a Austrália parecia muito distante. Se a visão fosse a única coisa que nos mantinha ali, a empolgação poderia facilmente ter diminuído e seríamos tentados a pegar o próximo avião para casa. Mas fomos alimentados por algo muito mais profundo do que nós. O apóstolo Paulo escreveu: ‘não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o *poder* de Deus para a salvação’ (Rom. 1:16, ênfase adicionada). A visão gera excitação e entusiasmo, mas a causa de Cristo gera *poder* [...] A visão é essencial, mas a causa é *poderosa*. A causa do Rei é o ímpeto que mantém a igreja avançando como uma força unida na terra. Sua visão ligada à minha e a de outros crentes e sustentada pela causa traz grande *poder* e impulso. Juntos, temos uma oportunidade incrível de trazer mudanças positivas e eternas (HOUSTON, B., 2008, n. p., tradução nossa).

[...] deixe-me lembrá-lo do primeiro capítulo deste livro, onde apresentei a você meu eu de dezessete anos: tímido e gaguejante, filho de um pastor de um prédio governamental na pequena nação da Nova Zelândia com nada além de um sonho em seu coração. Não digo tudo isso com a esperança de que você possa ficar impressionado com quaisquer de nossas realizações, mas sim para encorajá-lo que quando Deus tira o nosso menos e adiciona Sua bênção, favor,

poder e propósito, os resultados são maiores do que você jamais poderia se atrever a imaginar (HOUSTON, 2018, n. p., tradução nossa).

É importante registrar que *For This I Was Born* já demonstrava a forma com a qual a igreja passou a promover a fé no *empoderamento*. Como escreve o pastor sênior num dos trechos, o raciocínio estratégico passou a ser definido nos seguintes termos: “todos nós precisamos estar comprometidos em *empoderar* as gerações futuras a fazerem façanhas ainda maiores em nome de Deus do que fizemos” (HOUSTON, B., 2008, n. p., tradução e grifo nossos). Nem mesmo Salomão, personagem bíblico a quem se atribui grande sabedoria, teria captado a importância disso. Nas palavras de Houston, sequer a ele fora dada a “revelação real do *poder de empoderar* as gerações” (HOUSTON, B., 2008, n. p., tradução e grifo nossos). Isso especialmente em razão de seus escritos acerca da vaidade e inutilidade do trabalho humano — vide texto bíblico de Eclesiastes 2.17-23. Não obstante, ao contrário da pregação do rei bíblico, a Hillsong seria um bom exemplo de lugar em que as pessoas podem ser “*empoderadas, liberadas*”, ter “um senso de visão e liderança que inspira”. Em suma, um lugar onde podem “florescer” integralmente (HOUSTON, B., 2008, n. p., tradução e grifo nossos). Esse foi um marco importante. A partir daí, junto de todas as outras igrejas que se pretendem fidedignas à mensagem divina, a igreja passou a se propalar como uma espécie de mediadora por excelência do *poder vindo do alto*. Ou instrumento de despertar dele, ao menos. Se é verdade que “as pessoas às vezes pedem a Deus que tire delas o que ele já as *empoderou* para superar” (HOUSTON, B., 2008, n. p., tradução e grifo nossos), à igreja fora dada a atribuição divina de conscientizá-las disso, liberando todo o potencial individual represado. “Nosso papel é elevar as pessoas, usar nossas forças e habilidades, de modo que o *poder* de Deus, através do nome de Jesus Cristo, as cure, restaure e capacite a conhecer o amor de Deus”, escreve o pastor sênior (HOUSTON, B., 2016, p. 130, grifo nosso). Com base no Salmo 92, indaga-se num outro momento: “se é a vontade do Pai que as pessoas floresçam, tenho que perguntar: ‘As pessoas podem florescer sob a minha liderança?’” (HOUSTON, 2008, n. p., tradução nossa).

A linha argumentativa permeara os livros, sermões e demais materiais discursivos publicados dali em diante. Em *Live, Love, Lead* (HOUSTON, B., 2015), único livro de Brian com tradução para a língua portuguesa (HOUSTON, B., 2016), a própria Hillsong é publicizada como exemplo maior das consequências positivas do poder divino. “Ver a igreja Hillsong alcançar milhões de vidas em todo o mundo é mais do que dois jovens em um velho Nissan¹¹⁴

¹¹⁴No trecho, Houston faz referência às conversas que tinha com sua futura esposa, Bobbie, num carro da montadora japonesa Nissan. Na ocasião, como pontua, versavam sobre os sonhos de abrir uma igreja na cidade australiana de Sydney.

poderiam ter sonhado — é testemunhar o *poder* de Deus em ação” (HOUSTON, B., 2016, p. 15). Nesse caso, a igreja é definida como uma espécie de símbolo testificador das benesses do *empoderamento* vindo do alto:

Obviamente, não é preciso dizer que temos orgulho de fazer parte dessa comunidade de igreja global, e agradecemos a Deus por Ele nos dar influência através do nome Hillsong. Mas a verdadeira influência, a *verdadeira fonte de poder* de todo ministério já feito pela Hillsong, não tem nada a ver com o nome que está sobre a porta da igreja. A verdadeira influência e *fonte de poder* vem daquEle [sic] que é nosso foco e Salvador. Todo impacto que temos vem do Filho de Deus, Jesus. É Ele quem adoramos, quem seguimos, quem buscamos para nos guiar. O seu nome está acima de todo nome e tem *poder* acima de todo nome. Nunca foi sobre uma igreja chamada Hillsong, sempre foi sobre um Salvador chamado JESUS! (HOUSTON, B., 2016, p. 123, grifos e acréscimo nossos).

Cabe ao fiel não se esquecer ou mal utilizar tal capacitação divina, com risco de pôr a perder seu futuro. “Temos um legado de poder, propósito e possibilidades que mal utilizamos”, escreve (HOUSTON, B., 2016, p. 125). “Noutras palavras, presumimos que não podemos fazer algo por causa de nossas limitações. Esquecemo-nos de que quem nos criou nos empodera e pode fazer qualquer coisa” (HOUSTON, B., 2016, p. 121).

Em *There is More* (HOUSTON, 2018), livro mais recente do pastor neozelandês, Houston diz ancorar toda a razão de ser do seu ministério nesse *propósito empoderador*. Em suas palavras: “eu nunca quero encaixotar as pessoas com qualquer pequenez que possa estar em meu próprio espírito. Todo o meu ministério é sobre equipar e *empoderar* as pessoas para serem tudo o que Deus as chamou para ser. Eu desejo isso para você também” (HOUSTON, 2018, n. p., tradução e grifo nossos). A função de um homem de Deus, diz o pastor, é “não limitar as pessoas”, “torná-las pequenas por pensar pequeno”. O líder ideal — e por consequência, a comunidade por ele liderada — deve despertar os indivíduos para tudo aquilo que, estando a sua disposição, pode impulsionar a vida. Cumpre-lhe pregar que o *poder* de Deus “está constantemente trabalhando dentro de você, e Ele é capaz de fazer mais — incomensuravelmente mais — do que você pode pedir, pensar ou imaginar”. Estrategicamente, propagar que Deus “está prontamente acessível com as chaves de sua vida abundante e os projetos de suas necessidades diárias”, que “Ele [sic] está preparado com um sinal de favor para onde quer que você vá. Ele está sempre esperando com mais novidades” (HOUSTON, 2018, n. p., tradução e acréscimo nossos). Nesse sentido, uma igreja “espiritualmente viva”, como a Hillsong deseja e acredita ser, “está focada em Jesus, contando continuamente com o *poder* inigualável em Seu nome e a esperança que Ele [sic] oferece a todos” (HOUSTON, 2018, n. p.,

tradução e acréscimo nossos). “Eu quero construir o tipo de igreja que libere as pessoas em seu potencial dado por Deus”, escreve (HOUSTON, 2008, n. p., tradução nossa). Não importa o quanto alguém possa estar satisfeito com o atual estado das coisas de sua vida; o melhor de Deus sempre está por vir por meio de seu acessível *poder*.

Mas talvez nada simbolize melhor essa mudança de ênfase teológica da Hillsong do que sua declaração de missão oficial. Estampando o cabeçalho da página “Visão”, nos sites de todas as filiais da igreja, a sentença sumariza de modo eficaz a guinada da instituição ao tema do *empoderamento*: “alcançar e influenciar o mundo, construindo uma grande igreja centrada em Cristo, baseada na Bíblia, mudando formas de pensar e *empoderando* pessoas para liderar e trazer impacto *em todas as esferas da vida!*”¹¹⁵. Comentando-a em *There is More*, Houston escreve:

Temos uma declaração de missão na Hillsong que fala em “*empoderar* as pessoas para liderar e impactar em todas as esferas da vida”. A verdade é que você nunca inspirará as pessoas a ter um impacto se não tiver um espírito de liberação e um espírito que se sinta confortável com o imprevisível. Se você acha que viver com Jesus é previsível, você está errado. É sempre uma aventura! [...] Abra seu coração para novas experiências — novas maneiras de aprender e liderar. Viva mais lealmente ao futuro do que ao passado. Continue ansioso por tudo o que Deus tem para você e não se surpreenda quando Ele intencionalmente chamar você para sacudir a poeira de seus pés e empurrá-lo para a imprevisibilidade (HOUSTON, 2008, n. p., tradução e grifo nossos).

Por tudo isso, a verdade é que essa reconfiguração teológico-discursiva da denominação se ancorou numa compreensão atomizada de indivíduo e suas pretensas possibilidades de ação no mundo. Para ser ainda mais específico, encontra afinidade estreita com a busca pela maximização dos benefícios individuais decorrentes da prática religiosa, sobre a qual já discorri. Esse todo discursivo acabou por resultar numa ética religiosa central para o entendimento empírico da igreja. Na Hillsong, a chave-mestra para uma vida idealmente plena não é a da *fé*; é a do *fazer*. O crente, cheio do Espírito Santo, já tem a seu dispor todo o *poder* de que necessita para seu bem-estar emocional e material. A obra de Jesus já lhe garantiu as condições para tanto. Como mediadora, à igreja cabe *empoderar* o fiel para *agir*.

Por isso, ao contrário da instrumentalização da noção de poder feita por feições pentecostais distintas, é como se o adepto não precisasse sobretudo crer ou decretar para

¹¹⁵Ver em: <<https://hillsong.com/vision/>>. Tradução e grifo nossos. A assertiva, de certo modo, condensa as duas breves confissões de fé da igreja produzidas até então: *A igreja que eu vejo*, publicada em 1993, e *A igreja que eu agora vejo*, divulgada em 2014 como uma espécie de revisão do primeiro documento. Em ambos os documentos as noções de *poder* e *empoderamento* se fazem presentes.

acontecer. No pentecostalismo da Hillsong, é conscientizado de que deve *fazer acontecer* — *do-it-yourself*. O meio que dá acesso à solução das necessidades mais prementes já está em suas mãos. Em outras palavras, o fiel deve se municiar de todo o poder que já se encontra a sua disposição; *empoderar-se* de fato. Como resume Bobbie Houston num de seus livros: “frequentemente, os cristãos desejam que Deus faça o trabalho difícil por eles, mas não é isso que lemos nesses versículos [Filipenses 2.12]. Deus espera que busquemos ativamente e diligentemente nosso destino” (HOUSTON, R., 2008, n. p., tradução e acréscimo nossos). Em suma, a ética teológica da igreja passou a tipificar uma espécie radicalizada de *self-made man* religioso¹¹⁶. Nas palavras de seu pastor sênior:

Lembre-se, você tem o poder fortalecedor do Espírito Santo residindo dentro de você. A Palavra de Deus, mais afiada do que uma espada de dois gumes, está disponível para você. Você vai pelo nome Dele, e a autoridade de que você precisa está no nome de Jesus — um nome que é maior do que todo poder concebível trabalhando contra você. Isso significa que você está perfeitamente preparado para se levantar, permanecer forte e viver como mais do que um conquistador e vencedor neste mundo decaído. O mesmo *poder* que ressuscitou Cristo dos mortos agora habita em você, e é o Seu *poder* que o liberta e o equipa para ser um vencedor (HOUSTON, 2018, n. p., tradução nossa).

Em alusão à conclusão de Mark Hutchinson, isso equivale a dizer que os Houston não demonstraram destreza apenas em reconhecer “mudanças nas ordens geográficas e demográficas” da cidade onde se instalaram inicialmente (HUTCHINSON, 2017, p. 42, tradução nossa). O mesmo ocorreu quanto a sua capacidade de captar as transformações pelas quais passaram as demandas dos indivíduos por ação e controle sobre o que lhes afeta em diversas esferas na vida hodierna. Em certo sentido, toda a articulação em torno da noção de *empoderamento* demonstra isso. Sua instrumentalização, em última análise, visa a promoção do ideal de grandeza e onipotência do indivíduo crente — desde que ligado a Deus e plantado na igreja. Nesse sentido, o que Horochovski e Sirino escreveram sobre o conceito em sua conotação e usos políticos também se aplica aqui, na esfera religiosa representada pela denominação: “o empoderamento é tanto um atributo quanto um processo pelo qual indivíduos

¹¹⁶Essa compreensão atomizada de indivíduo e suas possibilidades de ação, eletivamente afeita à visão de mundo neoliberal, não implica necessariamente *egoísmo* valorativo. Na Hillsong, o indivíduo também é empoderado para assistir à comunidade de seu entorno. É o que programas sociais da igreja deixam claro. Escrevendo sobre eles, Davies pontua: “esta afirmação de responsabilidade e a necessidade de agirmos nós mesmos para o nosso próprio bem [...] está cada vez mais se tornando, na ala progressista do movimento, um compromisso de apoiar e cuidar daqueles marginalizados pela sociedade” (DAVIES, 2017, p. 211-212). A individualização, neste caso, é notada no indivíduo que por sua própria conta — e não por tradição ou coação — *decide* deliberadamente engajar-se socialmente. Em outras palavras, o serviço cristão é assunto de opção pessoal.

e grupos obtêm autonomia e protagonismo, vale dizer, poder e controle sobre suas próprias biografias e narrativas” (HOROCHOVSKI; SIRINO, 2016, p. 251). Como igreja, a Hillsong compreendeu bem a contemporânea plausibilidade desse tipo de apelo empoderador.

Merece destaque o quanto esse tipo específico de compreensão encontra similitude com a linguagem da psicologia positiva, de senso comum. Escrevendo sobre literatura de autoajuda, Francisco Rüdiger cita um trecho de um livro que muito bem poderia ser excerto dos trabalhos dos Houston: “você tem em seu interior todos os recursos necessários para obter sucesso, a concretização de seus objetivos, felicidade e qualquer outra coisa necessária para desfrutar de uma *vida completa*” (ADANS, 1967, p. 07 apud RÜDIGER, 2010, p. 08, grifo nosso). Com efeito, se no universo da autoajuda tais recursos com vistas aos benefícios individuais vêm “da adesão a sistemas desenhados ou descobertos por especialistas” (KAMINER, 1993, p. 46), na Hillsong vem do *poder divino* concedido a cada fiel pela instrumentalidade da igreja. É *autoajuda* propiciada pela “*ajuda do alto*”:

Sou um crente absoluto no potencial das pessoas, e quero fazer tudo o que puder para trazer esse potencial para fora das pessoas, fazê-las acreditar em si mesmas, fazê-las acreditar em qualquer empreendimento na vida para o qual sejam chamadas. Minha paixão na vida é realmente ajudar as pessoas a entender que estão vivas para os propósitos de Deus¹¹⁷.

Essa leitura particular do mundo, pontua Rüdiger, através da qual “o indivíduo comum vem tentando descobrir, dentro de si, os recursos e a solução dos problemas criados pela vida moderna”, tem profunda relação com uma das dimensões constitutivas da modernidade, a saber, “o movimento combinado de abstração social do sujeito e o desenvolvimento do individualismo” (RÜDIGER, 2010, p. 07). Como tenho defendido, no caso da igreja, é tipificada num certo tipo de individualização radicalizada dos usos e sentidos atribuídos às noções de *poder e empoderamento* divinos, revelada na busca por maximização dos benefícios individuais típica da teologia da prosperidade. Não é sem fundamento na realidade empírica, portanto, que o sociólogo Gerardo Martí atesta que a denominação

rapidamente fez a transição de sua estrutura teológica da prosperidade econômica para emprestar a linguagem da *psicologia positiva*, adotando uma mentalidade “florescente” e direcionando as pessoas para um chamado emotivo pela humildade e entrega, o crescimento e a capacitação de saúde emocional e relacional, alimentando poderosamente as energias de uma

¹¹⁷Trecho de fala de Brian Houston ao programa *Australian Story*. Disponível em: <<https://www.abc.net.au/austory/the-life-of-brian/9169458>>. Acesso em: 21/08/2020. Tradução nossa.

peessoa para a atividade imersiva em sua igreja local (MARTÍ, 2017, p. 381, tradução e grifo nossos).

E aqui cabe reafirmar essa ênfase no empoderamento como ressignificação semântica dos ditames da teologia da prosperidade. A transição descrita por Martí, a meu ver, não representa uma ruptura com a axiologia do “novo evangelho”. Outrora mais direcionada a crentes desejosos por desfrutar das boas condições financeiras, a mensagem da Hillsong continua a prometer benefícios mundanos imediatos, embora menos ligados à dimensão material. Assegura conforto emocional para que os fiéis possam adquirir nova mentalidade, florescer, empoderar-se e liderar em todas as esferas da vida — inclusive nos negócios. Cumpre frisar que esse tipo de mensagem empoderadora holística encontra considerável semelhança com o que pesquisas sobre igrejas neopentecostais brasileiras vêm apontando sobre a racionalidade discursiva da teologia da prosperidade e suas adaptações¹¹⁸. Ao discorrer sobre as narrativas de conversão na Igreja Universal do Reino de Deus [IURD], por exemplo, Carlos Gutierrez destaca o quanto as mensagens e as práticas encorajadas pelas lideranças contribuem com uma espécie de “empoderamento do *self* com relação ao contexto social”:

[...] a conversão é encarada como uma recuperação da capacidade de “voltar a sonhar e elaborar projetos”. Entretanto, não se trata apenas da recuperação da capacidade reflexiva, mas também de um *empoderamento do self* com relação ao contexto social [...] em todos esses relatos, os atores afirmam que a força que desenvolveram na instituição religiosa os levou a tentar mesmo sabendo das condições desfavoráveis [...] todos decidiram agir e *atribuíram essa decisão à força interior que encontraram na instituição religiosa*. Os atores afirmam que passaram a se perceber como “fortes e capazes”, independentemente de sua origem social, ou grau de escolaridade. Há, então, um reforço do *self* face às estruturas, isto é, um maior *empoderamento de si mesmo* que faz com que o “Eu” perceba a si próprio como forte e capaz de agir, mesmo se as condições para a concretização de um projeto sejam desfavoráveis (GUTIERREZ, 2017, p. 217, grifos nossos).

Como conclui, é como se os fiéis buscassem na igreja instrumentos “para a construção de seu projeto de vida, enfim, para alcançar sua realização pessoal” (GUTIERREZ, 2017, p. 220). Ou, como tenho argumentado até aqui, para maximizar seus benefícios individuais nesta existência

¹¹⁸Há que pontuar a alegação recorrente de que a própria teologia da prosperidade seria um meio de *empoderamento* social e econômico de seus fiéis confessantes (CHESNUT, 2012; NOLIVOS, 2012; WARIBOKO, 2012; HEFNER, 2013; FRESTON, 2017). Isso se daria em razão das afinidades eletivas que existem entre essa doutrina religiosa e os ditames da sociedade neoliberal (GARRARD-BURNETT, 2011; STINGUEL, 2020). Lawrence Nwankwo, escrevendo sobre o panorama pentecostal africano, argumenta que a doutrina da prosperidade deve ser lida como “teologia do empoderamento”, já que diretamente relacionada à melhora significativa de condições sociais e econômicas dos fiéis no continente (NWANKWO, 2015). A noção ganha, aqui, contornos seculares.

terrena. O diferencial da Hillsong, neste caso, reside no fato de articular explicitamente a noção de empoderamento em seu discurso. Enquanto na Universal, pela análise de Gutierrez, o empoderamento do *self* é uma espécie de resultado indireto do trabalho da igreja, na denominação dos Houston é estimulado como meio específico para os resultados almejados. Em ambos os casos, contudo, é a partir do discurso teológico da prosperidade que a noção é mobilizada.

Vale lembrar, por outro lado, que a “transição” a respeito da qual fala Martí também encontra explicação no recorte de classe dos fiéis que formam o público-alvo da instituição. Isso porque, seguindo os exemplos das igrejas brasileiras Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra e Bola de Neve, a Hillsong se volta principalmente a jovens de classe média. E a localização na Vila Olímpia, bairro nobre da zona sul paulistana, não é o único fator a demonstrar isso no caso da filial brasileira. Além das indicações da literatura (ROCHA, 2016; 2021), foi o que o questionário que apliquei no show da *Hillsong United*, em 2019, apontou. Das 55 pessoas ligadas à igreja que o responderam, das quais 52 tinham idade abaixo dos 37 anos, 43 estavam cursando ou já tinham concluído o ensino superior (78,18% do total)¹¹⁹. Entre as 47 que afirmaram trabalhar (85,45% do total de respondentes), profissões ligadas ao ramo empresarial, engenharias, recursos humanos e direito predominaram¹²⁰. Em outras palavras, a indicação da predominância de segmentos de classe média entre seus adeptos se confirmou em campo. E é nítido, nesse sentido, que a feição discursiva da teologia da prosperidade ligada às melhores condições materiais e financeiras não encontra identificação premente com esse público. Na realidade, na igreja, esse tipo de discurso enfrentaria barreiras de classe. Daí prevalecerem, portanto, os temas da psicologia positiva, como florescimento humano holístico, crescimento e bem-estar emocionais. Serve-nos, mais uma vez, a conclusão de Rüdiger sobre os “pregadores da autoajuda”, com as devidas adaptações: é como se os líderes da igreja tivessem interpretado “os anseios da nova classe média”, elaborando “doutrinariamente suas demandas antes mesmo delas terem sido notadas pela pesquisa social” (RÜDIGER, 2010, p. 146-147).

Curiosamente, esse movimento de adaptação da mensagem teológica, com vistas à conquista de segmentos de classe média, também foi percebido por pesquisadores da religiosidade neopentecostal brasileira. Comentando a campanha “Eu Sou a Universal”, lançada em 2013 pela igreja liderada por Edir Macedo, Ricardo Mariano pontua:

¹¹⁹Do total de 43 pessoas, 25 já haviam terminado o ensino superior e 18 ainda o cursavam.

¹²⁰Das 47 pessoas que afirmaram trabalhar, 17 estavam ligadas ao ramo empresarial (36,17%), 8 eram engenheiras (17%), 6 estavam ligadas aos recursos humanos (12,76%), 3 eram advogadas (6,38%) e 2 estagiárias na área jurídica (4,25%).

A Universal tem se reinventado como organização cristã focada na autoajuda e no empreendedorismo [...] A campanha [Eu Sou a Universal] procurou dissociar a imagem da igreja à dos estratos de baixa renda e escolaridade, por meio de fiéis com perfis de classe média bem-sucedidos profissionalmente, ocupando variadas posições na sociedade¹²¹.

“Diversas igrejas têm adotado linguagem não necessariamente religiosa, mas sim pautada em saberes como motivação empresarial, manuais de administração etc. Assim, cultos tornam-se ‘palestras e ‘terapias’”, diz Carlos Gutierrez sobre o mesmo assunto¹²². E, como no caso da Hillsong, chama a atenção o fato dessa reinvenção passar pela adoção de discurso semelhante ao dos manuais de autoajuda. “A estratégia de conquistar segmentos da classe média requer um discurso menos radical do que ocorria quando o alvo eram os mais pobres”, elucida Eduardo Refkalefsky. “A IURD teve sensibilidade para entender esse mercado de autoajuda e ajustar os rituais da igreja nesse contexto”¹²³.

O fato é que todo esse refinamento teológico das noções de *poder* e *empoderamento*, para o qual boa parte da ênfase do discurso de autoajuda da Hillsong se deslocou, foi se refletindo em atividades e estratégias bem definidas. Se, como afirma Weber, “a ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para *este mundo*” (WEBER, 2000, p. 279), a escolha por esses temas se revelou uma representação típica de como a igreja procura dirigir a conduta intramundana de seus fiéis. E é aqui, embora não se detenha especificamente nesta relação entre seu discurso e as ações dele decorrentes, que parte da literatura sobre a igreja nos ajuda a entender como isso se deu. Termos recorrentes da produção especializada sobre a Hillsong, como *excelência*, *sucesso*, *eficiência*, *competência* e *ethos primeiro-mundista* (Cf. RICHES, 2010; ROCHA, 2013; 2016; 2017; WAGNER, 2013), revelam atividades motivadas pelos ideais de poder e grandeza típicos de empresas capitalistas bem-sucedidas. Da sua política de expansão pelo mundo aos esquemas de ação propostos nas igrejas locais, a denominação de fato incumbiu-se de fornecer caminhos e práticas do que julga ser o verdadeiro empoderamento divino, apresentando aos fiéis projetos de vida e autorrealização estritamente relacionados à noção. É com eles que me ocupo adiante, apresentando e articulando os dados coletados em minha pesquisa na filial da igreja em São Paulo.

¹²¹Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/07/1899617-igreja-universal-faz-40-anos-e-realiza-sonho-de-alcancar-classe-media-alta.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 31/03/2022. Acréscimo nosso.

¹²²Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/07/1899617-igreja-universal-faz-40-anos-e-realiza-sonho-de-alcancar-classe-media-alta.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 31/03/2022.

¹²³Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569996-literatura-de-autoajuda-os-valores-da-classe-media-e-o-sucesso-da-igreja-universal-entrevista-especial-com-eduardo-refkalefsky>>. Acesso em: 31/03/2022. Acréscimo nosso.

2.3. Caminhos e práticas de empoderamento na filial paulistana

Eu estou convencido de que as pessoas sempre devem sair da igreja se sentindo *empoderadas* e animadas para enfrentar seu dia-a-dia e para fazer a diferença no âmbito em que Deus as posicionou. Vamos pensar nas oportunidades que nós temos de inspirá-las. São 52 domingos no ano e as pessoas somente vão para a igreja uma vez por semana. Cada semana tem 168 horas, das quais, alguns só dedicam duas para receber de Deus. Temos pouco tempo para aproveitar e muito para dar! [...] Não vamos ficar parados pensando naquilo que não podemos alcançar. Vamos pensar naquilo que de fato podemos fazer para que Deus realize a sua obra. É Deus quem *empodera* e se aperfeiçoa em nossas debilidades. Não somos nós fazendo algo sobrenatural, mas sim Deus trabalhando através de cada um de nós¹²⁴.

Empoderar é dar recurso, ferramentas, dar poder, capacitação; não simplesmente um título. Deus nos empodera, dando ideias, habilidades, dons. Deus é aquele que nos empodera [...] seja na igreja ou no mundo corporativo, Deus nos empodera para realizar o que ele espera de nós¹²⁵.

Onipresente nos discursos das lideranças da igreja de São Paulo, a busca por empoderamento, articulado como condição de transformação individual e social, perpassa todas as suas atividades e programações. Do conteúdo dos blogs dos líderes aos encontros de mulheres, *empoderar* é verbo de primeira ordem. Em divulgação de novos artigos do blog de Chris Mendez, pastor-líder da Hillsong São Paulo, uma postagem da igreja nas redes sociais diz o seguinte: “Você não pode perder nosso novo blog de liderança do nosso pastor @chrismendez no nosso site! Todo mês um novo post *para te empoderar para os novos níveis que Deus tem separado para você*”¹²⁶. A versar sobre os encontros *Sisterhood*, evento dirigido às mulheres da denominação, sua esposa Lucy opera a noção da seguinte maneira: “falamos em *empoderar* no sentido de mostrar que Deus dá permissão para as mulheres serem tudo que Ele quer que elas sejam”¹²⁷. “O coração de tudo”, diz outro pastor sobre o mesmo evento, “é *empoderar* as mulheres”¹²⁸. Num dos muitos artigos publicados pelo site da filial paulistana, a alcunha atribuída à igreja é “uma casa que *empodera*”. Como se lê no texto, o “coração da casa é *empoderar* todas as pessoas para que elas possam liderar e impactar todas as áreas da vida.

¹²⁴Trecho do artigo *Uma Igreja Cinco Estrelas*, de autoria do pastor Chris Mendez. Disponível em: <<https://hillsong.com/collected/blog/2018/11/uma-igreja-cinco-estrelas/#.YWSymNrMKUK>>. Acesso em: 14/09/2021. Grifos nossos.

¹²⁵Trecho coletado em 06/05/2020 no *Eu Decidi*, curso para novos convertidos da Hillsong.

¹²⁶Disponível em: <<https://twitter.com/hillsongspaulo/status/991372274526752769>>. Acesso em: 05/05/2018. Grifo nosso.

¹²⁷Disponível em: <uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/08/31/encontro-de-evangelicas-tem-servicos-de-salao-e-pedido-de-paz-no-casamento.htm>. Acesso em: 03/09/2018. Grifo nosso.

¹²⁸Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/08/07/igreja-da-moda-tem-marquezeiro-como-seguidora-e-atrai-jovens-brasileiros.htm>>. Acesso em: 15/02/2021.

Mas além das pessoas, é nossa responsabilidade *empoderar* a igreja local e a sua causa”¹²⁹. De forma sintomática, *empoderamento* é também um dos muitos tópicos do curso de curta duração *Eu Decidi* — espécie de iniciação à fé cristã para recém-chegados.

Os quatro anos de frequência à igreja e de observação de suas diversas atividades em São Paulo, acompanhados de conversas informais e entrevistas com membros e simpatizantes, aos poucos deram um panorama amplo dos caminhos e práticas daquilo que a Hillsong difunde como ideal de vida empoderada — isto é, capacitada a florescer nas diversas esferas sociais nas quais se dá a existência individual. O exercício de coleta dos dados, acompanhado de sua sistematização, revelou que são fundamentalmente três as áreas de ação estimuladas em suas fileiras: (1) alinhamento às prescrições bíblicas; (2) participação assídua nos cultos e programações; e (3) uma série de técnicas de gerenciamento de si que vão da administração financeira à gestão de tempo, relacionamentos e comportamento.

Começando pelo primeiro aspecto, cumpre pontuar que, como instituição integrante do pentecostalismo, a Hillsong toma a Bíblia como palavra infalível e inerrante de Deus. Isto é, entende-a como a perfeita revelação da vontade divina para os seres humanos. Nesses termos, como ensinado no curso de iniciação *Eu Decidi*, a ideia é a de que “a gente pode se relacionar com Deus através da Bíblia”, “podemos ler a Palavra para se conectar com o que Deus é, já que a Bíblia sempre aponta para Deus”¹³⁰. De fato, basta participar de uma única reunião da igreja para perceber o quanto suas atividades são permeadas por discurso bíblico. À sua maneira¹³¹, a denominação faz do texto milenar — e de sua particular interpretação dele — sua inconteste regra de fé e prática. Além das inúmeras citações em pregações, postagens e outros materiais discursivos, “Bíblia” é tema de cursos especializados da igreja. Além do já citado *Eu Decidi*, que dedica um tópico exclusivo ao livro tido como sagrado, o *Night School* oferece formação de sete semanas no seu texto, que pode ser complementada por curso de teologia dedicado às passagens consideradas mais cruciais. Disso resulta que praticamente todas ações estimuladas pelos líderes da Hillsong sejam justificadas biblicamente, inclusive aquelas alegadas como vias

¹²⁹Disponível em: <<https://hillsong.com/brazil/blog/2020/11/dia-18-uma-casa-que-empodera/#.YQrcBo5KiUk>>. Acesso em: 18/02/2021.

¹³⁰Trechos coletados em 06/05/2020 no *Eu Decidi*, curso para novos convertidos da Hillsong.

¹³¹Dedicar-me-ei à estética religiosa da igreja no capítulo circunscrito a sua materialidade, inclusive em sua relação com a Bíblia. Por ora, basta dizer que, ao contrário de boa parte das igrejas pentecostais, é muito difícil ver os membros da Hillsong São Paulo portando exemplares físicos do texto sagrado. Os versículos pregados e citados são sempre projetados nos telões de LED das dependências onde se realizam as reuniões. A prática busca romper com o antigo estereótipo daqueles que ficaram conhecidos por “viverem com a Bíblia debaixo do braço”. Além disso, cumpre observar que a tradução bíblica adotada pela igreja também destoa daquelas majoritariamente utilizadas por outras igrejas evangélicas. A versão *A Mensagem*, usada pela Hillsong, chega a ser considerada por estudiosos da área como uma paráfrase dos textos hebraico, aramaico e grego originais (ver, por exemplo, KOHLENBERGER III, 2004).

para uma vida empoderada, integralmente bem-sucedida. Para ser empoderado, antes de qualquer outra coisa, o crente da Hillsong precisa fazer da Bíblia o norte de toda sua existência:

Qual é a autoridade que a Bíblia tem sobre você, hoje? Qual é a autoridade que a Bíblia tem sobre a sua vida? [...] É uma autoridade que simplesmente existe e não é praticada? Que não é levada com atenção? Ou é algo que faz parte da sua vida? Se nós dissemos que a Bíblia tem autoridade sobre as nossas vidas, então, nós precisamos estar encontrando, nos encontrando com a Palavra de Deus constantemente. Precisamos estar lendo a Bíblia constantemente. Precisamos aprender isso nas nossas vidas. E não que a Bíblia simplesmente seja algo que é colocado de lado, numa gaveta, ou quem sabe nem há uma presença de uma Bíblia em nossas casas. Talvez hoje seja um bom dia para você começar a pensar a respeito de como será a sua vida e a autoridade da Bíblia na sua vida é algo que precisa ser considerado. Qual é a autoridade que ela tem sobre você, hoje? [...] quando nós nos encontramos com a Palavra de Deus nós estamos nos encontrando com o coração Deus, algo que vem diretamente de Deus para nos *empoderar, para vivermos a vida que ele tem para nós*¹³².

Como denominações da mesma tradição, isso não significa apenas ler e meditar naquilo que os livros bíblicos ensinam. “Se você simplesmente ler a Bíblia por ler, ela não vai te transformar, vai se tornar um trabalho acadêmico”. Importa, antes, lê-la com toda devoção: “se você ler a Bíblia devocionalmente, com o coração conectado com a Palavra de Deus, ela vai fazer algo”¹³³. Mais do que isso. É necessário colocar em prática aquilo que dela se apreende: “nós precisamos ouvir a palavra de Deus, mas nós precisamos também colocar a Palavra de Deus em prática nas nossas vidas”. Caso contrário, isto é, “se nós não colocarmos a palavra de Deus em prática nas nossas vidas, existe algo de errado com as nossas crenças”¹³⁴. Nesse sentido, por ter a Bíblia, o fiel deve se lembrar que já dispõe do meio por excelência para desfrutar de vida plenamente realizada. Ao lado da presença inequívoca do Espírito Santo e da autoridade de Jesus, é ela que capacita a pessoa para o melhor sempre por vir. Dela decorre o fortalecimento na fé¹³⁵ e o impulso à vida de oração. Cabe ao crente observar à risca os princípios nela existentes, a fim de se empoderar para as dificuldades que a vida impõe. “Qualquer que seja a resposta, está nas nossas mãos, para usar das ferramentas que hoje nós temos disponíveis, fazer as alterações nas nossas vidas para que a gente possa experimentar o melhor de Deus”¹³⁶. Como se defende, é na

¹³²Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*. Grifo nosso.

¹³³Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

¹³⁴Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

¹³⁵Na interpretação bíblica da Hillsong, a fé se desenvolve no encontro do indivíduo com a Bíblia. Como ensinado num de seus cursos: “nossa fé cresce à medida que nós meditamos na Palavra de Deus”.

¹³⁶Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

Bíblia que o membro pode encontrar todas as respostas de que necessita em tempos de dificuldades e desafios. Como escreve Mendez:

É hora de irmos à Palavra de Deus, porque ela continua verdadeira e poderosa e tem toda a autoridade para nos empoderar diante de qualquer dificuldade e qualquer situação. Isso nos aproxima do Deus Todo-Poderoso, que nos cobre com Sua sombra¹³⁷.

A mesma leitura é feita em relação às situações que demandam decisões da maior importância:

[...] você, às vezes, tá [sic] enfrentando problemas, dificuldades, grandes desafios e você vai para a Palavra de Deus. E você começa a ler a Palavra de Deus e a Palavra de Deus começa a trazer força. Você é uma pessoa antes de ler a Palavra de Deus e depois você outra pessoa depois de lê-la. A pessoa, antes de ler a Palavra de Deus, vê tudo com grandes problemas, grandes dificuldades. Não sabe como tudo vai se resolver. Mas, depois que você lê a Palavra de Deus, você encontra força. E aquilo que parecia ser um grande desafio, se torna um desafio não grande assim. [...] quantas vezes nós estamos lendo a Bíblia e às vezes tem questões, decisões que nós precisamos tomar e nós não estamos totalmente certos de qual é o melhor caminho, mas no momento em que estamos lendo a Palavra de Deus, nós sentimos o quê? Sentimos um direcionamento de Deus¹³⁸.

O destaque conferido à Bíblia também é revelado na forma metódica com a qual a igreja estimula seus fiéis à leitura. Na Hillsong, os adeptos e simpatizantes mais engajados¹³⁹ aprendem técnicas que fazem com que aproveitem melhor o texto norteador da fé cristã. São estimulados, por exemplo, a encontrar horário e lugar especialmente reservados à prática devocional:

Não existe nada como tirar aquele momentinho em que você pode focar, concentrar... e se você sempre fizer no mesmo horário, seja pela manhã, quando você acordar, seja quando você for dormir à noite, depois de você fazer isso consistentemente, talvez por 21 dias, quem sabe 40 dias, consistentemente, isso vai se tornar um hábito na sua vida. E quando se torna um hábito, se torna muito mais fácil. Então, encontre um local, encontre um lugar e um horário que venham a funcionar bem para você¹⁴⁰.

¹³⁷Trecho do terceiro dia do devocional *Sob a Sombra*, do pastor Chris Mendez. Disponível em: <<https://chop.bible.com/pt/reading-plans/20397-sob-a-sombra/day/3>>. Acesso em: 19/06/2021.

¹³⁸Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*. Acréscimo nosso.

¹³⁹A diferenciação é necessária aqui. Somente os membros e simpatizantes que fazem os cursos da igreja têm acesso a esse tipo de treinamento e informação. Estrategicamente, os cultos públicos da Hillsong são voltados a mensagens mais evangelísticas, menos rigorosas teologicamente, especificamente direcionadas a visitantes não-habitados à linguagem religiosa.

¹⁴⁰Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

Em seguida, são orientados a organizar as ferramentas necessárias para que a experiência seja proveitosa: “[...] deixa tudo preparado. Você vai usar uma caneta para sublinhar algo? Talvez você precise do seu cafezinho... prepare tudo para que você não tenha nenhuma distração e esteja completamente focado naquilo que Deus vai falar”¹⁴¹. Devem fazer orações antes de começar a ler; meditar com afinco naquilo que foi lido. A fim de memorizar as passagens, incentiva-se a prática de escrita e verbalização do conteúdo assimilado: “talvez você pode ler toda aquela passagem e escrever algo a respeito dela [...]. Ou até mesmo num momento de oração, você pode verbalizar, falar aquilo que você leu, que você entendeu”¹⁴². Mesmo aqueles que acabaram de chegar à instituição são instruídos sobre como manusear o livro religioso: “se quer começar a ler, comece pelos evangelhos. João é o mais fácil. Mateus foi escrito para os judeus, isso talvez pode ser difícil para você”¹⁴³. Em suma, o adepto deve valorizar e apreciar a Bíblia: “têm países em que a Bíblia está proibida [...] nós temos a oportunidade de ter a Bíblia fácil, nas nossas mãos, no nosso celular, talvez se você baixar um aplicativo, ou se você gosta do próprio livro... gente, a oportunidade é tremenda. Vamos valorizar e apreciar a Bíblia”¹⁴⁴.

Não obstante, o caminho de empoderamento bíblico passa ainda por uma série de obstáculos com os quais o adepto precisa lidar para ser bem-sucedido. Observadas as estratégias descritas, cabe ao fiel lutar contra aquilo que pode afastá-lo dessa devoção específica. Em primeiro lugar, a leitura não pode ser realizada de modo “legalista”, como se imposta pela igreja. “Não pode ser por obrigação, senão vira religião”¹⁴⁵. “Vamos olhar com outra perspectiva: nós estaremos lendo [sic] a Bíblia para desenvolver a nossa intimidade com Deus”¹⁴⁶. Além disso, o indivíduo também não deve se comparar com outras pessoas já acostumadas com a prática, a fim de não desanimar: “talvez você vê outras pessoas que parecem ter uma vida maravilhosa de leitura com Deus, desenvolvendo relacionamento... você ainda tá [sic] tentando gerenciar a sua vida, organizar um tempo [...] evite a comparação”¹⁴⁷. Como igreja integrante do pentecostalismo, a Hillsong também atribui ao diabo um papel de destaque como adversário nesse quesito. “O inimigo não quer que você leia a Bíblia”¹⁴⁸, afirma um dos pastores no curso *Estilo de Vida*. Preguiça, distrações e sentimento de culpa também têm o seu lugar como empecilhos ao empoderamento bíblico:

¹⁴¹Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

¹⁴²Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

¹⁴³Trecho coletado em 06/05/2020 no *Eu Decidi*.

¹⁴⁴Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

¹⁴⁵Trecho coletado em 06/05/2020 no *Eu Decidi*.

¹⁴⁶Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*. Acréscimo nosso.

¹⁴⁷Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*. Acréscimo nosso.

¹⁴⁸Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*.

“Poxa, quando eu tenho um tempinho de sobra eu quero descansar. Não quero fazer nada”. A gente não pode deixar que a preguiça nos atrapalhe na leitura da Bíblia, porque ela na verdade irá nos fortalecer. [...] temos que evitar todo tipo de distração. Talvez você precise colocar o seu celular no modo avião, desconectar do Wi-Fi... o que seja necessário para que o seu foco total esteja na Palavra de Deus, nada te desvie e você possa receber mais daquilo que Deus está falando. [...] talvez você fez algo que você sente: “poxa, isso é errado”. E a tendência é se esconder [...] não significa que temos que parar de ler a Bíblia. Leia ela [sic]. Não deixe que a culpa crie um espaço entre você e a Palavra de Deus¹⁴⁹.

Enfim, se a Bíblia é o meio mais importante pelo qual o indivíduo pode se empoderar, pelo Espírito, para o dia-a-dia, tudo o que dela o afaste precisa ser disciplinarmente tolhido. E aí também estão inclusas crenças pregressas incompatíveis com a visão de mundo cristã arrogada pela igreja: “identifique as crenças atuais e reflita: a crença limita o meu potencial ou permite que eu alcance o meu potencial pleno? Segue a palavra de Deus e o propósito dele para a minha vida? Comece a alinhar as suas crenças com a Bíblia. Procure vivê-las de forma consistente”, diz o pastor Rafael Bitencourt¹⁵⁰.

Todo o empenho da igreja por “mudar formas de pensar” a partir do texto bíblico, para uma vida plenamente bem-sucedida, repercute nos que a frequentam¹⁵¹. Morador da Vila Prel, bairro periférico da zona sul paulistana, Lucas relata em entrevista ter pedido demissão do trabalho, numa rede de hipermercados, depois de ser encorajado a dedicar os domingos exclusivamente à Hillsong:

[...] foi numa pregação do Chris [Mendez]. Ele deu testemunho de como foi abençoado depois que deixou o emprego que tinha para trabalhar na igreja nos domingos, como a Bíblia pede. Na época eu trabalhava num mercado, nesses grandes. Eu tinha que trabalhar nos domingos. As folgas eram em dias da semana. Eu folgava poucos domingos no mês. Depois que eu ouvi a pregação do Chris, decidi pedir para sair¹⁵².

Perguntado se a decisão valeu a pena, o jovem de 20 anos, de baixa renda, reproduziu trecho de uma mensagem proferida no primeiro Evento de Homens da denominação, do qual voltávamos

¹⁴⁹Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*. Acréscimo nosso.

¹⁵⁰Trecho coletado em 12/08/2020 no curso *Estilo de Vida*.

¹⁵¹Uma forma nítida de assimilação é observada na linguagem dos fiéis da Hillsong. Termos característicos da igreja, geralmente importados da língua inglesa, são reproduzidos pelos adeptos em conversação. É o caso de “estação” (de *season*, para se referir ao atual estado de coisas), “conectar” (referindo-se à criação de laços sociais), “empoderar” e expressões onomatopeicas de admiração, como o sempre presente “uau”.

¹⁵²Entrevista com Lucas, 20 anos, realizada em 07/09/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM. Na igreja há cerca de três meses quando de nossa conversa. Acréscimo nosso.

naquele dia: “temos que criar um vazio em nossa vida para que Deus preencha, né?”. E continuou:

Depois disso até consegui passar algumas semanas no [banco] Santander, como estagiário administrativo. Esse aqui perto da Villaggio mesmo, sabe? [...] Foi bom para participar das noites DNA, porque fiquei pertinho da igreja. Mas também decidi sair depois de outra mensagem que falou profundamente comigo. [...] Quero correr atrás do meu sonho, que é ser projetista de carros. Eu ainda não tenho esse emprego, mas eu posso. A Palavra ensina que Deus empodera, cara¹⁵³.

A fala não apenas exemplifica o relativo sucesso da instituição em moldar mentalidades e práticas de seus adeptos a partir de sua interpretação bíblica e dos ensinamentos ofertados nos cultos e nos cursos. Também corrobora certa eficácia dos testemunhos pessoais, mobilizados para o convencimento dos que ainda têm suspeitas em relação a crenças e práticas defendidas pela igreja. Dito de outro modo, é como se os testemunhos conferissem credibilidade à mensagem propalada dos púlpitos, atestando-a como verdadeira e tornando-a plausível, em semelhança àquilo que Hervieu-Léger chamou de “validação mútua do crer” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 159). No caso de Lucas, a lógica é a de que, se deu certo com Mendez, também daria certo com ele. Bastava-lhe fazer da Bíblia seu manual de vida, empoderando-se para o êxito profissional.

De certa maneira, a esse assunto está ligado o segundo grande caminho que, somado à Bíblia, é tido e promovido pela Hillsong São Paulo como garantia de uma vida integralmente bem-sucedida: permanecer “plantado” na igreja. Refletindo os escritos dos Houston, a filial paulistana da denominação também confere à igreja um papel preponderante para o “florescimento” integral de seus membros. Disso são conscientizados seus adeptos e líderes:

Como que você está plantado na igreja hoje? Porque se você estiver plantado, se você estiver arraigado, *Deus vai te abençoar*, e você vai *crescer*, e vai *florescer*. Isso é uma das promessas que tem na Palavra dele que diz que aqueles que estão plantados na casa do Senhor crescerão como as árvores do Líbano e florescerão. Nós podemos crescer, nós podemos *florescer* se estarmos firmemente plantados na igreja; envolvidos, próximos¹⁵⁴.

A igreja, nesse sentido, é entendida como o *lugar* primordial em que, pelo Espírito Santo, Deus empodera o seu povo. É nela que os fiéis são ensinados a como se apropriar das promessas bíblicas, aplicando-as aos seus problemas cotidianos. Nela ouvem mensagens empoderadoras,

¹⁵³Entrevista com Lucas, 20 anos, realizada em 07/09/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM. Acréscimo nosso.

¹⁵⁴Trecho coletado em 24/08/2021 no curso *Liderança*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*. Grifos nossos.

os testemunhos de seus irmãos bem-sucedidos¹⁵⁵, além de contar com o suporte de pessoas mais experientes na jornada de fé. Nas palavras de Mendez, “a Igreja é uma família que adora e cresce junto, que em tempos de necessidade está lá para se doar, orar, apoiar e acompanhar”. Aplicando-se a ela, os crentes têm nas mãos “a oportunidade de construir uma casa onde as pessoas possam estar plantadas, florescer, desenvolver seu potencial e alcançar o propósito de Deus para suas vidas”¹⁵⁶. A igreja, para a Hillsong, é tida sobretudo como uma agência fomentadora de sucesso individual pleno, da qual todos os fiéis podem se beneficiar de forma prática — desde que nela arraigados. Comentando textos bíblicos como Mateus 16.18 e Hebreus 10.25, que realçam a importância da comunidade religiosa, o pastor Raphael Galante diz o seguinte:

[...] a gente faz parte de uma grande promessa. Se a gente se remove da igreja, a gente está se removendo de uma promessa que Deus tem para construir, de proteção, de avanço que está sobre as nossas vidas. Deus quer construir a sua igreja e a nós, empreendedores, pessoas do dia-a-dia, pessoas que talvez têm um trabalho que você possa considerar simples [...] o que que Deus está dizendo, o que que Jesus está dizendo para as nossas vidas? Que a gente precisa se reunir, que a gente precisa estar junto como povo de Deus e como igreja, porque como igreja nós podemos avançar muito mais nas nossas vidas de acordo com os propósitos de Deus¹⁵⁷.

Como resume um *tweet* de Houston, citado num dos cursos que frequentei, a ideia é a de que “quanto mais opcional a igreja se torna para você, menor será o impacto que ela terá na sua vida”¹⁵⁸.

“Estar plantado na igreja” envolve, na Hillsong, muito mais do que simplesmente frequentar suas reuniões dominicais. Na prática, pressupõe a participação numa série de outras atividades desenvolvidas pela denominação. Isso inclui programações especiais (como noites *DNA*, *Bem-vindo a Casa*, *Sisterhood* e *Evento de Homens*), equipes de voluntariado, *Connect Groups*, grupos de engajamento, cursos especializados (como *Eu Decidi*, *Night School* e *Casa Aberta*), além de vários outros compromissos com os quais seus adeptos podem se envolver — como o *CityCare*. Diferente da maioria das outras igrejas evangélicas, chama a atenção de muitos de seus simpatizantes o fato de a igreja não obrigar ou impor condições à participação

¹⁵⁵Todos os cultos públicos da Hillsong dedicam tempo ao compartilhamento de testemunhos pessoais. Lidos pelos pastores dirigentes no momento reservado aos “motivos de gratidão”, os temas de tais depoimentos vão de curas e aquisições materiais a casamentos e desenvolvimento profissional. Aqueles que desejam que seus testemunhos sejam lidos podem escrevê-los em ficha disponibilizada no *foyer* antes do início das reuniões.

¹⁵⁶Trecho do texto *Uma Casa Saudável*, de autoria de Chris Mendez. Publicado em novembro de 2020 no blog da igreja, em seu site oficial. Disponível em: <<https://hillsong.com/brazil/pt/saopaulo/all/blogs/?pages=2>>. Acesso em: 02/10/2021.

¹⁵⁷Trecho coletado em 24/08/2021, no curso *Liderança*.

¹⁵⁸Trecho coletado em 24/08/2021, no curso *Liderança*.

em tais programações¹⁵⁹. Mesmo aqueles que nem sequer “se decidiram por Jesus” podem, por exemplo, voluntariar-se para trabalhar numa das variadas equipes organizacionais da igreja em São Paulo: “eu venho na Hillsong desde o ano passado. Já sou voluntária. Mas foi na última reunião de Páscoa que eu decidi... ‘ah não, agora eu tenho certeza’. Senti no coração, fiquei segura de que essa era a decisão”, diz uma das participantes do curso *Eu Decidi*, referindo-se à “escolha por Cristo”¹⁶⁰. Além de atrair mais pessoas, especialmente jovens afeitos a um modo mais fluido de pertencimento, a verdade é que esse tipo de prática estratégica acaba por ampliar toda uma rede relativamente sólida de sociabilidade, que de fato dá suporte a várias demandas daqueles que se agregam à denominação. Carla, jovem de 26 anos, moradora de Itapeverica da Serra e de baixa renda, conta o seguinte:

Eu nunca tinha me sentido parte das igrejas que frequentei [...]. Eu ia numa igreja de sistema celular, que fica bem do lado da minha casa, mas nunca me senti parte dela. Com a Hillsong foi diferente. Eu fui muito bem recebida, senti muito amor por parte das pessoas. Aprendi que não devo me conectar com uma igreja, mas com Jesus. Antes de vir para cá eu sofri muito, passei por uma situação muito difícil, quase desisti de viver. Daí uma amiga que trabalha ali por perto me convidou para ir conhecer e tal. No começo tive receio. Você sabe como é, pensava que era uma igreja cheia de heresias e tal. Mas, nossa... eu fui muito bem recebida. Aqui me abraçaram de verdade. Não aquele abraço frio que é comum em outros lugares. Aqui as pessoas se importam com você. Depois que me cadastrei no *MyHillsong* as pessoas me procuravam, diziam que estavam orando por mim. Eu passei a me conectar com as pessoas. É bem diferente dos outros lugares e eu fui para lá porque é muito diferente de outros lugares, que condenam nosso comportamento. Amor é uma palavra que define bem a Hillsong. Estou vindo há uns seis meses e quando cheguei não queria me envolver com nada. Hoje já sou voluntária no *CityCare*, que visita vários lugares necessitados, ajuda a comunidade local, a cidade em que estamos inseridos [...] é diferente. Você faz o cadastro no site e você já se torna membro. Depois de fazer o cadastro você já recebe contato pessoal e tudo mais... pode se voluntariar nas várias equipes que a igreja tem. E o diferencial é que aqui eles não estão interessados em número. Eles querem que você se conecte com Jesus. Vou te dar um exemplo. Eu fiquei um tempo sem ir na igreja [sic] e recebi do pessoal, por WhatsApp, o conselho: ‘se você não consegue vir na Hillsong, procure uma igreja perto da sua casa para ir... você tem que se conectar com Jesus’. É isso que realmente importa. Meu, isso é muito legal¹⁶¹.

¹⁵⁹As exceções se dão com as funções que exigem treinamento especializado, como o *Hillsong Kids*, e os cursos pagos, como *Night School* e *Casa Aberta*. Ainda assim, qualquer pessoa pode se matricular neles, seja adepto da Hillsong ou não.

¹⁶⁰Trecho coletado em 22/04/2020 no *Eu Decidi*.

¹⁶¹Entrevista com Carla, 26 anos, realizada em 10/09/2019 na estação *Giovanni Gronchi* do metrô de São Paulo.

Diego, 32, revela motivações semelhantes. Outrora membro da igreja Renascer em Cristo, responde-me da seguinte maneira quando indagado acerca das principais diferenças que sentiu depois de chegar à filial paulistana, que frequenta há dois anos:

Acho que o diferencial da Hillsong foi trazer um novo jeito de fazer igreja para o Brasil. [...] ninguém exercer pressão sobre você. Se você está disposto a ajudar, será muito bem-vindo [...]. Apesar de ser uma igreja grande, os voluntários costumam manter contato entre si nas equipes. Isso faz com que a igreja pareça pequena, sempre disposta a nos ajudar¹⁶².

Com efeito, depoimentos como esses, somados às dezenas de testemunhos e experiências que pude ouvir e observar informalmente, de fato atestam que a igreja empodera seus membros. A seu modo, como escreveu Tanya Riches sobre o programa *Sisterhood* na sede australiana, que “promove a visibilidade” de seus adeptos (RICHEs, 2017, p. 100). Demonstrações disso puderam ser vistas quando, em razão da pandemia de covid-19, estimulou a criação de grupos internos para a divulgação de vagas de emprego via *WhatsApp*. Ou pela circulação de vários materiais de aconselhamento pastoral fornecendo dicas práticas para o cultivo do bem-estar emocional dos seus membros. Não obstante, cumpre considerar ainda uma série de métodos de gerenciamento de si que são estimulados em suas fileiras.

Somados ao alinhamento às prescrições bíblicas e à participação assídua nos cultos e programações, os esquemas de ação propostos pela Hillsong compreendem um conjunto diversificado de procedimentos práticos igualmente sugeridos como vias diretas à vida integralmente bem-sucedida — isto é, na leitura da denominação, empoderada. Essa gama de orientações envolve uma plêiade de técnicas de ação sobre si que encontra estreita similaridade com os discursos individualizantes da autoajuda. Ministradas por sua liderança num estilo *coaching*, tais técnicas abrangem aspectos que vão das finanças aos relacionamentos sociais dos fiéis. Foi o que observei, por exemplo, no curso *Maximizando seu Potencial Financeiro*, do *Night School*¹⁶³. Compreendendo sete aulas, oferecidas por membros da igreja bem-sucedidos no mercado gerencial, nele os adeptos e simpatizantes são treinados a cuidar de sua saúde monetária, lidar com o endividamento, poupar, investir em ações na bolsa de valores e até a começar a empreender. E isso, com todo respaldo bíblico:

[...] todos esses conceitos fundamentados na Bíblia. Pensem em princípios milenares, na história da cultura judaico-cristã, que é milenar, mais de quatro

¹⁶²Entrevista com Diego, 32 anos, realizada em 23/06/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM.

¹⁶³O título desse curso evidencia a busca por maximização dos benefícios individuais fomentada pelo discurso teológico da prosperidade. É sintomático, portanto, como o é a série de livros *How to Maximise Your Life*, de Brian Houston.

mil anos de história, princípios que possuem aprendizados — e você vai ver nesse curso — riquíssimos, relacionados com finanças, semeadura, administração, mordomia, sabedoria, empreendimento, empreendedorismo, projetos, tantas outras ideias e aprendizados que a gente pode ter com essa sabedoria milenar. O propósito de um curso como esse é que a gente possa desenvolver um raciocínio financeiro, para que a gente possa tomar a melhor decisão [...] tudo isso visando o quê? Independência financeira, que é você ter a realização, você ter o conforto, a disponibilidade de você tomar as decisões e viver uma vida tranquila utilizando esses princípios que a Bíblia nos diz¹⁶⁴.

A fim de desconstruir mitos e tabus relacionados a uma interpretação mais abnegada do texto tido como sagrado, a leitura é a de que “para nós, cristãos, tudo é espiritual, inclusive o dinheiro. Nós não separamos as coisas. Está tudo integrado dentro da nossa vida”¹⁶⁵. Assim, os matriculados são enfaticamente encorajados a ter planejamento e disciplina na esfera econômica. “Desde o começo Deus nos ensina a planejar”, aprende-se no primeiro encontro. “Deus não podia ter criado tudo no primeiro dia? O que que ele fez? Ele foi criando processualmente a terra. Está claro para você que tinha um planejamento na cabeça de Deus? Ou seja, tem um princípio por trás disso: o planejamento”¹⁶⁶. A começar de muito cedo, os membros precisam entender os benefícios da auto-organização. Como se incentiva, “é muito importante ensinarmos as crianças, desde o início, as melhores práticas da educação financeira”¹⁶⁷. Do mesmo modo, é imperativo que os crentes saibam controlar suas emoções, diretamente relacionadas com seus hábitos nessa área. “Gaste menos do que você ganha”, “crie uma reserva financeira”, “poupe conscientemente”, “tenha mais de uma fonte de renda”, “faça o dinheiro trabalhar para você”, “não compre por impulso”, “tenha planos para o futuro” e muitos outros princípios da mesma ordem são transmitidos. Até mesmo métodos prontos são promovidos: “reserve 50% do seu orçamento com gastos fixos e essenciais; 20% com gastos variáveis; 20% com prioridades financeiras e 10% ao dízimo”¹⁶⁸. De fato, o que se vê reverbera de perto os ditames da teologia da prosperidade. Mas vai além, reconfigurando a doutrina. Como pontuei anteriormente, acompanhando as próprias transformações do discurso econômico liberal, a compreensão do indivíduo como sujeito de seu próprio sucesso é estimulada aqui. Disciplinando-o, essa racionalidade faz da sua “ação empoderada” o elemento

¹⁶⁴Trecho coletado em 13/07/2021, no curso *Maximizando seu Potencial Financeiro*.

¹⁶⁵Trecho coletado em 13/07/2021, no curso *Maximizando seu Potencial Financeiro*.

¹⁶⁶Trecho coletado em 13/07/2021, no curso *Maximizando seu Potencial Financeiro*.

¹⁶⁷Trecho coletado em 20/07/2021, no curso *Maximizando seu Potencial Financeiro*.

¹⁶⁸Trecho coletado em 27/07/2021, no curso *Maximizando seu Potencial Financeiro*.

fundamental para o desfrute do bem-estar terreno, assumindo o antigo posto ocupado pela fé ainda dependente da vontade divina¹⁶⁹. O fiel é o empreendedor de si e de seu futuro.

Nesse ponto específico, não há como deixar de notar certa “afinidade eletiva” com transformações sociais mais amplas, especialmente aquelas que acontecem no interior da própria razão de mundo neoliberal. Escrevendo sobre elas, Michel Foucault pontua:

No neoliberalismo — e não o esconde, proclama-o —, encontramos também uma teoria do *homo oeconomicus*, mas, aqui, o *homo oeconomicus* não é de modo algum um parceiro de troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. E isto é de tal modo verdade que em praticamente todas as análises dos neoliberais se substitui o *homo oeconomicus* parceiro da troca por um *homo oeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele mesmo o seu próprio capital, sendo para si mesmo o seu próprio produtor, sendo para si mesmo a fonte dos seus rendimentos (FOUCAULT, 2018, p. 286).

Na ênfase teológica efetuada pela Hillsong, o fiel deixa de ser sobretudo um parceiro de troca — *pela fé* — para ser o ator de seu próprio sucesso — *pelo poder*. Em certos aspectos, portanto, é como se a ênfase no empoderamento da Hillsong fosse uma espécie de decantação semântica da teologia da prosperidade, resultante de processos sociais que perpassam a esfera religiosa. Sua radicalização e ampliação ideológicas, ao menos.

Mas os modos de ação que os adeptos são estimulados a exercer sobre si se fazem sentir de maneiras outras que aquelas de feição econômica. Isso dá em razão do caráter holístico com que essa leitura teológica do empoderamento lê e se acomoda ao mundo. Na Hillsong São Paulo, os fiéis aprendem que devem gerenciar seu tempo, por exemplo:

A Bíblia fala várias coisas sobre o tempo. Em Eclesiastes 3.1, que tudo tem um tempo determinado por Deus. Ela fala, que a vida, sim, é passageira em Salmos (39.4-5). A Bíblia fala que o tempo de Deus é diferente do nosso tempo (2Pedro 3.8). [...] E a Bíblia fala também que a gente precisa redimir o tempo (Colossenses 4.5). O que que isso quer dizer? [...] é na verdade, a gente conseguir utilizar o nosso tempo da melhor forma possível para aquilo que é propósito que a gente foi chamado¹⁷⁰.

¹⁶⁹É nítido como esse discurso de inspiração neoliberal está presente na igreja. Um exemplo pode ser dado a partir do registro de uma de minhas participações nas aulas de *Estilo de Vida*. Ao discorrer sobre as mazelas sociais, um dos pastores diz: “tome a atitude! A gente não pode achar que isso é problema das pessoas. Isso não é problema do governo. Não, não. Esse problema é nosso. A gente vai curar as pessoas no nome de Jesus. A gente vai ser a diferença. A gente vai ser os pés e as mãos de Jesus na nossa sociedade. A gente vai agir. A gente não vai simplesmente reclamar ou criticar como é a cultura que nós estamos na nossa sociedade. Mas a gente vai entender que nós somos a resposta para aquilo que está diante de nós. Que Jesus nos chamou para ser a resposta”. Trecho coletado em 18/08/2020.

¹⁷⁰Trecho coletado em 04/08/2020, no curso *Estilo de Vida*.

O mesmo pode ser dito quanto ao estabelecimento de propósitos de vida e gerenciamento de valores, comportamento e até relacionamentos que podem prejudicar a relação dos adeptos com Deus e a igreja:

Deus se importa com o que nós fazemos, como nós fazemos, quando fazemos. Deus se importa com nossos valores. [...] será que os meus valores, a forma como eu tenho vivido, se alinha com a forma que Deus tem para mim, com aquilo que Deus pensa de mim? [...] (1) Identifique as crenças atuais e reflita: a crença limita o meu potencial ou permite que eu alcance o meu potencial pleno? Segue a palavra de Deus e o propósito dele para a minha vida? (2) Qual crença preciso mudar? (3) Procure evidência na Bíblia que afirmará e sustentará a sua crença. Sem textos fora de contexto! (4) Comece a alinhar as suas crenças com a Bíblia. Procure vivê-las de forma consistente, escreva e confesse¹⁷¹.

O caráter cristão é afetado pelas nossas companhias. Assim como a gente é transformado num relacionamento com Jesus, se as nossas companhias não são boas, a gente vai se tornar como essas pessoas. Isso não quer dizer que você não tem que influenciar as pessoas, que você não tem que ser amigo dessas pessoas, isso quer dizer que você tem que estar com pessoas, num círculo de pessoas que vai te colocar vai, sim, te colocar... apontar pra Deus. E assim, você forte vai poder impactar e influenciar aquelas outras pessoas. Uma pergunta que a gente pode fazer pra nós mesmos: “será que eu tô [sic] influenciando as pessoas aqui ou será que elas tão me influenciando?”¹⁷².

Em suma, prevalece a ideia amplamente difundida na literatura de autoajuda de que os benefícios individuais, o bem-estar integral, não dependem unicamente da “capacidade de desenvolver uma determinada performance técnica e obter resultados”. Na forma de vida engendrada pelo capitalismo tardio, eles também estão relacionados à capacidade de cada sujeito de “redefinir e gerenciar os sentimentos interiores e a conduta pessoal de acordo com as expectativas de sucesso e aceitação social, que lhe são abertas por situações cada vez mais complexas e diferenciadas” (RÜDIGER, 2010, p. 150-151). Nesse sentido, é sintomático que aulas do curso *Estilo de Vida* — que de alguma maneira resume bem o conteúdo das estratégias derivadas da cosmovisão da igreja — tenham por título o mote *liderando a si mesmo*. A ideia é mesmo a de fomentar um autogoverno do indivíduo crente. Pelo ideal de empoderamento, “produzir certo tipo de relação deste consigo mesmo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 18), para sua ação no mundo.

Também aqui, vale lembrar, encontramos semelhanças com o que pesquisadores da religiosidade brasileira têm observado a partir de suas investigações sobre o pentecostalismo

¹⁷¹Trecho coletado em 18/08/2020, no curso *Estilo de Vida*.

¹⁷²Trecho coletado em 18/08/2020, no curso *Estilo de Vida*.

verde-amarelo. A versar sobre a constituição da “economia política da prosperidade” e as “políticas de gênero” que caracterizam o *modus operandi* da IURD, por exemplo, Jacqueline Moraes Teixeira destaca o papel preponderante de “um conjunto de técnicas para o governo” e “cuidado de si” que se observa em seus corredores. Na denominação, como pontua, também a “noção teológica de ‘vida em abundância’” é mobilizada “a partir de exercícios de regulação de condutas no qual o gerenciamento da prosperidade ocorre no exercício público do governo de si” (TEIXEIRA, 2018, p. 128). Em ambos os casos, o que se vê é o investimento na racionalização do comportamento do crente dentro e fora da igreja, tanto para efetuar atividades religiosas quanto para “florescer”, ter sucesso. E isso, como se deve imaginar, surte efeito entre os fiéis:

Eles te colocam para frente aqui. Capacitam, sabe? Eu mesmo, depois de seis meses aqui, já faço parte de uma equipe de voluntários. Não tem isso de ter que ser membro para depois se voluntariar e trabalhar. Não é como nas outras igrejas em que você tem que esperar 10 anos para que te vejam capacitado para fazer alguma coisa. É diferente. Fui impactado pelo poder de Deus, e creio que isso me capacitou de verdade, sabe? Quando vi, já estava servindo na igreja. Deus nos empodera para que a gente desenvolva o nosso melhor, para que a gente dê frutos. A Hillsong me ensinou isso, e é verdade¹⁷³.

Cara, Deus é um Deus de ordem. Então, pensa, o que é que ele quer para a vida da gente? Ordem. Acho que a nossa igreja quer liberar nosso potencial quando tenta inculcar isso na gente, saca? O que tem dentro da gente é muito forte. Deus quem colocou, bicho. Só que para isso a gente tem que se esvaziar da gente mesmo. É aquilo, “não se conformem com este século”. Tem que ter ordem, seguir a Palavra. A gente pode ser muito abençoado fazendo isso¹⁷⁴.

Por essas e outras, é como se a mobilização da noção de empoderamento visasse a promoção do ideal de grandeza e onipotência do indivíduo. Se for capaz de se autodisciplinar, “autoajudar”, o crente será capaz de alcançar o sucesso pleno. Como sugeriu Tanya Riches, isso corrobora o fato de que a igreja “se adaptou a um mundo neoliberal de várias maneiras” (RICHES, 2020, p. 191, tradução nossa).

De fato, em meu balanceamento bibliográfico, trabalhos como os de Marion Maddox (2012; 2013a) e Mairead Shanahan (2018; 2019) sugeriram que esse tipo específico de mundivisão eletivamente afeita ao neoliberalismo fundamentara a própria lógica institucional da igreja. Comprometida com o ideal de crescimento, a Hillsong é administrada como uma multinacional, cuja expansão parece seguir planos de negócios das grandes corporações

¹⁷³Entrevista com Tiago, 29 anos, realizada em 07/09/2019 nas dependências do Villaggio JK por ocasião do primeiro evento de homens da igreja.

¹⁷⁴Entrevista com Rodrigo, 24 anos, realizada em 04/08/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM.

capitalistas globais¹⁷⁵. A ânsia por ampliação faz-se corroborar em sua *Declaração de missão*, encontrada em diversas línguas nos sites oficiais de suas filiais espalhadas pelo mundo. Nela, o pastor sênior, Brian Houston, expressa: “Eu vejo uma família global: uma casa com muitos cômodos trabalhando com uma visão unificada [...] vejo prédios que têm dificuldade de acolher o crescimento de tudo o que Deus está fazendo”¹⁷⁶. Segundo Maddox, os líderes da Hillsong “são exemplos de visão carismática e empreendedora com um corporativismo estrito, baseado na teologia do ‘corpo de Cristo’, dentro de uma sociedade intensamente globalizada” (MADDOX, 2012, p. 154, tradução nossa). De acordo com dados da própria denominação, auditados de maneira independente pela companhia especializada *Ernst & Young*, sua arrecadação, somente em 2019, superou 95 milhões de dólares, 76% dos quais oriundos de dízimos e ofertas¹⁷⁷. Alvo de críticas da imprensa¹⁷⁸ e de ex-membros¹⁷⁹, esse tipo específico de cosmovisão e suas implicações à relação com o dinheiro por vezes demandou escusas. Publicado ainda no final da década de 1990, como vimos, o livro *You Need More Money* (HOUSTON, 1999), de autoria de Houston, ocasionou enxurrada de críticas à igreja, às quais o líder teve de se curvar lamentando por sua publicação (HUTCHINSON, 2017, p. 49)¹⁸⁰. Frases como “uma das maiores estratégias do inimigo é impedir o povo de Deus de desejar mais dinheiro” (HOUSTON, 1999, p. 17, tradução nossa) e “pobreza definitivamente não é a vontade de Deus para seu povo” (HOUSTON, 1999, p. 08, tradução nossa), nele contidas, são símbolos do discurso que fizera da Hillsong um império multimilionário. Tal como em outras polêmicas, o caso colaborou para o aperfeiçoamento da comunicação midiática da denominação, preocupada não só em propagar seus serviços e produtos religiosos como em tentar criar uma imagem de excelência que afastasse controvérsias públicas. Pelo ideal de empoderamento,

¹⁷⁵Não à toa a referência de Miranda Klaver, ancorada nas teses de George Ritzer (1983), à forma de “McDonaldização” tipificada pela igreja, verificada nos valores da “eficiência, calculabilidade, previsibilidade e controle” institucionais (KLAVER, 2018, p. 229).

¹⁷⁶Disponível em: <<https://hillsong.com/pt/saopaulo/visao/>>. Acesso em: 15/02/2019.

¹⁷⁷Dados oficiais do relatório anual da igreja de 2019. Disponível em: <<https://hillsong.com/pt/policies/annual-report-australia/>>. Acesso em: 05/01/2021.

¹⁷⁸Ver, por exemplo, as matérias de Deborah Snow, para o *The Sydney Morning Herald* (Disponível em: <<https://www.smh.com.au/lifestyle/inside-the-hillsong-churchs-moneymaking-machine-20151026-kip53.html>>. Acesso em 23/04/2019) e de Elle Hardy, para a *GQ Australia* (Disponível em: <<https://www.gq.com.au/pinions/the-house-that-brian-built-inside-the-global-empire-that-is-hillsong/news-story/abb469531dbeda8f5abc5bf71e5e1bfa>>. Acesso em: 19/04/2020).

¹⁷⁹No livro *People in Glass Houses* (2015), Tanya Levin relata suas inúmeras frustrações como ex-membro da Hillsong, dentre as quais aquelas envolvendo dinheiro.

¹⁸⁰Como já pontuamos, em entrevista ao *The Sydney Morning Herald*, em maio de 2009, Houston diria que “das três coisas mais idiotas que já fez”, a publicação de *You Need More Money* “provavelmente seria a número 1”. Disponível em: <<https://www.smh.com.au/national/next-stop-secular-europe-says-hillsong-founder-20090524-bjj1.html>>. Tradução nossa. Acesso em: 19/04/2020.

portanto, é como se esse modelo adotado pela instituição se espraiasse à vida individual dos crentes.

Para finalizar, reafirma-se que a tese que procurei defender neste capítulo é a de que todos esses esquemas de ação derivam de mudanças de ênfases teológico-pentecostais importantes, ligadas ao modo como a Hillsong captou bem as necessidades dos indivíduos na condição de vida hodierna — sobretudo dos segmentos de classe média. Nesse contexto, a mensagem teológica que empodera se ajusta às demandas dos indivíduos por ação e controle sobre o que lhes afeta em diversas esferas da vida, direta ou indiretamente. Em outras palavras, municia-os — ao menos simbolicamente — para o enfrentamento das agruras de um mundo “cambiante, mutável, diferenciado, como a experiência de um mundo ‘por fazer’” (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 31). Como observa Hervieu-Léger, “segregando sua própria utopia motriz, a modernidade produziu também um universo de incertezas”, um “efeito de vazio social e cultural produzido pela mudança”, “sentido como uma ameaça pelos indivíduos e pelos grupos” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 40). Isso se agudiza quando consideramos que a grande parte do público da igreja é formado por jovens. Isto é, indivíduos que estão vivenciando aquilo que a socióloga Cecília Mariz chamou de “experiência de liminaridade”¹⁸¹ (MARIZ, 2005). Essa sua condição lhes impõe uma situação de instabilidade social e insegurança ontológica quase que transversais¹⁸². Por isso, a mensagem que empodera o todo da vida cala fundo. Nesse sentido, a igreja acaba por ser um bom exemplo de que, em “tais períodos turbulentos, os sistemas religiosos tradicionais [...] readquirem, em formas novas, um grande poder de atração sobre os indivíduos e sobre a sociedade” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 40). E, no caso da Hillsong, não apenas por meio de música e entretenimento.

¹⁸¹Por *liminaridade* se entende o estado de limite entre dois estados diferentes de existência. No caso da juventude, o estado entre “a vida de criança e de adulto” (MARIZ, 2005, p. 260).

¹⁸²Como escreve Mariz, “essa experiência de liminaridade seria comum a todos os jovens, independentemente de sua posição na estrutura social”. Seus efeitos, continua a autora, são diretamente sentidos na dimensão da segurança ontológica: “a juventude, tal como a concebemos em nossa sociedade, é por definição um período de liminaridade e, portanto, *socialmente instável e frágil*. Esse estágio se torna cada vez mais prolongado e, mais do que em outros períodos da vida, parece fomentar a necessidade de sentimento de pertencimento e de comunhão” (MARIZ, 2005, p. 261, grifos nossos).

3. “AMOROSA POR NATUREZA E ACOLHEDORA NAS SUAS EXPRESSÕES”: HILLSONG E A REGULAÇÃO INSTITUCIONAL

Hoje, somos chamados a amar as pessoas que, talvez, historicamente, a igreja nunca alcançou. Somos chamados a amar todas as pessoas com o amor de Cristo, porque o Pai ama todas as pessoas, quer abençoar todas as pessoas e quer salvar todas as pessoas. Não quero nunca ser uma das pessoas cuja atitude e linguagem corporal transmitem condenação, julgamento e condescendência. Quero ser alguém de braços abertos, de coração aberto e de mente aberta para amar as pessoas ao meu redor [...] o amor incondicional e inclusivo alimenta a vida maravilhosa que desejamos viver (HOUSTON, B., 2016, p. 52-53).

“Nós apenas queremos fazer uma igreja de um jeito empolgante, e acredito que nosso estilo tem um apelo maior entre jovens”, afirma o pastor. “Eu percebo que eles estão enjoados de religião do jeito tradicional, cheio de regras”, acrescenta¹⁸³.

Vem já, pronto ou não, tudo bem
[...] É aqui que ele está.
Ele acolhe o ferido, nunca vai nos julgar.
Não tem raiva de nenhum de nós.
Ele quer nos abraçar e diz vem
[...] Ele não olha aparência, não deseja perfeição¹⁸⁴.

[...] ela [a instituição moderna *par excellence*] é ainda uma instituição regular, porque fornece programas para o comportamento individual, mas estes programas são precariamente construídos, vulneráveis a mudanças repentinas ou mesmo ao desmantelamento (BERGER, 2017, p. 83, acréscimo nosso).

A pesquisa de campo revelou que o apelo teológico empoderador, atraente sobretudo aos jovens de classe média, constituía apenas uma das estratégias mobilizadas pela Hillsong para atrair e recrutar fiéis. Por meio de conversas informais, entrevistas e observação participante, constatei que muitos adeptos viam a igreja como opção mais liberal frente a tradicional regulação efetuada por instituições e lideranças evangélicas. Em resposta às perguntas “o que te trouxe até a Hillsong?”, “o que você está buscando na igreja?” e “por que

¹⁸³Trecho de entrevista do pastor Chris Mendez a Everton Lopes Batista, para a *Folha de S. Paulo*. Reportagem publicada em 19 de março de 2017, sob o título *Igreja na Vila Olímpia atrai público com música alta e mensagem inclusiva*. Ver em: <<https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2017/03/1867557-igreja-na-vila-olimpia-atrai-publico-com-musica-alta-e-mensagem-inclusiva.shtml>>. Acesso em 23/04/2021.

¹⁸⁴Trecho de *Estás Pronto*, versão em português da canção *Ready or Not*, da banda australiana Hillsong United. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=9OoKjtz90eY&ab_channel=HillsongUNITED>. Acesso em 23/04/2021.

você escolheu Hillsong como casa?”¹⁸⁵, responderam, de forma recorrente, que, nela, tinham maior liberdade individual quanto a seu modo de vida, seu comportamento e suas crenças.

Ex-membro da Assembleia de Deus Belém, Jorge, um dos jovens de classe média por mim entrevistados, resume as razões de sua adesão à Hillsong, reiteradas por outros membros da igreja, como se observará no capítulo:

Venho aqui, primeiro, porque a pregação é diferente... não há teologia e ensinamentos morais. Os pastores falam para todo mundo entender e sem julgamentos [...] A igreja é muito acolhedora... não julga as pessoas que vêm para cá, mas se importa com elas. Na Assembleia ninguém estava preocupado com minha pessoa, mas se soubessem que eu estava fazendo algo errado vinham com cinco pedras na mão para me julgar. Aqui não, isso não acontece [...] enfim... todo jovem gosta de dar umas escapadas. Na Assembleia isso não era tolerado; aqui é.¹⁸⁶

Fiéis com diferentes trajetórias religiosas destacaram o sentimento de liberdade e autonomia na Hillsong como motivação para a adesão à denominação. Disso resultou a questão: como entender o senso de liberdade confessado por meus interlocutores? Abordo, a seguir, a questão da regulação ou desregulação institucional¹⁸⁷ da igreja.

Na bibliografia existente sobre a Hillsong, o trabalho de Matthew Wade (2016) se contrapõe radicalmente ao que ouvi dos fiéis na pesquisa de campo. De que maneira uma igreja caracterizada por parte da literatura acadêmica como “instituição total” (WADE, 2016, p. 664), no sentido conceitual elaborado por Erving Goffman (1974), ofereceria maior liberdade de crença e prática a seus adeptos? O conceito de Goffman, contudo, enfatiza um local de “residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 1974, p. 11). Ainda que mundivisões religiosas estejam por trás de instituições totais, como o próprio Goffman discorre, concluiu-se que o enquadramento teórico efetuado pelo sociólogo australiano sobre a igreja é problemático. Ele não é apropriado para caracterizar uma denominação associada pelos adeptos à autonomia e

¹⁸⁵Chamar a Hillsong de “casa” é um referencial êmico. Todas as filiais da igreja espalhadas pelo mundo trazem a inscrição “Bem-vindo a casa” [sic] em sua fachada. Além do mais, seus fiéis costumam dizer que Hillsong é “uma única casa com muitos cômodos”, aludindo a seu caráter transnacional.

¹⁸⁶Entrevista com Jorge, 19 anos, realizada em 26/05/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM.

¹⁸⁷Por *regulação institucional* faço referência a um tipo específico de regulação que incide sobre as crenças e o comportamento dos sujeitos religiosos. Isto é, que diz respeito ao poder e à prática reguladora das instituições religiosas sobre a visão *de* mundo e o modo de vida *no* mundo de seus adeptos. A noção, retirada do trabalho de Danièle Hervieu-Léger (HERVIEU-LÉGER, 2015), é aqui explicitada em razão da ambiguidade que encerra.

autoafirmação individual. Mesmo as congregações mais rígidas em termos comportamentais e de usos e costumes escapam a tal enquadramento teórico¹⁸⁸.

O discurso de boa parte dos entrevistados contrasta abertamente com a categorização de Wade. Em vez de completa heteronomia, para boa parte deles a Hillsong simboliza uma igreja “diferente de tudo por aí”, justamente por propiciar “liberdade” àqueles que a frequentam. Singulariza-se por ser opção “moderna” de igreja evangélica, distinguindo-se das rígidas tradições comportamentais observadas na tradição pentecostal. A começar pelo fato de não ser necessário “mudar de vida e hábitos para nela trabalhar e ser útil”¹⁸⁹, como me disse uma jovem voluntária nas dependências do Villaggio JK.

A desconexão entre o referido enquadramento teórico goffmaniano e os dados de campo levantou problemas de investigação empírica não pensados ou propostos na elaboração do projeto de pesquisa. Convenceu-me de que entender o “fenômeno Hillsong” e a força de seu apelo entre evangélicos implica pesquisar e analisar esse ideal de autonomia advogado por fiéis, que se vincula à questão da regulação institucional dos adeptos. Diante disso, coube perguntar: (1) como a igreja explora esse ideal e por que ele se mostra atraente? (2) como os fiéis o atestam e o reproduzem? (3) seu apelo é efetivo tão-somente entre adeptos oriundos de outras igrejas, vistas como mais rígidas em doutrina, usos e costumes? (4) os fiéis que não provêm de outras igrejas consideram haver ou não tal “autonomia”? E como o fazem? (5) como, então, a igreja promove a conformação a regras e comportamentos? (6) o discurso e o modo empregados para induzir a conformação influenciam na maneira como os fiéis a interpretam? (7) qual o modelo de comportamento cristão é defendido pela igreja e se e em que medida ele difere do de outras denominações pentecostais? (8) como a Hillsong articula isso em termos discursivos e teológicos? Eis as questões às quais o capítulo se dedica a seguir.

3.1. “Venha como está”: o ideal de inclusão da Hillsong

¹⁸⁸Mesmo as instituições totais de inspiração religiosa, como abadias, mosteiros e conventos, citadas por Goffman, diferenciam-se de igrejas. Estas, ao contrário das primeiras, não impõem barreiras “à relação social com o mundo externo”, “proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico — por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos” (GOFFMAN, 1974, p. 16). Mas, com justiça, cabe ponderar que o texto de Wade procura fazer uma espécie de releitura do conceito do sociólogo de Chicago. Nas palavras do autor, “Hillsong reflete uma forma distintamente contemporânea de ‘instituição total’ goffmaniana”, que em vez de “corporalmente restritiva e abertamente autoritária”, caracteriza-se por “um controle persuasivo de lealdades pessoais através da promessa de encantamento e reinvenção” (WADE, 2016, p. 663-664, tradução e grifos nossos). Citando outros usos e apropriações da categoria — como as noções “instituição gananciosa”, de Lewis Coser (1974), e “instituição reinventiva”, de Susie Scott (2010) — a defesa segue no sentido de apontar como a Hillsong busca angariar a fidelidade de seus fiéis. Isto é, como os disciplina a “buscar orientação da Igreja a qualquer momento” e “em todos os lugares” (WADE, 2016, p. 668, tradução nossa). Não obstante, o uso do tipo ideal de Goffman não faz jus à realidade experienciada na denominação.

¹⁸⁹Entrevista com Priscila, 26 anos, realizada em 23/09/2018 nas dependências da Villaggio JK.

O esforço para se promover como comunidade inclusiva é observado em qualquer reunião ou culto público da Hillsong, bem como em discursos e materiais da instituição, que se apresenta sempre como igreja acolhedora. Frases como “venha como está” são pronunciadas frequentemente nas reuniões e estampam dezenas de cartões de visita que recolhi no *foyer* do Villaggio JK. Projetado nos telões da casa de shows, o excerto que dá título ao presente capítulo, retirado da declaração de fé oficial da denominação, foi exibido antes do início de várias reuniões de que participei: “eu vejo uma igreja que ama a Deus, ama as pessoas e ama a vida [...] *amorosa por natureza e acolhedora nas suas expressões*”¹⁹⁰. Até nas músicas, efusivamente cantadas no início e no término dos cultos, observa-se a retórica de aceitação irrestrita. Em *Estás Pronto*, tradução de *Ready or Not*, da australiana *Hillsong United*, apregoa: “Vem já, pronto ou não, tudo bem [...] Ele acolhe o ferido, nunca vai nos julgar. Não tem raiva de nenhum de nós. Ele quer nos abraçar e diz vem [...] Ele não olha aparência, não deseja perfeição”¹⁹¹. Em *Como Estou Tu Me Amas*, versão de *As You Find Me*: “eu sei que não mereço esse amor, mas sei que esse amor é quem tu és. Não há nada que eu possa fazer para acrescentar a tua graça. E assim como estou tu me amas”¹⁹².

A página oficial da filial paulistana enfatiza: “nós somos uma igreja jovem em espírito e acolhedora, onde todas as pessoas são bem-vindas *sem importar seu estilo de vida* [...] criando um ambiente no qual qualquer pessoa possa se sentir em casa”¹⁹³. Uma das avaliações feitas à denominação na conta oficial no *Facebook*, fixada no topo da página até pouco tempo atrás, publiciza o ideal de inclusão: “somos gays e fomos bem recebidos na igreja, pretendemos retornar. Parabéns pelo acolhimento”¹⁹⁴. Da mesma forma, os uniformes dos voluntários contêm propaganda convidativa aos recém-chegados: “amar a Deus e as pessoas”, li, em diversas ocasiões, às costas dos que preparam as reuniões. Isso reitera o que Cristina Rocha escrevera, com base em suas pesquisas na Austrália: “a igreja se concentra fortemente em uma mensagem de inclusão e amor pelos outros” (ROCHA, 2017, p. 137, tradução nossa).

O apelo acolhedor e inclusivo, promovido pela direção central na Austrália, foi transposto para a igreja local em São Paulo. E isso, para usar de um referencial êmico, porque

¹⁹⁰Ver em: <<https://hillsong.com/pt/vision/>>. Acesso em 23/04/2021. Grifo nosso.

¹⁹¹Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=9OoKjtz90eY&ab_channel=HillsongUNITED>. Acesso em 23/04/2021.

¹⁹²Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=HCIqOVOxYBQ&ab_channel=HillsongEmPortugu%C3%AAAs>. Acesso em 23/04/2021.

¹⁹³Ver em: <<https://hillsong.com/brazil/saopaulo/>>. Acesso em 23/04/2021. Grifo nosso.

¹⁹⁴Avaliação feita à igreja por um visitante em 21/09/2018. Ver mais na página oficial da denominação no *Facebook*: <<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/>>. Acesso em 22/06/2020.

faz parte da “cultura de igreja da Hillsong” em todos os lugares onde ela se faz presente. É o que a própria produção literária dos Houston indica.

Em *Viva, Ame, Lidere* (HOUSTON, B., 2016), o pastor Brian Houston dedica um capítulo ao tema da recepção e aceitação calorosa de pessoas na igreja. O título, “Amando Incondicionalmente”, dá o tom do conteúdo. O texto é recheado de ideias e diretrizes materializadas na filial da capital paulista. “Quando se trata de ética e moralidade, muitos que não são da igreja discordam com o que defendo [...] Contudo, acredito que temos de encontrar uma maneira de amar as pessoas a despeito de nossas divergências” (HOUSTON, B., 2016, p. 43-44), escreve. “Não temos de concordar, mas temos de convidá-las a entrar. A igreja não foi chamada para ser uma executora de regras, e sim um referencial da graça” (HOUSTON, B., 2016, p. 52). Por vezes, essa visão é articulada teologicamente, a partir de referências bíblicas:

Não se esqueça de que até o apóstolo Paulo começou a carreira como um legalista judeu colérico, dedicando-se a perseguir os radicais ativistas que seguiam Jesus. Foi só depois que Paulo encontrou Jesus de forma tão direta e dramática na viagem a Damasco que ele descobriu a plenitude de viver na graça de Deus, livre para ser ele mesmo, como seu Pai o criara, e livre para amar os outros. Como Saulo, ele era autoritário, bitolado e impulsionado pelo próprio ego, mas como apóstolo amado de Deus, Paulo tornou-se generoso, tolerante e dirigido pelo amor ao Deus que o amou primeiro [...] A capacidade de desfrutar uma vida maravilhosa, espaçosa e generosa é diretamente proporcional à capacidade de amar a todos, especialmente as pessoas que são diferentes de você (HOUSTON, B., 2016, p. 46).

[...] Jesus reservou suas palavras mais duras para os valentões religiosos que Ele [sic] encontrou e estendeu a mão, com certa medida de amor e graça, para os pecadores e publicanos a fim de que pudessem ser salvos [...] Jesus não veio para condenar o mundo. Se Deus quisesse condenar o mundo, Ele [sic] teria enviado um condenador. Mas ele queria salvar o mundo, por isso nos enviou um Salvador (veja Jo 3.17) (HOUSTON, B., 2016, p. 46-47, acréscimos nossos).

Quero tratar as pessoas vistas como estranhas e excluídas com o mesmo respeito que Pedro [o apóstolo] mostrou a Cornélio [gentio cuja história é narrada no livro bíblico de Atos dos Apóstolos, capítulo 10] [...] Deus mostrou a Pedro que ele deveria aceitar os estranhos e excluídos e compartilhar o evangelho com eles [...] você pode discordar dos estilos de vida, costumes, princípios, crenças religiosas das pessoas, mas o amor necessário para alimentar a maravilhosa e espaçosa vida modelada por Jesus sempre convida outras pessoas para a festa (HOUSTON, B., 2016, p. 50-51, acréscimos nossos).

No livro, o líder argumenta que “pessoas de todas as esferas da vida são bem-vindas” em sua igreja e que, ao entrarem pelas suas portas, devem sentir “a sensação de bem-vindo de volta ao lar. Pois, como diz o corinho, ‘*whosoever will to the Lord may come*’ (todo aquele que quiser pode vir ao Senhor)” (HOUSTON, B., 2016, p. 47). Defende a concepção de que importa que a igreja seja da corrente dos que estão sempre “a favor” das coisas e das pessoas, não “contra”:

Sempre fui firme na crença de que a Igreja Hillsong e nosso ministério seriam erguidos em coisas que somos a favor, e não em coisas que somos contra. Somos a favor de Jesus. Somos a favor do amor. Somos a favor da sua graça e perdão, da cura e restauração e de vidas transformadas quando estas dizem sim a um relacionamento com Jesus. Somos a favor de ver você levantar-se, soltar as correntes da vergonha construídas pela condenação e entrar em uma vida de significado e propósito – a vida para a qual você foi criado (HOUSTON, B., 2016, p. 44).

Em *The Sisterhood* (HOUSTON, R., 2016), livro de Bobbie, sua esposa, observa-se a mesma direção. Propondo-se a resumir em *hashtags* os valores que “emolduram sua existência, paixão e propósito” de vida e ministério, a pastora lista, dentre outras, duas palavras-chaves relacionadas ao tema da inclusão: *#comeasyouare* (venha como está) e *#youbelonghere* (você faz parte daqui). Em seus termos, os motes “são perfeitos, porque refletem a oferta de salvação” às pessoas, indistintamente. Ao comentá-los, acentua que a recepção e aceitação amplas é uma das marcas e mensagens cristãs que diferenciam a Hillsong de outras igrejas:

Não sei como é a cultura da sua igreja, mas na nossa você pode “vir como você está” — exatamente como você está, de fato, porque é exatamente assim que Jesus nos ama. Estamos vivendo em um dia de graça, e as palavras predominantes sobre o convite evangélico da igreja para o mundo devem ser: “Venha como você está — você é bem-vindo aqui!” (HOUSTON, R., 2016, n. p., tradução nossa).

Fora dos livros, a ênfase no acolhimento incondicional também se fez sentir nos materiais audiovisuais da e sobre a igreja, divulgados internacionalmente. O filme *Let Hope Rise* (LET, 2016) — produção *hollywoodiana* que versa sobre a história da denominação e sua banda mais conhecida, *Hillsong United* — é um bom exemplo. De início, jovens depõem reafirmando a recepção afetuosa e tolerante que sentiram na e obtiveram da instituição: “você não se sente julgado quando entra”; “encontrei amor aqui”¹⁹⁵. Além dele e das várias músicas

¹⁹⁵Disponível em: <<https://youtu.be/JIUNgwr3HX8>>. Acesso em: 03/06/2022. Cumpre pontuar que o filme *Let Hope Rise* foi exibido na TV aberta brasileira, na madrugada do dia 02 de janeiro de 2017. A transmissão, feita no programa *Sessão de Gala*, da Rede Globo, marcou 5,8 pontos de média de audiência e chegou a ser o assunto mais

relacionadas aos temas da liberdade, aceitação e graça, também o vídeo que marca a abertura dos cultos, em todas as suas filiais, é enfático: “isso é igreja’ [...] onde você pode vir como está e o ‘bem-vindo à casa’ é para todos [...] Isso é igreja. É, sim. E somos nós, igreja Hillsong”¹⁹⁶. Mais do que parte de valores institucionais locais, portanto, a prática de se apresentar como comunidade inclusiva é uma estratégia estabelecida pela sede australiana. Visa, sobretudo, angariar e fidelizar adeptos jovens.

Essa visão estratégica promovida pela cúpula denominacional global é transmitida em várias das mensagens na filial paulistana. A Hillsong valoriza o discurso de aceitação irrestrita e o mobiliza como aspecto de distinção religiosa em suas pregações. “Por que chamamos a igreja de casa? Porque é um lugar aberto para todos aqueles que querem vir”, disse Chris Mendez numa *Noite DNA*. “É lindo isso. Na semana seguinte da conversão de um jovem, ele já estava na equipe de placas, sem problemas”¹⁹⁷. “O amor de Deus é longo. Muito longo, para que todos possam entrar. É largo. Muito largo, para te alcançar onde você está”¹⁹⁸, pontuou noutra preleção. O pastor responsável pela igreja na América Latina defende num artigo devocional a crença — reiterada nos púlpitos da Hillsong São Paulo — de que são “nossos pensamentos errados [que] nos levam a crer que Deus é um pai religioso, legalista, sempre pronto para condenar e maltratar seus filhos”. Na verdade, afirma, “Deus não está sentado em seu trono com uma vara para bater em você e te condenar. Ele enviou Seu [sic] filho para morrer em uma cruz para te perdoar e te erguer”¹⁹⁹.

Estrategicamente, seus líderes contrastam, positivamente, o que entendem por inclusão cristã do que demarcam, negativamente, como “a religião” e “os religiosos”. “Não somos religiosos”, dizem. “Somos pessoas apaixonadas por Jesus”²⁰⁰. Em alusão ao texto bíblico de João 10.10, Mendez afirma: “os religiosos vêm para matar, roubar e destruir”²⁰¹. Eles, a seu ver, “não entendem o que está acontecendo nesta igreja”²⁰². Mendez e outros pastores da Hillsong caracterizam “religião” como sinônimo de julgamentos e acusações morais — imagem que sua denominação rejeita e da qual procura se afastar. Em seu discurso bíblicamente

comentado na rede social *Twitter*. Ver mais em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2017/01/02/globo-exibe-documentario-de-igreja-evangelica-e-ganha-elogios-nas-redes.htm>>. Acesso em: 03/06/2022.

¹⁹⁶Disponível em: <<https://youtu.be/1T7gOKok9FU>>. Acesso em: 03/06/2022.

¹⁹⁷Trecho da fala de Chris Mendez na *Noite DNA* do dia 04 de junho de 2019.

¹⁹⁸Trecho da fala de Chris Mendez no *Reunião on-line* do dia 29 de março de 2020.

¹⁹⁹Trecho do devocional intitulado *Pense e viva ao nível da graça e da bondade de Deus*, publicado em julho de 2020. Ver em: <<https://www.bible.com/pt/reading-plans/20778-pense-bem-viva-bem/day/5>>. Acesso em 23/04/2021. Acréscimo nosso.

²⁰⁰Trecho de fala de Chris Mendez em culto. Coletado no dia 29/10/2017.

²⁰¹Trecho de fala de Chris Mendez em culto. Coletado no dia 06/01/2019.

²⁰²Trecho de fala de Chris Mendez em culto. Coletado no dia 07/05/2019.

orientado, associam “religião” à coisa de “fariseu” e “saduceu”, como eram nomeados os integrantes de antigas seitas judaicas combatidas por Jesus no relato do texto tido como sagrado. “Jesus condenou os fariseus e saduceus. Os fariseus e saduceus eram os religiosos [...] essa não é uma decisão sobre uma igreja ou religião. É sobre seu relacionamento privado com Deus”²⁰³, demarca o pastor Pedro Albuquerque. “Talvez você foi rejeitado pelos religiosos e condenado pela lei, mas em Jesus fomos incluídos [...] independente do que os religiosos acham [...] a religião produz morte, mas Jesus produz vida”²⁰⁴. Para Jesus, afirma, “as pessoas estão acima das regras” da religião:

Jesus colocou as pessoas acima das regras. Se, num dia de repouso, aparecesse um cego, um surdo, um coxo, um morto, Jesus realizava o milagre enquanto todos os religiosos descansavam, porque eles haviam posto as regras acima das pessoas. Não vamos permitir que as regras da religião estejam à frente das necessidades das pessoas [...] Jesus não derramou Seu sangue por regras; Ele derramou Seu sangue pelas pessoas²⁰⁵.

Embora não citem nomes de outras denominações ou de seus líderes, referem-se constantemente, de forma negativa, à religião e aos religiosos, vinculando-os a igrejas que pregam com mais ênfase a conformação a normas, moralidades, usos, costumes e comportamentos tidos como bíblicos. Disso a Hillsong procura se distinguir. “Igreja é para ser desfrutada, não aguentada”²⁰⁶ e deve criar vínculos a despeito das convicções e dos comportamentos alheios. Por essas e outras, afirmou Mendez em meio a gargalhadas do auditório, “se o teu pastor não joga *PlayStation* [marca de videogames] com você, ore pela conversão dele”. Toda oportunidade deve ser aproveitada para desenvolver relações com todas as pessoas, indistintamente, a fim de convertê-las ou mantê-las na igreja, inclusive por meio dos jogos eletrônicos. “Pastor que não joga *PlayStation* não é um pastor”²⁰⁷.

Por outro lado, a contrapartida da relativa fluidez dos compromissos religiosos demandados de seu público é a ausência de direitos que eventualmente se poderia reivindicar na condição de membro. Como pontuam Yip e Ainsworth, “em contraste com outras igrejas, aqueles que frequentam a Hillsong ou consomem seus produtos e serviços não se tornam ‘membros’” (YIP; AINSWORTH, 2020, p. 111, tradução nossa) — ao menos não no sentido formal-burocrático, seguido por boa parte das igrejas evangélicas brasileiras. Se a igreja “não

²⁰³Trechos de fala de Pedro Albuquerque em culto. Coletados no dia 19/05/2019.

²⁰⁴Trechos de fala de Pedro Albuquerque em culto. Coletados no dia 22/09/2019.

²⁰⁵Trecho do artigo *Decisões de Liderança*, publicado em outubro de 2019 no blog da Hillsong São Paulo. Ver em: <<https://hillsong.com/collected/blog/2019/10/decisoes-de-lideranca/#.Yps7A3bML08>>. Acesso em 02/06/2022.

²⁰⁶Trecho de fala de Chris Mendez na *Noite DNA*. Coletado em 13/08/2019.

²⁰⁷Trecho de fala de Chris Mendez na *Noite DNA*. Coletado em 04/06/2019. Acréscimo nosso.

impõe obrigações aos participantes”, também não lhes concede “nenhum dos direitos que podem acompanhar a membresia em uma organização religiosa, como voto, participação na tomada de decisões e até mesmo o poder coletivo de demitir um líder” local (YIP; AINSWORTH, 2020, p. 111, tradução nossa). Como os autores concluem a partir da realidade australiana, observei que os frequentadores gozam de liberdade para “ir e vir”. Embora, para seu próprio bem e sucesso pessoal, sejam constantemente estimulados a estar “plantados na igreja”, podem selecionar “ofertas [religiosas] que agradam e atendam a seus propósitos” individuais, numa lógica organizacional em que se está “ao mesmo tempo envolvido, mas também separado” (YIP; AINSWORTH, 2020, p. 111-112, tradução nossa).

Não obstante todo esse esforço por se apresentar como igreja diferente das demais em matéria de imposição e regulação de crenças e práticas, polêmicas envolvendo decisões pastorais de afastar homossexuais da denominação em algumas de suas filiais e a defesa da submissão das mulheres aos homens criam um curto-circuito no discurso inclusivo, em prol da autonomia individual e avesso ao legalismo farisaico. Em 2015, por exemplo, a denominação causou controvérsia ao afastar um casal assumidamente homossexual da liderança do coral da filial de Nova Iorque. A reação negativa forçou Brian Houston a publicar nota explicativa, em várias línguas, na qual afirmara que “a igreja Hillsong recebe TODAS [sic] as pessoas, mas não concorda com todos os estilos de vida”²⁰⁸. Três anos depois, foi a vez de uma ex-voluntária da igreja de Boston acusar seus líderes de discriminação pelo fato de ser bissexual²⁰⁹. Dentre vários outros casos, conhecidos na mídia²¹⁰, os imbróglios demandaram a problematização do ideal de inclusão propagado pela instituição — nos significados teórico-metodológicos do termo; diga-se, não-valorativos.

Das dezenas de trabalhos consultados na revisão bibliográfica sobre a igreja, alguns já haviam indicado sua “postura firmemente conservadora” (WADE, 2016, p. 671, tradução nossa). Em sua pesquisa em Sydney, Marion Maddox escrevera que:

[A] Hillsong demanda heterossexualidade compulsória. A igreja tem feito cursos para “curar” homossexuais; inclinações lésbicas foram “tratadas” nos Ministérios da Misericórdia alinhados com [a] Hillsong; e [a] Hillsong recebe regularmente palestrantes convidados do movimento internacional “ex-gay”, como o ex-transexual Sy Rogers. O ex-pastor da Assembleia de Deus Anthony Venn-Brown, cujo ministério incluía o Hills Christian Life Center (como [a]

²⁰⁸Ver em: <<https://hillsong.com/collected/ru/blog/2015/08/do-i-love-gay-people-pt/#.YpvJg3bMKUk>>. Acesso em: 04/06/2022.

²⁰⁹Ver mais em: <<https://www.businessinsider.com/hillsong-accused-of-racism-anti-lgbtq-behavior-and-exploiting-volunteers-2020-12>>. Acesso em: 04/06/2022.

²¹⁰Ver mais em: <<https://nypost.com/2020/12/10/ex-hillsong-members-accuse-church-of-exploitation-homophobia/>>. Acesso em: 04/06/2022.

Hillsong era então conhecida), foi removido do ministério quando se assumiu gay. Sua autobiografia descreve suas lutas malsucedidas em uma igreja que considera a homossexualidade como um pecado a se arrepender ou uma doença a ser curada (MADDOX, 2013b, p. 24, tradução e acréscimo nossos).

Ao analisar as conferências *Colour*, destinadas a mulheres, Elizabeth Miller pontuara que “a teologia da submissão feminina”, ainda que tácita e expressa em “linguagem positiva” (MILLER, 2016, p. 64, tradução nossa), é parte importante das concepções da denominação sobre família e papéis de gênero. Wade, ao analisar o manual do aluno do *Hillsong College*, destaca a reprovação de determinados comportamentos desencorajados pela moral bíblica, como o consumo de bebidas alcóolicas e sexo fora do casamento:

O manual do aluno (Hillsong, 2014d:13) instrui os alunos a se absterem de “sexo antes do casamento, pornografia, adultério”, junto com álcool, fumo e qualquer tatuagem. A frequência às aulas é rastreada por meio de scanners eletrônicos, bem como a frequência aos cultos de fim de semana (2014:14). O manual também desencoraja os alunos a namorarem enquanto frequentam a faculdade (2014:17–18). Se, no entanto, os alunos desejam entrar em um relacionamento, eles não têm permissão para fazê-lo antes de completar o primeiro semestre e o consentimento deve ser obtido das autoridades da Igreja. O manual também estipula que quando um relacionamento estudantil termina “deve haver um período de 3 meses antes de entrar em um novo” (2014:18) (WADE, 2016, p. 671, tradução nossa).

Declarações e situações alinhadas a posições mais conservadoras, apesar de comedidas nas reuniões públicas, também foram observadas em São Paulo. “O que significa temer a Deus?”, perguntou Chris Mendez numa pregação. “Que temos que ter medo dele? Não. Esse não é o Deus que conhecemos. Temer significa reverência e obediência”. Em termos práticos, “é quando dizemos ‘sim’ para Deus em cada área da nossa vida [...] ‘sim’ na adoração, nas finanças, na sexualidade [...] isso é viver com reverência e obediência”²¹¹. No primeiro encontro de homens, realizado em 2019, uma das mensagens seguiu a mesma direção:

Fomos chamados para viver pelo Espírito, não pela carne. Independente do que nossas emoções ou carne dizem, seja sexo, você questionando sua identidade, sexualidade etc., não alimente seus desejos terrenos. Viva pelo Espírito. Sua carne te faz viver uma vida pequena e limitada — manda mensagem, ir a lugares e ver coisas na internet que são indevidas. Seja liderado pelo Espírito. Viver pelo Espírito é viver no fruto do Espírito, não só em poder. Não é liberdade para viver da sua forma, mas da forma de Deus²¹².

²¹¹Trecho de fala de Chris Mendez em culto. Coletado em 02/06/2019.

²¹²Trecho de pregação de Chris Mendez no primeiro evento de homens da Hillsong. Coletado em 07/09/2019.

Em suma, como dito pelo pastor Pedro Albuquerque, ouvi ocasionalmente “que há uma luta acontecendo em nosso interior, entre a carne e o Espírito”. Nesse confronto, “obras” como “sexo barato e sem nenhum amor”, por exemplo, devem ser evitadas²¹³.

Para além do discurso religioso, a importância dada a pautas morais também se fez presente em comentários de cunho político. “Estamos preocupados depois dos resultados das primárias do último domingo”, disse Mendez numa *Noite DNA*, comentando as eleições presidenciais argentinas que apontaram o favoritismo de Alberto Fernández contra o conservador Mauricio Macri. “No ano passado [2018], a Argentina orou pelo Brasil. Agora, faça o contrário”²¹⁴. Sobre a implantação de uma filial em Montevidéu, capital do país que “passou pelo mais radical processo de secularização/laicização da América Latina” (ORO; URETA; 2007, p. 298), o pedido por intercessão se fundamentou, entre outras coisas, no fato de se tratar da “primeira cidade do continente a oficializar o casamento gay”²¹⁵.

A despeito da linguagem explícita de amor e aceitação irrestrita — reiterada em sermões, músicas e materiais da denominação —, foi ficando claro, portanto, que a Hillsong mantém posições teológica e moralmente conservadoras semelhantes às da maioria das igrejas evangélicas. Restara, então, procurar como compreender, sociologicamente, a discrepância entre o discurso de inclusão propalado e o senso de liberdade martelado pelos fiéis.

A questão a ser colocada, inicialmente, não era se a Hillsong representa uma igreja “livre de regulação”, em termos típico-ideais. Isso porque, como escreve Goffman, “toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de ‘fechamento’” (GOFFMAN, 1974, p. 16). Dito de outro modo, como qualquer outra instituição, a Hillsong também tem seu modelo de comportamento. Como se observa em toda e qualquer organização, nela também há regras de funcionamento pelas quais se dão mecanismos de controle e de classificação entre os que, ora mais, ora menos, aproximam-se dos parâmetros estipulados. Conveio refletir, antes, acerca do ideal de inclusão da denominação. Isto é, como a igreja enxerga e promove a conformação a regras, comportamentos e moralidades desejados ou demandados pelas autoridades pastorais e seus assistentes, em face da mensagem de aceitação incondicional. E neste caso, a participação nos cursos e atividades além-cultos se mostrou fundamental.

²¹³Trechos de mensagem de Pedro Albuquerque no primeiro evento de homens da Hillsong. Coletado em 07/09/2019.

²¹⁴Trecho de fala de Chris Mendez na *Noite DNA*. Coletado em 13/08/2019. Acréscimo nosso.

²¹⁵Trecho de fala de Mendez na *Noite Coração e Alma*. Coletado em 19/02/2019.

A mensagem de inclusão propalada pelos líderes parte de uma compreensão teológica particular do que seja o processo de conversão à fé cristã. Nela, a aceitação irrestrita não anula a necessidade de mudança de vida. Pelo contrário, é a porta de entrada à transformação tida como necessária para a vida cristã liderada pelo Espírito e em conformidade com a vontade divina. Comentando o mote “venha como está” — sempre presente no discurso da denominação —, a fala do pastor Raphael Galante, num dos cursos de que participei, resume a premissa:

Nós temos, na nossa igreja, um dizer muito importante — isso define muito do nosso coração para as pessoas — que é “venha como estás”. Em qualquer grande reunião que nós temos, nós temos a mensagem “venha como estás”. Jesus Cristo jamais chamou uma pessoa para próximo dele e falou: “mude a sua vida primeiro e, então, nós teremos um relacionamento”. O dia em que ele foi jantar na casa de um coletor de impostos, ele simplesmente falou: “hoje eu vou jantar na tua casa. Vamos lá. Prepare as coisas”. Jesus se convidou. E o coletor de impostos, depois de ter esse encontro com Jesus, falou assim: “Jesus, se eu errei em alguma coisa, eu vou restaurar na vida das pessoas. Eu vou dar de volta, quatro vezes mais”. E ele teve uma mudança de coração. Mas, antes de ter uma mudança de coração, ele veio da forma que ele estava. Jesus Cristo não falou: “primeiro, vai e restitui, e peça perdão. Mude tudo aquilo que você fez de errado no passado e depois venha”. Não, Jesus Cristo iniciou um relacionamento primeiro. Então, nós temos essa mensagem, “venha como estás”. Se você é preto, se você é branco, se você é homem, se você é mulher, se você é homossexual... qualquer que seja a condição da vida da pessoa, o convite é: “venha como estás”; exatamente da maneira como você está, hoje [...] não significa que nós estamos incentivando você viver de qualquer forma. Não significa “viva como estás”, “permaneça como estás” e “deixe como estás”. Nós entendemos que Deus nos ama o suficiente para não nos deixar da mesma maneira que nós estamos. Então, venha como estás e tenha um encontro com Deus, e deixa Deus te direcionar nos teus passos, porque nós sabemos que ele tem o melhor para a sua vida²¹⁶.

Após o apelo evangelístico “venha como está”, seguem-se o encontro com Deus e a conversão, ou o renascimento em Cristo, que implica a mudança do comportamento em diferentes terrenos. Na mundivisão da igreja, portanto, não é que o comportamento não seja relevante. Na realidade, “Deus sempre se interessou no nosso estilo de vida”²¹⁷. Ou, nas palavras do pastor Pedro Albuquerque, sempre se preocupou que “sejamos como ele: com os valores que ele tem, que aquilo que ele valoriza nós venhamos a valorizar também [...] que o nosso caráter venha se tornar como o seu caráter”²¹⁸. “Jesus deixa claro que existem valores. Existe uma forma, existe uma vontade de Deus”, diz o pastor Rafael Bitencourt, comentando o

²¹⁶Trecho coletado em 24/08/2021 no curso *Liderança*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²¹⁷Trecho coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²¹⁸Trecho coletado em 19/08/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*

texto bíblico de Mateus 6.10. “A ‘vontade de Deus’ significa que Deus se importa com o que nós fazemos, como nós fazemos, quando nós fazemos... Deus se importa com os nossos valores”²¹⁹. A questão, no entanto, é que a “mudança de comportamento” é consequência, não causa ou caminho de conversão. “A nossa salvação vem antes da nossa alteração de comportamento”²²⁰. Isso explica por que é imperioso que a igreja seja a mais receptiva possível, indistintamente. A avaliação é a de que quanto menos barreiras houver para atrair e recrutar pessoas de fora, maior a probabilidade de sucesso da prédica conversionista.

Na busca pelo entendimento adequado dessa crença específica, que resulta no discurso e práticas de acolhimento caloroso que por várias vezes testemunhei, mostrou-se fundamental a compreensão da leitura particular que a Hillsong faz do tema teológico da “graça de Deus”. Numa de suas pregações, Mendez afirma:

[...] eu amo ver as interações de Jesus. Nas Escrituras, quando ele tinha um encontro com as pessoas, ele demonstrava graça e verdade. O maior exemplo, que eu amo, nós vemos em João 8. É um exemplo que é falado em várias ocasiões. Eu amo e me identifico com essa história. Não pelo erro da pessoa, mas pela *graça de Deus*. Os fariseus e os legalistas surpreenderam uma mulher no ato de adultério. Eles a agarraram e jogaram aos pés de Jesus. E demandaram uma resposta, demandaram que a lei se cumprisse, demandaram que se cumprisse a morte. Eles queriam que a mulher fosse apedrejada. E Jesus [...] disse: “aquele que não tem pecado, que atire a primeira pedra”. Um por um, começaram a desaparecer. Jesus disse à mulher: “ninguém te condenou?” Ela disse: “não”. E ele disse: “e eu tampouco”... *Graça!* “Você cometeu um erro, mas eu não te condeno. A lei declara que você deve ser apedrejada. Mas, eu te aceito em teu erro”. *Graça!* Mas depois ele disse: “vai, não peques mais” [...] “muda a tua maneira de viver. Não volte ao mesmo pecado. Mude a tua forma de viver. Você já foi perdoada. Agora, vamos. Caminhe livre”. Verdade!²²¹

Como Jesus, a igreja deve aceitar todas as pessoas que a procuram. Isso é graça; favor imerecido. Não importam, de início, seus costumes ou seu “estilo de vida”. No entanto, precisam mudar a maneira de viver para caminhar segundo a “verdade”, para seu próprio bem-estar, para ser bem-sucedido, receber bênçãos e assegurar a eternidade:

Por que Deus estaria interessado no nosso estilo de vida? Você já parou para pensar por que Deus está interessado no teu estilo de vida? Na tua forma de agir, na tua forma de viver a vida no dia-a-dia? Por que será que Deus está interessado nas nossas vidas dessa forma? Será que Deus está interessado nas

²¹⁹Trecho coletado em 12/08/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*

²²⁰Trecho de fala do pastor Rafael Bitencourt. Coletado em 26/08/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²²¹Trecho de fala de Chris Mendez em culto. Coletado em 13/12/2020. Grifos nossos.

nossas vidas dessa forma simplesmente porque a maneira que a gente vive aqui, que coloca em prática aquilo que nós cremos, vai determinar se a gente passa a eternidade com Deus ou não? Ou será que Deus está interessado no nosso estilo de vida simplesmente porque ele tem regras que devem ser cumpridas? [...] Deus sempre se interessou no bem-estar de cada pessoa. E quando Deus está pensando a respeito do nosso bem-estar e precisa dar orientação para as nossas vidas em relação a nossa forma de viver, ele tá [sic] querendo, realmente, só nos ajudar. Não é que Deus tem uma lista de regras que precisam ser cumpridas, mas que Deus está interessado no nosso bem-estar. É claro que a nossa forma de viver vai afetar o nosso futuro, a nossa eternidade. Existem várias coisas que são afetadas a partir daí. Mas, a gente precisa entender que Deus está interessado no nosso estilo de vida porque ele também está interessado no nosso bem-estar. Então, Deus conhece todas as coisas, Deus conhece o bem, Deus conhece o mal, ele sabe como nos dizer qual é o caminho que nós devemos seguir, quais são as alternativas... porque, às vezes, um caminho ou outro pode parecer uma boa alternativa, mas Deus vai dizer assim: “olha, eu digo para você: vai por esse caminho, porque esse caminho é o caminho que vai te fazer bem-sucedido, vai te ajudar, você vai ser abençoado nesse caminho”. Porque Deus sabe de todas as coisas²²².

Nessa perspectiva, impor publicamente às pessoas um conjunto de regras e normas atrapalha o potencial transformador do evangelho. O moralismo, ouvi, afasta aqueles que devem ser atraídos ao evangelho a despeito dos métodos. “Quando nós desejamos mudar a nossa vida, não é porque tem uma lista de regras [...] que diz que você tem que mudar isso, mudar aquilo. Não. É porque a gente tem um encontro com a graça de Deus”²²³. Daí a crítica aos “religiosos” — leia-se, às igrejas e crentes que pregam a necessidade de agir em conformidade com comportamentos rígidos, segundo as Escrituras. Rejeita-se o apego institucional a usos e costumes rigoristas pelos eventuais obstáculos à eficiência proselista:

[...] às vezes, as pessoas podem não entender muito bem o que é o “venha como estás”. Porque quando nós trazemos essa mensagem nossa igreja, na verdade, se enche de pessoas de todos os caminhos da vida, com todos os tipos de contextos diferentes. E isso é algo maravilhoso. Mas alguém, talvez um pouco mais religioso, pode vir para a nossa igreja, olhar para o que está acontecendo dentro da igreja, e falar assim: “ah, essa igreja não é espiritual o suficiente. Essa igreja não é profunda o suficiente”. E eu jamais vou conseguir entender como uma igreja pode ser mais profunda e mais impactante do que

²²²Trecho de fala do pastor Raphael Galante. Coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²²³Trecho de fala do pastor Pedro Albuquerque. Coletado em 29/04/2020 no *Eu Decidi*, curso para novos convertidos da Hillsong.

ter a oportunidade de receber pessoas de todos os caminhos da vida que podem, ali, encontrar com Jesus Cristo²²⁴.

O erro, afirmam os líderes da Hillsong, decorre de uma percepção equivocada sobre Deus e seus desígnios. “Ele não é um Deus que quer nos julgar e nos culpar, mas sim que a gente viva uma vida livre”, afirma o pastor Pedro Albuquerque²²⁵. A necessária mudança de vida, portanto, não pode resultar de coação. Num referencial êmico, “a santificação é um processo natural”, que será experimentada por todo convertido. “O evangelho não produz mudança de comportamento. Produz mudança de coração”, diz Chris Mendez²²⁶.

Cabe salientar que, nessa questão, a noção de empoderamento também se fez notar. A conformação à vida exigida por Deus, tal como revelada pela Bíblia, é tida como natural porque promovida pela própria ação divina. Em outras palavras, prega-se que Deus, pelo Espírito Santo, empodera o fiel para que mude aquilo que precisa ser mudado em sua vida. Continua Albuquerque:

Você pode, sim, experimentar uma transformação. E para isso a gente tem que tá [sic] conectado com Cristo. O caráter de Cristo é empoderado pelo Espírito Santo. João 14.16: “E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre” [...] sabe, o Espírito Santo nos empodera a viver com esse caráter de Cristo. Ele desenvolve isso em nós. A gente pode ver em Gálatas 5.22 e 23, características que Deus desenvolve em nós: “mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”. Deus não quer que a gente viva uma vida de legalismo, mas uma vida onde a gente foca em Deus. E, através do Espírito Santo dele, em nós começa a gerar esses frutos.

“Santidade” — isto é, a conformação aos padrões morais bíblicos — é necessária e não pode ser conquistada pela coação, senão pelo “poder vindo do alto”. “Quanto mais a gente tentar guerrear contra a nossa própria carne, mas a gente vai perder”, repete o pastor. “A gente tem que confiar que o Espírito é vitorioso [...] sim, o Espírito Santo tá [sic], sim, fazendo com que a gente vença aquela nossa fraqueza”. O segredo, repisa, está em não “lutar contra o pecado sozinho”: “não vamos colocar nossa esperança na nossa própria natureza, nas nossas próprias forças, nas nossas próprias habilidades, mas vamos colocar nossa esperança na graça de Deus. Coloque sua esperança na graça de Deus”²²⁷. Como afirma Cristina Rocha, a Hillsong prega

²²⁴Trecho de fala do pastor Raphael Galante. Coletado em 24/08/2021 no curso *Liderança*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²²⁵Trecho coletado em 19/08/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²²⁶Trecho de mensagem no primeiro encontro de homens da Hillsong. Coletado em 07/09/2020.

²²⁷Trecho de fala do pastor Pedro Albuquerque no primeiro evento de homens da Hillsong. Coletado em 07/09/2020.

que, “uma vez que as pessoas comecem a vir à igreja, o Espírito Santo fará seu trabalho e transformará a vida delas” (ROCHA, 2017, p. 137, tradução nossa).

De todo modo, a constatação foi a de que a igreja converte essa sua compreensão em estratégias bem definidas. Opta por evitar ao máximo abordar temas morais e comportamentais em reuniões públicas. É raro escutar, nos cultos, exortações como “isso é errado”, “é proibido”, “não faça isso, não faça aquilo”, “é pecado”. Advertências morais, quando mencionadas, fazem-se ouvir por meio de eufemismos: “viva de forma genuína”, “autêntica”, “na vontade de Deus”, “faça aquilo que Deus te chamou para fazer”. Termos como “inferno” e “condenação eterna”, típicos do léxico pentecostal mais tradicional, não foram citados durante a pesquisa de campo²²⁸. Como ficou claro num dos encontros do curso de *Liderança* de que participei, no qual parte das estratégias da igreja foi compartilhada, o “venha como está” é que deve ser pregado nas “grandes reuniões”. Ou seja, ele é que deve ser especialmente mobilizado nos encontros em que a Hillsong mais recebe visitantes. E como quase tudo que se vê em seus corredores, as justificativas também se assentam em argumentação teológica. Pregação do pastor Raphael Galante ilustra isso, ao citar Mateus 13.34:

[...] nós vemos que a comunicação de Jesus com as multidões era de um tipo específico de comunicação. Ele tinha um tipo específico de comunicação com as multidões, ele tinha um tipo específico de comunicação com grupos um pouco menores e outra comunicação com aqueles que eram mais íntimos [...] então, nós precisamos aprender também as diferenças dentro da nossa própria igreja, da nossa comunicação. Até mesmo pensando na questão de visão, para onde estamos indo... [...] na nossa igreja, muitas das vezes, as pessoas perguntam: “por que que isso não é dito no final de semana?”, “por que que também a gente não fala mais a respeito disso ou mais a respeito daquilo?”. A gente precisa entender os contextos diferentes que nós temos, para poder aplicar a mensagem e continuar avançando nas nossas vidas como igreja também²²⁹.

Nessa perspectiva, a mudança de que necessita o convertido — e com o qual o próprio Deus contribui — é assunto para as atividades e programações mais íntimas, de pequenos círculos de fiéis. Neles, diz o pastor, “é onde a gente pode construir comunidade, incluir as pessoas e ter a

²²⁸Não deixa de chamar a atenção, nesse caso, a tradução da Bíblia lida na maioria das vezes pelos pastores e líderes da igreja. Como discorremos antes, a versão *A Mensagem* é alvo de críticas do evangelismo conservador desde seu lançamento em língua inglesa, nos Estados Unidos, em 2004. Segundo os detratores, trata-se de uma “paráfrase muito vaga”, problemática também em razão dos eufemismos empregados na tradução do texto tido como sagrado. Ver algumas dessas críticas em: <<https://www.biola.edu/blogs/good-book-blog/2016/problem-passages-in-the-message>>; <<https://banneroftruth.org/us/resources/articles/2013/shall-read-message/>>; <<https://bibliosofando.com.br/biblia-que-nao-e-uma-biblia-mensagem/>>. Acesso em: 15/12/2022.

²²⁹Trecho coletado em 24/08/2021 no curso *Liderança*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

certeza que nós estamos caminhando juntos”²³⁰. Empregando a metáfora da “plantação na igreja”, nos pequenos círculos é que se deve dar a poda de que todo arbusto necessita, uma vez que, “se você quer estar plantando na casa de Deus, tenha certeza de uma coisa: Deus vai te podar — ou o seu líder vai te podar”²³¹.

Em certo sentido, minha participação nos pequenos grupos organizados pela instituição confirmou essa sua compreensão e posição estratégica. Ao ser recebido num dos muitos *grupos de conexão* oferecidos pela filial em São Paulo, por exemplo, ouvi sobre a importância de “trilhar a caminhada que Cristo tem para a gente na companhia de pessoas que podem nos ajudar”. E ajuda que, neste caso, pode significar mudança de vida, a partir do aprofundamento e adequação àquilo que é pregado aos domingos. Como me disse um dos líderes, definindo o ideal como um dos grandes propósitos da igreja:

Essa é uma questão que eu vejo muito na nossa igreja. Tipo, nas pessoas que participam da nossa igreja, que fazem da nossa igreja a sua casa [...] tem bastante gente que, tipo, “cara, tô [sic] aqui pra conhecer” e continuou indo, indo, frequentando e não tinha nenhum envolvimento [...] alega pertencer à igreja mas não participa de um voluntariado, não participa de um grupo de conexão. E eu acho que a ideia, na verdade, sempre foi conectar a igreja toda [...] são muitas pessoas que frequentam a nossa igreja, são cinco reuniões [...] então, conectar todo mundo no domingo fica muito difícil, né? [...] então, a ideia é fazer com que todo mundo se conecte à igreja, esteja conectado [...] saber que você tem pessoas que caminham junto com você. E o grupo de conexão é nada menos do que isso. É fazer com que a gente se conecte cada vez mais [...] o que a gente faz no grupo de conexão é, primeiro, aquele bate-papo para saber como que as pessoas estão [...] [depois] por exemplo, a mensagem do [pastor] Rafa na semana passada? A gente vai falar o que cada um absorveu daquilo, de uma forma simples e sem muitos rodeios [...] é trazer as pessoas pra perto, pra gente poder caminhar junto²³².

Lembrando do título do artigo de Yip e Ainsworth (2020), escolhido a partir de referencial êmico, o caso é que participei de conversas nas quais, entre outras coisas, os fiéis são mesmo convencidos de que precisam de “ajuda para a jornada”, rumo à realização pessoal como cristãos. Apoio sem o qual, sozinhos, tendem a sucumbir. O depoimento de Elias, 24, que frequentava a igreja havia alguns meses, ilustra a ênfase no apoio grupal para orientar e assegurar as mudanças comportamentais “trabalhadas por Cristo”:

²³⁰Trecho coletado em 24/08/2021 no curso *Liderança*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²³¹Trecho de fala do pastor Rafael Bitencourt. Coletado em 21/09/2021 no curso *Liderança*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*.

²³²Conversa com o líder do grupo de conexão de que participei na zona sul de São Paulo, um dos muitos oferecidos pela Hillsong. Coletada em 24 de abril de 2020. Acréscimos nossos.

Cara, a galera do meu grupo me ajudou demais. Eu acho que nem sabem disso [risos] [...] principalmente um amigo que fiz. Você não tá [sic] sozinho, saca? Tinha umas decisões que eu tinha que tomar na vida, umas paradas que eu tinha que mudar — que não convém entrar em detalhes — que foram trabalhadas por Cristo através deles [...] Eu vejo assim. Faz todo sentido para mim [...] Eu melhorei e tá [sic] me fazendo bem *pákas* [sic]²³³

O trabalho de Matthew Wade tipifica a estratégia inclusiva da Hillsong nas “grandes reuniões”, nas quais a igreja se apresenta como um movimento *seeker-friendly* (WADE, 2016). Conhecidas igualmente como *seeker-sensitive churches* — “igrejas sensíveis ao que busca”, em tradução livre —, as igrejas *seeker-friendly* são definidas pelo sociólogo Kimon Sargeant como comunidades que trabalham de maneira especial na adaptação de “seus programas e serviços para atrair pessoas que não [as] frequentam” (SARGEANT, 2000, p. 02, tradução e acréscimo nossos). Descritas a partir da paisagem evangélica norte-americana, referem-se a congregações “em que os ensinamentos e as operações são adaptados para alinhar o ‘produto’ às preferências do mercado consumidor” (WADE, 2016, p. 664). Enquadra-se, nos termos de Danièle Hervieu-Léger, na estratégia das igrejas que se desenvolvem “com o *projeto específico* de atrair os novos consumidores espirituais oferecendo-lhes produtos culturais correspondentes a uma demanda que já não encontra sua satisfação do lado da oferta religiosa tradicional” (HERVIEU-LÉGER, 2003, p. 121, tradução e grifo nossos). Tido como marco nos estudos sobre as transformações que deram ensejo à categorização, o trabalho de Sargeant sintetiza a mensagem pública pretendida pela denominação: “o amor de Deus [recebe] mais atenção do que a sua santidade” (SARGEANT, 2000, p. 83, tradução e acréscimo nossos). A ênfase recai sobre “aspectos do caráter de Deus que são culturalmente atraentes, do que aqueles que inspiram medo e são mais problemáticos” (SARGEANT, 2000, p. 86, tradução e acréscimo nossos). O discurso amigável e acolhedor ocupa a linha de frente da evangelização. “O evangelho é atraente, não é repulsivo. Cada um de nós deve realmente pensar na maneira como retratamos o evangelho”²³⁴. Em seguida, investe-se no processo de mudança comportamental, visto como necessário para se conformar ao “estilo de vida que Deus tem para cada um de nós”. “Venha como estás, mas não permaneça como estás”. Esse é o ideal de inclusão da Hillsong. Como apregoa uma das músicas efusivamente cantadas nos cultos: “como estou tu me amas” — mas, “teu amor não me deixa assim”²³⁵.

²³³Entrevista com Elias, 24 anos, realizada em 10/03/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM.

²³⁴Trecho de fala do pastor Brian Houston em mensagem no *Domingo de Visão 2020*. Coletado em 16/02/2020.

²³⁵Trecho de *Como Estou Tu Me Amas*, versão em português da canção *As You Find Me*, da banda australiana Hillsong United. Ver em: <<https://youtu.be/HCIqOVOxYBQ>>. Acesso em 23/05/2022.

3.2. “Diferente de tudo... e para o meu bem”: a regulação promovida, assimilada e comparada

A igreja [Hillsong] não se concentra em julgar as pessoas ou impor regras sobre roupas e comportamento, mas em trazê-las através dos portões e enchê-las de amor [...] para os jovens brasileiros, que vêm de uma cultura de igreja conservadora onde as vestimentas e comportamentos apropriados são fundamentais, isso é significativo (ROCHA, 2017, p. 137, tradução e acréscimo nossos).

Nas últimas décadas, a paisagem pentecostal brasileira foi palco de importantes e intensas transformações, com significativas mudanças no seu modo de crer e agir. As ênfases em batalhas e dons espirituais e a teologia da prosperidade não apenas demarcaram um “novo modo de ser pentecostal” — ou de ser *neopentecostal* — como, aos poucos, espalharam-se para diversos segmentos evangélicos. Confirmam o adágio já consagrado pela teoria sociológica da religião, anteriormente citado: “as religiões estão sempre em movimento” (BECKFORD, 2019, p. 326). Outrora engajados em se diferenciar do “mundo”, salvo poucas exceções, muitos religiosos dessa tradição específica abandonaram paulatinamente usos e costumes que demarcavam sua disposição contracultural²³⁶. Com efeito, a severidade institucional revelada em proibições e códigos legalistas foi se afrouxando, transformando igrejas e dando origem a muitas outras, mais liberais em relação à regulação das crenças e práticas dos membros. Realizada à época em que tais mudanças eram recentes, a análise de Mariano descreveu o processo enfocando as igrejas neopentecostais, suas promotoras:

Os usos e costumes tradicionalmente praticados no pentecostalismo clássico e no deuterpentecostalismo, reconhecidos pelos crentes como símbolos da conversão, prova de regeneração e sinal de santificação, estão, com poucas exceções, sendo flexibilizados ou adaptados aos novos valores, hábitos e gostos dos fiéis e aos estilos de vida dos virtuais adeptos. Em certos casos, estão sendo simplesmente abandonados. Pelas neopentecostais, mais recentes e liberais, nem mesmo foram adotados (MARIANO, 1999, p. 204).

Tal abertura acomodatória a usos e costumes, sobretudo de vestuário, abriu as portas do pentecostalismo a estratos aos quais antes a postura sectária impunha barreiras consideráveis, como os de classe média, até então refratários à estética e ao ascetismo pentecostal. Com isso, o comprimento do cabelo, o vestuário, o gosto musical, entre outras coisas, deixaram de obstar sua atração pelas igrejas. Não obstante, alguns usos e costumes permaneceram tabus na maioria

²³⁶As igrejas *Congregação Cristã no Brasil* e *Deus é Amor*, por exemplo e a seu modo, ainda mantém determinado ascetismo contracultural. Tal esforço de diferenciação se revela sobretudo na estética (uso de determinadas vestimentas, penteados etc.).

das igrejas pentecostais, como o consumo de bebida alcoólica e drogas. Além disso, a moralidade conservadora referente à sexualidade, às relações sexuais não-maritais e à homoafetividade, aos papéis de gênero e à família tradicional, mantiveram-se como traços característicos do campo evangélico como um todo (com exceção, sobretudo, das igrejas evangélicas chamadas “inclusivas”), não só pentecostal. De modo geral, os pentecostais mantiveram “forte conservadorismo moral”, contrastando “com níveis menos elevados de conservadorismo entre os indivíduos filiados a outras religiões cristãs” (SILVA, 2019, p. 29)²³⁷. “Mesmo as neopentecostais, embora mais liberais, estabelecem orientações tipicamente puritanas, moralistas”, atestara Mariano sobre as transformações da religiosidade no país. “Quanto à proibição ao tabaco, às drogas, ao sexo não-marital, aos jogos de azar, nenhuma alteração ocorreu com o [seu] surgimento” (MARIANO, 1999, p. 210, acréscimo nosso). Desde a publicação dessas observações empíricas, no final dos anos 1990, pouca coisa mudou na maioria das igrejas.

O conservadorismo moral presente em boa parte das denominações pentecostais brasileiras é de fundamental importância para o entendimento de como a Hillsong São Paulo promove a conformação a regras e comportamentos — igualmente desejados e demandados por seus líderes, como visto anteriormente. Além disso, também ajuda a explicar a motivação de muitos dos que a procuram, relacionada ao sentimento de autonomia que afirmam nela experimentar. Sobretudo a partir de minhas entrevistas, são esses os assuntos com os quais me ocupo daqui em diante.

Como indicado por Rocha (2017, p. 137), a partir de suas pesquisas na Austrália, minha investigação na filial paulistana foi confirmando a tese de que “para os jovens brasileiros, que vêm de uma cultura de igreja conservadora”, a Hillsong representa alternativa atraente justamente pelo fato de se diferenciar no modo como articula e engendra sua regulação institucional. Tida por outras denominações como meio para a salvação além-mundo, recurso que aplaca a ira divina ou mesmo como a maneira adequada de responder com gratidão à graça de Deus e ao favor da igreja, a conformação aos padrões de vida indicados pela Bíblia é fomentada pela Hillsong a partir de uma justificativa principal que repercute amplamente entre os seus fiéis: o bem-estar e o florescimento pessoais. Em consonância com muitas outras falas de mesmo teor, as palavras do pastor Raphael Galante, num dos cursos de que participei, resumem bem o argumento da denominação:

²³⁷Cf., por exemplo, Bohn (2004), Pew Research Center (2014) e Smith (2019).

A gente pode ver que, no Antigo Testamento, Deus deu ao seu povo 10 mandamentos. Ele chega num momento, em que está formando a nação de Israel, e diz assim: “eu estou formando esse povo e vou dar uma lista de como essas pessoas podem se comportar para viver uma vida boa, para viver em bem-estar, para continuar crescendo e ser bem-sucedido na vida”. Então, Deus não estava lá pensando assim: “esse povo é muito bagunceiro, esse povo tá [sic] fazendo muita coisa errada. Vou dar uma lista de regras, aqui, para ver se eles entram na linha”. Não era o coração de Deus. Quando Deus vem e traz os 10 mandamentos, traz a lei, é tudo para o bem-estar, tudo para a proteção de cada indivíduo. No Novo Testamento [...] nós temos o Sermão da Montanha — Mateus capítulo 5 ao capítulo 7. Jesus fala muito a respeito da nossa forma de viver [...] Jesus começa a trazer uma lista de orientação, não somente conselhos que são boas ideias da maneira como nós poderíamos viver, mas Jesus está dizendo: “eu tenho, aqui, uma forma de viver que vai abençoar a sua vida; vai abençoar o seu bem-estar”. Então, Deus está completamente interessado no nosso estilo de vida. Qual é o estilo de vida que temos hoje? Hoje, será que o teu estilo de vida é um que tem promovido o bem-estar para você mesmo e para as pessoas que estão ao teu redor? Ou será que é um estilo de vida que está necessitando de algumas mudanças para que possa ser melhor para você mesmo e melhor para as pessoas que estão ao seu redor? [...] Qual é a autoridade que a Bíblia tem sobre você?²³⁸

Vista por esse ângulo, a adequação à moralidade bíblica é assimilada como esforço que vale a pena; uma forma de viver recompensadora. Seus líderes afirmam que a igreja não está interessada em obrigar ou impor regras, nem em condenar os recalcitrantes. Almeja, antes e sobretudo, o bem-estar e o desenvolvimento espiritual e material dos fiéis. Marcos, 31, evangélico “de berço” e morador de Perdizes, que estava havia 7 meses na Hillsong, afirma:

Aqui é muito diferente do que eu vivi em toda minha vida. Vim de berço cristão e posso falar com certa autoridade, cara. Minha última igreja foi a Comunidade Cristã. Fiquei um tempo legal lá e não me adaptei. Saí da igreja dos meus pais, antes da Comunidade, porque era meio fraca com os jovens também. Mas, enfim, aqui é bem diferente de tudo que já experimentei, viu? Ninguém quer dizer o que você deve fazer, te obrigar. Lógico, os pastores querem o nosso melhor, querem que a gente cresça. Por isso eles pregam a Palavra; que a gente tem que viver a Palavra. Só que eles não obrigam ninguém a fazer nada. Não ficam pesando a mão na hora da pregação, “para de fazer isso e aquilo”, condenando a gente. Não. É “olha, se você andar assim, vai ser o melhor para tua vida”. E é isso mesmo. A gente é que, às vezes, é teimoso e não quer ouvir. Aí já sabe, bate cabeça²³⁹.

²³⁸Trecho de fala do pastor Raphael Galante. Coletado em 15/07/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*. Acréscimo nosso.

²³⁹Entrevista com Marcos, realizada em 12/03/2019 nas dependências do Villaggio JK, por ocasião de uma *Noite DNA*.

Da mesma forma, Taís, 25, *trainee* numa multinacional, exalta a “liberdade no Espírito” em sua experiência de um ano e meio na Hillsong, sua aceitação sem julgamentos ou críticas quanto à conduta fora da igreja. Sua mudança comportamental, a seu ver, é da alçada do Espírito para seu bem e sua paz, não de regrinhas que a aprisionem:

Eu era de uma Assembleia de Deus. Era o modelo de igreja que eu conhecia [...] lá os jovens eram meio deixados de lado. Sei lá, meio ignorados. Tipo, a Hillsong, além de ser mais moderna, aceita a galera do jeito que ela é. O fato de não me criticarem, de não me julgarem, de não ficarem perguntando o que eu faço ou deixo de fazer fora da igreja, muda tudo. É aquilo que ouvimos sempre: “venha como está”. Para o meu bem, minha paz, o Espírito vai mudar o que precisa mudar. Mas porque ele quer o meu bem, só por isso. A Hillsong tá preocupada com minha liberdade no Espírito, não com a minha prisão em regrinhas²⁴⁰.

Líderes da Hillsong pregam que a “verdade bíblica” não traz fardos à vida cristã. Pelo contrário. Quem segue as prescrições bíblicas, defendem, encontra felicidade, realização e liberdade neste mundo caótico. Os entrevistados, grosso modo, reproduzem os ensinamentos da igreja nos pequenos grupos: “quando a gente tá [sic] numa vida com Deus, a gente vai desenvolver o nosso caráter [...] E aí, sim, você vai poder experimentar o melhor de Deus, porque os desejos de Deus para nós são os melhores”²⁴¹. A igreja reivindica a posse do “‘verdadeiro conhecimento’ do que as pessoas ‘normais’ (ou seja, de classe média, rica, ocidental) procuram e precisam: sentir-se livres e empoderadas [...] apoio para melhorar e mudar suas vidas” (YIP; AINSWORTH, 2020, p. 12-13, tradução nossa). Tais objetivos só podem ser alcançados mediante a observância dos padrões morais bíblicos ou do exemplo da caminhada terrena de Cristo, mas desde que “a barra não seja forçada”, desde que na “liberdade do Espírito”. A Hillsong indica o melhor “para nós mesmos”, não para “nos condenar”, mas para seguir a vontade de Deus, cuja verdade liberta dos erros e dos males. É o que afirma Eloá, 36, gestora de saúde pertencente à classe média, que frequentava a Igreja do Evangelho Quadrangular antes de migrar para a igreja na Vila Olímpia, um ano antes da entrevista:

Olha, eu te diria que a igreja, os pastores, os líderes, enfim... pregam a verdade que liberta. Tá [sic], aonde eu ia também se pregava. É verdade. Mas... como explicar? Eles não forçam a barra aqui [na Hillsong], entende? Nunca ouvi aqui “isso é contra Deus, faz isso não” [risos]. É mais “anda com Jesus em liberdade”, “ele te fez livre”. E seguir Jesus é o melhor para nós mesmos. A vontade dele liberta a gente dos erros que nos fazem mal, não é para nos

²⁴⁰Entrevista com Taís, realizada em 29/09/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM.

²⁴¹Trecho de fala do pastor Pedro Albuquerque. Coletado em 19/08/2020 no curso *Estilo de Vida*, da gama de cursos oferecidos pelo *Night School*. Acréscimo nosso.

condenar [...] aprender isso meio que me deu um alívio [risos]... Tipo, meu, é aqui que quero ficar²⁴².

Isso explica, em boa medida, a reiterada menção dos entrevistados ao termo “diferente” empregado para descrever como percebem sua recepção pela denominação e a discrepância dela em relação a outras igrejas em termos de cobrança comportamental e de frequência nos cultos. “Senti uma diferença enorme da Renascer para a Hillsong”, contou-me Pedro, 28, ex-membro da igreja liderada por Estevam e Sônia Hernandes. Perguntado sobre tais diferenças, o jovem com níveis de renda e escolaridade superiores à média nacional respondeu:

É bem diferente assim... Todo mundo que está aqui [na Hillsong] vem e ajuda porque quer. Não há cobrança. Se eu não vier à igreja em determinada semana, não haverá problema. Ninguém me cobrará por não ter vindo. Ninguém vai perguntar se eu fiz “cagada” [risos] durante a semana. Em outras igrejas é diferente. Se eu faltar, vão me procurar para saber o que está acontecendo. A cobrança é bem mais em cima. “E aí, irmão, não veio por quê? Está acontecendo alguma coisa? Como está a tua vida com Deus? Cuidado, hein! Não dá brecha pro [sic] inimigo!” [...] Aqui, não. Ninguém é obrigado a nada²⁴³.

Embora a Hillsong guarde algumas semelhanças com a Renascer — ênfase na música, recorte de público jovem e de classe média —, ambas se distinguem, segundo ex-adeptos da última, na forma como promovem a adequação ao comportamento e à moralidade bíblicos, com prejuízo da que os cobra de forma impositiva e invasiva. Vinícius, 30, formado em administração e morador de um bairro de classe média alta de São Paulo, discorre sobre isso, exaltando a “cultura de liberdade” da Hillsong e seu respeito pelas pessoas. Características que, a seu ver, distingue-a de outras igrejas e até choca seus respectivos adeptos, supostamente objeto de julgamentos e condenações externos:

Uma vez meu pai veio comigo [risos]. Ele é batista. Ficou meio horrorizado porque ouviu o Chris [Mendez] dizer que não devemos julgar ninguém, que isso é coisa de religioso, que não importa o que você faz, que todo mundo é bem-vindo aqui e tals [sic]. “Ele diz isso porque ele mesmo é cheio de tatuagens, Vinícius” [risos]. Velho, é difícil para as pessoas das outras igrejas entender essa cultura de liberdade. Esse é o diferencial, eu acho. Se tem algo que precisa mudar nas nossas vidas, beleza. Vai acontecer com o tempo, mas só depois da gente tá [sic] realmente convencido [...] Ninguém precisa ficar te

²⁴²Entrevista com Eloá, realizada em 10/11/2019 nas imediações do Villaggio JK.

²⁴³Entrevista com Pedro, realizada em 07/09/2019 no shopping *JK Iguatemi*, próximo ao local das reuniões da Hillsong São Paulo. Acréscimo nosso.

falando, pressionando. Aqui a igreja respeita a gente e eu acho que muita gente volta por causa disso²⁴⁴.

A entrevista com Carla, citada anteriormente, frequentadora da igreja há 10 meses quando de nossa conversa, destaca motivações semelhantes:

Eu nunca tinha me sentido parte das igrejas que frequentei antes da Hillsong por me sentir julgada [...] Com a Hillsong foi diferente. Eu fui muito bem recebida, senti muito amor por parte das pessoas. Aprendi que não devo me conectar com uma igreja, mas com Jesus [...] fui para lá porque é muito diferente de outros lugares, que condenam nosso comportamento. Amor é uma palavra que define bem a Hillsong²⁴⁵.

As entrevistas permitem compreender que o sentimento de autonomia e de liberdade enfatizado e experimentado positivamente pelos entrevistados toma como parâmetro comparativo suas experiências pregressas noutras igrejas ou o modo como percebem, de forma estereotipada, o que se passa nelas. Não se deve a que a Hillsong promova desregulação irrestrita sobre o comportamento dos adeptos. Ou que apenas se preocupe em “trazê-las através dos portões e enchê-las de amor” (ROCHA, 2017, p. 137, tradução nossa). Ocorre que seu modo de regulação institucional é menos custoso comparado ao de outras instituições evangélicas. Seu “chamado à santidade” não é visto como algo impositivo e legalista, mas, sim, como fruto de sua liberdade em decidir por vontade própria ou pelo convencimento do Espírito, em seu próprio benefício. O discurso religioso e a forma como a igreja promove a regulação institucional faz toda a diferença no modo como os fiéis a percebem ou a interpretam. Não se deve “viver o que Deus tem para nós” com vistas à longínqua salvação paradisíaca ou por medo do diabo e da perdição eterna, mas sobretudo para assegurar o próprio bem-estar terreno. A ênfase recai no argumento de que o ajuste às prescrições bíblicas visa beneficiar o crente. Com efeito, os fiéis da Hillsong se consideram menos confrontados, julgados e condenados do que eram nas igrejas anteriores. Há estreita identificação com o que Cristina Rocha descreveu com base na pesquisa com jovens brasileiros radicados na Austrália:

Eu estava conversando com um grupo de brasileiros do meu grupo de conexão, quando uma garota brasileira se aproximou de nós. Ela usava uma minissaia, botas, regata, jaqueta jeans e um chapéu e tatuagens esportivas. Alguns no grupo começaram a brincar com ela dizendo que não seria permitida em sua igreja no Brasil. Então cada um se revezava contando aos

²⁴⁴Entrevista com Vinícius, 30, administrador de empresas, frequentador da Hillsong há um ano quando de nossa conversa. Realizada em 12/03/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM. Acréscimo nosso.

²⁴⁵Entrevista com Carla, 26, realizada em 10/09/2019 na estação *Giovanni Gronchi* do metrô de São Paulo. Frequentadora da igreja há 10 meses, ex-membra da igreja Sara Nossa Terra.

outros horrorosas histórias de punição quando não se comportavam adequadamente ou se vestiam adequadamente para a igreja. Uma delas nos contou como foi colocada de castigo durante o culto e ficou constrangida para sempre com a experiência; outro disse que seu pastor ficou muito chateado quando fez uma pequena tatuagem. Todos continuaram concordando. No final, todos riram dessas histórias e concordaram que era muito mais fácil estar na Hillsong, onde poderiam se vestir como se quisessem, porque o foco não era nessas coisas “pequenas”, mas em seu “amor por Deus” (ROCHA, 2017, p. 137, tradução nossa).

No púlpito da Hillsong, jovens dispõem de pastores esteticamente identificados com o que, em diversas igrejas, é criticado — caso das tatuagens, por exemplo. O discurso e as práticas da denominação calam fundo entre jovens e segmentos de classe média dotados de perspectiva mais liberal no plano comportamental e que, sobretudo, procuram reivindicar autossuficiência em suas escolhas e em sua vida privada.

A inserção dos fiéis no trabalho voluntário, rápida e descomplicada, também independe de sua adequação à conduta bíblica almejada pela denominação. Dessa forma, a denominação consegue mobilizar e engajar recém-chegados, doutriná-los e socializá-los na “vontade do Espírito”, nas prescrições bíblicas e, com isso, no conservadorismo moral e comportamental. As palavras de Filipe, 19, estudante de marketing digital e morador do Morumbi, ajudam a entender:

Eu ia na Lagoinha [Batista da Lagoinha]. É uma igreja boa para os jovens. Imitou muita coisa da Hillsong também. Ambiente escuro, placas para receber as visitas e tudo mais. Mas, tipo... a Hillsong ainda é diferente. Não preciso ser membro ou ser perfeito para ajudar a fazer a igreja funcionar. Basta inscrever numa das equipes e o líder entra em contato com você. Esquema rápido, descomplicado. O líder não quer saber como é tua vida na rua. “Tá [sic] disposto a trabalhar no Reino, mano? Já disse ‘sim’ para Jesus? Bora [sic], você é muito bem-vindo aqui. O que tiver que ficar pra trás vai acontecer no meio do caminho”²⁴⁶.

Como ouvi do pastor Pedro Albuquerque, a ideia é a de que “Deus não está procurando pessoas perfeitas. Deus está procurando pessoas disponíveis, com o coração disposto a servir”²⁴⁷. Uma vez integradas, investe-se no trabalho de convencimento de que os cristãos necessitam mudar o que, segundo a liderança denominacional, a Bíblia afirma que deve ser mudado. Em contraste com igrejas em que a imagem de “retidão moral” do adepto deve anteceder o engajamento em funções e cargos, na Hillsong não é preciso renunciar a usos e costumes tidos como antibíblicos para se engajar nessas atribuições. Não são pré-requisito para tal. O engajamento em tarefas

²⁴⁶Entrevista com Filipe, realizada em 26/05/2019 num dos trens da CPTM.

²⁴⁷Trecho coletado em 06/05/2020 no *Eu Decidi*, curso para novos convertidos da Hillsong.

precede a mudança comportamental. Serve de incentivo para ela, inclusive. Desde que o comportamento não gere escândalos públicos, o voluntariado pode ser exercido independentemente da esperada mudança segundo a “ação do Espírito”²⁴⁸.

Dois experiências evidenciam o quanto os adeptos consideram positiva essa posição da instituição quanto a seu engajamento. “Vim à reunião pedir a bênção para ir ao bloquinho”, confidenciou-me, aos risos, um voluntário das placas de recepção. Indaguei se sua participação na festa de Carnaval 2020 não lhe causaria problemas com os líderes da equipe. “Que nada, cara. É só não fazer disso uma vitrine. Tipo, eu ainda não me convenci de que é errado me divertir se eu não fizer nada mais grave. Então, tudo certo”. Noutra ocasião, uma voluntária operacional afirmou: “para ser sincera, eu ainda não sei se me converti. Eu disse ‘sim’ para Jesus e me envolvi com a igreja porque curti demais pertencer [...] ninguém me excluiu, porque não falei com ninguém [...] mas um dia eu ainda vou passar por essa experiência”²⁴⁹.

As equipes elaboram relatórios quantitativos de presença semanal e controle de escala dos voluntários, além de outros instrumentos minimamente burocráticos, mas não impõem restrições rígidas à participação voluntária à maioria das atividades por ela propiciadas²⁵⁰. Isso facilita o engajamento de pessoas para quem a conversão e a mudança de vida, além de prováveis, são aguardadas. Mais do que visar ampliar a mão-de-obra gratuita, a instituição procura converter e fidelizar os frequentadores mobilizados pelas equipes de voluntários. Assim, eles podem desfrutar dos bens religiosos da igreja sem ter de abdicar imediatamente de comportamentos e também de espaços de sociabilidade vistos como “mundanos” ou mesmo “diabólicos” — caso do Carnaval. Daí o “diferencial” da Hillsong em relação às concorrentes. Nas palavras de Tiago, 29, já citadas: “não é como nas outras igrejas em que você tem que esperar 10 anos para que te vejam capacitado para fazer alguma coisa [...] Quando vi, já estava

²⁴⁸O caso de Josh Canfield, homossexual e ex-dirigente do coral da Hillsong Nova Iorque, ilustra bem a preocupação que a igreja tem com a imagem pública nessa área. Ciente de sua orientação desde 2011, a direção da denominação só o afastou de suas funções em 2015, quando, em rede nacional de televisão, o fiel falou sobre “ser gay, cristão e servir como dirigente de coral” na filial norte-americana. “Existem muitas pessoas LGBTQ que servem como ‘hosts’ e no coral, mas aparentemente, você não pode liderar a adoração, liderar o coral ou ser um vocalista da linha de frente se você for abertamente gay”, resumiu o ex-adepto em entrevista pós-afastamento. Ver mais em: <<https://www.churchclarity.org/updates/former-gay-worship-leader-for-hillsong-nyc-speaks-on-experience-with-unclear-policy>>. Acesso em: 28/06/2022. Tradução nossa.

²⁴⁹Diário de campo do dia 23/02/2020.

²⁵⁰Efetuada no site da igreja, o cadastro para o voluntariado na Hillsong exige informações básicas como nome completo, telefone e tempo de frequência na instituição. Além de indicar o dia e horário de sua disponibilidade, o interessado deve discorrer brevemente sobre sua experiência e, “de acordo com a legislação brasileira”, assinar o “termo de adesão ao trabalho voluntário” (lei 9.608, de 18 de fevereiro de 1998). Neste documento, declara, entre outras coisas, estar “ciente da visão da Hillsong São Paulo”. Uma vez cadastrado no *myhillsong.com*, o fiel é procurado pela liderança, afim de dar os próximos passos e ser encaminhado às funções. De todas as equipes, aquela responsável pelo cuidado com crianças (*Kids*) é a que faz mais exigências prévias do candidato, como um tempo determinado de preparação.

servindo”²⁵¹. Na prática, o engajamento voluntário é articulado como ferramenta de socialização religiosa. Isto é, insere o indivíduo numa rede de sociabilidade (equipes, pequenos grupos, cursos etc.) que pode resultar na conversão; na conformação pregada pela igreja. É particularmente nesse aspecto que reside a novidade da Hillsong em comparação a outras igrejas evangélicas brasileiras. O engajamento é meio, não fim.

A igreja explora essa distintividade, que é reproduzida e elogiada em testemunhos e entrevistas pelos adeptos. Um dos materiais audiovisuais produzidos para o *Domingo de Visão 2020*, pelo jornalista investigativo Ashley John-Baptiste, da BBC britânica, que circulou por todas as igrejas da Hillsong em diferentes países, exalta a “marca Hillsong”, destacando sua atuação entre fiéis e na sociedade. Referindo-se a Berlim, assevera que a igreja está ajudando a superar o legado do comunismo soviético em sua parte oriental. De Barcelona, afirma que seu crescimento desafia a cultura em que “a própria palavra igreja é percebida como arcaica e uma relíquia do passado”, frente ao profundo processo de secularização experimentado pela cidade catalã. Já em São Paulo, o destaque recai sobre a distinção positiva efetuada pela denominação em relação à “cultura de julgamento” predominante entre os evangélicos brasileiros, como demonstra trecho de entrevista com uma fiel da filial paulistana:

Ashley John-Baptiste: Heloísa me convidou para me contar um pouco de sua história e como a cultura daqui [Brasil] a afetou...

Heloísa: Durante toda minha vida, era um sonho para mim fazer parte de uma igreja. Eu sempre tive tatuagens. Eu sempre tive *piercings*. Nós temos, aqui no Brasil, um monte de pessoas te julgando.

Ashley John-Baptiste: Como os cristãos reagiram ao fato de você ter tatuagens?

Heloísa: Eles faziam o sinal da cruz sobre mim [risos]. Na verdade, muitas vezes. Tipo: “oh! Meu Deus! Vá embora!” [risos]

Ashley John-Baptiste: Eles disseram isso para você? [espanto]

Heloísa: Sim. Eu nunca pensei que poderia ser eu mesma e estar numa igreja [...] [hoje, na Hillsong] não tenho apenas novos amigos, mas também tenho uma família. Eles me apoiam todos os dias. Eu realmente sinto que eu posso ser quem eu sou²⁵².

Vibrando com o fato do registro audiovisual ter incluído “a família Hillsong no Brasil”, o público não demorou a esboçar reações favoráveis. Sentado a meu lado, um adepto cochichou: “graças a Deus a Hillsong veio para cá, né, cara? Olha a imagem que nós brasileiros vai [sic]

²⁵¹Entrevista com Tiago, 29, realizada em 07/09/2019 nas dependências do Villaggio JK por ocasião do primeiro encontro de homens da Hillsong.

²⁵²Essa entrevista, exibida para a igreja australiana no *Vision Mega Prayer Night 2020*, foi reproduzida, em São Paulo, na *Noite Coração e Alma*, em 18/02/2020. O trecho pode ser visto no *YouTube*: <https://www.youtube.com/watch?v=7Y3lSCyWQEc&ab_channel=HillsongChurch>, a partir do minuto 58:09. Acesso em: 28/06/2022. Tradução e acréscimos nossos.

ficar lá fora... sem comentários, muita hipocrisia nesse país. Imagina a galera lá da Austrália vendo isso? Graças a Deus pela Hillsong”. Mais do que enaltecer o trabalho e o impacto internacional da igreja, a peça, no que se refere à filial brasileira, evidencia que a postura institucional conservadora, severa e sectária das igrejas evangélicas no país é percebida e tratada como um problema a ser superado. A Hillsong a condena como obstáculo. “Meu relacionamento com Deus mudou. A maneira como eu vejo Deus, a maneira que eu falo com ele, mudaram completamente”, conta Ana, voluntária entrevistada pelo jornalista. “Antes, eu via um Deus de julgamento, que apontava meus erros. E agora, um Deus de amor”. Nada de herança comunista, como na Alemanha. Nem de secularização, como na Espanha. O vilão enfrentado pela Hillsong no Brasil é o legalismo moral e comportamental que caracterizaria o evangelismo no país.

Se o referido conservadorismo de corte moral e legalista permite compreender o sentimento de liberdade e autonomia experimentado por fiéis oriundos de outras igrejas, esperar-se-ia que outras fossem as motivações dos que não passaram previamente por outras igrejas evangélicas. Embora isso tenha se confirmado em casos de adeptos provindos do catolicismo²⁵³, chama atenção a prevalência de relatos ressaltando esse senso de autonomia mesmo entre quem não fora evangélico antes de ingressar na Hillsong. Das 41 pessoas que entrevistei, seis se enquadraram nesse recorte. Três delas mencionaram motivações relacionadas à liberdade como fator que as atraíram à denominação:

Eu tinha uma imagem muito negativa de igreja evangélica. Meio que preconceito, até. Mas aí uma amiga do trabalho me convidou, disse que era bem diferente do que a gente ouve por aí e eu vim [...] foi numa *Noite DNA*. Acho que 12 de agosto. A gente tinha acabado de sair do trabalho e veio [...] minha visão mudou quando ouvi o pastor Chris [Mendez] dizer que as pessoas são mais importantes do que as regras, que na Hillsong se tem flexibilidade, que as pessoas têm as suas decisões e eles respeitam... como é que ele disse mesmo? [...] “A igreja é para ser desfrutada” [...] Não parei de vir depois²⁵⁴.

Venho já fazem [sic] uns três meses. Foi minha mãe que me trouxe. Ela veio depois de uma amiga chamar [...] eu não ia em nenhuma outra igreja antes de começar a frequentar a Hillsong. Eu nunca quis ir na igreja, achava a galera

²⁵³Das seis pessoas de trajetórias não-evangélicas entrevistadas, duas se identificaram como anteriormente ligadas ao catolicismo. Em nossas conversas, ambas citaram a baixa socialização experimentada na antiga instituição como fator determinante na escolha pela Hillsong: “tudo era muito distante para mim” — resume Keila, 35. “O padre era distante, as pessoas eram distantes, a Palavra de Deus era distante... Jesus era muito distante [...] Aqui [na Hillsong] me senti amada. Conheci uma família próxima de mim, me sinto em casa”. Entrevista realizada em 28/04/2019, nas imediações do Villaggio JK.

²⁵⁴Entrevista com Vanessa, 29, moradora do Capão Redondo, autodeclarada sem-religião antes de sua ida à Hillsong e de baixa renda. Realizada em 01/12/2019, nas imediações do Villaggio JK. Na realidade, a *Noite DNA* a que se faz menção — e na qual eu também estive presente — aconteceu no dia seguinte, 13/08/2019.

meio retrógrada. Eu dizia que era ateu [risos]. Mas com a Hillsong foi diferente [...] liberdade. Você é livre aqui, se sente muito à vontade [...] amanhã mesmo, vou beber uma cervejinha com uns amigos que não vejo faz tempo, não vai rolar vim [sic] na igreja. Meus amigos crentes não podiam fazer isso e eu zoava demais [...] se bem que, depois da igreja, eu até que melhorei, viu? Antes bebia whisky [risos] [...] o bom da Hillsong é que eles não pegam no pé, você se sente livre²⁵⁵.

Nenhuma outra igreja, até onde sei, oferece a liberdade que a Hillsong oferece. Você vem à igreja para se divertir, tá ligado? [sic] Viu hoje? Pô, demais! Touro mecânico na igreja, mano? “Cê” é louco [sic]. Você não acha em outra [...] Eu não sou julgado e ainda me divirto pra caramba. É melhor do que viver se culpando, triste, perdido por aí²⁵⁶.

Os adeptos traçam comparações entre a Hillsong e a imagem estereotipada do ascetismo pentecostal, como restrições diversas a diversões, lazer e entretenimento, em geral do agrado dos jovens. Ainda que de modo distinto, portanto, também entre fiéis sem proveniência evangélica o conservadorismo moral, ou sua rejeição, aparece como justificativa importante da adesão à Hillsong e de sua valorização por se distinguir disso — distintividade resultante do empenho evangelístico estratégico da igreja. Em seu interior, a denominação procura convencer os recém-chegados e os adeptos de que “estar conectado com Cristo” na Hillsong é diferente do modo de ser evangélico característico de outras igrejas. “Há aceitação”, afirmam. A mudança é trabalhada a partir de conscientização, não imposição. E resulta do autoconvencimento segundo a “vontade do Espírito”. O discurso de liberdade propagandeado pela denominação se difunde entre adeptos de distintas trajetórias religiosas. Embora repercuta mais em fiéis oriundos de outras igrejas evangélicas, tidas como mais rígidas em doutrina, usos e costumes, evidencia-se também nas motivações de frequentadores que não eram evangélicos previamente. A diferença principal reside sobretudo no fato de que os fiéis de trajetória evangélica pregressa tomam como parâmetro sua falta de autonomia/liberdade noutras igrejas, enfatizando que, nelas, eram cobrados, julgados, acusados, admoestados, disciplinados. Os que não vêm do evangelismo conservador tomam como parâmetro a imagem pública que se constrói a partir das posturas de tais denominações.

A pesquisa empírica atesta, portanto, que a filial paulistana da Hillsong dispõe de apelo entre brasileiros também por representar transformações institucionais, especialmente quando comparada a denominações pentecostais brasileiras. Tais mudanças se vinculam a novas formas

²⁵⁵Entrevista com Lucas, 20, desempregado, morador da Vila Prel. Realizada em 07/09/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM. Acréscimo nosso.

²⁵⁶Entrevista com Augusto, 24, estudante, morador de Guarulhos, há cerca de cinco meses na igreja quando de nossa conversa. Antes disso, diz ter sido frequentador de um centro espírita. Realizada em 07/09/2019 no shopping *JK Iguatemi*, próximo ao local das reuniões da Hillsong São Paulo.

de regulação institucional. Se a Hillsong, nas palavras do sociólogo Gerardo Martí, “é parte de uma elaboração contínua do evangelicalismo, muito do qual recentemente se fundiu com uma forma mais suave de pentecostalismo” (MARTÍ, 2017, p. 378, tradução nossa), defendo que a forma específica como promove a conformação a crenças, moralidades e comportamentos pode ser apontada como um dos fatores de distinção.

A partir do campo, e em diálogo com a contemporânea teoria sociológica da religião, a conclusão é a de que essa importante recomposição institucional é ditada pela “tendência geral à individualização e à subjetividade das crenças religiosas”, que, segundo Danièle Hervieu-Léger (2015, p. 42), caracteriza a “modernidade religiosa”. Entendida, grosso modo, como o momento histórico-cultural em que “a religião deixa de fornecer aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que lhes permitem dar um sentido à sua vida e a suas experiências” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 34), a modernidade religiosa está atrelada à perda da capacidade ou do poder institucional por parte das organizações religiosas tradicionais de regular a conduta e as crenças dos indivíduos. Situação em que “a crença [e poderíamos acrescentar, o comportamento] escapa totalmente ao controle das grandes igrejas e das instituições religiosas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 42, acréscimo nosso). “A instituição moderna *par excellence*”, diria Peter Berger, “é ainda uma instituição regular, porque fornece programas para o comportamento individual”. No entanto, “estes programas são precariamente construídos, vulneráveis a mudanças repentinas ou mesmo ao desmantelamento” (BERGER, 2017, p. 83). Com isso, “os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha” frente aos códigos morais defendidos pelas igrejas (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 43). Nessa conjuntura, segundo Marcelo Camurça (2003, p. 257), às religiões institucionais “fica o desafio de tentar rearticular seu dispositivo de autoridade”, a fim de se garantir como plausíveis aos sujeitos religiosos contemporâneos. Elas devem “elaborar [ou reelaborar], internamente, os dispositivos tradicionais da validação institucional” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 171, acréscimo nosso). É isso que a Hillsong intenta fazer para alcançar segmentos juvenis, sobretudo os de classe média. E os resultados são relativamente bem-sucedidos, tendo em vista os dados apresentados.

Cumprir dizer, não obstante, que são transformações sociais mais amplas que ensejam esse tipo de perda de plausibilidade das instituições. De modo geral, é um processo de “desinstitucionalização” que se tem em vista, que “trabalha as instituições religiosas e as transforma profundamente” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 171). Esse processo, inscrito na modernidade religiosa, faz-se explicar pela crise do “regime institucional de validação do crer” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 160). Trata-se do regime em que “autoridades religiosas reconhecidas (padres, rabinos, irmãs, etc.) definem as regras que são, para os indivíduos, os

sinais estáveis da conformidade da crença e da prática” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 160). Ele “remete à autoridade religiosa (os detentores do poder de definir a verdade do crer) o cuidado de confirmar as crenças e práticas dos fiéis” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 162). Em sua lógica, “o critério considerado é o da conformidade das crenças e das práticas para com a norma fixada pela instituição” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 162). Na modernidade religiosa, fenômenos como “a perda de força da observância, o desenvolvimento de uma religião ‘à la carte’, a proliferação das crenças combinadas a partir de várias fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa, o desdobramento de uma religiosidade peregrina”, entre outros, põem em xeque esse modelo. Na realidade, são “indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 170). Nessa configuração particular do mundo social, “todas as igrejas cristãs e o conjunto das instituições religiosas se confrontam, de maneiras diversas, com o enfraquecimento de sua própria capacidade reguladora” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 170-171). Esse tipo de crise engaja a relação dos “indivíduos crentes com uma instituição à qual se contesta, atualmente, a autoridade exclusiva de determinar o que é preciso crer e, portanto, de fixar a definição última da identidade comunitária” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 171). Nesse sentido, evidencia-se a perda de legitimidade da autoridade religiosa institucional. Nos termos da socióloga francesa, “a autenticidade da trajetória espiritual pessoal prevalece [...] sobre a conformidade da crença que lhes é exigida pela instituição” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 171). Como resume Ulrich Beck, “os indivíduos escrevem [...] suas narrativas de fé pessoais por meio de palavras e símbolos que abandonaram a órbita da ordem institucionalizada das grandes religiões, na qual uma determinada tradição esteve presa durante séculos” (BECK, 2016, p. 93).

É útil, nesse caso, recompor o quadro histórico de transformações que favoreceram o surgimento desse indivíduo que se autoconstrói, avesso às determinações estruturais. Ajuda-nos, nesse desiderato, a análise que Charles Taylor empreendeu também ao refletir sobre as transformações no modo de ser religioso hodierno. Nas palavras do filósofo canadense, o que ocorre se inscreve numa “revolução cultural” que teve os anos 1960 como momento histórico crítico, ao menos simbolicamente. “Trata-se, de um lado, de uma revolução individualizadora [...] um individualismo ‘expressivo’ muito difundido”, que a despeito de não ser algo totalmente novo na modernidade, singulariza-se no fato de, em nosso tempo, “ter-se tornado um fenômeno de massa” (TAYLOR, 2010, p. 555). Em seus termos, é o estabelecimento de uma “cultura de autenticidade” que se tem em vista:

[...] vemos uma disseminação constante do que denominei a cultura da ‘autenticidade’. Refiro-me à compreensão da vida que emerge com o

expressionismo romântico do final do século XVIII, dizendo que cada um/uma de nós possui sua própria maneira de realizar nossa humanidade, e que é importante encontrar a si próprio e viver a partir de si mesmo, em contraposição a render-nos ao conformismo com um modelo imposto a nós de fora pela sociedade ou pela geração mais velha ou pela autoridade religiosa ou política (TAYLOR, 2010, p. 557-558).

Nessa “era da autenticidade”, “deixar de lado o seu próprio caminho a fim de andar em conformidade com alguma autoridade externa”, seja ela uma instituição ou ortodoxia religiosa, “simplesmente não parece compreensível como forma de vida espiritual. A palavra de ordem é, nas palavras de um orador do festival da Nova Era: ‘aceita somente aquilo que soa verdadeiro ao teu próprio Eu interior’” (TAYLOR, 2010, p. 575). É certo que, dentre os “novos movimentos religiosos” (BECKFORD, 2019), a Nova Era de que fala Taylor tipifica esse tipo de rearranjo religioso individualizante em suas últimas consequências. Não obstante, como pontua Hervieu-Léger, suas tendências também podem ser vistas “igualmente nos movimentos de renovação postos em marcha pelas religiões históricas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 145). Como pretendi demonstrar, a partir dos dados empíricos aqui relatados, é o caso do pentecostalismo tipificado pela Hillsong.

Como vimos, na concepção de parte dos adeptos da igreja, a ação poderosa do Espírito contribui, em relação sinérgica, para um tipo de autorrealização individual. Passa-lhes despercebido o fato de que estão sendo doutrinados pela mediação da igreja, sobretudo nos pequenos grupos que propiciam mais intensamente esse tipo de conformação religiosa. “É o Espírito quem age” em cada um dos crentes, de maneira particular. Esse tipo de pregação individualista e individualizante vai ao encontro da reivindicação por autonomia feita pelos fiéis. Dito de outro modo, a mudança *por convencimento* e não *por imposição*, crida como que operada pela ação divina, matiza a autonomia buscada com empenho pelos seus sujeitos religiosos. A regulação institucional, operada pela igreja, é vendida e assimilada como que operada, exclusivamente, pela relação “eu e Deus”. Ocorre que a igreja consegue articular relativamente bem aquilo que Beck chamou de “teologia do Deus de cada um”, na qual prevalece a “ligação entre o saber do *self* humano e o saber da presença de Deus na própria vida de cada um” dos indivíduos (BECK, 2016, p. 16). A “fé imposta que se pretende inquestionável” (BECK, 2016, p. 22) dá lugar, no discurso, à autenticidade da experiência marcante e individual que se pode experimentar em seus corredores.

Nessa lógica em que o fiel crê ser pessoalmente convencido da necessidade de mudança, é sintomático que sobressaia nos depoimentos dos adeptos a “experiência tocante”, que fala diretamente a cada crente, que “faz sentido” aos seus anseios individuais. Isso encontra

estreita identificação com a ética da autenticidade: “a vida ou prática religiosa, da qual me torno parte, deve ser não só da minha escolha, mas também deve falar a mim, deve fazer sentido em termos do meu desenvolvimento espiritual como eu o concebo” (TAYLOR, 2010, p. 571). Com efeito, “a exigência parece ser esta: deixem cada pessoa seguir seu próprio caminho de inspiração espiritual. Não se deixem desviar dele pela alegação de que não se coaduna com alguma ortodoxia” (TAYLOR, 2010, p. 574) — ou, poderíamos acrescentar, com alguma instituição que alega representá-la. Ao reivindicar autonomia, os adeptos estão dizendo que nenhuma instituição tem o direito de lhes impor o que quer que seja, refletindo o “processo de ‘desregulação’ que caracteriza o campo religioso institucional” contemporâneo (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 50). Trata-se de um cenário no qual, como escreve Hervieu-Léger,

[...] nenhuma instituição pode, de forma permanente em um universo moderno caracterizado tanto pela aceleração da mudança social e cultural como pela afirmação da autonomia do sujeito, prescrever aos indivíduos e à sociedade um código unificado de sentidos e, menos ainda, impor-lhes a autoridade de normas que dele decorrem (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 50-51).

Em detrimento da “religiosidade coletiva que pregava a conformidade”, é como “se a pessoa pudesse tomar em suas próprias mãos sua própria vida e também a dimensão religiosa” (BECK, 2016, p. 17). A capacidade de regulação de que dispunham as instituições é questionada pela “capacidade de autonomia dos indivíduos que podem rejeitar as identidades ‘pré-fabricadas’, para construir eles mesmos, a partir da diversidade de suas experiências, seu próprio caminho de identificação” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 72). Não que a Hillsong não tenha seu modelo de crença e comportamento. A questão está na maneira como o articula e o promove. Confrontada com “a expansão de uma religiosidade individual e móvel” sobre a qual tem pouca influência, a igreja se mostrou capaz de “canalizar e orientar inventando”, por si mesma, uma forma de sociabilidade religiosa que se ajusta melhor “às necessidades espirituais contemporâneas do que às assembleias clássicas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 100). O engajamento voluntário às suas atividades sem maiores entraves burocráticos é, nesse sentido, exemplo de primeiro relevo.

Assim, se é verdade que, em nosso tempo, “todas as instituições religiosas precisam enfrentar o problema da desinstitucionalização” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 175), já que as pessoas se sentem ofendidas “no seu sentimento de seguirem o seu próprio caminho por aquilo que experimentam como abordagem ‘autoritária’” por parte de tais instituições (TAYLOR, 2010, p. 580), a tese é a de que a Hillsong soube reconfigurar seu dispositivo de autoridade segundo as exigências desse tipo específico de reivindicação individual. A forma como exerce

regulação institucional permite a seus adeptos pensar a si mesmos como autônomos — ao menos daquele tipo de controle mais explícito e custoso exercido por outras igrejas e pastores da tradição pentecostal brasileira. A pregação de que é na relação “indivíduo-e-Deus”, somente, que se opera a mudança, confere a sensação de autonomia que tanto procuram os sujeitos religiosos hodiernos. “Igreja mais flexível”, como Ernst Troeltsch vaticinara antevendo as consequências da individualização moderna sobre o cristianismo institucionalizado (TROELTSCH, 1913, p. 133)? É o que muitos dos adeptos alegam ao escolhê-la como opção. Menos categórica, a afirmação de que se constata um fenômeno de recomposição religiosa-institucional faz jus ao caso. É o “desdobramento de uma religiosidade individual, móvel e moldável que dá lugar a formas inéditas de sociabilidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 30) que se tem em vista.

4. “UMA MENSAGEM ETERNA ATRAVÉS DA MÍDIA, FILMES E TECNOLOGIA”: A MATERIALIDADE DA HILLSONG SÃO PAULO

Embora a mensagem do evangelho e a verdade da Palavra de Deus sejam atemporais, os métodos pelos quais os servimos ao nosso mundo devem se alterar e mudar continuamente, ou então correm o risco de colapsar. Sistemas religiosos, terminologia e rituais obsoletos devem ser substituídos por métodos e músicas relevantes, às vezes não experimentados, para atrair uma nova multidão e a próxima geração, movendo-se de nossos velhos hábitos para o futuro. Mas muitas igrejas e ministérios, hoje, insistem em derramar seu vinho novo nos velhos modelos, repetidamente, resistindo à inovação e lutando contra o progresso [...] é uma pena quando o Espírito Santo está trancado fora de sua própria casa porque estamos muito presos em nossos costumes (HOUSTON, B., 2018, n. p., tradução nossa).

Quando alguns olham nossa igreja, talvez pensem que tudo o que fazemos é impressionante. Talvez seja porque viram certa foto tirada no momento correto, com a música correta. Mas o que é realmente importante para nós é que as pessoas conheçam a Cristo e que seus corações se conectem com Jesus²⁵⁷.

Santo Espírito, como chuva vem
Rompe em meu louvor, ao cantar do teu amor
Santo Espírito, queima em meu ser
Quando clamo a ti, Senhor
Quando clamo a ti, Senhor²⁵⁸.

Durante uma reunião para potenciais voluntários interessados em integrar a equipe de TV [da igreja], foi enfatizado que “é nosso objetivo conectar as pessoas no auditório com o que Deus está fazendo no palco” (KLAVER, 2015, p. 426, tradução e acréscimo nossos).

Das três dimensões definidas como objeto de pesquisa, aquela relacionada à “materialidade” da igreja foi a primeira a despertar interesse, desde as primeiras visitas a campo. Embora o termo ainda não fizesse parte de meu repertório conceitual, em razão da aproximação tardia à perspectiva dedicada à investigação de seus significados, o fato é que as “coisas” e “atos” por meio dos quais a religiosidade da Hillsong se faz presente no mundo não demoraram a chamar minha atenção e a impulsionar a pesquisa. Canhões de luz, aparelhagem sofisticada de som, telões de *LED*, câmeras e filmadoras espalhadas pelo salão, braços erguidos, canto efusivo. Tudo contribuiu para que eu experimentasse aquilo que Claude Lévi-Strauss

²⁵⁷Trecho do sexto dia do devocional *Tudo Serve*, do pastor Chris Mendez. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/reading-plans/21212-tudo-serve/day/6>>. Acesso em: 07/09/2022.

²⁵⁸Trecho de *Céus Abertos (Como Um Rio)*, versão em português da canção *Open Heaven/River Wild*, da banda australiana Hillsong Worship. Ver em: <<https://youtu.be/2Ld5YYQJvvM>>. Acesso em 23/08/2022.

classificara como “impressões profundas e confusas”, que “assaltam o recém-chegado” ao universo que busca compreender (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 225).

Como igreja pentecostal, a Hillsong prega a presença experiencial do Espírito Santo *com e nos* corpos dos crentes. Disso resulta que o apelo sensorial de seus cultos seja indelével. Não obstante, impressionou a maneira como “físico e espiritual estão relacionados” (MEYER, 2018, p. 30) em sua religiosidade. Circunscritas ao tempo histórico de uma “sociedade excitada”, que fizera das sensações “as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo” (TÜRCKE, 2010, p. 14), as inauditas pressão e exposição à excitação sensorial de suas fileiras compuseram elemento que não poderia ser ignorado pela investigação. A despeito de ser praticamente impossível encontrar religião que não tenha, em algum estágio de sua história, “inspirado nos peitos de pelo menos alguns de seus seguidores aqueles transportes de exaltação mística nos quais todo o ser do homem parece se fundir em gloriosa comunhão com a divindade” (LEWIS, 1971, p. 17) — e de ser o pentecostalismo representante por excelência das experiências de excitação sensorial —, o que me pareceu uma escolha deliberada pelo espetáculo foi o fator inicial de distinção.

Não seria exagero dizer que a qualidade de produção das atividades culturais da Hillsong é de causar inveja em qualquer grupo do ramo artístico. Como escrevem Wade e Hynes, a igreja “produz eventos espetaculares que rivalizam em estimulação sensorial com qualquer outra forma contemporânea de entretenimento” (WADE; HYNES, 2013, p. 174, tradução nossa). Em suas reuniões, luminosidade, sons e imagens são articulados em alto grau de intensidade, traduzindo-se numa considerável pressão sensorial. Nas palavras confidenciais por um adepto, “não fossem as orações e ofertas, é como estar numa boate, só que com mensagem cristã”²⁵⁹. Como em qualquer outro lugar em que a denominação tenha se estabelecido, a estratégia de implantação seguida em São Paulo ajuda a entender a impressão. Em vez dos galpões tradicionalmente ocupados por igrejas pentecostais verde-amarelas, minhas visitas à instituição significaram frequentar uma das mais destacáveis casas de atrações e convenções da Vila Olímpia, equipada com o que há de melhor em tecnologia audiovisual — o mesmo lugar que, noutros dias da semana, continua a abrigar shows, musicais, casamentos, festas corporativas e cerimônias de outras confissões religiosas, como os judaicos *Bar e Bat Mitzvah*²⁶⁰.

²⁵⁹Trecho de conversa com Carlos, 19 anos, às vésperas do início de um culto. Coletada em 02/06/2019.

²⁶⁰A Hillsong São Paulo sequer aparece como locatária no site do Villaggio JK, que lista empresas como *Havaianas*, *Banco Votorantim*, *Levi's* e *Sompo Seguros* como clientes. No site da casa de shows, variadas programações podem ser orçadas. De todas as programações publicizadas no portal, nenhuma faz referência à igreja. Ver em: <<https://www.villaggiojk.com.br>>. Acesso em: 29/04/2021.

De certo modo, o investimento na espetacularidade de suas atividades permite compreender parte do apelo da instituição entre celebridades do mundo artístico. A estética ajudou entender por que, somente em suas filiais norte-americanas, a igreja chegou a congregar várias personalidades conhecidas do showbiz: Chris Pratt, Katherine Schwarzenegger, Vanessa Hudgens, Hailee Steinfeld, Kourtney Kardashian, Ana Sophia Robb, Selena Gomez, Nick Jonas, Jay-Z, Lil Wayne, além de Justin Bieber²⁶¹. Ao investir na “cultura de celebridades” (ROCHA, 2016; 2017; 2020), a identificação da Hillsong com pessoas do ramo do entretenimento começa já na estrutura e liturgia dos cultos, insuflando as expectativas de frequentadores habituados ao extraordinário; fomentando os anseios consumistas de homens e mulheres “socialmente formados sob os auspícios dos papéis de quem procura o prazer e acumula sensações” (BAUMAN, 1998, p. 222).

Não obstante, as singularidades envolvendo formas materiais não se limitam à dimensão da espetacularidade de sua religiosidade. O cruzamento das tradicionais fronteiras entre sagrado e profano, no uso de suas mídias²⁶², também se fez notar. Na espera pelo início de suas reuniões, no *foyer*, intrigava-me ouvir os últimos lançamentos da música eletrônica secular. Artistas do gênero, como *Tourist*, *Droeloe* e *San Holo*, dificilmente preparariam o culto de qualquer outra igreja evangélica — ao menos na paisagem religiosa brasileira. Tidas como “músicas do mundo” por outros segmentos do evangelismo conservador, as faixas musicais reproduzidas nos momentos que antecedem os cultos contribuíram para o “estranhamento antropológico”. O mesmo quanto ao evento de homens de que participei, em 2019. Na *playlist*, o rock de Lenny Kravitz, *Rush*, *AC/DC*, *Survivor* e *Bon Jovi* agitaram os intervalos das atividades litúrgicas. E por toda casa, atividades e equipamentos lúdicos fizeram a diversão dos inscritos, como máquinas *pinball*, martelo de força, videogames, mesa de sinuca, touro mecânico, entre outros (Imagens 1 e 2).

²⁶¹Frequentador assíduo da Hillsong Nova Iorque até o final de 2020, Bieber se desligou da igreja após escândalos sexuais envolvendo o pastor responsável pela filial, Carl Lentz.

²⁶²A noção de mídia é tomada aqui em sentido amplo, tal como ressignificada pela abordagem material da religião — isto é, “tudo aquilo que opera a mediação entre as diferentes forças não terrenas implicadas nas práticas religiosas e as pessoas que delas participam” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 15). Isso inclui “objetos devocionais, imagens, edifícios, corpos, músicas e performances [...] tanto quanto os meios de comunicação de massa” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 15). Sendo assim, todas as vezes que o substantivo “mídia” aparecer neste trabalho, sem as qualificações oriundas dos estudos de comunicação — como “mídia de massa”, “mídias sociais” etc. —, essa é a noção mobilizada.



Imagem 1 – Parte do *Game Center* do 1º Evento de Homens da Hillsong São Paulo.
Fotografia do autor, 2019.



Imagem 2 – Touro mecânico do 1º Evento de Homens da Hillsong São Paulo.
Fotografia do autor, 2019.

Ainda que outras igrejas se assemelhem à Hillsong quanto aos cultos e eventos recheados de jogos de luzes e músicas, o trabalho de observação captou o quanto a igreja se

notabiliza por radicalizar, também em sua materialidade, a ruptura com a contracultura evangélica brasileira. E isso a despeito do fato de os pentecostais, já há algum tempo, terem promovido certa liberalização dos tradicionais usos e costumes (MARIANO, 1999). Assim, se é verdade que tensões e confrontos “entre identidades seculares e religiosas podem ser produtivamente analisados como clivagens entre formas sensoriais e, portanto, entre estéticas religiosas e modos mais amplos de produção do mundo” (MEYER, 2019a, p. 195), a especificidade mais uma vez direcionou a atenção aos modos de realização da experiência religiosa da igreja através das “coisas” por ela mobilizadas e dos “atos” nela observadas. Dito de outro modo, ressaltou a importância de investigar sua materialidade, atraente sobretudo aos mais jovens. Isto é, as formas e os elementos particulares “através dos quais [sua] ‘religião’ é instanciada — ou, como diríamos, materializada — no mundo” (MEYER; HOUTMAN, 2019, p. 87, acréscimo nosso). Por conseguinte, reforçou a demanda por instrumentos teórico-metodológicos capazes de evidenciar a “importância das mídias e meios materiais na produção da religiosidade” da instituição (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 23). Justificou, destarte, a adoção de observação mais detida àquilo que se convencionou chamar de “religião material” (ENGELKE, 2012)²⁶³.

É partindo da abordagem material da religião que, neste capítulo, procuro responder às seguintes indagações: como o “invisível” se torna visível na igreja? Como as imagens espirituais pentecostais ganham vida por meio de suas tecnologias midiáticas espetaculosas? De que maneira a denominação materializa o “poder do Espírito”, caro à tradição pentecostal, e por que ele é atraente sobretudo aos mais jovens? Como esse “poder” se faz presente, mobilizando os corpos e os sentidos das pessoas? Em outras palavras, como se dá o processo de produção do “extraordinário” na igreja e de que modo ele é mobilizado a fim de persuadir seus adeptos da presença e do poder do transcendente confessado? Quais as transformações estéticas dele resultantes em comparação a outras igrejas da mesma tradição? Como elas são interpretadas por crentes advindos de igrejas mais tradicionais? Em suma, como a religiosidade da Hillsong acontece materialmente e de que forma suas mídias diferem de formas sensoriais já estabelecidas no cenário evangélico brasileiro? Num trabalho que mescla descrição detalhada e análise, apresento as respostas utilizando como fio condutor os momentos que marcam a experiência de participação nas reuniões dominicais ordinárias da filial paulistana, da chegada à despedida. Passando pela arquitetura, música, insumos audiovisuais, placas, letreiros, cartões,

²⁶³Para apresentação sucinta dos procedimentos de pesquisa que sustentaram a análise material tal como empreendida para confecção do presente capítulo, ver subseção *Notas sobre métodos e procedimentos da pesquisa* deste trabalho.

guloseimas, práticas corporais e outras formas e atos materiais, destaque, ademais, como os conteúdos relacionados ao “empoderamento” e ao “acolhimento divinos”, abordados anteriormente, tornam-se tangíveis em suas práticas religiosas.

4.1. “Bem-vindo a casa”: a chegada à igreja

Quem passa pela estação *Vila Olímpia* da CPTM, aos domingos, não demora a perceber que algo diferente está acontecendo nas imediações. O fluxo relativamente atípico, ao menos para o primeiro dia da semana, indica a ocorrência de algo programado. Vindos de várias partes da região metropolitana, homens e mulheres se juntam a dezenas de outras pessoas que chegam por outros meios. Boa parte é composta por jovens. Majoritariamente fechados, os edifícios corporativos do entorno, que abrigam algumas das maiores multinacionais presentes na cidade, não são o destino final. Nem os inúmeros centros comerciais e shoppings das proximidades — pelo menos não para a maioria dos passageiros. Trata-se de um dos cultos da igreja instalada no Villaggio JK, casa de eventos disputada acirradamente por noivos, artistas e corporações interessadas em suas instalações. É dia de “reunião”²⁶⁴ da Hillsong.

A travessia pela rua Gomes de Carvalho, para mim, já não é novidade. Ao longo de três anos, quase ininterruptos, fora por ela que cheguei à denominação, com vistas ao trabalho de campo. Entre idas e vindas, mudanças e permanências anotadas em diário. Como exemplo do primeiro caso, a própria transformação do espaço compreendido pela estação ferroviária. Os jardins verticais, grafites e marquise de proteção contra chuva que hoje podem ser vistos ali não estavam presentes quando de minhas primeiras incursões. O mesmo quanto ao moderno sistema de reuso de água e as placas solares que fizeram da parada, em 2021, “a primeira estação de trem sustentável do país”²⁶⁵. Rostos também mudaram — e com constância. Menos em razão de minha frequência alternada aos diferentes horários de culto do que pela rotatividade dos fiéis. Encontros repetidos foram raros, à exceção daqueles com adeptos mais engajados. Não obstante, em muitos outros sentidos a experiência de chegada à igreja permanecera a mesma.

É meio-dia e meia. Tarde ensolarada. 28 de julho de 2019. Chego com antecedência para a reunião das 13 horas. Da alça de acesso da estação, rumo à rua Funchal, é possível ouvir cumprimentos gentis e descontraídos: “olá”; “bom dia”; “sejam bem-vindos”. São voluntários da equipe de recepção da igreja, que ostentam coletes e camisetas identificadas com seu logotipo. Muitos saíram cedo para estar ali, em frente ao bicicletário da estação. Como viria a

²⁶⁴É assim que a igreja chama seus cultos, “reuniões”. O termo *culto* é preterido, entre outras coisas, pela tentativa de se distinguir das outras igrejas evangélicas e de sua linguagem mais tradicional.

²⁶⁵Disponível em: <<https://www.reciclasampa.com.br/artigo/vila-olimpia-e-a-primeira-estacao-sustentavel-do-brasil>>. Acesso em: 13/09/2022.

descobrir, mais tarde, até três horas antes do início das reuniões. Em grupos de quatro a dez pessoas, eles formam a linha de frente da denominação. São o “cartão de visitas” àqueles que a ela se achegam por transporte público (Imagem 3).



Imagem 3 – Voluntários da Hillsong na estação *Vila Olímpia*, da CPTM. 2017.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/a.1418841395075137/1685425848416689>>.

Acesso em: 14/09/2022.

A recepção calorosa agrada boa parte das pessoas que desembarcam naquele ponto. Mesmo aquelas que não têm a igreja como destino se sentem cortejadas pelas placas que as saúdam com “estamos felizes com sua presença”, “que bom que você veio”, “bem-vindo a casa” [sic], entre outras inscrições. Seguradas pelos voluntários, não raro despertam a curiosidade dos pedestres. “O que será isso?”, perguntam-se amigos noutra ocasião por mim testemunhada. Caso se atrevam a indagar aos jovens sorridentes, não demorarão a saber: “é uma igreja, aqui pertinho”²⁶⁶. Por outro lado, há quem desaprove a iniciativa. “Não sei se pode fazer isso em estação de metrô. Sei lá... uma igreja fazer propaganda em lugar público? Será que pode? Sei

²⁶⁶Diário de campo do dia 19/02/2019.

não”, perguntou-me uma mulher com ares de suspeita, meses antes. Fato é que a hospitalidade não se limita àquele espaço.

Enquanto alguns voluntários da estação acompanham fiéis até a igreja — sobretudo os que estão ali pela primeira vez —, outros estão posicionados nas adjacências. Neste caso, a chegada por carro é uma boa maneira de identificá-los. Com os mesmos coletes refletivos, suas placas indicam os estacionamentos conveniados com a denominação. Somente no quarteirão do Villaggio são cinco as opções de estacionamento, cujas taxas de permanência diária variam de dez a quinze reais. Durante a semana, elas chegam a custar o dobro. “É porque a gente tem um ‘fechamento’ aí com a igreja”, explica-me o manobrista de um dos estabelecimentos, na rua Beira Rio. “Antes nós nem abria [sic] de dia, no domingo. Agora o patrão tá ganhando uma grana aí”²⁶⁷. Além da benesse, os motoristas que passam pela Funchal podem experimentar sua dose de motivação, à semelhança dos usuários do transporte público. “O melhor está por vir”, diz uma das placas constantemente apontadas para a rua. Não falta quem reduza a velocidade para ler as mensagens, tenha ou não a Hillsong como destino.

Nem mesmo o mau tempo é capaz de interromper o trabalho de boas-vindas. Quando os dias ensolarados dão lugar aos nublados, entram em cena as capas e guarda-chuvas igualmente identificados pela marca da igreja. Com eles, os voluntários conduzem os adeptos à casa de eventos, protegendo-os de garoas e temporais. “Todas as vezes que eu visito essa igreja eu mim [sic] sinto em casa, sempre sou muito bem recebida por todos!!!”, diz um dos comentários, nas redes sociais, em foto que retrata o desembarque de fiéis em dia chuvoso. “Eu amo o coração dos nossos voluntários!”; “Heróis”, “são maravilhosos mesmo escolhidos por Deus”, asseveram outros²⁶⁸. No verso de um dos “uniformes” fornecidos pela instituição, sob a proteção plástica, o lema que dá mote ao trabalho, às vezes, é visto sem dificuldades: “amar a Deus, amar as pessoas” (Imagem 4). Importa que os simpatizantes cheguem enxutos às reuniões, ainda que isso implique voluntários encharcados. Afinal de contas, como apregoa o pastor Brian Houston, a Hillsong “não é construída pelos dons e talentos de alguns, mas pelo sacrifício de muitos”²⁶⁹.

²⁶⁷Diário de campo do dia 18/02/2018.

²⁶⁸Disponível em: <<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/2040050112954259>>. Acesso em: 16/09/2022.

²⁶⁹Disponível em: <<https://twitter.com/brianchouston/status/347838780964741122>>. Acesso em: 16/09/2022. Tradução nossa. A frase é constantemente mobilizada pelo fundador da Hillsong, especialmente em campanhas que envolvem contribuição financeira. Não raras vezes, também é replicada na filial paulistana.



Imagem 4 – Voluntário da Hillsong ajuda no desembarque de fiel em dia chuvoso. 2018.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/a.1840335392925733/1840336792925593>>.

Acesso em: 14/09/2022.

Aproximando-se da entrada, a quantidade de placas aumenta. Quando o número dos que esperam pelo início da próxima reunião é grande — o que acontece, geralmente, nos últimos serviços do dia e em datas especiais — é preciso que alguém indique a continuação da fila. Em ocasiões de maior movimento, ela chega a dobrar esquina. “A fila continua aqui”, assinala um dos letreiros. Próximas à porta, contudo, são outras as inscrições a chamar atenção. Por seu caráter transnacional, o esforço acolhedor da igreja passa pelo oferecimento de tradução simultânea em pelo menos um de seus cultos dominicais, do português para o inglês e/ou espanhol. “*Do you need translations?*” e “*¿Necesitas traducción?*”, nessas reuniões específicas, são perguntas empunhadas às portas²⁷⁰. Quem carece de algum grau de acessibilidade também tem a quem procurar. E o mesmo acontece com as crianças e juventude mais engajada, que costumam encontrar representantes de seus departamentos internos — *Hillsong Kids* e *Young and Free*²⁷¹, respectivamente — na entrada do Villaggio, com a devida sinalização.

²⁷⁰Às vezes, essas placas são empunhadas no *foyer*. No auditório do Villaggio, há cadeiras reservadas às pessoas que precisam desse tipo de serviço, logo nas primeiras fileiras. Até o término de minhas incursões, a tradução era realizada ao “pé do ouvido”, por voluntários sentados ao lado das pessoas não-nativas.

²⁷¹O *Hillsong Kids* é destinado a crianças de 1 a 12 anos de idade. O *Young and Free*, a jovens de 13 a 18 anos.

Mas, talvez nenhuma outra forma visual de instanciar a hospitalidade e bem-estar que a igreja procura promover seja mais conhecida do que a faixa posicionada no frontispício de cada uma de suas filiais espalhadas pelo mundo. Em letras garrafais, a frase “BEM-VINDO A CASA” [sic] nela contida parece resumir todo seu esforço nesse tipo de prática acolhedora (Imagem 5). É fundamental que os fiéis se sintam realmente à vontade na igreja. Nas palavras da pastora Bobbie Houston — idealizadora do mote —, imprescindível que saibam que “não estão apenas na igreja Hillsong, mas na Casa de Deus [...] em casa, de fato” (HOUSTON, R., 2016, n.p., tradução nossa). Igualmente identificada com o logotipo da denominação, a peça se soma às dezenas de materiais que caracterizam a estética externa da instituição. E ainda mais do que isso. Como dito por uma voluntária, parece dar “a cara da Hillsong à casa de shows”, transformando o espaço secular em igreja num simples “ato de decoração”²⁷².



Imagem 5 – Voluntários fixam faixa “Bem-vindo a casa” na fachada do *Villaggio JK*. 2017.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/a.1686249851667622/1686250121667595>>.

Acesso em: 14/09/2022.

A visão não é o único dos sentidos humanos aguçados pelas práticas de boas-vindas da igreja. Não obstante todo esse tipo de insumo visual, também é costume da Hillsong São Paulo oferecer guloseimas aos que aguardam pela abertura de suas portas. Balas, pirulitos, chicletes. Nas palavras de uma voluntária, que me entregara os quitutes numa das incursões, tudo para

²⁷²Conversa com Caroline, 31 anos, voluntária na equipe de comunicação e design. Realizada em 13/05/2018.

“deixar a sua espera mais doce”²⁷³. Quando os dias são quentes, é possível que água fresca, limonada e/ou soda gaseificada se somem aos regalos. Entregues nas filas ou em estandes especialmente preparados para tanto, as bebidas matam a sede de fiéis e impressionam visitantes. “Que legal, né?”, um deles me diz à entrada, numa das visitas. “Curti pra caramba. Maior solzão [...] Deus é bom o tempo todo”²⁷⁴. Mais do que mero agrado, é como se as gentilezas tangenciassem o acolhimento divino confessado e pregado pela instituição. Neste caso, no próprio paladar daqueles que a frequentam. Tudo para fazer com que a “experiência Hillsong” seja a melhor possível, antes mesmo do início dos cultos.

Às portas, filas se formam à medida que o horário das reuniões se aproxima. Além dos estímulos na visão e paladar, os momentos que antecedem sua abertura também são marcados por contatos afetuosos. Abraços, beijos e apertos de mão são comuns entre os congregantes que, comumente, estão se revendo depois de toda semana distantes. Voluntários estrategicamente posicionados na entrada desempenham essa função com destreza e desinibição. Eles formam corredores para recepcionar e cumprimentar, com simpatia, os que adentram o espaço. Nesse caso, os próprios corpos são mobilizados como meios de mediação do acolhimento divino acreditado. No aparato sensorial dos fiéis, o tato também se faz incitar. “Sinto que Deus me ama quando venho [...] às vezes, só preciso de um abraço pra lembrar”, confessa-me um dos simpatizantes²⁷⁵.

Ocorre que placas, coletes, guarda-chuvas, faixas, guloseimas, bebidas, abraços e cumprimentos calorosos, mais do que meros “meios transmissores de conteúdo”, foram sendo percebidos, durante a pesquisa, como a materialização de parte da religiosidade da igreja. Compreendidos, no que concerne à chegada às reuniões, como formas e atos materiais que não apenas comunicam, mas tornam concretos e palpáveis o transcendental confessado. No caso em tela, o “cuidado, amor e acolhimento divinos” afirmados pela Hillsong. Dito de outro modo, foram sendo assimilados como parte essencial das *formas sensoriais* que sustentam a mediação e estabelecem o imediatismo do sagrado na instituição.

Por *formas sensoriais*, entende-se os “modos autorizados de organizar e invocar acesso ao transcendental que moldam o conteúdo (crenças, doutrinas, conjunto de símbolos) e as normas religiosas”, integrantes de “uma estética religiosa específica, a qual comanda um engajamento sensorial dos seres humanos entre e com o divino, gerando sensibilidades específicas” (MEYER, 2018, p. 29 e 30). Em termos metodológicos, a noção é mobilizada como

²⁷³Diário de campo do dia 16/02/2020.

²⁷⁴Diário de campo do dia 28/01/2018.

²⁷⁵Diário de campo do dia 19/02/2019.

uma ferramenta que “possibilita aos pesquisadores discernirem, através da observação participante, as micropráticas por meio das quais o ‘além’ se torna presente e uma identidade pessoal e coletiva específica, com um ethos e estilo distintos” (MEYER, 2019a, p. 190-191). Lidas sob a ótica dessa perspectiva teórico-metodológica, não é que as “coisas” e os “atos materiais” mobilizados pela Hillsong, em suas adjacências, sejam apenas ferramentas estratégicas para chamar a atenção e atrair visitantes interessados em sua receptividade e estética — embora isso também esteja envolvido²⁷⁶. O ponto é que eles mesmos são articulados como modo de tangenciar o ser e as obras do “sobrenatural” — isto é, o Deus pentecostal. Nesse sentido, “a ideia não é desmascarar a religião e entidades como Deus, deuses e espíritos como ilusões fictícias”. Mas, “lançar dúvidas sobre a verdadeira diferença entre ficção e fato — ou ilusão e realidade — na qual tal desmascaramento se baseia e, em vez disso, focar a manifestação material da religião — a sua gestalt — no mundo” (MEYER, 2019, p. 211).

São sugestivos, nessa leitura, os comentários e avaliações sobre a igreja na internet. Especialmente no que diz respeito a sua recepção e à materialidade que a envolve, por vezes a hospitalidade da Hillsong é assimilada pelos visitantes como a própria manifestação da “acolhida divina”:

Igreja jovem, tecnológica, receptiva e extremamente acolhedora [...] o tema da igreja é: "Bem vindo a Casa"... foi exatamente assim que me senti... Na casa do "Pai"... Na casa "d'Ele" o Todo Soberano o Deus que está acima de todas as coisas!!!²⁷⁷.

“Esse lugar é onde seu coração encontra colo e sua alma o Criador”²⁷⁸. “É o lugar de encontro ao Pai, onde nós sentimentos [sic] em casa”²⁷⁹. “Ótima palavra, música e acolhimento! Perceptível a vida de Deus nesse lugar”²⁸⁰. “Casa maravilhosa! Lugar maravilhoso, com pessoas de corações lindos, um verdadeiro aconchego de Deus”²⁸¹. Não se trata de pôr em xeque a validade de tais relatos. Antes, a partir deles, cabe destacar como as formas e atos materiais empregados e autorizados pela igreja em sua “política de boas-vindas” realizam esse determinado senso de imediatismo e de “presença divina” para os que a frequentam. Isto é,

²⁷⁶O caráter e força simbólicos das coisas mobilizadas pela Hillsong também se fez notar em campo. Caso emblemático se deu na incursão do dia 13 de outubro de 2019, aniversário de três anos da igreja em São Paulo. Num dos estacionamentos conveniados com a denominação, presenciei pedido inusitado de um visitante a um dos voluntários do entorno. Desejoso de vestir o colete refletivo identificado com o logotipo da instituição, a justificativa à solicitação, dada aos risos pelo jovem, fora a de que uma foto com o artigo lhe traria “moral” entre os amigos evangélicos de outras igrejas, causando-lhes “inveja santa”.

²⁷⁷Disponível em: <<https://g.co/kgs/kRpwnq>>. Acesso em: 16/09/2022.

²⁷⁸Disponível em: <<https://g.co/kgs/9QRdjb>>. Acesso em: 16/09/2022.

²⁷⁹Disponível em: <<https://g.co/kgs/f15VAD>>. Acesso em: 16/09/2022.

²⁸⁰Disponível em: <<https://g.co/kgs/moeTC5>>. Acesso em: 16/09/2022.

²⁸¹Disponível em: <<https://g.co/kgs/vqNXFE>>. Acesso em: 16/09/2022.

como as concepções teológicas e éticas da aceitação e acolhimento divinos — abordados em suas especificidades no terceiro capítulo — acontecem materialmente na igreja. Analisá-las, enfim, pelo tratamento que caracteriza a perspectiva da “religião material”:

Materializar o estudo da religião significa perguntar como a religião acontece materialmente, o que não deve ser confundido com a pergunta bem menos útil de como a religião é expressa na forma material. Um estudo material da religião começa com a suposição de que as coisas, o seu uso, a sua valorização e o seu apelo não são algo que se acrescenta a uma religião, mas sim algo dela indissociável (MEYER; DICK, 2019, p. 92).

Mais do que acolhidos pela denominação, os fiéis sentem-se acolhidos pela própria divindade que vão cultuar nela. A materialidade que a tangencia induz, neles, fortes concepções e sentimentos de inclusão e pertencimento. Em outros termos, como é típico de formas sensoriais, contribui para moldar o conteúdo religioso pregado pela igreja — como crenças e doutrinas acerca do que seja o “amor e a inclusão divinos”.

Placas, coletes, guarda-chuvas, faixas, guloseimas, bebidas, abraços, cumprimentos calorosos. O argumento é o de que essas “coisas” e “atos” que marcam a experiência de chegada à Hillsong vão muito além de simples mediadores de significado. Configuram-se como a materialidade que faz parte da religiosidade da igreja acontecer no “aqui e agora”. É a sensação de presença extraordinária do “amor divino” que está em jogo, produzida “através de uma inter-relação complexa de agir e sentir humanos, conjuntos de práticas e vários materiais” (MEYER, 2019a, p. 185). Sensação que, nesse caso, constitui-se como apenas uma das dimensões da “tarefa de fazer o sobrenatural aparecer em uma forma materialmente concreta” em seus corredores (MEYER; HOUTMAN, 2019, p. 111) — ou, para ser mais preciso quanto à localidade exata em que é produzida, nas imediações do local que abriga seus cultos.

4.2. “Ponto de conexão”: a espera pelo início das reuniões, no *foyer*

A espera pela abertura das portas da casa, naquele 28 de julho de 2019, foi relativamente rápida. Minha chegada, cerca de meia hora antes do início da reunião, tinha propósito bem definido. Como acontecera em diversas outras ocasiões, o tempo de antecedência poderia render interlocuções com voluntários, fiéis e simpatizantes, além de proporcionar conhecimento mais aprofundado das relações observadas no entorno da igreja. É a segunda reunião do dia. Mais cedo, às 11 horas, tivera início a primeira, cuja música de despedida ainda se fazia ouvir do lado de fora. Como de costume, era mais agitada que os louvores ditos “de adoração”. Acompanhavam-na as palmas dos presentes, marcando o ritmo a cada compasso. “As pessoas precisam ir embora felizes para suas casas”, explicar-me-ia, meses depois, um dos vocalistas

das equipes de louvor. “Precisam sair da igreja ‘pra cima’, saca? Daí essas músicas mais agitadas no final”²⁸².

De fato, a saída efusiva não demora a acontecer. Passados cinco minutos de espera, portas se abrem. Não são as que possibilitam o acesso ao local, mas as que dão vazão às pessoas que participaram da reunião anterior. Vejo rostos conhecidos entre elas, que se despedem aos sorrisos e abraços. Se há algo que sua fisionomia deixa transparecer é que realmente estão “pra cima”, preparados para receber o “melhor que está por vir” durante a semana. “Que palavra boa, cara!”, ouço alguém dizendo a um amigo seu, que aguarda comigo pelo encontro seguinte. Aparentemente, a tentativa é a de fomentar boas expectativas para o que estamos prestes a experimentar, já que as pregações dos pastores costumam se repetir ao longo do dia. “Deus usou muito o Rafa, hoje”, diz, referindo-se à mensagem do pastor Rafael Bitencourt. A quantidade de pessoas que esperam para entrar não é das maiores. Das cinco reuniões diárias à época, a das 13 horas é, comumente, a menos movimentada. Ainda assim, há dezenas de pessoas às portas de entrada, que só se abrirão quando as dependências estiverem minimamente transitáveis e organizadas. Como o intervalo entre o término e o começo dos cultos é pequeno, é o que acontece instantes depois. A quinze minutos do início da celebração, finalmente estamos no *foyer* do Villaggio JK.

Também chamado de vestíbulo, *hall*, antessala, o *foyer* pode ser definido, grosso modo, como a área de passagem entre a entrada e o interior de um edifício qualquer. Em casas de espetáculos, como teatros, boates e salas de concerto, configura-se como o espaço onde espectadores aguardam o início dos eventos e podem, porventura, deixar seus pertences pessoais — como casacos, chapéus e guarda-chuvas. Considerado como local ideal para pequenas exposições e vernissages artísticos, é também ponto de encontro. Ambiente no qual a espera ansiosa pode dar lugar a boas conversas e trocas de experiências. Nas dependências do Villaggio, compreende 215m² de área total e 3m de pé direito, dispondo de chapelaria, toaletes e dois elevadores que dão acesso a pavimentos superiores (Imagem 6)²⁸³.

²⁸²Diário de campo do dia 16 de junho de 2020, de uma das reuniões *online* dos grupos de conexão.

²⁸³Dados disponíveis no site da casa de eventos. Ver mais em: <<https://www.villaggiojk.com.br/>>. Acesso em: 20/09/2022. É nos pavimentos superiores que a Hillsong aloca as atividades do *Hillsong Kids*, departamento infantil da igreja.

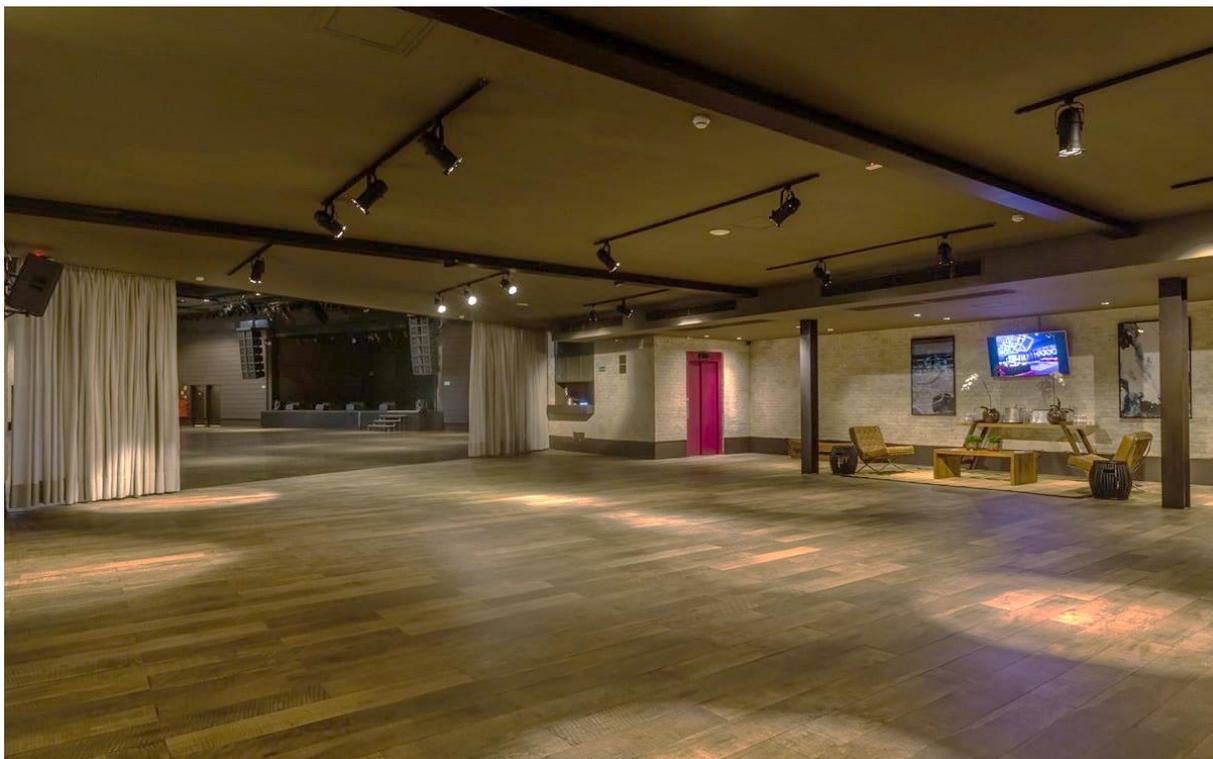


Imagem 6 – *Foyer do Villaggio JK*. Data desconhecida.

Fonte: página oficial da casa de eventos. Disponível em: <<https://www.villaggiojk.com.br/>>.

Acesso em: 20/09/2022.

A luz baixa e a música secular eletrônica que caracterizam o ambiente do saguão, em dias de reuniões da Hillsong, não sugerem que a locatária do espaço seja uma igreja evangélica. Ao menos para os que vêm de ou estão acostumados com outras igrejas pentecostais brasileiras, mais tradicionais, as primeiras impressões são insólitas. “Mano, é bem diferente do que eu tava [sic] acostumado, tá ligado? [...] parece meio ‘mundano’ no começo, mas depois a gente vai entendendo que não é isso que importa”, disse-me um adepto numa das muitas conversas ali. “É mais para criar uma atmosfera, empolgar a galera”²⁸⁴. Por certo, em meio a muita conversa e às demais “coisas” que se encontram no local, só prestando bastante atenção para identificar o artista ou a faixa reproduzida ao fundo. Há mais para ver, ouvir e tocar. Outras formas e elementos particulares que compõem e instanciam a religiosidade da denominação estão minuciosamente distribuídos em seu espaço.

Em domingos de programação ordinária — ou seja, em que a Hillsong não se dedica às celebrações especiais de seu calendário, datas comemorativas ou recebe convidados internacionais —, a organização do *foyer* segue padrão bem preciso²⁸⁵. Uma placa posicionada

²⁸⁴Diário de campo do dia 18/02/2018. Conversa com Jonas, 19, ex-frequentador da Assembleia de Deus.

²⁸⁵Em dias comemorativos e especiais, o *foyer* é decorado tematicamente. Nessas ocasiões, a política de boas-vindas da igreja se faz sentir de maneira ainda mais intensa, também por meio das coisas por ela mobilizadas — como fotos, vídeos, painéis interativos, entre outras. No dia dos pais de 2019, por exemplo, a igreja distribuiu

ao alto, no centro, deixa claro como a igreja enxerga e produz o espaço: “ponto de conexão”, lê-se em letras brancas, sobre fundo preto (Imagem 7)²⁸⁶. Imediatamente visível aos que adentram o recinto para aguardar a abertura das cortinas que dão acesso ao auditório, o objeto é mais do que simples peça de decoração ou de sinalização. Compõe parte de seu esforço material por criar e manter certa ligação entre as pessoas que a frequentam. Reforça o senso de “acolhimento divino”. Já que estão “em casa”, fiéis podem aproveitar os minutos que antecedem as reuniões para robustecer vínculos, como família de fé. No referencial êmico expresso no letreiro, podem “conectar-se” uns com os outros, num ambiente “imbuído de significados como lazer, descontração e diversão” (KLAVER, 2021, p. 39, tradução nossa).

Sob a inscrição, uma mesa relativamente alta, em estilo “aparador”, dispõe de canetas, cartões de visita e formulários. Em alguns deles, saudações de boas-vindas podem ser lidas com destaque. “Bem-vindo a casa” [sic] e “Venha como está” são as frases que recebem maior relevo gráfico. No verso, é possível preencher dados pessoais e ser direcionado, via *QR Code*, ao portal *MyHillsong.com*. De modo geral, os materiais realçam a importância de se estar ligado à igreja, oferecendo caminhos para tanto. Mas, mais do que mera estratégia para fidelização de adeptos, moldam os presentes quanto aos conteúdos religiosos por ela confessados. Nesse caso, salientam a crença, tida em alta conta em suas fileiras, de que “estar plantado na casa do Senhor” é a melhor maneira de “florescer na vida”. Como parte de um todo imbricado de mídias que compõem as formas sensoriais da instituição, são “coisas” que possibilitam a vinculação de fiéis com a denominação e entre si. E não apenas isso. Também procuram ligá-los ao próprio transcendental professado, materializando o passo de fé a ser dado para que vivam “o melhor de Deus em sua vida”. Como escreveu Lívia Reis Santos sobre a materialidade da IURD em Moçambique, é como se deixassem de ser apenas “papel para se transformar na materialização do compromisso do jovem com Deus” (SANTOS, L., 2021, p. 41); a materialização do que pode ser uma relação formal, pela instrumentalidade da igreja, com o transcendente crido — ou o início dela, para ser exato.

videogames e fliperamas pelo local, sob o argumento de tornar o espaço mais acolhedor para a relação entre “pais e filhos”. No mesmo ano, no dia das mães, cadeiras para massagens foram dispostas no espaço, para que mulheres “relaxassem” ao aguardar pelo início dos cultos.

²⁸⁶Cumprir frisar que os dados e descrições relatadas aqui são fruto do trabalho da observação participante realizada nos anos 2018 a 2020. De lá até o presente momento (2022), é possível que mudanças tenham sido observadas nas mídias e sua disposição no espaço.



Imagem 7 – *Ponto de conexão* no foyer da Hillsong São Paulo. 2019.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Cortada para enquadramento no texto. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2158495024443100&set=a.2158494641109805>>. Acesso em: 25/10/2022.

Cumpra dizer, não obstante, que é nessa mesma lógica de “presença material e tangibilidade da religião” (MEYER; HOUTMAN, 2019, p. 84) que operam outros elementos particulares que marcam a experiência no *foyer*. Igualmente dispostos sobre o móvel central, os formulários *oração*, *gratidão* e *salvação* são bons exemplos (Imagem 8). Como os títulos indicam, trata-se de impressos nos quais os crentes podem apresentar, respectivamente, (1) seus pedidos de oração; (2) as “coisas boas que Deus está fazendo” em sua vida; bem como (3) nomes de pessoas para as quais desejam conversão à fé evangélica. Preenchidos, os papéis são recolhidos para, nos cultos, serem lidos ao público. Embora também constituam uma forma de

interagir com a igreja, tangenciam outros dois aspectos importantes na tradição pentecostal: a crença no poder divino — que se expressa no preenchimento confiante das folhas *oração* e *salvação* — e o testemunho sobre as “bênçãos recebidas” — materializado no preenchimento da folha *gratidão*. Testemunho, aliás, observado como ferramenta realmente “capaz de gerar efeitos sociais tanto na testemunha quanto em sua audiência” (DULLO; DUARTE, 2016, p. 13), como as palavras de um adepto, numa de muitas conversas informais, exprimem:

“Era um sonho pra mim ter o que escrever como motivo de gratidão. Chegar na igreja [sic] e ir direto ali pra contar os presentes de Deus na minha vida, sabe? [...] Tipo assim, sabe quando os pastores falam as conquistas do pessoal lá na frente? Orei muito pra chegar minha vez de escrever coisa boa [...] tinha que acontecer comigo”²⁸⁷.

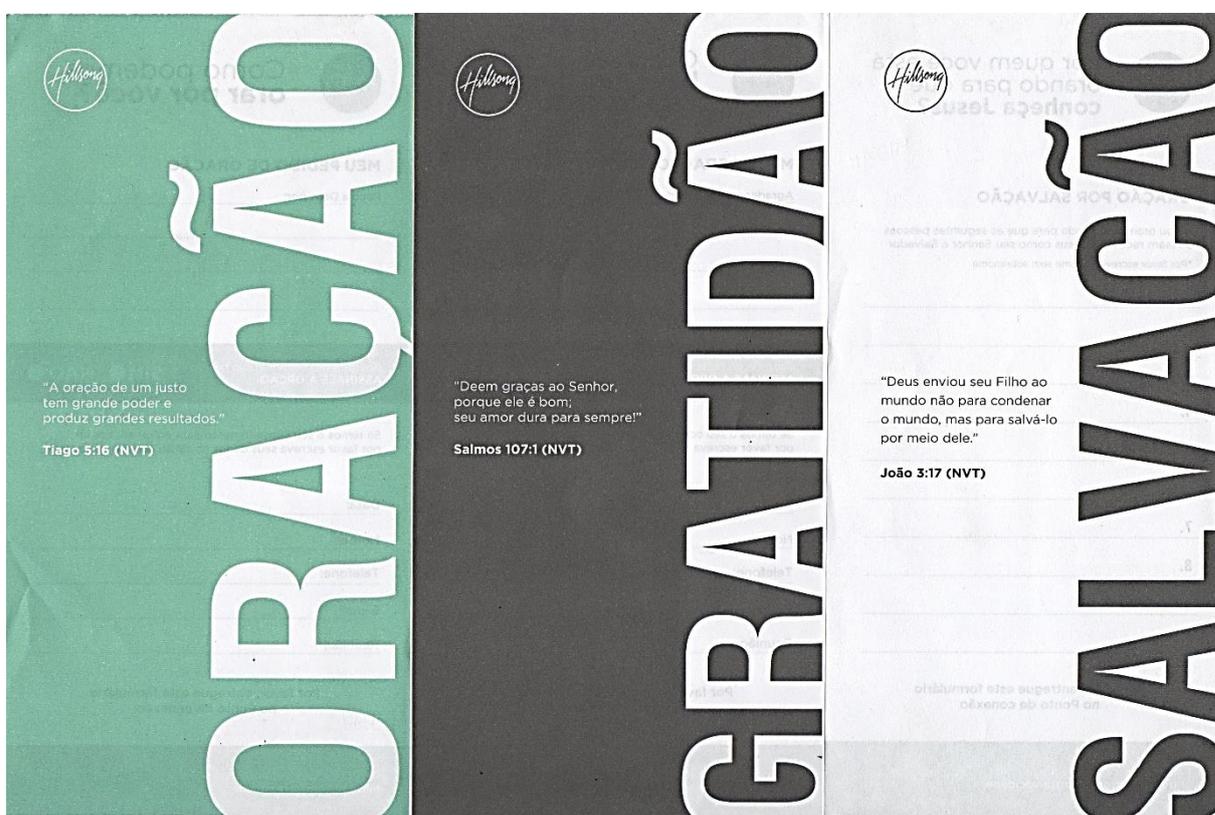


Imagem 8 – Formulários *oração*, *gratidão* e *salvação* disponíveis no foyer da Hillsong São Paulo. Fotografia do autor, 2019.

É como se o formulário alimentasse expectativas por “bênçãos”, invocando determinadas experiências e emoções religiosas no fiel. E até mais do que isso. Orientasse a conduta individual a ser observada para que o desejo de testemunhar se torne realidade, surtindo efeitos na própria ação dos sujeitos: “passei a ficar mais tempo no trampo, cara [...] era aquilo, ‘Deus

²⁸⁷Diário de campo do dia 06/01/2019.

vai me abençoar e eu vou compartilhar”²⁸⁸. Por certo, palavras que contribuíram para corroborar, em campo, máxima teórica da abordagem material da religião: os seres humanos não apenas “moldam o mundo material”; também “são por ele moldados” (MEYER, 2019a, p. 184).

À direita de quem se dirige ao local de culto, pequenos estandes sobre tambores podem ser vistos. Posicionados entre os elevadores que dão acesso ao pavimento superior, ante dois pilares de sustentação, destinam-se ao esclarecimento de possíveis dúvidas e à contribuição financeira dos presentes. Identificados, respectivamente, pelas placas *Informações* e *Contribua*, somam-se a *banners* e bexigas que atraem as crianças para as programações do Hillsong Kids²⁸⁹ e a um “espaço da família” — para cuidados especiais com bebês e recém-nascidos. Na igreja, as doações podem ser realizadas de diferentes maneiras. Envelopes, distribuídos pelas cadeiras do auditório, são reservados para colaborações em dinheiro ou cheque. Em seu verso, dados para transferência bancária também podem ser encontrados, juntos de explicações sobre contribuições mediante cartão de crédito, *online*, e por aplicativo especificamente destinado a esse fim — o *Hillsong Give*. No estande do *foyer*, uma máquina de cartões é disponibilizada àqueles que desejam ofertar e dizimar, presencialmente, via crédito ou débito. Ao lado de um recipiente onde os adeptos podem, na saída, depositar as doações, ela caracteriza o pequeno espaço como o lugar no qual o fiel “pode investir na vida de outros”; “ajudar a construir o reino e a igreja”²⁹⁰, fazendo-os “avançar na cidade e no mundo”. Em outros termos, compõe um recanto em que os presentes não apenas podem contribuir financeiramente, mas, pela materialidade de tais dispositivos, “doar a Deus [e a sua obra] um pouco de si” (SANTOS, L., 2021, p. 33, acréscimo nosso) — como esse tipo específico de relação com a igreja é entendido e moldado a partir da mobilização de tais coisas. Afinal, como se ensina nos cultos, “isso não é sobre dinheiro”. “É sobre ter um relacionamento mais forte com Jesus”²⁹¹ — tangenciado, por sua vez, nesse tipo de contribuição financeira.

²⁸⁸Diário de campo do dia 06/01/2019.

²⁸⁹Na Hillsong, as crianças são separadas dos adultos antes do início dos cultos, ainda no *foyer*. Ao direcioná-las ao pavimento superior, pelos elevadores, voluntários entregam códigos de identificação aos responsáveis, pelos quais podem ser convocados, pelo telão do auditório, caso surjam intercorrências.

²⁹⁰Sob esse mote, “Construtores do Reino” (ou *Kingdom Builders*, em inglês), a Hillsong organiza uma campanha mundial de angariação de “líderes financeiros”, dispostos a contribuir anual e “generosamente” com a *Hillsong Foundation*. Encabeçada por Andrew Denton, executivo de sucesso no ramo imobiliário e presbítero na Hillsong Austrália, a iniciativa prospectou doadores na filial paulistana. Quando de uma das visitas de Denton à igreja, em agosto de 2019, vários fiéis levantaram as mãos nos cultos em que ele pregara, oferecendo-se como parceiros. Desde então, cafés-da-manhã têm sido organizados com tais “construtores”, nos quais projetos da instituição são apresentados a fim de captar recursos. Para mais sobre o *Kingdom Builders*, ver: <<https://hillsong.com/australia/foundation/kingdom-builders-vision-impactors/>>. Acesso em: 25/10/2022.

²⁹¹Trecho de fala de Andrew Denton em culto. Coletado no dia 18/08/2019. Cumpre mencionar que, em determinadas ocasiões, estandes de vendas também são montados no *foyer*. Neles, materiais da igreja, como CD’s

No lado oposto, à esquerda, a alvenaria de mais de quinze metros é dividida entre as portas dos sanitários, bebedouros, acessos à área restrita e uma parede por vezes utilizada pela igreja como mural decorativo. Não deixa de chamar a atenção, nela fixadas, duas placas relacionadas à “autorização de uso de imagem”. Em português e inglês, a mensagem é clara: “assistindo a esta reunião, você concorda em ser fotografado e/ou filmado e dá a sua permissão para o uso de sua imagem em material promocional ou de marketing”. O recado, além de prevenir possíveis problemas jurídicos, ressalta a importância que mídias e meios materiais assumem na denominação. Nas redes sociais, a igreja se esforça por tentar reproduzir, além-templo, parte do que seja a “experiência Hillsong”. A tarefa passa pelo registro, em fotos e vídeos, dos fiéis nas reuniões — sobretudo em momentos de recepção, interação e ditos de “adoração”. “Caso você não concorde com o uso de sua imagem para este propósito, por favor, procure o nosso balcão de informações no *foyer*”, continua o aviso. Em minhas incursões, contudo, jamais testemunhei alguém que fizesse objeção. Pelo contrário. Foi rotineiro encontrar quem desejasse ser registrado: “dá vergonha, às vezes. Mas, tipo... é muito bom ser visto como parte do que Deus está fazendo na Hillsong”²⁹². Não se ignora as intenções proselitistas da instituição. Elas estão explicitamente descritas ao final do comunicado: “a igreja Hillsong é uma organização cristã sem fins lucrativos, que se esforça para promover o evangelho de Jesus Cristo”. Merece destaque, entretanto, o quanto o cumprimento desse “imperativo missionário”, fruto da relação com o transcendente crido, ganha forma material também pelas imagens produzidas em suas programações. Ler os comentários feitos em suas postagens, nesse sentido, basta para que se verifique a relativa eficácia de seu uso: “quero tanto conhecer”; “extraordinário”; “que noite INCRÍVEL [...] extasiada, emocionada”; “noite maravilhosa e abençoada”²⁹³. É preciso conscientizar os presentes sobre a produção das imagens por ser praticamente impossível fazer parte da religiosidade da igreja acontecer sem elas. Fotos e vídeos, nalguma medida, registram e comunicam as “boas-novas” da “ação divina” *na e através da igreja*. Além do mais, trazem reminiscências das experiências vividas nas reuniões àquelas que delas participaram, fomentando suas expectativas para o encontro seguinte.

Próximo das cortinas que dão acesso ao auditório, há mais um artigo digno de menção. É o último objeto a ser visto no caminho do *foyer* ao salão de reunião. Trata-se de um *banner*

de suas bandas, e entradas para suas programações especiais e cursos são vendidos aos fiéis. Por ocasião da turnê da *Hillsong United* no Brasil, em 2019, ingressos para os shows também foram comercializados no espaço pela promotora do evento.

²⁹²Diário de campo do dia 01/09/2019.

²⁹³Disponível em: <<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/posts/2235113986781203>>. Acesso em: 25/10/2022.

com a declaração “A igreja que agora vejo”, de autoria do pastor fundador da Hillsong, Brian Houston (Imagem 9). Contendo a espécie de “síntese da visão” da igreja, a peça compõe parte importante na produção do espaço. Lembra os presentes, às vésperas do início dos cultos, que a filial paulistana é apenas “um quarto” da “grande casa” construída a partir da Austrália. Em outras palavras, que o que se encontra ali, em termos materiais, integra “formas sensoriais portáteis”, que “podem [e de fato são] transpostas em escala global” (MEYER, 2019b., p. 47, acréscimo nosso) — no caso em tela, para cada uma das filiais da denominação espalhadas pelo mundo. Para usar de um referencial êmico, o sentido é o de reforçar os objetivos principais da igreja como instituição e lembrar a seus adeptos e simpatizantes, indiretamente, que estão todos “conectados num nível global”; ligados a uma igreja que não se limita a fronteiras nacionais. Invoca-se a experiência do que seja, nos termos de Mafra, Swatowski e Sampaio, uma “rede pentecostal globalmente integrada” (MAFRA; SWATOWISKI; SAMPAIO, 2016)²⁹⁴. Ao lado de outras formas e atos materiais — como pregações em outras línguas da parte de convidados internacionais e do próprio casal Mendez, vídeos promocionais produzidos em outros países, expressões e palavras típicas da língua inglesa que são ouvidas com constância em seus corredores (*yeah, host, lounge, night school, kids, young & free* etc.), letreiros voltados a frequentadores estrangeiros e serviço de tradução simultânea dos cultos — o *banner* compõe o conjunto de coisas que materializa o apelo do cristianismo, em sua forma pentecostal, como “religião mundial”. Ou seja, nas palavras de Ortiz, como experiência religiosa “que ultrapassa as fronteiras nacionais, permitindo que sua atuação se desenvolva em escala planetária” (ORTIZ, 2001, p. 59)²⁹⁵. São sintomáticos, nesse sentido, os parágrafos de abertura da

²⁹⁴Embora não faça parte dos objetivos deste trabalho tratar da “globalização da religião” tipificada pela Hillsong, cumpre mencionar que, além da música, nenhuma outra de suas características recebeu mais atenção acadêmica do que seu “caráter transnacional”. A igreja representa o caso de uma instituição religiosa que se desenvolveu “acompanhando” os processos de globalização (CSORDAS, 2007). Isso se reflete na literatura dedicada a compreendê-la. Silje Kleiveland, por exemplo, em texto sobre a filial norueguesa de Oslo, pergunta-se: “como indivíduos e congregações passam a se ver como parte de uma igreja global, e como isso se relaciona com a identidade individual e congregacional”? (KLEIVELAND, 2018, p. 02, tradução nossa). Na mesma direção, Miranda Klaver indaga: “como uma rede de megaigrejas como a Hillsong se relaciona com os vários contextos locais das cidades onde se insere”? (KLAVER, 2016b, p. 150, tradução nossa). Cristina Rocha, professora da *Western Sydney University*, reflete sobre a “constituição de um campo religioso transnacional entre Brasil e Austrália”, tendo em conta a migração de jovens brasileiros que procuram o país oceânico — e a Hillsong — em busca de novas oportunidades e experiências (ROCHA, 2013; 2016; 2017; 2019; 2020). É sua a tese, aliás, de que muito do encanto pela igreja se explica pela assimetria entre norte e sul globais (ROCHA, 2017). Como escreve, “os jovens brasileiros desejam ir para a Austrália e fazer parte da Hillsong porque desejam se juntar à cultura e aos estilos de vida do norte global, ou ‘Primeiro Mundo’, como chamam” (ROCHA, 2017, p. 126, tradução nossa). Como se “as fortes culturas de jovens e celebridades, sua marca global que enfatiza a excelência, competência, eficiência e sucesso seu foco no amor e inclusão, e sua operação em idioma inglês e localização na Austrália” fizessem da instituição “uma igreja desejável aos olhos dos jovens brasileiros de classe média (ROCHA, 2017, p. 126-127, tradução nossa).

²⁹⁵A noção de “religião mundial” também remete, aqui, ao sentido original weberiano. Ou seja, como expressão das “religiões ou sistemas, determinados religiosamente, de regulamentação de vida que conseguiram reunir à sua

declaração. Neles, Houston escreve: “eu vejo uma família global: muitos cômodos trabalhando com uma visão unificada. Eu vejo uma igreja apostólica em seu chamado [...] comprometida a corajosamente impactar milhares para Cristo em cidades relevantes e nações por toda a terra”²⁹⁶. Ocorre que o painel não apenas “informa” esse aspecto da “visão da igreja” aos fiéis. Sua presença ali, a milhares de quilômetros do país de origem da denominação, torna-o palpável. Isto é, faz-se realizar nos sentidos dos crentes.

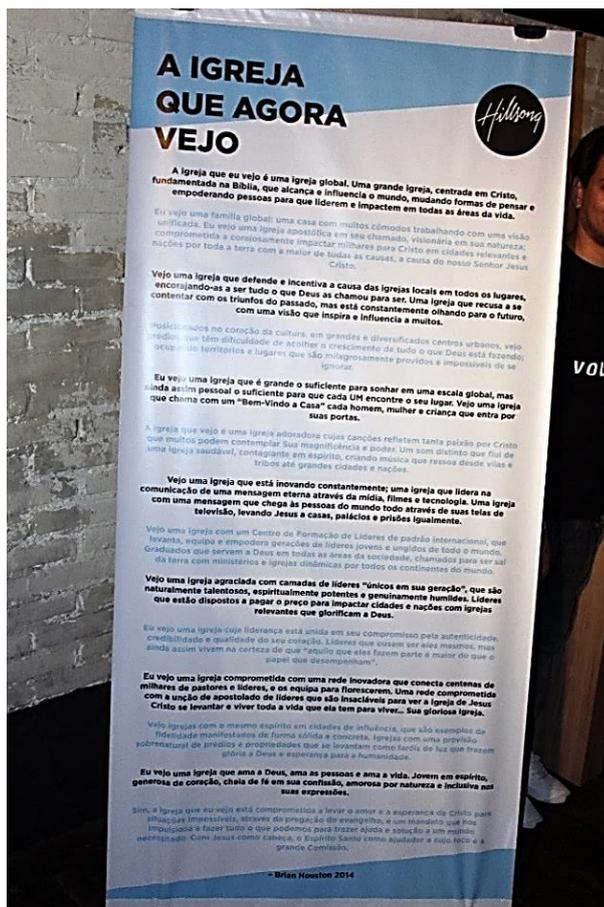


Imagem 9 – Banner “A igreja que agora vejo”, presente no foyer da Hillsong São Paulo. Fotografia do autor, 2017.

Naquele 28 de julho, ao som dos mais badalados lançamentos da música eletrônica mundial, cortinas se abrem. Nas palavras anedóticas de um fiel, semanas antes, “como o véu que se rasgou ao meio”²⁹⁷. O tempo de espera no foyer acabou. É hora de tomar assento no auditório. A reunião das 13h, na Hillsong São Paulo, vai começar.

volta multidões de crentes” (WEBER, 1979, p. 309). Como faz o clássico alemão, vale pontuar, contudo, que é empregada “sem qualquer conotação de valor” (WEBER, 1979, p. 309).

²⁹⁶Ver em: <<https://hillsong.com/brazil/pt/saopaulo/visao/>>. Acesso em: 28/10/2022.

²⁹⁷Diário de campo do dia 23/06/2019. A referência está ligada às histórias bíblicas. Segundo o evangelho de Mateus, 27.51, com a morte de Jesus, “o véu do Santuário [de Jerusalém] se rasgou em duas partes de alto a baixo” (BÍBLIA, 2008, p. 1295, acréscimo nosso).

4.3. “3, 2, 1... vamos adorar ao Senhor!”: as reuniões na filial paulistana

Quem vê a fachada do Villaggio JK, passando pela rua Funchal, dificilmente consegue dimensionar sua estrutura interna. O estilo relativamente discreto, com cores escuras, tijolos à vista e marquise sobre o acesso (Imagem 10), engana quanto ao espaço interior. Tampouco transmite ares de recinto equipado com tecnologia de entretenimento de ponta. Fosse como seu exterior publiciza, o espaço não teria sido alugado pela denominação dos Houston. Não obstante, se há um provérbio popular que faça jus ao caso é o de que “as aparências enganam”.



Imagem 10 – Fachada do Villaggio JK. Data desconhecida.

Fonte: página oficial da casa de eventos. Disponível em: <<https://www.villaggiojk.com.br/>>.

Acesso em: 20/09/2022.

Em seus locais de reunião pelo mundo, à exceção dos prédios próprios na Austrália, filiais da Hillsong têm seguido estratégia comum: estabelecer-se em casas de shows e convenções que continuam a ser alugadas, durante a semana, a programações do entretenimento secular. Em Londres, por exemplo, quando da pesquisa de Thomas Wagner (WAGNER, 2013), seus cultos eram realizados no mesmo teatro que, de segunda a sábado, recebia espectadores para um musical sobre a banda de rock britânica *Queen*. Como relata o etnomusicólogo, aos domingos a faixa *Welcome Home*, presentes em todas as igrejas da “marca”, substituía a

“estátua dourada gigante de Freddie Mercury”, que dava “boas-vindas aos espectadores do musical *We Will Rock You*” (WAGNER, 2013, p. 01, tradução nossa). Já em Nova Iorque, o local escolhido para os serviços foi o *United Palace*, que também continuou a receber diversas outras programações do showbiz na tradicional avenida *Broadway*. Tendo por padrão, portanto, casas de espetáculo ativas e benquistas em circuitos culturais e de eventos, o lugar de suas reuniões no Brasil não poderia ser diferente.

Quem visita o perfil do Villaggio nas redes sociais logo percebe por que seu espaço é pleiteado por artistas, celebridades e grandes empresas. Suas instalações ajudam a explicar o prestígio. Fotos e vídeos promocionais destacam sua estrutura física e tecnológica, além de ostentar vários famosos que já utilizaram suas dependências — como Zezé de Camargo, Cláudia Leite, Bruna Lombardi, Mumuzinho, Júlio Cocielo, entre outros²⁹⁸. A despeito de toda espécie de facilidade oferecida pela casa ao “mundo dos espetáculos” — como camarins, vestiários, fumódromo, chapelaria etc. —, o destaque maior fica por conta do salão principal. Nele, o palco de mais de 60m² e teto retrátil *skydome* constituem apenas a parte mais chamativa da estrutura. Fato é que a Hillsong faz uso dispendioso de todo aparato. Mais do que simples meio de comunicar sua mensagem, emprega-o como parte essencial de sua religiosidade; como “uma tecnologia moderna adequada para a manifestação do Espírito Santo” (MEYER, 2019b, p. 67).

Para preparar o espaço de culto e produzir as sensações que “induzem experiências do transcendental no ‘aqui e agora’” (MEYER, 2019b, p. 61), voluntários chegam à igreja com bastante antecedência. Seu trabalho inclui a testagem dos equipamentos audiovisuais, a distribuição das cadeiras pelo salão, preparo de envelopes para contribuições financeiras, materiais promocionais, decoração, dentre outras coisas às quais as equipes de *artes criativas, eventos, tecnologia e sistemas de informação e local e instalações*, por exemplo, dedicam-se com bastante empenho (Imagem 11). Como na maioria das igrejas evangélicas, na Hillsong o templo é configurado sob os moldes de um teatro. Isto é, erige-se sob um regime de visibilidade estabelecido entre o púlpito e a audiência em geral. Embora recíproca, a relação entre os que estão no palco e o público é assimétrica, “pois o pastor (ou quem estiver no púlpito) é o centro” das reuniões (GIUMBELLI; AGUIAR, 2020, p. 151). Contribui para isso o fato de o palco ser o local de maior luminosidade nos cultos, seja pelas dezenas de canhões de luz a ele direcionados, seja pelo painel de *LED* de 33m² em sua retaguarda (Imagem 12).

²⁹⁸Ver em: <<https://www.instagram.com/villaggiojk/>>. Acesso em: 29/10/2022.

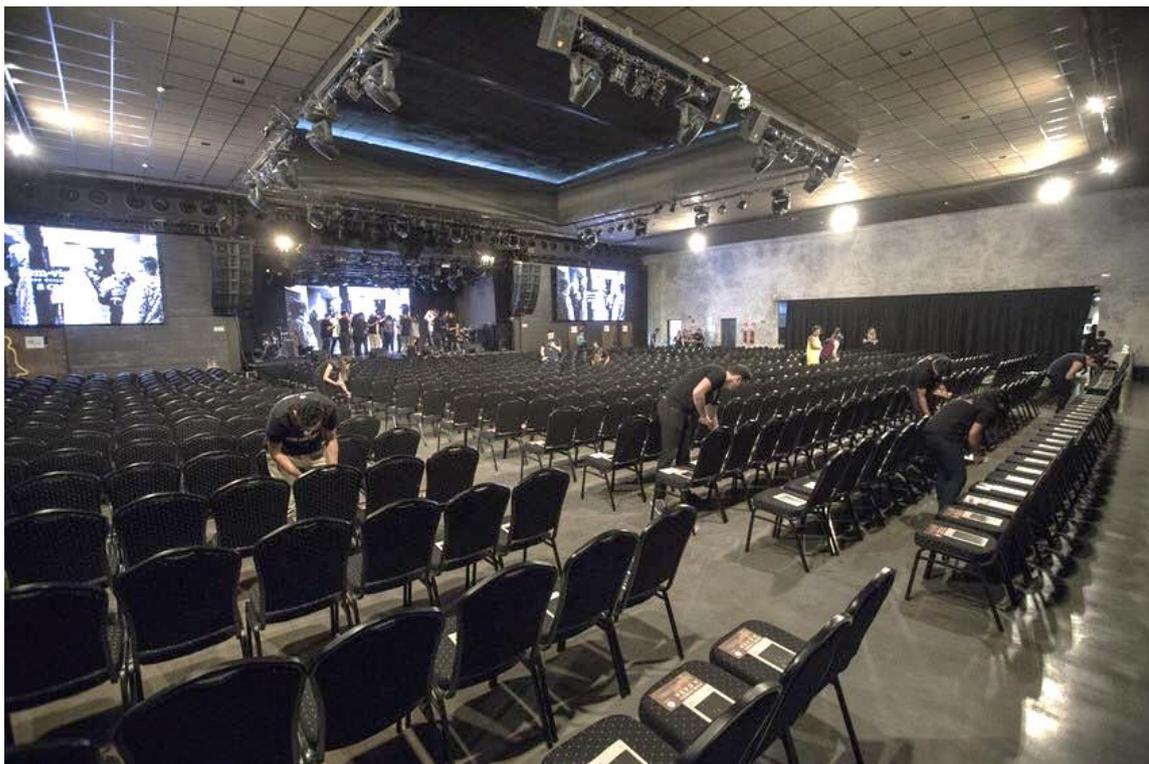


Imagem 11 – Voluntários preparam o salão do Villaggio JK para reunião da Hillsong, 2017.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/a.1418841395075137/1695440177415256>>.

Acesso em: 20/09/2022.



Imagem 12 – Salão do Villaggio JK durante reunião da Hillsong, 2019.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2093254367633833&set=a.2093253524300584>>.

Acesso em: 20/09/2022.

Fazer com que as pessoas na audiência sejam relativamente invisibilizadas constitui parte importante na configuração do espaço. A escuridão que caracteriza o salão é produzida pela igreja. Embora paredes e teto da casa sejam estruturalmente escuros, os vidros que dão vista ao fumódromo ajardinado, no lado de fora, são todos cobertos por tecidos pretos em dias de reunião da Hillsong (Imagem 13). Mais do que mera escolha estética, a decisão se faz explicar pelo tipo de sensação que a igreja procura ensejar nos adeptos e simpatizantes. Como explica o pastor Rafael Bitencourt:

[...] muitos nos perguntam ‘por que luzes, som alto, panos pretos?’ [...] Isso tudo é para criar um ambiente agradável para todos [...] Queremos criar espaço para o que Deus está fazendo por meio de seu Espírito, fazer fluir a adoração²⁹⁹.

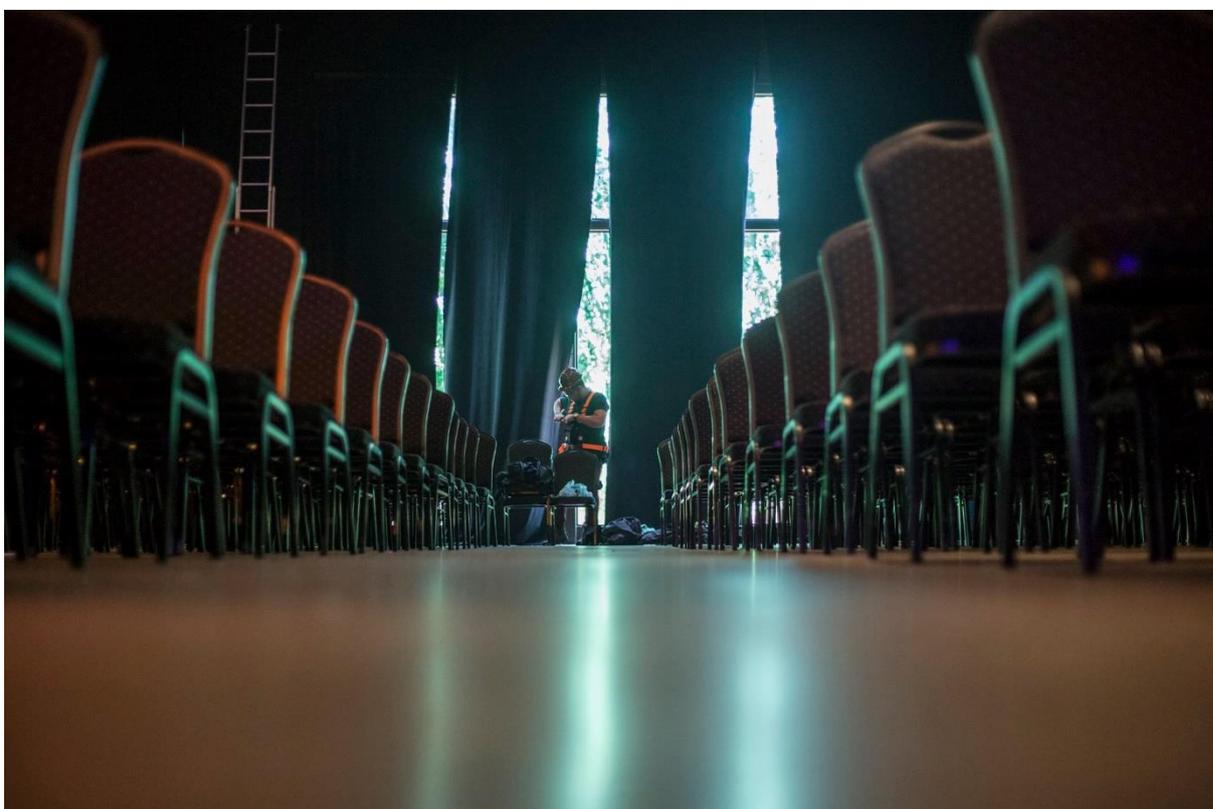


Imagem 13 – Voluntário fixa panos pretos no salão do Villaggio JK para reunião da Hillsong. 2017.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/a.1686249851667622/1686250451667562>>.

Acesso em: 20/09/2022.

É como se o ambiente escuro criasse uma atmosfera mais intimista. Sem que sejam notados, em razão da baixa luminosidade, os fiéis podem se engajar mais visceralmente na “adoração que flui” do púlpito. Além de deixá-los “mais à vontade”, confortados, a estratégia intensifica

²⁹⁹Trecho de fala de Bitencourt em *Noite DNA*. Coletada em 12/03/2019.

a devoção e as emoções experimentadas em suas fileiras, interpretadas como resultados do “mover do Espírito”. Nas palavras do pastor, “cria espaço” para que Deus aja nos fiéis de maneira íntima, autêntica. Em certo sentido, há similaridade com a análise que Robbie Goh empreendeu em artigo primevo sobre a materialidade da sede australiana:

O uso de cores predominantemente escuras – preto, cinza escuro, azul escuro – nos interiores também reforça o layout aberto, fazendo com que a estrutura física da igreja (por assim dizer) desapareça, ajudando a induzir o devoto individual (apesar do grande número de pessoas ao redor, cada um presumivelmente em um estado semelhante) em uma experiência pessoal de um espaço espiritual que transcende o concretamente físico (GOH, 2008, p. 293, tradução nossa).

Não se trata de uma preferência simplesmente decorativa. Escurecer o local de reunião é prática empregada a fim de estimular e propiciar o “senso de algo divino, espiritual, sublime ou transcendente” em seus encontros (MEYER, 2019a, p. 185). O espaço é estrategicamente produzido para ensejar sensações específicas, assimiladas como manifestações de Deus nos sentidos dos crentes.

Uma vez preparado o salão, a reunião da Hillsong está pronta para começar. Acomodados nos assentos enquanto aguardam o início do culto, os presentes não demoram a identificar quando isso acontece. São os telões posicionados à frente que sinalizam a abertura. Um *vídeo pre-roll*, como é conhecido esse tipo de peça audiovisual entre profissionais de mídias, é transmitido. Nele, imagens das cidades nas quais a igreja está presente, de jovens caminhando, confraternizando e dançando e das próprias atividades da denominação podem ser vistas ao som de uma música eletrônica crescente³⁰⁰. Trata-se da faixa *Returned Prodigals*, composta por Ryan Taubert — autor de trilhas sonoras *hollywoodianas*. Como pontua Klaver, a peça de cinco minutos “encontra seu clímax (apoiada pela música) em tomadas de um espaço de culto com palco e banda, semelhante ao espaço de culto real do espectador” (KLAVER, 2015, p. 424, tradução nossa). Também dá a deixa para que os músicos da igreja se dirijam à frente, para dirigir o louvor preparado para o encontro. Enquanto leem o texto bíblico de Efésios 2.19-22, que se sobrepõe às imagens em rápido movimento, os presentes batem palmas marcando o ritmo da música dançante. Mais uma vez, sentem-se parte de tudo aquilo que a igreja tem feito pelo mundo, sobretudo quando sobre as imagens de suas várias filiais, a referência bíblica escolhida informa: “Deus está construindo uma casa e, nela, ele usa todos. Independentemente de como chegamos aqui. Ele usou os apóstolos e os profetas como

³⁰⁰O *pre-roll* que dá início aos cultos da Hillsong São Paulo pode ser encontrado no *YouTube*. Ver em: <<https://youtu.be/EAuwLKHhiIQ>>. Acesso em: 16/12/2022.

fundação. Agora usa vocês, colocando-os como que pedra por pedra”. Como quase tudo o que acontece no culto, o uso do *pre-roll* tem finalidade determinada. Como a opção pela baixa luminosidade do local, visa preparar as expectativas do auditório para a “manifestação de Deus” por vir. É o pastor da filial londrina, Gary Clarcke, quem explica:

Não sei quantos de vocês sabem, mas nós meio que temos esse tipo de “pré-culto”, que fazemos na igreja. Agora é chamado de *pre-roll* — e não tenho ideia do que isso significa. Mas, de qualquer forma, isso começou [...] 14 anos atrás. A razão pela qual começamos foi porque tínhamos um auditório muito pequeno, não tínhamos *foyer* e todo mundo ficava em todos os cantos no local que usávamos. E nós precisávamos de alguma forma de anunciar a todos que a igreja iria começar, para que eles pudessem vir lá de fora, sentar e estar prontos [...] Então criamos essa ideia de uma peça musical familiar pré-culto, que todos entendessem. A música e o visual dizem: “ei, isso é o que é, nós fazemos parte disso” [...] O conjunto de recursos visuais [diz]: “isso é o que vai acontecer aqui”. E então as equipes de louvor chegam e dizem: “está acontecendo” [...] todo o sentido é de apenas criar um senso de expectativa por algo que vai acontecer³⁰¹.

O vídeo termina quando, em contagem regressiva, a igreja irrompe em palmas. Nessa hora, o vocalista principal da banda faz a saudação de recepção: “sejam todos bem-vindos à igreja Hillsong. Vamos adorar ao Senhor!”. O culto começou.

Como escrevem Wade e Hynes, embora as reuniões da Hillsong tenham aparência informal, “são, na verdade, eventos bem estruturados e cuidadosamente gerenciados” (WADE, HYNES, 2013, p. 174, tradução nossa). Em certo sentido, como na maioria das igrejas de tradição cristã, isso implica uma estrutura litúrgica prescrita, que raras vezes é alterada. Nas palavras de Klaver, trata-se de uma liturgia “altamente estruturada”, que “deixa pouco espaço para improvisações ou surpresas” (KLAVER, 2015, p. 424, tradução nossa). E que, seguindo o padrão em todas as filiais espalhadas pelo mundo, tem a música como marco fundamental.

Nomeada pelas pesquisas como “fenômeno australiano” (RICHERS, 2010, p. iv, tradução nossa), uma das “exportações musicais mais importantes da Austrália” (THORNTON, 2016, p. 165, tradução nossa), e “principal impulsionador de seu crescimento, adotado por igrejas cristãs em todo o mundo” (WAGNER, 2014, p. 61, tradução nossa), a música da Hillsong foi objeto de reflexões de antropólogos (ABRAHAM, 2018), musicólogos (EVANS, 2017; RICHERS, 2010; RICHERS; WAGNER, 2012; WAGNER, 2014), teólogos (COWAN, 2017) e especialistas na relação entre artes e religião (JAMES, 2017; MCINTYRE, 2007; THORNTON, 2016). Destacada pelos autores como prodígio musical, os trabalhos mostram que a igreja de fato se

³⁰¹Trecho do vídeo *Why Start a Sunday Service With a Pre-Roll*. Disponível em: <<https://youtu.be/sZjI8tDmuBY>>. Acesso em: 16/12/2022.

constituiu referência na área fonográfica, para além das fronteiras religiosas³⁰². Suas canções, vistas como instrumentos capazes de reproduzir além-templos a experiência intimista das reuniões (MCINTYRE, 2007, p. 175), constituíram-se produtos rentáveis de sucesso³⁰³, expandindo globalmente o nome e as estratégias evangelísticas da igreja³⁰⁴. Cumpre pontuar, aliás, que foi por seu registro em mídias digitais específicas — como CD’s e DVD’s — que o relativo prestígio da “marca Hillsong” se consolidara no Brasil, influenciando vários movimentos musicais-religiosos que se estabeleceram por aqui. É o que indica Nina Rosas, por exemplo, ao versar sobre o grupo Diante do Trono, “a principal banda evangélica brasileira” (ROSAS, 2015, p. 14):

Outro exemplo [...] é o da relação do Diante do Trono com uma igreja australiana que tem um dos ministérios de louvor mais conhecidos e impactantes quando se considera o cristianismo em escala globalizada. A *Hillsong Church* [...] já gravou mais de 40 álbuns e está certamente entre as denominações que, de maneira mais sofisticada, misturam técnicas de *marketing* e música popular (Wagner, 2014). O trabalho que a *Hillsong* realiza é uma forte influência, sobretudo sonora, para Ana Paula Valadão [líder do Diante do Trono]. O fato de a cantora testar as novas composições na igreja local e tentar estabelecer um alto padrão de qualidade instrumental e vocal segue o modelo musical da *Hillsong* (ROSAS, 2015, p. 125, acréscimo nosso).

De fato, não seria exagero dizer que as músicas da igreja dos Houston muito contribuíram para que, “a partir dos anos 1980”, a música dita *gospel*³⁰⁵ “se espalha[sse] mais fortemente pelo

³⁰²Basta dizer que ao lado de nomes como Sia, Keith Urban e AC/DC, a *Hillsong United*, um dos principais selos musicais da igreja, figurou entre os 10 artistas australianos mais ouvidos globalmente pela plataforma *Spotify*. Ver mais em: <<http://stoneyroads.com/2018/06/spotify-shares-australias-most-streamed-artists-albums-and-more/>>. Dados de *streamings* realizados entre 22 de maio de 2012 e 1 de maio de 2018. Acesso em: 10/06/2019.

³⁰³Estima-se que 14 milhões do total de 103 milhões de dólares arrecadados pela Hillsong, em 2018, tenham se originado de sua música. Ver mais em: <<https://au.rollingstone.com/music/music-news/inside-hillsong-church-hit-making-music-machine-6661/>>. Acesso em: 10/03/2020.

³⁰⁴Segundo estimativas da revista *Rolling Stone*, os números da Hillsong incluíam, no início de 2020, 55 milhões de álbuns vendidos — em 60 títulos e 17 línguas diferentes —, 15 ocorrências na primeira posição da *Billboard's Top Christian Albums*, 1 prêmio *Grammy* de melhor canção cristã e mais de 1,1 bilhão de reproduções de suas faixas em serviços de streaming num único ano, somente nos Estados Unidos. Disponível em: <<https://au.rollingstone.com/music/music-news/inside-hillsong-church-hit-making-music-machine-6661/>>. Acesso em: 10/03/2020.

³⁰⁵Não se pode ignorar as disputas e entraves metodológicos em torno da definição e origens históricas do que seja “música *gospel*”. O termo é usado, aqui, com ressalvas. Como escreve Olívia Bandeira, suas múltiplas definições “sugerem que esse gênero musical não pode ser definido a partir da música em si, mas somente em seu contexto de produção, circulação e consumo” (BANDEIRA, 2017, p. 209). Mesmo conceituações mais abrangentes, como a de Magali Cunha — segundo a qual o *gospel* passa a ser classificado como “um modo de vida”, “uma cultura híbrida, por resultar do entrecruzamento de aspectos tradicionais do modo de ser protestante construído no Brasil com as manifestações de modernidade presentes em propostas pentecostais”, por sua vez marcadas por “música, consumo e entretenimento” (CUNHA, 2007, p. 10) — são problemáticas. Como discorre Bandeira, trata-se de definições que contribuem por “homogeneizar as práticas pentecostais” e, de certo modo, “essencializar [su]as práticas religiosas” (BANDEIRA, 2017, p. 221, acréscimo nosso). Faça coro à análise. Exatamente por isso, seguindo a maior parte dos trabalhos acadêmicos dedicados à igreja e sua música, o *gospel* não é mobilizado nesta tese como categoria de análise.

mundo e também se firma[sse] no Brasil como gênero musical de mercado” (BANDEIRA, 2014, p. 01, acréscimos nossos).

Onipresente nos cultos, a música realmente é fator de “encanto” pela igreja para muitos dos que a frequentam. Como observado nos resultados do questionário que apliquei num show da banda *Hillsong United* em São Paulo, em novembro de 2019, a imagem com a qual muitos se achegam aos seus corredores é a de uma denominação “cheia de unção”, “cheia de bênção”, “referência para as outras pelo peso de sua adoração”, “um pedacinho do céu na terra”, “muito boa por causa de sua espiritualidade” etc. sobretudo em razão das canções da igreja. Em que pese a relação de comparação entre a banda internacional e sua instituição de origem, ocorre que é exatamente assim que a Hillsong se promove: fomentadora de avivamento espiritual, e isso por meio de instrumentos estratégicos de maravilhamento que incluem, sobretudo, sua música³⁰⁶.

Na filial paulistana, a reunião típica começa com cerca de três a cinco canções, cantadas com entusiasmo pelos congregantes. Seguindo o padrão descrito por Klaver, “a equipe de louvor abre com uma música expressiva e animada, criando uma atmosfera convidativa e entusiasmada que estimula o envolvimento ativo do público” (KLAVER, 2015, p. 424, tradução nossa). Palmas, pulos e danças costumam caracterizar o momento, especialmente nas primeiras fileiras. Contudo, como pontua a autora, “isso não é tão espontâneo quanto parece”, uma vez que “eles [ocupantes das primeiras fileiras, geralmente pastores e jovens mais comprometidos com a Hillsong] são instruídos a ‘influenciar a atmosfera’ na sala, mostrando um comportamento engajado para que outros sigam e participem” (KLAVER, 2021, p. 40, tradução e acréscimo nossos). Todas as músicas são cantadas com o fervor típico de um culto pentecostal, mesmo por quem está na igreja pela primeira vez — já que as letras são projetadas nos telões e se repetem ao longo da execução. Na transição de uma música a outra, os ritmos vão ralentando, de modo a fazer com que “a atmosfera e o humor dos visitantes [sejam] gradualmente voltados para um estado mais devocional, mudando para um estilo musical suave” (KLAVER, 2015, p. 424, tradução e acréscimo nossos). Há intenções definidas nisso. Entre outras coisas, o auditório precisa estar mais calmo para receber a mensagem.

³⁰⁶Cumprer frisar nesse sentido que, ao contrário de outras igrejas de tradição pentecostal, na Hillsong o “poder divino” não se expressa e é estimulado primordialmente por meio de *carismas*, dons espirituais. Não, ao menos, nos cultos ordinários. Em minhas mais de 150 incursões a campo, em cultos e atividades da igreja, raríssimas vezes testemunhei fiéis falando em línguas, por exemplo. O transcendente acreditado, na forma “mais suave de pentecostalismo” representada pela igreja (MARTÍ, 2017, p. 378, tradução nossa), realiza-se no corpo e nos sentidos dos crentes de maneira peculiar. Palmas, expressões de maravilhamento (“uau”, “wow” etc.), braços erguidos aos céus e choro são frequentes.

À revelia do reducionismo economicista aplicado ao estudo da religião (FINKE; STARK, 1988; 2000), foi se constatando que a música da igreja é mais do que mero e atrativo produto oferecido em competitivos mercados religiosos. À medida que a pesquisa avançou, compreendeu-se que seu uso também é entendido como *meio* de “revelar o que é ‘real espiritualmente’” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 38). Em suma, constitui forma de tentar tornar tangível “o intangível” acreditado, confessado e difundido pela instituição. Isso porque a igreja, nas palavras de Birgit Meyer, enquadra-se entre aquelas que “utilizam músicas e oratória poderosa” como instrumentos “através dos quais os cristãos renascidos podem sentir a presença do Espírito Santo com e em seus corpos, onde quer que estejam, e agir baseados nesses sentimentos” (MEYER, 2018, p. 17). Nas palavras de meus interlocutores, a música é entendida também como meio pelo qual a “unção de Deus” é revelada e toca diretamente nos sentidos dos crentes.

Por esse motivo, cumpre pontuar o alto valor que o *staff* da igreja atribui ao papel desempenhado pela música em sua religiosidade. É sintomático, nesse sentido, trecho do filme-documentário *hollywoodiano* sobre a denominação, *Let Hope Rise*. Nele, Joel Houston, filho do casal fundador da Hillsong e um dos principais compositores das canções entoadas na denominação, comenta sobre a pressão que sente ao escrever novas letras:

Às vezes conseguimos unir muito bem nossos pensamentos e ideias, nesses momentos de inspiração, e atribuir a Deus. Eu não quero isso. Eu quero realmente ter pensamentos do céu nessas canções. Aposto que muita gente vai ouvir isso e falar: “você perdeu o juízo?”. Mas, eu creio que Deus criou a música com o único propósito dela ser usada para adorá-lo; para conectar as pessoas, o coração do homem, a nossa alma, com o céu. Estamos fazendo tudo isso para que uma pessoa, em algum lugar, que eu nunca poderia encontrar, realmente comece a *experimentar Deus* de uma nova maneira e um verdadeiro caminho³⁰⁷.

A música, na compreensão da igreja, é instrumento de contato. Compõe forma sensorial que “busca envolver os fiéis para que sintam a presença de Deus de uma maneira aparentemente imediata, deixando-os admirados com seu poder” (MEYER, 2018, p. 32). Não apenas informa conteúdo teológico memorável, mas também traz à dimensão sensorial dos fiéis a materialização daquilo que é cantado. Ou seja, é como se a “bondade”, “amor”, “aceitação” e o “poder de Deus”, cantados nos encontros, fossem de fato sentidos pela mediação musical. Nessa leitura, é compreensível que a igreja “experimente” suas canções em determinadas reuniões e eventos, para saber se são capazes de alcançar o impacto esperado nos ouvintes.

³⁰⁷LET, 2016. A partir do minuto 01:28. Grifo nosso.

Interpretada por críticos como mero “teste de produto”³⁰⁸, a estratégia revela mais. Objetiva, de certo modo, aferir a eficácia das novas mídias como instrumentos de acesso ao Deus pregado pela instituição. Nesse sentido, é a mobilização dos corpos e dos sentidos das pessoas presentes que serve de “termômetro”: “cara, quando você vê as mãos da galera se levantando em rendição, em adoração e tal, é porque a galera tá [sic] sentindo, sabe? [...] a gente extravasa o que Deus tá [sic] fazendo”³⁰⁹, resume um de meus interlocutores. É a “compreensão do corpo como um receptáculo do poder divino” (MEYER, 2018, p. 16) que está em jogo. Trata-se de “uma presença experiencial que invoca sentimentos” naqueles que participam dos cultos (MEYER, 2018, p. 16).

Por seu relativo sucesso entre cristãos de todo mundo, não foram poucos os que se dedicaram a explicar o apelo do “som da Hillsong”. Da grande imprensa à análise acadêmica, vários textos se debruçaram sobre a questão. “Musicalmente falando”, escreve o jornalista Ricardo Feltrin, “a *Hillsong United* (e *Worship* também) constrói suas canções sobre harmonias doces e delicadas, que passeiam entre acordes maiores e menores de uma tal ordem que chegam a causar sensação agradável ao corpo”³¹⁰. Trata-se de um estilo próprio de “música de adoração”, pontua o musicólogo da Universidade de Surrey, Allan Moore, caracterizando-o:

Em certo sentido, [a música de adoração no estilo Hillsong] pode ser ouvida como uma tentativa de capturar a experiência de música numa catedral ressonante, com longos tempos de *delay* nos quais os sons se diluem entre si, mas que não ocorrem em configurações de adoração menores e menos ressonantes (MOORE, 2015, p. 192, tradução e acréscimo nossos).

³⁰⁸A Hillsong faz testes de suas canções com o público. Permanecem em seu repertório apenas as músicas capazes de gerar, no auditório, efeitos sensoriais significativos. Em minhas incursões, testemunhei o caso de uma música cantada num domingo específico que nunca mais se reprisou, contrariando o padrão às vezes cansativo de repetição de seu *set list*. Em meus diários de campo, a primeira estrofe da letra ficou registrada: “mais do que um show [...]”. No documentário *Hillsong: A Megachurch Exposed*, uma ex-adepta tece críticas à prática de testagem das canções com o público: “se você frequentasse a Hillsong toda semana e ouvisse músicas que nunca tinha ouvido é porque eram novas. Elas são testadas ao vivo com a plateia todo domingo. O que é meio engraçado, né? Você diz que vai para adorar, vai para viver a sua fé, a sua prática semanal e, sem o seu conhecimento, as pessoas no palco estão conduzindo você num tipo de adoração emocional. Estão testando novos produtos em você, entende? É uma dinâmica meio estranha” (HILLSONG, 2022, a partir do min. 15:28). Como argumento neste capítulo, há mais do que “estratégia de mercado” nessa conduta. As músicas são testadas também por serem entendidas como mídias que materializam o transcendental crido. É a eficácia dessa “materialização do divino” que a denominação quer verificar, sua persuasão como instrumentos capazes de convencer os religiosos “da veracidade da conexão entre eles e Deus (ou o transcendental) (MEYER, 2018, p. 37).

³⁰⁹Entrevista com Tiago, 29, realizada em 07/09/2019 nas dependências do Villaggio JK por ocasião do primeiro encontro de homens da Hillsong.

³¹⁰Disponível em: <<https://oops.com.br/4946-musica-show-da-hillsong-revelou-um-brasil-invisivel-e-bom/>>. Acesso em: 28/10/2022.

Na perspectiva da religião material (ENGELKE, 2012), importa menos “desconstruir o som da Hillsong”³¹¹ (EVANS, 2017, p. 74) do que considerá-lo como forma que faz a religiosidade da igreja acontecer materialmente. Ainda mais produtora é refletir como esse tipo específico de mídia “interage com mídias anteriores”, que há mais tempo caracterizam formas sensoriais pentecostais estabelecidas. Neste caso, convém considerar se há e quais são os impactos e as transformações estéticas por ele gerados noutras igrejas da mesma tradição religiosa.

É sobretudo por sua música que a Hillsong exerce influência em igrejas evangélicas brasileiras. Em muitos sentidos tida como vanguarda do pentecostalismo mundial, a igreja tem deixado sua marca estético-musical em várias denominações verde-amarelas. “A igreja da onde eu vim era muito parecida com a Hillsong. O pastor lá pegou muita coisa [...] as placas na recepção, esquema de serviço voluntário, a música”³¹², disse-me um jovem em conversa informal, em referência à igreja anterior. De fato, é difícil encontrar denominação evangélica no país que não conte com canções da igreja em seu repertório, tenha ou não ciência disso³¹³. Nas palavras de uma interlocutora de Cristina Rocha, “hoje em dia tem igrejas imitando a Hillsong, até o logotipo! Tudo, a maneira de falar, de agir. Então eles usam o estilo de roupa, o estilo de tocar, tudo igual” (ROCHA, 2016, p. 172). Esse tipo de incorporação corrobora o fato de que a música da igreja seja percebida como mídia eficaz no processo de “produção do extraordinário” (MEYER, 2019c). E isso a ponto de várias páginas, fóruns e vídeos disponibilizados na internet oferecerem tutoriais de como se chega “à experiência sonora” produzida pela igreja³¹⁴.

Recentemente, pesquisadores observaram tal influência ao investigar igrejas brasileiras de alguma maneira identificadas com a estética cültica da Hillsong. Ao escrever sobre o

³¹¹Aspecto importante da “arquitetura sonora” das canções da Hillsong, nem sempre considerado, diz respeito à dinâmica musical impressa em suas composições. Embora timbres de guitarra e *pads* de teclados gerem ambiência agradável e emocional, é a intensidade imposta por bateria e contrabaixo a principal responsável pelos momentos de êxtase das músicas. Nessa matéria, a Hillsong segue uma receita quase onipresente em seu repertório, sobretudo nas canções dos últimos anos: o “crescendo” que antecede refrãos e pontes marcantes. Em termos técnicos, a depender do andamento, bateria e contrabaixo conduzem aos momentos de clímax alterando as figuras musicais de algumas notas à medida que os compassos avançam — geralmente, passando de semínimas para colcheias e, em seguida, de colcheias a semicolcheias. Para explicação do baterista da *Hillsong Young & Free*, cf. <<https://youtu.be/2N7YJw12xJc>>. Acesso em: 23/12/2022. Analisando esse tipo particular de dinâmica na música *With Everything*, da *Hillsong United*, o musicólogo Joshua Busman conclui: “os momentos de maior intensidade espiritual e significado musical na música congregacional são muitas vezes o resultado de gestos sonoros específicos, em vez de referências textuais claras” (BUSMAN, 2021, p. 25-26, tradução nossa).

³¹²Diário de campo do dia 25/08/2019.

³¹³Esse fenômeno transcende a realidade brasileira. Ao escrever sobre o panorama norte-americano, Wen Reagan pontua: “De fato, na América, você não pode falar sobre Hillsong sem falar sobre música. Os evangélicos americanos podem não saber muito sobre a Hillsong Church, mas conheciam bem sua música” (REAGAN, 2017, p. 146, tradução nossa). O título do trabalho do autor, aliás, é bastante sugestivo sobre o prestígio de que goza a música da Hillsong comparada a outras do mundo evangélico mundial. Em suas palavras, trata-se da “música que quase todo mundo canta” (REAGAN, 2017).

³¹⁴Cf., por exemplo, <<https://forum.cifraclub.com.br/forum/3/228576/>>. Acesso em: 23/12/2022.

movimento juvenil Brasa Church, vinculado à igreja Brasa, de Porto Alegre, Taylor Pedroso de Aguiar escreve:

As músicas executadas nos cultos deste ministério de jovens não incluem canções em estilo rock, mas repertórios atrelados a um movimento de adoração a que este grupo tem aderido, acompanhando outras igrejas identificadas com um público jovem no Brasil — a exemplo da Bola de Neve e da Vintage 180°. Trata-se de um movimento global encabeçado por igrejas internacionais como a australiana Hillsong Church e a estadunidense Bethel Church que, por influência direta de suas bandas, estabelecem pelo mundo uma tendência estético-musical conhecida como *worship* ou *worship music* (AGUIAR, 2020, p. 12).

Por “tendência *worship*”, como escreve noutro texto em coautoria com o antropólogo Emerson Giumbelli, o autor define um tipo específico de configuração e padrões estético-cúlticos que, tendo sido observados a partir de sua unidade de análise, em muitos sentidos são similares àquilo que observei na filial paulistana da Hillsong:

A tendência *worship* tem se notabilizado nos últimos anos entre o público evangélico, sobretudo entre os segmentos juvenis, como uma inovação que articula um estilo musical específico a uma estética de culto e a uma determinada cultura de adoração, fornecendo as bases para constituição de uma “estética de adoração” correspondente. O culto *worship* introduz o uso de materiais que informam uma nova estética ao templo, composta por telões *led*, refletores de luzes coloridas, fumaça artificial, instrumentos musicais e equipamentos de filmagem de última geração e cortina preta como revestimento do altar, fazendo com que a igreja se assemelhe a um ambiente fechado de show secular. O som é alto e estridente e as músicas executadas seguem um repertório peculiar, associado ao estilo *worship* (GIUMBELLI; AGUIAR, 2020, p. 156-157).

Já em relação à influência da igreja sobre evangélicos na periferia de Belo Horizonte, Elias Evangelista Gomes elenca razões estético-musicais:

Como exemplo desses *estilos referenciais*, um dos grupos de inspiração dos jovens músicos, instrumentistas e vocalistas, *Hillsong*, uma banda evangélica australiana, traz em seus DVDs diferentes estilos estéticos e visuais: músicos de *dread*, homens de cabelos longos, coloridos, anéis e brincos; mulheres de calças, com o *corpo coberto*, em um ambiente em que as pessoas, ao louvarem Jesus, pulam e dançam, tudo isso em um palco com muita luz colorida e fumaça. A polifonia de estilos estéticos visuais e musicais vitaliza a cena de louvor do *Hillsong* e propaga-se para outras partes do mundo, chegando à periferia de Belo Horizonte, na CER [Comunidade Evangélica da Restauração] (GOMES, 2007, p. 69, acréscimo nosso).

Chama a atenção, nessa matéria, o fato de que nos cultos da Hillsong apenas músicas compostas por suas próprias bandas sejam ouvidas. Isto é, ao contrário das igrejas pentecostais brasileiras, a igreja não canta músicas de outras igrejas e/ou bandas e artistas do mundo gospel. É como se apenas as canções compostas em seus corredores constituíssem meios autorizados de invocar acesso ao transcendental. Como se oferecessem um “tipo superior de adoração”, que permite que o público se “conecte a Deus” de maneira mais autêntica e persuasiva (MEYER, 2018), identificada com o “modo Hillsong de ser”. Por esse motivo, tudo o que é cantado na igreja deriva de adaptações das letras originais em língua inglesa. Por isso, geralmente, os fiéis já estão acostumados com as músicas no idioma original antes de serem vertidas para o português. Além de facilitar a adaptação do público brasileiro ao que é cantado, isso reforça a sensação de que os fiéis fazem parte de algo muito maior do que a realidade local. “É muito louco saber que no mundo todo algumas pessoas cantam a mesma coisa que a gente”, diz um de meus entrevistados³¹⁵. Ao influenciar sem deixar que em suas reuniões músicas de outras bandas e artistas do gênero sejam reproduzidas, a igreja intenta reafirmar o ideal de excelência e exclusividade atrelado a sua marca (RICHERS, 2010; ROCHA, 2016; WAGNER, 2013). No “jogo de negociação” que marca a “adoção e uso de novas mídias” (MEYER, 2019b, p. 72) pelas igrejas, que muitas vezes pode dar origem “a desacordos veementes” entre representantes de antigas e novas formas (MEYER, 2019b, p. 65), ambiciona lançar tendências em vez de segui-las. Fato é que encontra relativo êxito nisso. “Venho no domingo só para poder sentir Deus na adoração [...] as músicas ‘carregam minha bateria’ como em nenhum outro lugar”³¹⁶, resumiu adepta numa das muitas conversas informais.

Quando o momento de adoração vai chegando ao fim, são outras as formas e atos materiais observados. Depois dos músicos, é a vez de pastores e líderes ocuparem o palco. Seu estilo peculiar chama a atenção, sobretudo em relação à estética pentecostal mais tradicional³¹⁷.

Klaver resume:

³¹⁵Diário de campo do dia 28/04/2019.

³¹⁶Diário de campo do dia 10/09/2019.

³¹⁷A despeito de sua influência, sobretudo musical, sobre igrejas pentecostais, a Hillsong também é alvo constante de críticas por parte do evangelismo mais conservador em razão de sua materialidade. A performance de um homem seminua num evento de mulheres da igreja em Nova Iorque, por exemplo, foi recebida com espanto por mídias sociais evangélicas ligadas a esse estrato. Ver: <<https://pulpitandpen.org/2016/12/21/hillsongs-naked-cowboy-is-back-except-now-its-naked-santa/>>. Acesso em: 29/04/2021. Ocorrido em 2016, na *Colour Conference* da Hillsong Nova Iorque, o evento foi protagonizado pelo pastor de jovens Diego Simila. Caracterizado como *Naked Cowboy*, famoso artista de rua da *Times Square*, sua participação na celebração desagradou o intérprete original, que emitiu nota afirmando ser o único administrador da marca. Quatro anos antes, na *Hillsong Conference 2012*, o mesmo tipo de celeuma foi observado quando, acompanhadas de coreografias e pirotecnia, a música *Paradise* — da banda secular britânica *Coldplay* — foi executada. “Virou bagunça?”, perguntou-se um portal evangélico brasileiro na Internet. Ver em: <<http://gospelrio.blogspot.com/2013/01/virou-bagunca-igreja-hillsong-toca.html>>. Acesso em: 29/04/2021. Em minhas visitas a campo, a experiência mais inusitada se deu quando dois

Os pastores principais [mas não só], geralmente uma equipe de marido e mulher, promovem um estilo jovem e moderno de vestir e de imagem corporal. Os pastores do sexo masculino exibem uma preferência por jeans rasgados e *skinny* pretos, jaquetas de couro pretas e, muito provavelmente, tatuagens. As pastoras obedecem a um estilo popular de feminilidade observado na atenção dada ao corpo jovem, em forma e saudável (KLAVER, 2021, p. 41, tradução e acréscimo nossos).

No auditório, alguns congregantes mais engajados identificam-se com o vestuário. Como escreve Rocha, a estética compõe um “‘complexo industrial moda-celebridade-megaigreja’ que torna o cristianismo atraente para jovens de classe média que não encontram um lar em igrejas mais conservadoras que rejeitam as culturas juvenis”. Contribui, com efeito, para uma “‘formação estética’ que une e vincula particularmente os jovens em sua transição para a idade adulta”, numa espécie particular de “cristianismo *cool*” (ROCHA, 2021, p. 581, tradução nossa)³¹⁸. Assim, quando a última música do momento inicial diminui sua intensidade, sempre é alguma dessas lideranças que se dirige à frente para ler os formulários preenchidos no *foyer*. É o instante de interceder pelos pedidos apresentados e agradecer pelas “bênçãos recebidas”. Ao fundo, no telão, alguns desses motivos aparecem listados. A depender do que é testemunhado, reações no auditório não demoram a ser ouvidas e vistas. Conquistas financeiras, profissionais e sentimentais — como noivados e casamentos — geram euforia nos presentes. Expressões como “uau” e “wow” dão vazão fonética àquilo que os congregantes interpretam como provas da ação divina na vida de seus irmãos de fé. Mais adiante, elas serão ouvidas a cada frase impactante vinda da pregação, respondendo à forma como “Deus fala através dos seus mensageiros”. Palmas também costumam ser estimuladas. O Deus da Hillsong é o Deus pentecostal, de poder. Os pedidos e testemunhos comunicados da plataforma reivindicam e reafirmam essa crença. Por meio desse tipo específico de ato, corrobora-se o fato, descrito por Wade e Hynes, dos “*hillsongers*” se esforçarem por “exibir externamente os benefícios mundanos da igreja para os outros, para mostrar que ‘funciona’” (WADE; HYNES, 2013, p. 177, tradução nossa). Isto é, além de encorajar a comunidade, o momento serve ao proselitismo no qual a igreja também se empenha.

amigos, sentados ao meu lado, decidiram ir embora do culto ao verem o guitarrista da equipe de louvor da igreja vestindo uma camiseta com logo da banda de rock secular *Nirvana*. “Aí já é demais, cara”, disse-me um deles quando questionado por mim. “Procura saber como morreu o Kurt Cobain”, completou, fazendo referência ao suicídio do vocalista do conjunto norte-americano. Diário de campo do dia 13/01/2019.

³¹⁸A noção de “formação estética” deriva da abordagem material da religião e faz referência ao “compartilhamento de disposições corporeificadas que instituem comunidades estéticas” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 31). Nas palavras de Birgit Meyer, trata-se de um conceito que “captura muito bem o impacto formativo de uma estética compartilhada através da qual sujeitos são forjados pela modulação de seus sentidos, pela indução de experiências, pela moldagem de seus corpos e pela produção de sentidos; uma estética que se materializa nas coisas” (MEYER, 2019b, p. 54).

Ao final da leitura dos formulários, sessenta segundos são destinados ao contato mais direto entre os congregantes. Enquanto a banda executa fundo musical descontraído, as pessoas são estimuladas a cumprimentar umas às outras afim de que se conheçam e se sintam mais à vontade. “Numa cidade tão grande como São Paulo, esse é um momento único para se conectar com as pessoas”, define a pastora Marina Bitencourt³¹⁹. De todo modo, é a política de boas-vindas que se tem em vista. Como no caso dos cumprimentos dos voluntários às portas, é o “acolhimento, amor e aceitação divinas” que se intenciona materializar. Rigorosamente cronometrado, o tempo curto dá lugar, na sequência litúrgica, à palavra igualmente breve sobre a importância das contribuições financeiras e aos avisos sobre as atividades da denominação previstas para o futuro próximo. Como em peças publicitárias, eles são transmitidos em conteúdos audiovisuais chamativos e inspiradores e, na maioria das vezes, também articulam temas caros à instituição. “Se você nos visita”, projetou-se no telão numa de minhas incursões, “esperamos que se sinta em casa, do jeito que você está”³²⁰. “Amorosa por natureza e inclusiva em suas ações”, li noutra ocasião³²¹. Após a leitura dos formulários, contribuições e anúncios, outra música se faz ouvir do palco. Antecedendo a pregação por vir, é executada para que os presentes “abram o coração para a Palavra de Deus”. É hora da banda sair de sob os holofotes. Chega o momento da mensagem.

A transição para a pregação de pastores e líderes implica ligeiro rearranjo das coisas que se encontram no palco. À medida que músicos e instrumentos são ofuscados, voluntários trazem à cena o púlpito e mesa aparadora que o acompanha em toda e qualquer reunião da igreja em que uma prédica esteja programada (Imagem 14). Feitos de acrílico e aço inox, sua simplicidade frente aos tradicionais e suntuosos púlpitos vistos em igrejas cristãs transmitem imagem de despojamento. Preanunciam o estilo de pregação daqueles que os ocupam, “pastores líderes que são (de várias maneiras) oradores envolventes e divertidos” (GOH, 2020, p. 50, tradução nossa). Fato é que, como no caso da música, os artigos também impactam os estilos estéticos da paisagem evangélica brasileira. Haja visto, por exemplo, sua ampla comercialização na internet em anúncios como “conjunto Hillsong púlpito com mesa”, “púlpitos modelo Hillsong Church” ou, simplesmente, “púlpito Hillsong”³²².

³¹⁹Diário de campo do dia 22/09/2019.

³²⁰Diário de campo do dia 04/08/2019.

³²¹Diário de campo do dia 29/10/2017.

³²²Cf., por exemplo, os seguintes anúncios: <<https://nobrezapulpitos.com.br/produtos/p%C3%BAlpito>>; <https://www.acrilicosfutura.com.br/index.php?route=product/product&product_id=138>; <<https://www.laradesign.com.br/source/catalogo/80detalhes.html>>. A procura por púlpitos no “estilo Hillsong” na internet é tanta que uma das empresas comercializadoras do artigo adicionou a qualificação “púlpitos modelo Hillsong Church para igrejas” em seu próprio nome no site de buscas *Google*. Ver em:



Imagem 14 – Chris Mendez em pregação na Hillsong São Paulo. 2020.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2557467284545870&set=a.2557447924547806>>.

Acesso em: 15/12/2022.

Menos influente, contudo, é o hábito de não portar bíblias nos cultos — ao menos no sentido tradicional, isto é, em livro físico. É raro encontrar quem a porte “debaixo do braço”, para fazer menção ao antigo estereótipo ligado à figura do “crente” brasileiro. E isso mesmo entre a liderança. Naqueles que advém de igrejas mais conservadoras, a particularidade causa estranheza: “eu achava muito estranho vir para igreja sem minha Bíblia. Quando vim visitar pela primeira vez, meu primo disse que não era necessário, que na Hillsong ninguém levava Bíblia de papel”, confidenciou-me um ex-membro da igreja Batista, em conversa informal. “No início, sei lá, parece que eu vinha faltando uma parte do corpo... ou sei lá, sem roupa”. Embora os textos bíblicos citados sejam projetados nos telões e muitos dos adeptos acompanhem o sermão por bíblias digitais, no celular, o fato é que há quem interprete a questão também como opção estética: “é aquele rótulo de bitolado que a gente quer evitar”³²³. Assim, se para igrejas mais tradicionais o uso da Bíblia em papel é imprescindível, já que se configura como mídia que materializa a própria palavra divina, na Hillsong não o é. Sobressai a conclusão de que a

<<https://www.google.com/maps/contrib/108959991147456337625/photos/@-23.6267144,-46.6007868,17z/data=!3m1!4b1!4m3!8m2!3m1!1e1>>. Acesso em: 16/01/2023.

³²³Diário de campo do dia 16/02/2020.

disponibilidade de novas mídias — como a Bíblia digital, por exemplo —, “pode resultar em deliberações decisivas acerca de seu potencial para gerar e sustentar experiências e formas de autoridade autênticas no quadro de tradições religiosas existentes” (MEYER, 2019b, p. 66). É um processo de “remediatização” (MEYER, 2019b, p. 67) que está em jogo. Nesse caso, do próprio livro tido como sagrado. Isto é, ocorre que na igreja outras formas de acesso ao texto bíblico “são autenticadas como mensageiros aceitáveis e adequados da experiência religiosa” (MEYER, 2019b, p. 67), sem maiores entraves ou constrangimentos. Por isso, se formulado em termos unicamente estéticos, o pentecostalismo tipificado pela Hillsong fugiria à categorização clássica de “religião do livro”.

A despeito daquilo que é pregado, chama a atenção o apelo sensorial que acompanha a pregação em si. Isso porque, como pontuam Meyer e Houtman, “palavras e modos de falar [também] têm efeitos materiais e tangíveis” (MEYER; HOUTMAN, 2019, p. 102, acréscimo nosso). Como em outras igrejas da mesma tradição, na Hillsong a mensagem segue o estilo avivalista de oratória, no qual “pastores falam energicamente, movimentam-se no palco e usam gestos enfáticos de braço e corpo” (GOH, 2020, p. 50-51). Mais do que meros transmissores de conteúdo, os pregadores são compreendidos como “canais prioritários do poder divino” (MEYER, 2018, p. 32). Ou seja, por sua oratória, os presentes acreditam poder sentir a presença do próprio Espírito Santo confessado, com e nos seus corpos. Sendo assim, também está em jogo a “habilidade do pastor de invocar a presença divina de uma forma reconhecida e persuasiva” (MEYER, 2018, p. 39). Em minhas observações, foi possível notar o quanto diferentes modos de entonação de voz dos pregadores, por exemplo, produziram efeitos reais e distintos nos modos como os crentes reagiram nos cultos. Momentos de arrebatamento, ao longo das prédicas, quase sempre são respondidos. Além dos “uau”, “wow” e “amém”, mãos levantadas e palmas podem ser vistas e ouvidas, sobretudo quando a identificação pessoal com o que é dito é maior. Não se trata do carisma, habilidade homilética ou mesmo das frases de efeito do pregador. Como se crê, é o próprio Deus falando com seu povo, como sentença que ouvi reiteradamente de jovens frequentadores sintetiza: “Deus falou muito comigo hoje”. Por outro lado, quando a interação do auditório é baixa, não faltam estímulos por parte dos pregadores: “vocês estão na Hillsong, precisam fazer barulho”, encorajou a pastora Lucy Mendez numa das reuniões em que o *feedback* dos presentes não a satisfizera³²⁴. “É muito bom estar na igreja presbiteriana hoje”, brincou seu marido, Chris, em razão do mesmo motivo numa

³²⁴Diário de campo do dia 10/03/2019.

de suas pregações no primeiro Encontro de Homens, em 2019³²⁵. Deus sempre está falando por meio das mensagens que duram, em média, de trinta a quarenta e cinco minutos. A questão é como os ouvintes a recebem. Ou seja, como “sentem” Deus em seus corpos e lhe dão vazão em resposta.

Quando a pregação caminha para o término, a banda retorna ao palco. Como tudo o que acontece na liturgia dos cultos, é o cronômetro posicionado aos fundos que indica o momento em que isso deve acontecer (Imagem 15). Faltam cerca de quinze minutos para o término da reunião. Pregadores finalizam a mensagem geralmente subindo o tom de voz, dando ensejo a que a banda retome seu lugar de condução do público, numa simbiose bem ensaiada. A canção é mais curta do que as entoadas no início. Apenas um refrão ou ponte marcante é executada, em volume estridente. Estimulado pelo sermão, o auditório canta com fervor. A intensidade só diminui quando, voltando à frente, o pastor ou liderança responsável pela liturgia faz o tradicional “apelo”, convidando as pessoas presentes a se “decidirem por Cristo”. Indispensável às reuniões da igreja, o momento é bem analisado por Klaver:

Com esse ritual central repetitivo, a Hillsong Church se inscreve na tradição reavivalista evangélica/pentecostal, enfatizando a necessidade de fazer uma escolha pessoal — expressa pelo levantar da mão e pela repetição em voz alta da oração dos pecadores após o pastor — como o ato ritual necessário de tornar-se cristão e ser salvo. O fato de o pastor convidar “toda a igreja” a repetir a oração dos pecadores para apoiar os novos convertidos evoca o poder performativo dos atos de fala [...] Essa prática e atuação repetitiva recorrente é um momento importante na criação de vínculos emocionais e na formação de uma identidade religiosa (KLAVER, 2021, p. 63, tradução nossa).

Na filial paulistana, os telões de *LED* projetam o texto bíblico de Romanos 10.9: “se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”. Trata-se de um dos únicos instantes do culto em que os presentes são convidados a fechar os olhos. O pedido visa deixar os que levantarão as mãos “à vontade”, sem quaisquer constrangimentos. Não obstante, há quem não participe da dinâmica, uma vez que “em cada seção do teatro ou clube, um voluntário fica encarregado de observar as mãos levantadas para se aproximar dessas pessoas após o culto, entregar-lhes um Novo Testamento e convidá-las para uma reunião de novos convertidos” (KLAVER, 2021, p. 63, tradução nossa). Somado, o número de “decisões por Cristo” é comunicado e comemorado com euforia nas

³²⁵Trecho de mensagem de Chris Mendez no primeiro encontro de homens da Hillsong. Coletado em 07/09/2020. Com o gracejo, que fez muitos dos presentes rirem, o pastor faz referência ao caráter mais tradicional das igrejas presbiterianas históricas, como a IPB, nas quais o sermão dominical não costuma ser respondido de forma audível pelo auditório.

Noites DNA — ainda que braços levantados nem sempre signifiquem frequência regular à denominação.

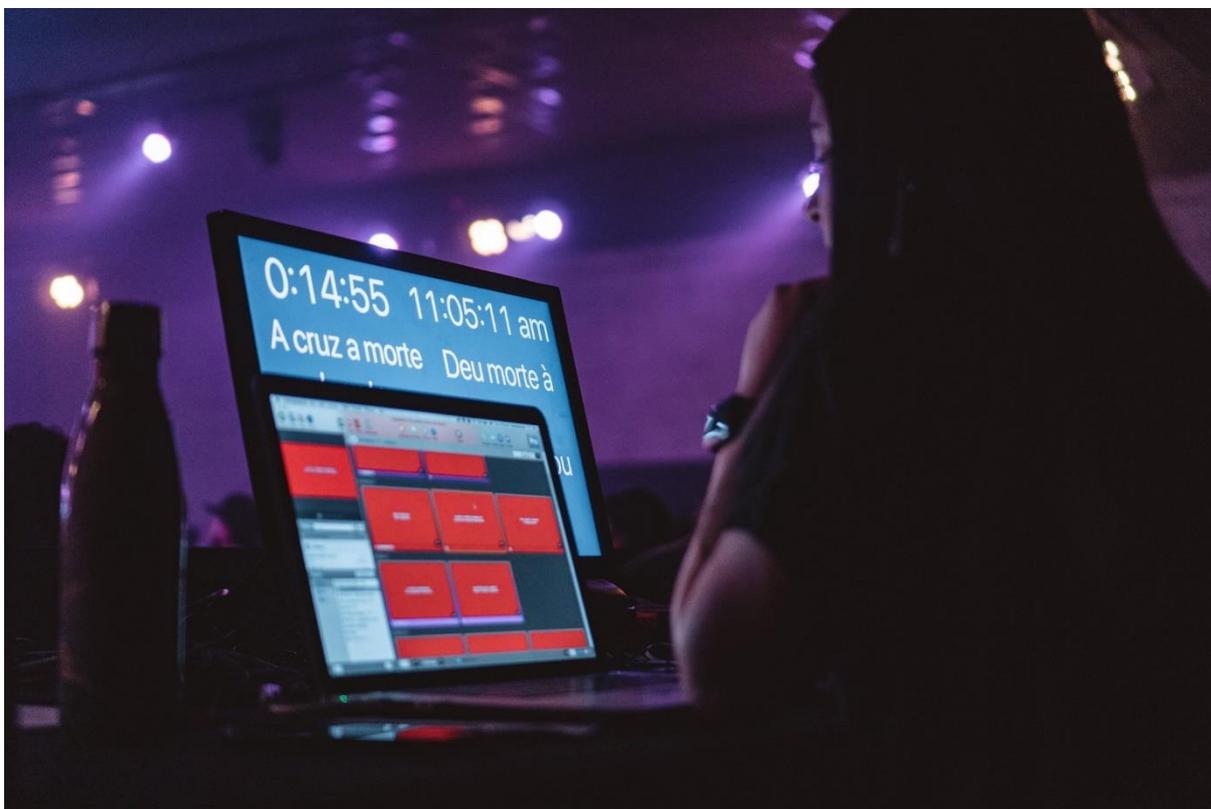


Imagem 15 – Espelhamento, em monitor, do cronômetro que dita as atividades litúrgicas da Hillsong São Paulo. 2020.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/a.2305830223042912/2305831479709453>>.

Acesso em: 05/01/2023.

Terminado o apelo, o culto está prestes a acabar. Resta a música de encerramento da reunião, mais agitada e dançante. Aqueles que permanecem até o final do encontro ainda podem contar com a “cereja do bolo” do Villaggio. A depender do humor da liderança e das condições meteorológicas, é a hora do teto retrátil se abrir (Imagem 16). “Podemos se conectar [sic] diretamente com o céu”, definiu uma jovem em conversa informal³²⁶. Como ato material, a abertura induz experiências espirituais marcantes, como trecho de entrevista com Elias, 24, permite constatar:

Eu vagava procurando por Deus em várias religiões [...] Daí vim para a Hillsong. Cara, como me encontrei. Lembro como se fosse hoje quando o teto se abriu num dia de batismo [...] A música tocava alto, pessoas eram

³²⁶Diário de campo do dia 13/10/2019.

mergulhadas e passavam chorando nos telões... e o teto se abrindo no meio de tudo aquilo [...] Cara, era surreal [...] Toda aquela *vibe* só podia ser de Deus³²⁷.

Os crentes devem ir embora alegres, cheios de expectativas para o próximo domingo. “Tenham todos uma ótima semana. Tchau!”, encerra o ministro de louvor. Quando as pessoas finalmente deixam o salão, entram em cena voluntários destinados a prepará-lo para a reunião seguinte. Tudo precisa ser agilmente reorganizado: “o melhor de Deus ainda está por vir”.

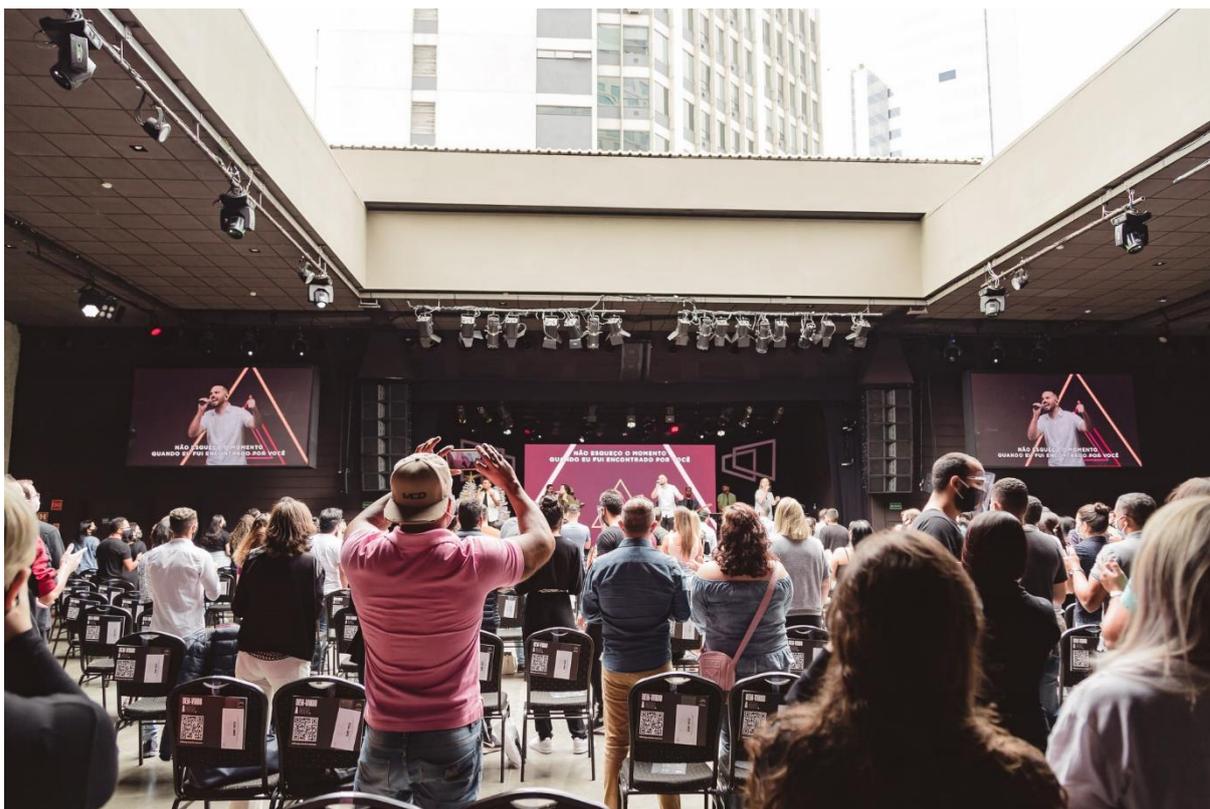


Imagem 16 – Teto do Villaggio JK aberto em reunião da Hillsong São Paulo. 2020.

Fonte: página oficial da igreja no *Facebook*. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/photos/a.2552087405083858/2552061895086409>>.

Acesso em: 05/01/2023.

Em conclusão, observa-se que música e entretenimento jovem, abordados com ênfase pela literatura especializada sobre a igreja, constituem apenas parte de um todo material que torna tangível “a presença imediata do extraordinário” em suas atividades (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 37). Assim, se na Hillsong, como me dissera um jovem, “o poder e clima de adoração é totalmente diferente dos outros lugares”³²⁸, entender o *porquê* e *como* se dá essa impressão se revelou fundamental não apenas para compreender a oferta como também a demanda religiosa de quem procura pela denominação. Em sua declaração de visão oficial, A

³²⁷Entrevista com Elias, 24 anos, realizada em 10/03/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM.

³²⁸Trecho de conversa com João Pedro, 26 anos. Realizada em 09/06/2019 na estação *Vila Olímpia* da CPTM.

igreja que agora vejo, o trecho que dá título a este capítulo diz em seu período completo: “vejo uma igreja que está inovando constantemente; uma igreja que lidera na comunicação de uma mensagem eterna através da mídia, filmes e tecnologia”. Como vimos, em termos materiais, a Hillsong de fato tem inovado no modo como tangencia a religiosidade pentecostal. Não obstante o prestígio influente que essa espécie de vanguardismo lhe confere na relação com outras igrejas evangélicas — inclusive no Brasil —, muitos também são os desacordos sobre a legitimidade que tais mídias dispõem como “materializadoras do divino”. Conquanto, como no caso da maioria das instituições religiosas, “as mídias que estão envolvidas na invocação e no contato com o transcendental e na congregação e vinculação dos fiéis [sejam] normalmente invisibilizadas através de [suas] estruturas religiosas estabelecidas e autorizadas” (MEYER, 2019b, p. 62, acréscimos nossos), sendo entendidas como meros veículos para a transmissão do que realmente importa — a “mensagem eterna” —, investigá-las se mostrou importante para compreender a própria religiosidade da instituição. Afinal de contas, “os materiais, seus usos e a forma de experimentá-los *são* — e não simplesmente refletem — a religião” (MENEZES; TONIOL, 2021, p. 14).

CONCLUSÕES

A hipótese geral que norteou a pesquisa foi a de que o “fenômeno Hillsong” tipifica um modo particular de experiência pentecostal marcado por reelaborações teológicas, institucionais e estéticas do pentecostalismo ao qual a igreja está filiada. Tais transformações, circunscritas a mudanças que caracterizam a “modernidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015), são ditadas especialmente pela tendência à individualização e à subjetividade das crenças e práticas religiosamente motivadas e se mostram atraentes sobretudo às pessoas mais jovens. De modo específico, trata-se de reconfigurações que passam (1) pela articulação do tema teológico do empoderamento; (2) pela reorientação do dispositivo de autoridade regulatória de crenças e comportamentos; e (3) por materialidade que empalidece as fronteiras entre sagrado e secular observadas em muitas das igrejas evangélicas brasileiras, esteticamente mais conservadoras.

No primeiro caso, a ligação se dá por afinidades eletivas que existem entre a mensagem que empodera e a forma de vida na modernidade tardia. Na “era do presentismo”, na qual os indivíduos experimentam em sua vida pessoal e coletiva o desenraizamento do passado e o medo e incerteza do futuro, o discurso que empodera se ajusta a demandas por ação e controle sobre o que lhes afeta em diversas esferas. É pela força interior que dizem desenvolver a partir da igreja, empoderados pelo Espírito, que podem encontrar sentido, existir e agir num mundo “por fazer”. Ou seja, a ênfase no empoderamento acaba por criar um senso particular de certeza e salvaguarda que faz frente à insegurança ontológica³²⁹ que os indivíduos experimentam no modo de vida hodierno. Bem captado pela igreja, esse modo de existência, sentido como temeroso e ameaçador, perde em intimidação à medida que simpatizantes e adeptos são convencidos de que foram empoderados por Deus para enfrentá-lo. Como frisa Gutierrez, “faz com que o ‘Eu’ perceba a si próprio como forte e capaz de agir, mesmo se as condições para a concretização de um projeto sejam desfavoráveis” (GUTIERREZ, 2017, p. 217). O apelo repercute especialmente entre os mais jovens pelo fato da faixa etária experimentar mais intensamente as agruras e incertezas do presente, “independentemente de sua posição na estrutura social” (MARIZ, 2005, p. 261). Trata-se da fase, como pontua Cecília Mariz, que, “mais do que em outros períodos da vida, parece fomentar a necessidade de sentimento de pertencimento e de comunhão” (MARIZ, 2005, p. 261). “Vivendo nessa liminaridade”, em vários sentidos eles “compartilham [de] uma situação de fragilidade social” (MARIZ, 2005, p.

³²⁹Por “segurança ontológica” se entende, grosso modo, o “impulso existencial de experienciar o mundo societário como relativamente seguro, confiável, previsível, inteligível” (PETERS, 2014, p. 121). Como lembra Peters, a reflexão teórica sobre “esse anelo vital por uma experiência do mundo e da própria existência como dotados de ordem, justificação e sentido” (PETERS, 2014, p. 117) perpassa a obra de vários sociólogos de destaque no século XX, como “Peter Berger, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu” (PETERS, 2014, p. 117).

261) que é simbolicamente atenuada por essa pregação. Pelo público majoritariamente formado por fiéis de classe média, a insegurança que ela busca confrontar nem sempre é de ordem financeira. A mensagem se direciona a dilemas existenciais, sentimentais, profissionais e familiares. Deus empodera para que simpatizantes e adeptos se deem bem em todas as áreas de sua vida.

O curioso é que esse discurso parte do ideal de grandeza e onipotência do indivíduo que decorre das mudanças cujos efeitos procura remediar. Isto é, também resulta do processo radicalizado de individualização que perpassa a esfera religiosa. Como vimos, a ênfase no empoderamento promove a sensação de que cabe ao indivíduo — e apenas a ele — apropriar-se do poder que pode levá-lo a “florescer integralmente”. O fiel, nessa lógica, torna-se o empreendedor de si e de seu futuro. É como se pudesse “tomar em suas próprias mãos sua própria vida e também a dimensão religiosa” (BECK, 2016, p. 17). Daí a estreita identificação com os processos que caracterizam o que Danièle Hervieu-Léger chamou de “modernidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015). A seu modo, a ênfase e articulação da noção de empoderamento, tal como observada na Hillsong, é fruto do “movimento de disseminação individualista das crenças” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 29). Trata-se do desdobramento teológico-discursivo “de uma religiosidade individual, móvel e moldável que dá lugar a formas inéditas de sociabilidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 30). Pelo mote do empoderamento, a instituição promove um certo tipo de relação do indivíduo consigo mesmo que reflete o processo mais amplo de individualização ao qual todas as esferas sociais estão submetidas. E que, de modo não menos insólito, enseja — sobretudo em seus efeitos na esfera econômica — as mazelas materiais, emocionais e psíquicas (EHRENBERG, 2008; HAN, 2015) que a instituição objetiva dirimir com os esquemas de ação que apregoa.

Da mesma forma, é à tendência geral à individualização que se vincula a rearticulação do dispositivo de autoridade regulatória da Hillsong. Como vimos, é o “refluxo da influência social das instituições religiosas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 129), fomentado por esse processo mais amplo, que está em vista. Como procurei sustentar, não se pode entender essa reconfiguração institucional sem levar em consideração o quadro histórico de transformações que favoreceram o surgimento desse indivíduo que se autoconstrói, “legislador de sua própria vida”, que determina “as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 33). A vitória planetária do capitalismo, nas décadas finais do século XX, trouxe consigo a inexorável aplicabilidade dos valores e dos princípios organizatórios da vida material e imaterial do neoliberalismo às várias esferas constituintes da vida (DARDOT; LAVAL, 2016). Nesse processo, os seres humanos foram transformados em atores de mercado,

vistos e avaliados como capital humano (EHRENBERG, 2010). Disso resulta o esvaziamento da vida em comum, dos valores universais e dos padrões de normatização estruturais (BROWN, 2015). Vige, como idiossincrasia dos tempos “hipermodernos”, o “hiperindividualismo” (LIPOVETSKY, 2014). Nesse movimento, em suas últimas consequências, “o indivíduo que decide e que duvida, torna-se igreja, torna-se pastor de Deus e da Fé — a igreja, ao contrário, converte-se em heresia” (BECK, 2016, p. 17). O que se vê é um processo de “desincrustação” da experiência religiosa das instituições que, no caso particular da fé cristã, eram suas representantes. O “Deus da igreja” perde espaço para o “Deus pessoal”, “de cada um” (BECK, 2016). Embora não alcance sua forma mais radicalizada na experiência tipificada pela denominação dos Houston, o fato é que tal tendência, como defendemos, em muito ajuda a explicar a reconfiguração do modelo de regulação institucional posto em marcha pela igreja. O fiel, em sua busca individual por autenticidade (TAYLOR, 2010), precisa ser convencido da necessidade de mudança, não coagido. E pode cooperar com a instituição, não obstante, até que isso aconteça. Mais uma vez, é aos mais jovens que esse seu modo de pertencimento fluido, fundamentado em discurso e práticas inclusivas, mostra-se mais atraente, sobretudo aos que integram a classe média. São eles os mais resistentes “ao tradicional sectarismo, moralismo e ascetismo contracultural das agremiações pentecostais” (MARIANO, 2008, p. 70).

Por outro lado, a pesquisa permitiu verificar que é esse tipo de resistência ao ascetismo contracultural por parte de seu público que fundamenta e reforça as reconfigurações estéticas que a materialidade da denominação encerra. Nas palavras de Brian Houston, citadas como epígrafe no capítulo dedicado à questão, ocorre que a igreja se esforça por substituir “sistemas religiosos, terminologia e rituais obsoletos” por “métodos e músicas relevantes, às vezes não experimentados, para atrair uma nova multidão e a próxima geração”, “movendo-se de velhos hábitos para o futuro” (HOUSTON, B., 2018, n. p., tradução nossa). Embora isso se aplique a diferentes áreas, é em sua cultura material que mais se faz notar. Além de tangenciarem o “empoderamento” e “acolhimento divinos”, suas mídias fundamentam motivação importante para muitos de seus simpatizantes por impactarem formas sensoriais já estabelecidas no evangelismo brasileiro, mais conservadoras. Em muitos sentidos vanguardistas, tais formas e atos materiais revelam o relativo êxito que a Hillsong demonstra em adequar “antigas e novas mídias para mediar o poder espiritual” (MEYER, 2019b, p. 65) em sua dinâmica religiosa. Não se trata apenas de estratégia de mercado, que vise a mera fidelização de novos adeptos. Em outros termos, para fazer uso de uma de suas principais pechas entre evangélicos, a questão não se resume a estratégias que intentem “roubar ovelhas”, “pescar peixes de outros aquários”. O que está em jogo é a capacidade da igreja de convencer simpatizantes e fiéis “da veracidade da

conexão entre eles e Deus (ou o transcendental)” (MEYER, 2018, p. 27) por meio da interpelação de tais meios. Isto é, importa considerar sua “estética da persuasão” (MEYER, 2018).

Motivo de controvérsia e contestação por parte do evangelismo mais conservador, também é pela materialidade que a Hillsong sustenta a imagem de “excelência” (ROCHA, 2016) e “liberdade” que mantém entre jovens. Novamente, foi a forma de vida tardo-moderna³³⁰ por ela assimilada que se pôde evidenciar. Isso porque, ao atenuar radicalmente em suas mídias as tradicionais fronteiras estético-pentecostais entre “sagrado” e “profano”, ainda mais do que outras igrejas concorrentes, é ao indivíduo avesso às convenções religiosas tradicionais — nesse caso, estéticas — que a igreja se dirige. Autenticadas “como mensageiros aceitáveis e adequados da experiência religiosa” (MEYER, 2019b, p. 67), tais mídias muito pouco se diferenciam daquelas que são empregadas pelo e no “mundo”. Nesse jogo de acomodação, a denominação acaba por se destacar entre os segmentos juvenis e de classe média. Nas palavras de um dos interlocutores citados, “é como estar numa boate, só que com mensagem cristã”³³¹. Em resumo, o fato é que a igreja tem se mostrado bem-sucedida em se apropriar das novas “tecnologias midiáticas disponíveis e incorporá-las em formas sensoriais particulares que produzem encontros imediatos com o Espírito Santo, pelo qual os crentes convertidos serão preenchidos” (MEYER, 2015, p. 157). Tecnologias que, noutras igrejas, têm sua legitimidade como mediadoras do divino posta em xeque.

Por isso, conclui-se que a Hillsong soube incorporar de maneira relativamente exitosa o modo de vida da modernidade tardia à sua lógica discursivo-teológica, organizacional e estética, tenha ou não plena ciência disso. Dito de outro modo, sob os efeitos dos processos de reconfiguração e recomposição das crenças e práticas que caracterizam a paisagem religiosa hodierna, teve relativo êxito ao ensejar um tipo de religiosidade que está à altura da forma de existência humana na era da individualização. Uma experiência capaz de responder às demandas de fé de um “eu sem raízes”, “atomizado”, em busca constante por “autenticidade”

³³⁰Ao falar de “forma e modo de vida tardo-modernos” não faço referência a uma noção homogeneizante da vida social. Isto é, não desconsidero a diversidade e as particularidades étnicas, culturais, nacionais ou mesmo religiosas de diferentes sociedades — como idiossincrasias brasileiras, por exemplo. Como pontuado anteriormente, a partir da noção de “modernidades múltiplas” (EISENSTADT, 2001), entendo a modernidade “como uma história contínua de constituição e reconstituição de uma multiplicidade de programas culturais” (EISENSTADT, 2001, p. 139), descontínuos e desiguais em relação a sua observância no mundo. O sentido, portanto, está ligado àquilo que constitui “o núcleo comum da modernidade”, em suas diversas e distintas manifestações históricas. Ou seja, falo de um modo e forma particulares de interpretação do mundo ditados por processos que solapam “formas tradicionais de legitimação das ordens social e política ao questionar sua existência dada e ao tomar consciência de sua maleabilidade” (SCHMIDT, 2011, p. 157-158), dentro os quais se destaca o de individualização. A qualificação “tardo”, neste caso, enfatiza sobretudo a sua radicalização contemporânea (GIDDENS, 1991).

³³¹Trecho de conversa com Carlos, 19 anos, às vésperas do início de um culto. Coletada em 02/06/2019.

— seja na forma com que sua religiosidade é instanciada no mundo, seja nos conteúdos por ela informados e moldados. Por isso, abordar a denominação sociologicamente equivaler a fazer sociologia de uma das várias manifestações histórico-fenômicas da modernidade religiosa. Pesquisar a Hillsong permitiu reiterar, empiricamente, a afirmação de que “as religiões estão sempre em movimento” (BECKFORD, 2019, p. 326).

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Ibrahim. Sincere Performance in Pentecostal Megachurch Music. **Religions**, Basel, v. 9, n. 6, p. 1-21, 2018.
- ADANS, Paul. **Ajuda-te pela nova auto-hipnose**. São Paulo: Ibrasa, 1967.
- AGUIAR, Taylor Pedroso de. **A “cultura para o reino”**: materialidades e sentidos da adoração em uma juventude evangélica em Porto Alegre. 2020. 160 f. Tese (Mestrado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- ALBERT, Gert. Holismo metodológico moderado: uma interpretação weberiana do modelo macro-micro-macro. **Política & Sociedade**, v. 15, n. 34, 2016.
- ALMEIDA, Ronaldo. Deus acima de todos. In: ABRANCHES, Sérgio H. **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, n.p.
- ANDERSON, Robert Mapes. Pentecostal and charismatic christianity. In: JONES, Lindsay (Ed.). **Encyclopedia of Religion**. Farmington: Macmillan Reference USA, 2005, p. 7028-7034.
- AUSTIN, Denise. “Flowing Together”: the origins and early development of Hillsong Church within Assemblies of God in Australia. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 21-37.
- BANDEIRA, Olívia. Música gospel: aproximações e conflitos entre o sagrado e o secular. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal. **Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.
- _____. Música gospel no Brasil – reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 2, p. 200-228, 2017.
- BARRON, Bruce. **The health and wealth gospel: what’s going on today in a movement that has shaped the faith of millions?** Downers Grove: InterVarsity, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Individualization**. Institutionalized individualism and its social and political consequences. London: SAGE Publications, 2002.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. **O Deus de cada um: a capacidade das religiões de promover a paz e o seu potencial de violência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.
- BECKER, Howard S. **Evidências: sobre o bom uso de dados em ciências sociais**. Petrópolis: Zahar, 2022.
- BECKFORD, James A. Novos movimentos religiosos. **Plural**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, v. 26, n. 2, p. 326-339, 2019.
- BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade**. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BOCA, Ivona. **Komunikacija na Facebooku Religijskih Zajednica Sufi Centre Rabbaniyya i Hillsong Church Germany**. 2019. 54 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social e Produção de Mídia) — Fakultet Političkih Znanosti, Sveučilište u Zagrebu, Zagrebe, 2019.

- BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, v. 10, n. 2, p. 288-338, 2004.
- BOSHOFF, Lucia Lilleen. **Hillsong's Colour Sisterhood and Feminism within the Context of South Africa: A Critical Analysis**. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Visuais) — Faculty of Visual Arts, Stellenbosch University, Stellenbosch, 2019.
- BROWN, Wendy. **Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution**. New York: Zone Books, 2015.
- BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. **The new international dictionary of pentecostal and charismatic movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2010.
- BURITY, Joanildo. Políticas de minoritização religiosa e glocalização: notas para um estudo de redes religiosas de ativismo socio-político transnacional. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 7, n. 18, p. 19-30, 2015.
- BUSMAN, Joshua Kalin. Worshipping “With Everything”. Musical analysis and congregational worship. In: MALL, Andrew; ENGELHARDT, Jeffers; INGALLS, Monique M. **Studying congregational music**. Key issues, methods, and theoretical perspectives. London and New York: Routledge, 2021, p. 25-38.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Templo, teatro e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- CAMURÇA, Marcelo A. Da “boa” e da “má vontade” para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileiros. **Religião & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 67-86, 2001.
- _____. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 249-270.
- CAPPS, Charles. **Success motivation through the World**. England: Harrison House, 1982.
- CARTLEDGE, David. **The apostolic revolution: the restoration of apostles and prophets in the Assemblies of God in Australia**. Sydney: Paraclete Institute, 2000.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHANT, Barry. **Heart of Fire: the story of Australian Pentecostalism**. Adelaide: The House of Tabor, 1984.
- _____. **The spirit of Pentecost: origins and development of the Pentecostal movement in Australia, 1870–1939**. 1999. 546 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Macquarie University, North Ryde, 1999.
- CHESNUT, R. Andrew. Prosperous prosperity: why the health and wealth gospel is booming across the globe. In: ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (Ed.). **Pentecostalism and prosperity: the social-economics of the global charismatic movement**. New York: Palgrave Macmillan, 2012, p. 215-223.
- CLIFTON, Shane. **Pentecostal churches in transition: analysing the developing ecclesiology of the Assemblies of God in Australia**. Leiden: Brill, 2009.
- COLEMAN, Simon. **The globalisation of charismatic christianity: spreading the gospel of prosperity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CONNELL, John. Hillsong: A Megachurch in the Sydney Suburbs. **Australian Geographer**, v. 36, n. 3, p. 315-332, 2006.
- COPELAND, Kenneth. **The blessing of the Lord: makes rich and he adds no sorrow with it**. Fort Worth: Kenneth Copeland Publications, 2011.
- COSER, Lewis A. **Greedy Institutions**. New York: The Free Press, 1974.
- COWAN, Nelson. “Heaven and Earth Collide” Hillsong Music’s Evolving Theological Emphases. **Pneuma**, Bethany, v. 39, p. 78-104, 2017.

- CSORDAS, Thomas. Introduction: Modalities of Transnational Transcendence. **Anthropological Theory**, v.7, n. 3, p. 259–272, 2007.
- CUNHA, Magali. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIES, Andrew. Because they can: Hillsong and social transformation. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined**: You call me out upon the waters. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 199-215.
- DAYTON, Donald W. **Theological roots of Pentecostalism**. Grand Rapids: Baker Academic, 1987.
- DULLO, Eduardo; DUARTE, Luiz Fernando Dias. Introdução. In: **Religião & Sociedade**, v. 36, n. 2, p. 12-18, 2016.
- EHRENBERG, Alain. **La fatigue d'être soi**: dépression et société. Paris: Odile Jacob, 2008.
- _____. **Le culte de la performance**. Paris: Pluriel, 2010.
- EISENSTADT, Shmuel N. Modernidades múltiplas. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 35, p. 139-163, 2001.
- ELLINGSON, Stephen. The rise of the megachurches and changes in religious culture. **Sociology Compass**, v. 3, n. 1, p. 16-30, 2009.
- ENGELKE, Matthew. Material religion. In: ORSI, Robert A. **The Cambridge companion to religious studies**. New York: Cambridge University Press, 2012, p. 209-229.
- EVANS, Mark. Creating the Hillsong Sound: How One Church Changed Australian Christian Music. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined**: You call me out upon the waters. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 63-81.
- EVANS, Robert. **Early evangelical revivals in Australia**. Adelaide: Openbook, 2000.
- FINKE, Roger. The consequences of religious competition: supply side explanarions for religious change. In: YOUNG, Lawrence (Ed.). **Rational choice theory and religion**. New York: Routledge, 1997, p. 46-65.
- FINKE, Roger; STARK, Rodney. Religious economies and sacred canopies: religious mobilization in american cities, 1906. **American Sociological Review**, v. 53, p. 41-49, 1988.
- _____. **Acts of faith**: explaining the human side of religion. Berkeley: University of California Press, 2000.
- FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. 1993. 303 f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 1993.
- _____. Prosperity Theology: A (Largely) Sociological Assessment. In: SALINAS, J. Daniel (ed.). **Prosperity Theology and the Gospel**: Good News or Bad News for the Poor?. Peabody, MA: Hendrickson, 2017, p. 66-76.
- FRIGERIO, Alejandro. O paradigma da escolha racional. Mercado regulado e pluralismo religioso. **Tempo social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2, p. 17-39, 2008.
- GARRARD-BURNETT, Virginia. A vida abundante: a teologia da prosperidade na América Latina. **Revista História**: Questões & Debates, v. 55, n. 2, p. 177-194, 2011.
- GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

- GIUMBELLI, Emerson; AGUIAR, Taylor de. Configurando espaços, produzindo sensações: arquiteturas, materialidades e formas devocionais em dois templos cristãos. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 23, n. 2, p. 147-163, jul./dez., 2020.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GOH, Robbie. Hillsong and “megachurch” practice: semiotics, spatial logic and the embodiment of contemporary evangelical Protestantism. **Material Religion**, v. 4, n. 3, p. 284-304, 2008.
- _____. The Experience Megachurch: Lakewood, Hillsong, and The Pragmatics and Semiotics of “Inspiration”. **Journal of Religion, Media and Digital Culture**, v. 9, n. 1, p. 33-58, 2020.
- GOMES, Elias Evangelista. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. **Cadernos CERU**, n. 18, p. 69-89, 2007.
- GOMES, Catherine; TAN, Jonathan Y. The Global Appeal of Digital Pastors: A Comparative Case Study of Joseph Prince, and Brian and Bobbie Houston. In: GOMES, Catherine; KONG, Lily; WOODS, Orlando (Ed.). **Religion, Hypermobility and Digital Media in Global Asia**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020, p. 149-178.
- GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas. **A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus**. 2017. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2017.
- HAGIN, Kenneth. **The Midas touch: a balanced approach to biblical prosperity**. Tulsa: Faith Library Publications, 1999.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HARPER, Michael. The Waves Keep Coming In. **Journal of the European Pentecostal Theological Association**, v. 28, n. 2, p. 102-116, 2008.
- HEFNER, Robert W. **Global pentecostalism in the 21st century**. Bloomington: Indiana University Press, 2013.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- _____. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Religião e Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 31-48, 1997.
- _____. Kimon Howland Sargeant, Seeker Churches. Promoting Traditional Religion in a Nontraditional Way, **Archives de sciences sociales des religions**, v. 122, abr./jun., p. 121-123, 2003.
- _____. In search of certainties: the paradoxes of religiosity in societies of high modernity. **The Hedgehog Review**, v. 8, n. 1-2, p. 59-69, 2006.
- HEY, Sam. **God in the suburbs and beyond: the emergence of an Australian megachurch and denomination**. 2011. 501 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of Humanities and Social Sciences, Griffith University, Brisbane, 2011.
- HILLSONG: A Megachurch Exposed. Direção: Dan Johnstone. Produção: Dan Johnstone. New York: Discovery+, 2022.
- HOLDCROFT, L. Thomas. The New Order of the Latter Rain. **Pneuma**, v. 2, n. 1, p. 46-58, 1980.
- HOLLENWEGER, W. J. **The Pentecostals**. The Charismatic Movement in the Churches. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1972.
- _____. **Pentecostalism: Origins and Developments Worldwide**. Peabody: Hendrickson Publishers, 1997.
- HOLLINGER, Dennis. Enjoying God forever: an historical/sociological profile of the Health and Wealth Gospel in the USA. **Trinity Journal**, v. 9, p. 131-149, 1988.

- HOROCHOVSKI, Rodrigo R.; SIRINO, Nárla P. Sentidos e usos do empoderamento na pesquisa social. In: PERISSINOTTO, Renato M.; LACERDA, Gustavo B. de; SWAKO, José (Org.). **Curso livre de teoria política: normatividade e empiria**. Curitiba: Appris, 2016, p. 249-271.
- HOUSTON, Brian. **You Need More Money: Discover God's Amazing Financial Plan for your Life**. Carlisle: Send to Light, 1999.
- _____. **How to Live a Blessed Life: principles from the life of the righteous man in psalm 112**. Sydney: Maximised Leadership, 2002. Livro digital, não paginado.
- _____. **How to Build Great Relationships: principles for friendship and partnership, marriage and parenting**. Sydney: Maximised Leadership, 2002. Livro digital, não paginado.
- _____. **How to Flourish in Life: principles for building a thriving, productive life**. Sydney: Maximised Leadership, 2003. Livro digital, não paginado.
- _____. **How to Make Wise Choices: principles for building a life of wisdom**. Sydney: Maximised Leadership, 2004. Livro digital, não paginado.
- _____. **How to Live in Health & Wholeness: principles for health and wholeness in body, soul and spirit**. Sydney: Maximised Leadership, 2005. Livro digital, não paginado.
- _____. **For This I Was Born**. Aligning your vision to God's cause. Sydney: Thomas Nelson, 2008. Livro digital, não paginado.
- _____. **How to Maximise Your Life**. Sydney: Hillsong Music Australia, 2013. Livro digital, não paginado.
- _____. **Live, love, lead**. New York, Boston, Nashville: Faith Words, 2015.
- _____. **Viva, ame, lidere**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- _____. **There is more**. When the World Says You Can't, God Says You Can. Londres: William Collins, 2018. Livro digital, não paginado.
- HOUSTON, Roberta "Bobbie". **I'll have what she's having**. The ultimate compliment for any woman daring to change her world. Nashville: Thomas Nelson, 2008.
- _____. **The Sisterhood**. How the power of the feminine heart can become a catalyst for change and make the world a better place. New York: FaithWords, 2016. Livro digital, não paginado.
- HUTCHINSON, Mark. "Up the windson road": social complexity, geographies of emotion, and the rise of Hillsong. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 39-61.
- IANNACCONE, Laurence. Rational choice: framework for the scientific study of religion. In: YOUNG, Lawrence (Ed.). **Rational choice theory and religion**. New York: Routledge, 1997, p. 25-45.
- INGOLD, Richard. God, the Devil and You: A Systemic Functional Linguistic Analysis of the Language of Hillsong. **Literature & Aesthetics**, v. 24, n. 1, p. 85-116, 2014.
- JAMES, Jonathan D. Hillsong Church: postmodern parishes, world-wide music and anointed acquisitions. In: JAMES, Jonathan D. (Ed.). **Transnational religious movements: faith's flows**. Newbury Park: Sage Publications, 2017, p. 15-36.
- KAMINER, W. **I'm dysfunctional, you're dysfunctional**. New York: Vintage, 1993.
- KEANE, Webb. **Christian Moderns: Freedom & Fetish in the Mission Encounter**. Berkeley: University of California Press, 2007.
- KELMAN, Ari. **Shout to the Lord: Making Worship Music in Evangelical America**. Nova Iorque: New York University Press, 2018.
- KLAVER, Miranda. Media Technology Creating "Sermonic Events". The Hillsong Megachurch Network. **Cross Currents**, v. 65, n. 4, p. 422-433, 2015.

- _____. New Media Making and Breaking Religious Leadership: the case of Hillsong Church. In: KLAVER, Miranda; PAAS, Stefan; STAALDUINE-SULMAN, Eveline van (Ed.). **Evangelicals and Sources of Authority**. Amsterdam: VU University Press, 2016a, p. 59-77.
- _____. Hillsong Megachurch Network: Christianity in Global Cities. In: KIM, J. et al. (Ed.). **Megachurch Accountability in Missions. Critical Assessment through Global Case Studies**. Pasadena: William Carey Library, 2016b, p. 150-160.
- _____. Global Church Planting in the Media Age: Hillsong Church. **Zeitschrift für Missionswissenschaft und Religionswissenschaft**, Friburgo, v. 102, n. 3, p. 227-235, 2018.
- _____. **Hillsong Church: expansive pentecostalism, media and the global city**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.
- KLEIVELAND, Silje Saevareid. **A qualitative study: a journey towards Hillsong Church — a Norwegian story**. 2018. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Globais) — VID vitenskapelige høyskole, Oslo, 2018.
- KOHLBERGER III, John R. **The essential evangelical parallel Bible: New King James Version, English Standard Version, New Living Translation, The Message**. New York: Oxford University Press, 2004.
- KOTHEP, Philip H. **Marketing Management: Analysis, Planning, and Control**. Eaglewood Cliffs: Prentice-Hall, 1991.
- LÉONARD, Émile. **O protestantismo brasileiro**. São Paulo: ASTE, 1963.
- LET Hope Rise. Direção: Michael John Warren. Produção: Ben Field, Matt Weaver e Jonathon Block. Scottsdale: Pure Flix, 2016. 1 DVD.
- LEVIN, Tanya. **People in Glass Houses: An Insider's Story of a Life in and out of Hillsong**. Collingwood: Black Inc., 2015.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Editora Anhembi, 1957.
- LEWIS, Ioan M. **Êxtase religioso**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- MACEDO, Edir. **O poder sobrenatural da fé**. Rio de Janeiro: Editora Universal, 2003. Livro digital, não paginado.
- _____. **Os mistérios da fé**. Rio de Janeiro: Editora Universal, 2004. Livro digital, não paginado.
- MADDOX, Marion. **God under Howard: The rise of the religious right in Australian politics**. Sydney: Allen & Unwin, 2005.
- _____. 'In the Goofy parking lot': growth churches as a novel religious form for late capitalism. **Social Compass**, v. 59, n. 2, p. 146-158, 2012.
- _____. Prosper, consume and be saved. **Critical Research on Religion**, v. 1, n. 1, p. 108-115, 2013a.
- _____. "Rise Up Warrior Princess Daughters": Is Evangelical Women's Submission a Mere Fairy Tale? **Journal of Feminist Studies in Religion**, v. 29, n. 1, p. 9-26, 2013b.
- MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma rede pentecostal globalmente integrada. In: ROCHA, Cristina; VASQUEZ, Manuel A. **A diáspora das religiões brasileiras**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 4, p. 68-95, 2008.
- MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 253-273, 2005.

- MARSH, Lindsay. **History of Australia**: understanding what makes Australia the place it is today. Greenwood: Ready-Ed Publications, 2010.
- MARTÍ, Gerardo. "I determine my harvest": risky careers and spirit-guided prosperity in Los Angeles. In: ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (Ed.). **Pentecostalism and prosperity**: the social-economics of the global charismatic movement. New York: Palgrave Macmillan, 2012, p. 130-150.
- _____. The global phenomenon of Hillsong Church: an initial assessment. **Sociology of Religion**, Muncie, v. 78, n. 4, p. 377-386, 2017.
- _____. L'Église Hillsong et l'œcuménisme: explorer l'hillsongisation et l'ambition de la mondialisation religieuse. **Istina**, Paris, v. 66, n. 2, p. 165-181, 2021.
- MARTIN, David. **Tongues of fire**: the explosion of Protestantism in Latin America. Oxford: Blackwell, 1990.
- _____. Another kind of cultural revolution? In: SOUTHALL, Roger; RULE, Stephen (Eds.). **Faith on the move**: pentecostalism and its potential contribution to development. Johannesburg: CDE, 2008, p. 8-19.
- MCCONNELL, Daniel. **The promise of Health and Wealth**. Londres: Hodder & Stoughton, 1988.
- MCINTYRE, Elisha. Brand of choice: why Hillsong Music is winning sales and souls. **Australian Religion Studies Review**, Sydney, v. 20, n. 2, p. 175-194, 2007.
- MCINTYRE, Kenneth G. **The secret discovery of Australia**: Portuguese ventures 200 years before Captain Cook. London: Souvenir Press, 1977.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo. Introdução. In: MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Religião e materialidades**: novos horizontes empíricos e desafios teóricos. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.
- MENZIES, William W. **Anointed to Serve**: The Story of the Assemblies of God. Springfield: Gospel Publishing House, 1971.
- MEYER, Birgit. Mediação e imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 16, n. 2, p. 145-164, 2015.
- _____. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 19, n. 34, p. 13-45, 2018.
- _____. Mediação e a gênese da presença: rumo a uma abordagem material da religião. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019a, p. 159-204.
- _____. De comunidades imaginadas a formações estéticas: mediações religiosas, formas sensoriais e estilos de vínculo. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019b, p. 43-80.
- _____. Como capturar o "uau!": a noção de encanto de R. R. Marett e o estudo da religião. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019c, p. 241-274.
- MEYER, Birgit; HOUTMAN, Dick. Religião material: como as coisas importam. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019, p. 81-114.
- MILLER, Donald E. **Reinventing American Protestantism**: Christianity in the New Millennium. Berkeley: University of California Press, 1997.

- _____. Introduction: Pentecostalism as a Global Phenomenon. In: MILLER, Donald E.; SARGEANT, Kimon H.; FLORY, Richard (Eds.). **Spirit and Power: The Growth and Global Impact of Pentecostalism**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 1-19.
- MILLER, Elizabeth. **A planting of the Lord: contemporary Pentecostal and charismatic Christianity in Australia**. 2015. 340 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Sydney, Sydney, 2015.
- _____. Hillsong: Australia's Megachurch. In: HUNT, Stephen (Ed.). **Handbook of Global Contemporary Christianity**. Leiden; Boston: Brill, 2016, p. 297-316.
- MOGHADAM, Valentine M; SENFTOVA, Lucie. Measuring women's empowerment: participation and rights in civil, political, social, economic, and cultural domains. **International Social Science Journal**, v. 57, n. 184, p. 389–412, 2005.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular. In: VALLE, Edênio. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979, p. 81-111.
- MOORE, Allan. On the Inherent Contradiction in Worship Music. In: NEKOLA, Anna E.; WAGNER, Tom (Eds.). **Congregational Music-Making and Community in a Mediated Age**. London and New York: Routledge, 2015, p. 197-212.
- MORGAN, David John. **Priesthood, prophethood and spirit-led community: a practical-prophetic Pentecostal ecclesiology**. 2007. 341 f. Tese (Doutorado em Teologia e Religião) – Department of Theology and Religion, Universidade de Durham, Durham, 2007.
- NOLIVOS, Eloy H. Capitalism and pentecostalism in Latin America: trajectories of prosperity and development. In: ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (Ed.). **Pentecostalism and prosperity: the social-economics of the global charismatic movement**. New York: Palgrave Macmillan, 2012, p. 86-105.
- NWANKWO, Lawrence. “You have received the Spirit of power...” (2Tim. 1:7). Reviewing the prosperity message in the light of a theology of empowerment. **Journal of the European Pentecostal Theological Association**, v. 22, n. 1, p. 56-77, 2015.
- OLDWAGE, Heinz Eugene. **Fostering koinonia: A critical evaluation of the value of digital social networks in urban congregations**. 2015. 327 f. Tese (Doutorado em Teologia) — North-West University, Potchefstroom, 2015.
- ORO, Ari Pedro. “Podem passar a sacolinha”: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. **Cadernos de Antropologia**, v. 9, p. 7-44, 1992.
- ORO, Ari Pedro; URETA, Marcela. Religião e política na América Latina: uma análise da legislação dos países. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 281-310, 2007.
- ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 59-74, 2001.
- OSÓRIO, Maria Inês da Silva Oliveira. **Novas igreja evangélicas no contexto urbano portuense: estudos de caso sobre as comunidades Hillsong e Surf Church**. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2018.
- PARHAM, Charles Fox. **A voice crying in the Wilderness**. Joplin: Joplin Printing, 1944.
- PAUGAM, Serge. Escolhas e limites do modo de objetivação. In: PAUGAM, Serge (Coord.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 53-64.
- PETERS, Gabriel. Ordem social e (in)segurança ontológica: esboços de existencialismo sociológico em Peter Berger, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. **Política & Trabalho**, n. 40, p. 117-150, 2014.
- PEW RESEARCH CENTER. **Religion in Latin America: Widespread change in a historically Catholic region**. Washington: Religion and Public Life, 2014.

- PIERUCCI, Antônio Flávio. Sociologia da religião: área impuramente acadêmica. In: MICELI, Sergio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. Vol. II: Sociologia. São Paulo/Brasília: Ed. Sumaré, 1999. p. 237-286.
- PORTER, Mark. Singing Beyond Territory: Hillsong and Church Planting in Oxford, UK. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 163-179.
- POVEDÁK, Kinga. Hillsongization, Religious Ecumenism, and Uniformity: A Hungarian Case Study. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 181-198.
- REAGAN, Wen. “The Music That Just About Everyone Sings”: Hillsong in American Evangelical Media. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 145-161.
- RICHES, Tanya. **Shout to the Lord! Music and change at Hillsong: 1996-2007**. 2010. 195 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — School of Arts & Science, Australian Catholic University, Victoria, 2010.
- _____. The Sisterhood: Hillsong in a Feminine Key. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 85-105.
- _____. “The Work of the Spirit”: Hillsong Church and a Spiritual Formation for the Marketplace. In: ROCHA, Cristina; HUTCHINSON, Mark; OPENSHAW, Kathleen (Ed.). **Australian Pentecostal and Charismatic Movements: Arguments from the Margins**. Leiden: Brill, 2020, p. 171-193.
- RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Eds.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas. The evolution of Hillsong music. From australian pentecostal congregation into global brand. **Australian Journal of Communication**, Brisbane, v. 39, n. 1, p. 17-36, 2012.
- RITZER, George. The “McDonaldization” of Society. **The Journal of American Culture**, v. 6, n. 1, p. 100-107, 1983.
- ROBERTSON, Roland. **Globalization: Social theory and global culture**. Newbury Park: Sage Publishing, 1992.
- _____. “Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity” In: FEATHERSTONE, Mike; LASH, Scott; ROBERTSON, Roland (Eds.), **Global modernities**. Londres y Thousand Oaks: Sage, 1995, p. 25-44.
- ROCHA, Cristina. Transnational Pentecostal Connections: An Australian Megachurch and a Brazilian Church in Australia. **PentecoStudies**, v. 12, n. 1, p. 62-82, 2013.
- _____. A megagregas Hillsong no Brasil: a constituição de um campo religioso transnacional entre o Brasil e a Austrália. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 162-181, 2016.
- _____. “The Come to Brazil Effect”: Young Brazilians Fascination with Hillsong. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 125-141.
- _____. “God is in control”: middle-class Pentecostalism and international student migration. **Journal of Contemporary Religion**, v. 34, n. 1, p. 21-37, 2019.
- _____. “Living the Dream”: Post-Millennial Brazilians at Hillsong College. In: ROCHA, Cristina; HUTCHINSON, Mark; OPENSHAW, Kathleen (Eds.). **Australian Pentecostal and Charismatic Movements**. Leiden; Boston: Brill, 2020, p. 217-235.

- _____. Global religious infrastructures: the australian megachurch Hillsong in Brazil. **Social compass**, v. 68, n. 2, p. 245-257, 2021.
- _____. Cool christianity: the fashion-celebrity-megachurch industrial complex. **Material Religion**, v. 17, n. 5, p. 580-602, 2021.
- ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Walnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.
- ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e “dominação” do Brasil**: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- RÜDIGER, Francisco. **Literatura de autoajuda e individualismo**: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massas. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.
- SANTOS, Douglas Alessandro Souza; SILVA, José Lucas da; MORENO, Pedro Augusto Ceregatti. Chamados ao entretenimento: a estratégia do evangelicalismo pentecostal na busca por espaço no e por mercado religioso brasileiro. **Áskesis: Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 1, p. 6-18, 2017.
- SANTOS, Douglas Alessandro Souza. **Os desigrejados**: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada. 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.
- SANTOS, Livia Reis. Sacrifício de si e a materialização da fé na Fogueira Santa de Israel em Maputo. In: MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Religião e materialidades**: novos horizontes empíricos e desafios teóricos. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021, p. 31-60.
- SARGEANT, K. H. **Seeker churches**. Promoting traditional religion in a nontraditional way. New Brunswick: Rutgers University Press, 2000.
- SAVELLE, Jerry. **Turning your adversity into victory**. Shippensburg: Harrison House, 1994. Livro digital, não paginado.
- SCHMIDT, Volker H. Modernidade e diversidade: reflexões sobre a controvérsia entre teoria da modernização e a teoria das múltiplas modernidades. **Sociedade e Estado**, v. 26, p. 155-183, 2011.
- SCOTT, Susie. Revisiting the Total Institution: Performative Regulation in the Reinventive Institution. **Sociology**, v. 44, p. 213-231, 2010.
- SHANAHAN, Mairead. **Australian neo-Pentecostal churches**: Incorporating late-modernity in a new religious form. 2018. 254 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Department of Modern History, Politics, and International Relations, Macquarie University, Sydney, 2018.
- _____. ‘An Unstoppable Force for God?’: How Neoliberal Governance Facilitated the Growth of Australian Suburban-Based Pentecostal Megachurches. **Religions**, Basel, v. 10, n. 11, p. 1-16, 2019.
- SILVA, Victor Augusto Araújo. **A religião distrai os pobres?** Pentecostalismo e voto redistributivo no Brasil. 2019. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SILVEIRA, Marcelo. **O discurso da teologia da prosperidade em igrejas evangélicas pentecostais**. Estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. 2007. 221 f. Tese (Doutorado em Letras) — Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SMITH, Amy Erica. **Religion and brazilian democracy**. Mobilizing the people of God. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

- SOON, Isaac. A comparison of the religious and ethnic ethos of Hillsong College with Paul the apostle. In: RICHES, Tanya; WAGNER, Thomas (Ed.). **The Hillsong movement examined: You call me out upon the waters**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 107-124.
- SOUZA, André Ricardo de. A livre religiosidade e a compulsória ciência do sociólogo da religião. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 309-325, 2015.
- SIRCAR, Atish; ROWLEY, Jennifer. How are U.K. churches using social media to engage with their congregations? **Journal of Public Affairs**, v. 20, n. 1, p. 1-10, 2019.
- STINGUEL, Doney Corteletti. **Teologia da prosperidade: contribuição à crítica da religião neoliberal**. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
- TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **A conduta universal: governo de si e políticas de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus**. 2018. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- THORNTON, Daniel. On Hillsong's continued reign over the Australian contemporary congregational song genre. **Perfect Beat**, Sheffield, v. 17, n. 2, p. 164-182, 2016.
- THUMMA, Scott. **The Kingdom, the Power, and the Glory: Megachurches in Modern American Society**. 1996. 403 f. Tese (Doutorado em Religião) — Division of Religion, Ethics and Society Program, Emory University, Atlanta, 1996.
- TROELTSCH, Ernst. Religiöser individualismus und die kirche. In: TROELTSCH, Ernst. **Gesammelte Schriften**, vol. 2. Tübingen: Mohr, 1913.
- TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro Gunnar Vingren**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.
- WADE, Matthew. Seeker-friendly: The Hillsong megachurch as an enchanting total institution. **Journal of Sociology**, v. 52, n. 4, p. 661-676, 2016.
- WADE; Matthew; HYNES, Maria. Worshipping bodies: affective labour in the Hillsong Church. **Geographical Research**, v. 51, n. 2, p. 173-179, 2013.
- WAGNER, Thomas. **Hearing the Hillsong sound: music, marketing, meaning and branded spiritual experience at a transnational megachurch**. 2013. 205 f. Tese (Doutorado em Filosofia – Música) — Royal Holloway University of London, Londres, 2013.
- _____. Branding, Music, and Religion: Standardization and adaptation in the experience of the “Hillsong Sound”. In: USUNIER, Jean-Claude; STOLZ, Jörg. **Religion as Brands: New Perspectives on the Marketization of Religion and Spirituality**. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2014, p. 59-73.
- _____. WAGNER, Thomas. **Music, branding, and consumer culture in church: Hillsong in focus**. Abingdon: Routledge, 2020.
- WAGNER, Peter. **Modernity: understanding the present**. Cambridge: Polity, 2012.
- WARHURST, John. Religion and Politics in the Howard Decade. **Australian Journal of Political Science**, v. 42, n. 1, p. 19-32, 2007.
- WARIBOKO, Nimi. Pentecostal paradigms of national economic prosperity in Africa. In: ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (Ed.). **Pentecostalism and prosperity: the social-economics of the global charismatic movement**. New York: Palgrave Macmillan, 2012, p. 34-59.
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- _____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

- WIJAYA, Ida; LAPIAN, S. Joyce; RUMOKOY, Farlane. Investigating Church Branding Influence Towards Church Participation (Case Study: Hillsong Bali). **Jurnal EMBA**, Jurnal Riset Ekonomi, Manajemen, Bisnis dan Akuntansi, Manado, v. 7, n. 1, p. 131-140, 2019.
- YIP, Jeaney; AINSWORTH, Susan. You need 'help for the journey': freedom and regulation in a 'market-friendly' megachurch. **Marketing Theory**, v. 20, n. 1, p. 103-121, 2020.

ANEXOS

Questionários aplicados no show da *Hillsong United*, na Arena Anhembi, em 09/11/2019

O questionário a ser aplicado dependerá da resposta a seguinte pergunta: “*Pertence ou frequenta uma religião ou denominação particular? Se sim, qual?*”. Se a resposta for sim, e a igreja frequentada for a Hillsong, seguir questionário 1. Se a resposta for sim ou não, e no caso do sim, o respondente não for membro/frequentador da igreja Hillsong, seguir questionário 2.

1) Informações demográficas (comuns a ambos os questionários)

1.1. Nome (anonimato será mantido na divulgação dos dados): _____

1.2. Idade: _____ 1.3. Nacionalidade: _____

1.4. Sexo:

homem mulher

1.5. Raça e etnia:

branca parda preta amarela indígena

1.6. Nível de escolaridade:

sem instrução

fundamental incompleto

fundamental completo

médio incompleto

médio completo

superior incompleto – em qual formação? _____

superior completo – em qual formação? _____

pós-graduação – nível e em que área? _____

1.7. Trabalha? Se sim, em quê? _____

1.8. Estado civil: Casado Solteiro União estável Divorciado Viúvo

1.9. Cidade em que vive: _____

1.10. Se em São Paulo, em que bairro? _____

2) Informações relacionadas a crenças e práticas religiosas

2.1. Ordem ritual

2.1.1. Pertence ou frequenta uma religião ou denominação particular? Se sim, qual? (Se a resposta for “sim” e a igreja for “Hillsong”, aplicar questionário 1. Caso contrário, aplicar questionário 2).

sim; Qual? _____

não;

Questionário 1 (se membro(a)/frequentador(a) da Hillsong)

2.1. Ordem ideológica

2.1.1. Quão religioso você se considera?

- não sou religioso;
- pouco religioso;
- moderadamente religioso;
- muito religioso;
- eu não sei;

2.1.2. Quão espiritual você se considera?

- nem um pouco espiritual;
- não muito espiritual;
- um pouco espiritual;
- muito espiritual;
- eu não sei;

2.1.3. Quão importante você considera a igreja e sua liderança para seu bem-estar espiritual?

- nem um pouco importante;
- não muito importante;
- um pouco importante;
- muito importante;
- eu não sei;

2.1.4. Quão importante você considera a igreja e sua liderança para seu bem-estar familiar/social?

- nem um pouco importante;
- não muito importante;
- um pouco importante;
- muito importante;
- eu não sei;

2.1.5. Quão importante você considera a igreja e sua liderança para seu bem-estar profissional/financeiro?

- nem um pouco importante;
- não muito importante;
- um pouco importante;
- muito importante;
- eu não sei;

2.1.6. Quão importante você considera a igreja e sua liderança para sua concepção do que é certo ou errado?

- nem um pouco importante;
- não muito importante;
- um pouco importante;
- muito importante;
- eu não sei;

2.2. Ordem ritual

- 2.2.1. Com que frequência você participa das reuniões e atividades da igreja?
- não frequento;
 - menos de uma vez por ano;
 - uma ou duas vezes por ano;
 - várias vezes por ano;
 - uma vez por mês;
 - 2-3 vezes por mês;
 - 1 vez por semana;
 - várias vezes por semana;
- 2.2.2. Costuma frequentar mais do que uma reunião aos domingos?
- sim; Quantas? _____
 - não;
- 2.2.3. Há quanto tempo você frequenta seu local de reunião/culto atual? (Hillsong tem três anos de existência em São Paulo)
- de 1 a 6 meses;
 - de 6 meses a 1 ano;
 - de 1 ano a 1 ano e meio;
 - de 1 ano e meio a 2 anos;
 - de 2 anos a 2 anos e meio;
 - de 2 anos e meio a 3 anos;
- 2.2.4. Trabalha ou exerce alguma função na igreja?
- sim; O que e em qual equipe? _____
 - não;
- 2.2.5. Frequenta algum grupo de conexão?
- sim;
 - não;
- 2.2.6. Com que frequência participa dos grupos de conexão?
- semanalmente;
 - de duas a três vezes por mês;
 - uma vez por mês;
 - menos que uma vez por mês;
 - não tenho frequência certa;
- 2.2.7. Participa/frequenta outra religião ou igreja além da Hillsong? (Se a resposta for “sim”, não responder questão “2.3.3”)
- sim; Qual? _____
 - não;
- 2.2.8. Como se informa acerca das atividades da igreja?
- Internet e/ou redes sociais (site, Instagram, Facebook etc.);
 - grupos de WhatsApp internos;
 - por meios dos amigos/familiares;
 - por meio dos recados dados nas reuniões da igreja;
 - outros; Especifique: _____

2.3. Trajetória

2.3.1. Tinha alguma filiação religiosa antes de começar a frequentar a Hillsong?

- sim; Qual? _____
 não;

2.3.2. Se já era cristão, de qual igreja? _____

2.3.3. Por qual motivo deixou de frequentar sua antiga igreja? (pular, caso a resposta da questão 2.2.7 tenha sido “sim”)

- a igreja que eu frequentava fechou;
 encontrei-me numa crise de fé ou de descrença;
 tive problemas ou conflitos com as pessoas que frequentavam a igreja e/ou com a liderança da igreja;
 seus cultos eram muito ultrapassados, antiquados;
 os sermões eram muito cansativos;
 não gostava da música/louvor;
 não havia muitos jovens;
 não me identificava com as doutrinas da igreja;
 outro; Especifique: _____

2.3.4. Como você conheceu a igreja Hillsong?

- por meio de suas músicas;
 por amigos, vizinhos, colegas de trabalho etc.;
 por familiares;
 pela internet e/ou mídias sociais (site, Instagram, Facebook etc.);
 outros; Especifique: _____

2.3.5. Qual o principal motivo que te levou à igreja Hillsong?

O questionário termina aqui. Muito obrigado pela participação.

Questionário 2 (se não for membro(a)/frequentador(a) da Hillsong)

1. Como você conheceu a Hillsong United?
 por amigos e/ou familiares;
 pela internet e/ou mídias sociais;
 pela minha igreja;
 outros; Especifique: _____
2. Há quanto tempo você conhece a Hillsong United?
 há 1 ano ou menos;
 de 2 a 4 anos;
 de 5 a 9 anos;
 de 10 a 15 anos;
 15 anos ou mais;
4. Sabe que a banda faz parte de uma igreja específica, Hillsong Church?
 sim;
 não;
5. Sabe que há uma filial da Hillsong Church em São Paulo?
 sim;
 não;
6. Já visitou a igreja Hillsong em São Paulo?
 sim; (se “sim”, pular para perguntas 8 e 9)
 não; (avançar para a pergunta seguinte, 7)
7. Como imagina ser a igreja Hillsong São Paulo? (Última pergunta para quem responde “não” à pergunta anterior. “Muito obrigado pela participação”).
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
8. Quais foram suas principais impressões, entre positivas e negativas, ao visitar a igreja Hillsong São Paulo?
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
9. Pretende voltar a visitar a Hillsong São Paulo? (Última pergunta para quem responde “sim” à pergunta 6. “Muito obrigado pela participação”).
 sim;
 não;